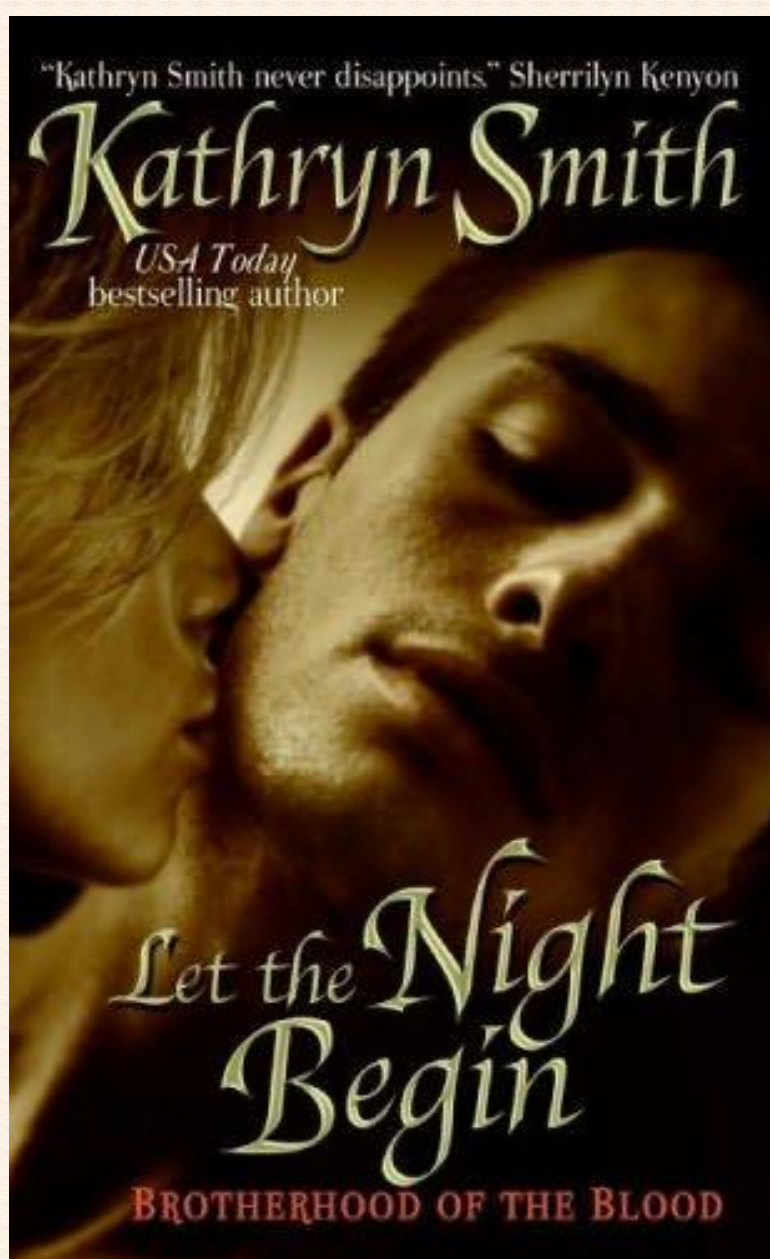


Daqui à Eternidade

Irmandade de Sangue 4
(Let the Night Begin)

Kathryn Smith





Irmandade de Sangue 4 *Daqui a Eternidade*

Reign nunca tinha conhecido uma mulher tão bela e tentadora como Olívia Gavin. Em sua noite de núpcias ofereceu seu coração e ele, em troca cravou suas presas no branco pescoço da jovem para ligá-la a ele eternamente. Olívia, assustada e doída, escapou.

Mas agora voltou. Necessita, não importa o preço, que Reign a ajude a recuperar seu querido sobrinho. A condição que lhe impõe seu marido é simples: deve compartilhar seu leito uma vez mais...

À medida que o casal redescobre a paixão que os tinha unido, uma escura ameaça se abate sobre eles. Conseguirão se esquivar ao perigoso inimigo que pretende destruí-los?



Capítulo 1

Inglaterra, 1899

Olívia Gavin despertava muita curiosidade no povo de Clovelly.

Vivia em uma casinha branca no alto de um escarpado, com vistas do porto. Sozinha. Tinha empregados, é obvio, mas todo mundo sabia que os empregados não substituem à família ou amigos. Apesar de ser uma mulher atraente e de rosto liso, sem uma só das rugas que o vento do mar costuma produzir, recebia muito poucas visitas masculinas. De fato, não via ninguém.

Era evidente que tinha dinheiro, pois não trabalhava, embora às vezes desfrutasse confeccionando pequenas peças de ourivesaria que vendia na loja da senhora Henrietta Jewel. Era muito generosa, sempre contribuía às causas do povo, e não duvidava em ajudar aos necessitados. Mas apesar de possuir fortuna, só contava com os serviços de uma governanta, uma criada e um homem para tudo.

Todo o povo acreditava que era muito simples para ser uma dama da alta sociedade, e muitos assumiam que a misteriosa senhora Gavin era em realidade a viúva de um rico comerciante.

Aos aldeãos caía bem, apesar de que a viam em raras ocasiões. Comentava-se que se regia pelos costumes da cidade, e que passava a noite acordada, trabalhando em suas jóias, para dormir durante o dia. Havia quem ria de tais costumes. Também havia quem dizia que uma mulher que nunca saía de casa pela manhã não era de confiança. E o fato de nunca ir a missa aos domingos tampouco ajudava muito.

Se o reverendo Hathaway ouvia algum desses comentários mal-intencionados, apressava-se a corrigi-los:

—A senhora Gavin visita freqüentemente a casa de Deus.

E com isso resolvido, todas as especulações passavam a centrar-se no senhor Gavin. Havia quem dizia que não existia, enquanto que outros eram partidários da teoria que a atraente viúva o tinha enterrado antes do tempo. Alguns, inclusive a convertiam na protagonista de uma novela gótica, e a imaginavam como vítima de um desgraçado e abominável matrimônio, em que tinha fugido no meio da noite para refugiar-se em Clovelly. A maioria não fazia caso destes rumores, e diziam que mexericar era obra do diabo, e só servia para perder tempo.

E, claro está, também havia quem no anonimato de seus lares, rezavam para que a senhora Gavin lhes desse algo de que falar.

Mas apesar de seus estranhos horários e de sua obsessão por preservar sua intimidade, nenhum habitante de Clovelly podia dizer nada mau de Olívia Gavin. E nas estranhas ocasiões em que um jovem despertava no estábulo de outro aldeão, ou no botequim Horse & Hare, pálido e repetindo que não sabia como tinha ido parar ali, ninguém suspeitava que a senhora Gavin pudesse saber a resposta. O que era uma sorte.

Porque Olívia se esmerava muito em ocultar de todo mundo que era uma vampira.

De tudo o que lhe tinha ensinado Reign, essa era a única lição pela que estava agradecida. Claro que não tinha contado quão difícil podia chegar a ser. Embora sendo justa com ele, tinha que reconhecer que tampouco lhe tinha dado muito tempo para que lhe ensinasse nada mais, e se o tivesse tentado, não teria escutado.

O povo estava acostumado a fixar-se em uma mulher que só saía de noite, ou que tinha mais força do normal, pensou Olívia, enquanto levantava um fardo de palha por cima de sua cabeça como se não pesasse nada. Para ela fazer isso era um instante, e assim evitava que Charles, seu homem para tudo, tivesse que fazê-lo. Embora lhe mentisse e lhe diria

que tinha contratado uns quantos homens para o trabalho.

Charles sabia a verdade, mas isso não evitava que acreditasse que uma dama, vampira ou humana, não devia trabalhar no estábulo.

—Não está bem — dizia cada vez que via Olívia fazer o trabalho que ele tinha feito trinta anos atrás, algo que desejaria poder seguir fazendo.

Olívia secou o suor das mãos com um pedaço de tecido rasgado que pendia da saia, soltou a luz do prego onde a tinha deixado antes, e se foi do estábulo despedindo-se dos cavalos. Era meia-noite e tinha fome.

A luz da chama iluminava o caminho, embora não precisasse dela. Olívia caminhava com passos firmes e seguros pelas danificadas pedras do caminho, mas sabia que se encontrava com alguém, a essa pessoa pareceria muito estranho que não levasse nada com o que iluminar-se. E dado que ela era a atração local, não seria difícil tropeçar com algum grupo de garotos decididos a espiar através das janelas de sua casa com a esperança de pilhá-la fazendo algo escandaloso.

Essa noite não havia lua, mas o céu azeviche estava repleto de estrelas que pareciam diamantes pulverizados sobre um manto de veludo negro. Uma cálida brisa acompanhava os lânguidos movimentos da maré, arrastando o aroma do sal e do mar, e para alguém de olfato tão sensível como o dela, também o dos peixes. E, a não ser que se equivocasse, podia cheirar no ar que ia haver tormenta. Aqueles barcos que sacudiam como meninos sonolentos, logo oscilariam como bonecas quebradas apanhadas entre cães raivosos.

Olívia farejou a noite. A essência da chuva começava a dominar o vento. Ia ser uma tormenta preciosa, e ela ia desfrutar do balcão de sua habitação; e, quando amanhecesse, esconder-se-ia no quente refúgio de seu leito.

Gostava de sua vida.

Nem sempre tinha pensado assim, e freqüentemente ainda amaldiçoava essa imortalidade que a obrigava a mudar-se de um povo a

outro antes que a gente se desse conta de que não envelhecia. E sempre que isso acontecia, amaldiçoava ao homem que a tinha transformado: Reign.

Fazia tempo que não pensava nele. Os intervalos de paz eram agora cada vez mais maiores, mas de vez em quando, uma lembrança cruzava sua mente e Olívia passava então dias inteiros feito uma fúria. Não fosse pelo Reign, agora aparentaria sessenta anos, sua verdadeira idade, e talvez tivesse um par de netos sentando em seu colo. Teria rugas, e não só esses perenes pés de galinha que adornavam os cantos de seus olhos. Teria cabelos grisalhos. E um marido também grisalho, um marido doce e carinhoso que diria que ela era a mulher mais bela do mundo apesar de sua idade.

Em vez disso, Olívia era uma mulher de sessenta anos que, apesar de tudo o que tinha vivido, parecia uma jovem de trinta; e sempre seria assim. Não ficaria grávida, não teria netos. Talvez se tivesse ficado com Reign teria tido ao marido que diria que era preciosa, mas ele não seria jamais doce e carinhoso.

—Um mensageiro quer vê-la, madame — a informou Agnes, a governanta, logo que Olívia cruzou a soleira de sua casa. Ia tão absorvida com suas coisas que nem sequer se deu conta de que a mulher tinha aberto a porta. Mas mal iriam as coisas se não podia baixar a guarda nem sequer em sua própria casa.

Um mensageiro? Ali? Que antiquado. Naquela época quase todo mundo utilizava o telefone, ou os telegramas de toda a vida. Mas mandar um mensageiro? Esse costume tinha mais anos que ela mesma. Inclusive Olívia, apesar de sua idade, tinha telefone em casa, no caso de seu sobrinho James precisar contatar com ela agora que estava descobrindo Londres com seus companheiros.

Antes de entrar, tirou as botas que levava para trabalhar e se calçou um par de sapatos. Enquanto cruzava a soleira de sua pequena casa, se

deu conta que era uma hora muito inoportuna para entregar uma carta. Para ela não era mais que meio-dia, mas para a maioria dos humanos, estavam em plena noite. Um mensageiro que viesse a essas horas, seguro que trazia más notícias.

Isso, ou quem mandava a mensagem sabia que Olívia ia estar acordada.

Deixou as suspeitas de lado e cruzou a toda velocidade o quente vestíbulo recém encerado, até chegar ao pequeno salão que havia à direita. Antes, não estava acostumada a ser desconfiada, mas seu marido a tinha feito mudar. Pensar em Reign a fez franzir a testa. Havia algo, uma lembrança que não conseguia ver com clareza e que tinha a sensação que era importante. Ainda estava preocupada quando entrou no salão.

O jovem que estava sentado no sofá cor pêssego se levantou e a olhou com suspeita.

—Senhora Gavin? —perguntou-lhe, enquanto segurava entre as mãos um velho chapéu.

Por que não trocou de nome? Sem dúvida, ser viúva oferecia muitas vantagens, mas cada vez que alguém a chamava desse modo, lembrava-se de seu marido, seu segundo marido, pois do primeiro não tinha nenhuma lembrança.

—Sim. E você é?

—Hillyard, madame. —Entregou-lhe um envelope—. Minha missão consistia em entregar isto em mãos.

Olívia o agarrou, intrigada. Não reconheceu o selo que o mantinha fechado; um cálice em cera vermelha.

—E agora que cumpro com meu dever, já posso partir.

Ela levantou a cabeça, mais rápido do que deveria, pois o jovem se assustou com o movimento.

—Não tem que esperar que entregue minha resposta?

Ele a olhou com cautela, como um gato que observa a um cão,

preparado para saltar ante o primeiro sinal de perigo.

—Não, madame. Disseram-me para entregar a carta.

Curioso.

—Então não lhe prendo mais — respondeu com o que confiava era um sorriso sereno—. Fale com minha governanta antes de partir, ela se encarregará de compensá-lo pelas moléstias.

Fora quem fosse que tinha mandado a misteriosa carta, sem dúvida teria pago ao mensageiro, assim era como funcionavam as coisas nessa época, mas Olívia provinha do passado, de quando o destinatário era quem satisfazia tais gastos, e alguns hábitos eram muito difíceis de trocar.

Por outra parte, nunca era demais dar gorjetas. Certamente, assim, aquele moço esqueceria mais rápido que ela o tinha assustado.

—Obrigado, senhora Gavin. —Fez - uma pequena reverência e, depois de colocar o chapéu sobre seus cachos avermelhados, foi.

Olívia esperou para abrir até que o ouviu falar com Agnes. A nota que continha estava escrita a máquina.

Para Olívia Winscott Gavin

Franziu o cenho. Como sabiam seu nome de solteira? Apenas um punhado de gente conhecia tal dado, e nenhum deles se dirigia a ela com tanta formalidade.

Lamento muito ter que comunicar que seu sobrinho, o senhor James Burnley, está sob minha custódia. Os motivos de seu seqüestro...

Seqüestro! A Olívia deu um tombo o coração. Por que queria alguém seqüestrar James? A resposta era extremamente óbvia. Porque ela era sua tutora e, fosse quem fosse seu seqüestrador, sabia que moveria céu e

terra para liberá-lo. Talvez, dado o nível de alguns dos amigos do James, acreditavam que o menino possuía uma fortuna maior da que tinha em realidade. Por outra parte, o dinheiro que James tinha provinha de um fundo que seu avô tinha criado para ele, e não de Olívia.

Talvez os seqüestradores soubessem o que ela era por incrível que isso parecesse.

... podem parecer óbvios, mas suplico que não chegue a conclusões precipitadas. Há duas pessoas que podem garantir que James retorne junto a você são e salvo, senhora Gavin. Uma é você. Sou consciente de que não foi fácil exercer o papel de mãe do menino... dadas suas circunstâncias...

OH, Deus, sabiam a verdade.

... mas o educou bem. Agora chegou o momento de que faça uma última coisa por ele. Só peço que traga seu marido —a segunda pessoa a quem o jovem James deverá sua liberdade— a Escócia e me entregue isso. Deixarei instruções na hospedaria O Lobo, o Carneiro e o Cervo de Edimburgo dentro de uma semana. Faça o que peço e James ficará livre. Se decidir ignorar minha petição, a próxima vez que veja seu sobrinho será para organizar seu funeral. Não me decepcione, Olívia.

Não estava assinada. O muito covarde não tinha tido o valor de escrever seu nome para que ela não soubesse a quem devia matar. Olívia estava em suas mãos.

Ou talvez não.

Nem sequer se incomodou em trocar de sapatos ou pegar um casaco. Sua única preocupação era James, o menino que era mais um filho que um sobrinho. Ela não tinha podido salvar a mãe, sua irmã Rosemary, e

não ia permitir que ninguém arrebatasse o James.

E nem louca ia aproximar-se a menos de vinte quilômetros de seu marido.

Quase rompeu a porta ao sair de tão rápido que a abriu. Duas pernadas foi o que necessitou para sair voando e atravessar a noite. Só havia um caminho que conduzisse de sua casa ao povo, e da copa das árvores Olívia podia ver até muito longe.

O mensageiro estava se dirigindo para o leste, tal como tinha previsto. Era a única rota que conduzia a Londres, que era onde estava James a última vez que falou com ele. E agora estava na Escócia? Preso contra sua vontade? E por quê? Por que queriam a seu marido? Se sabiam o que era ela, então também sabiam o que era ele, e Reign era muito mais perigoso. Quem, em plena posse de suas faculdades, queria provocar a ira de alguém tão poderoso? Das duas uma, ou era alguém muito estúpido ou tinha mais poder que Reign.

Deus santo, só de pensar que James estava em mãos de alguém semelhante...

Do céu, Olívia se aproximou do mensageiro e, com sua aguda visão, viu como este seguia o caminho sob a luz da lua. Adiantou-o e então desceu, com o vento sacudindo os cabelos e arrancando as forquilhas. Precipitou-se para o chão, deu meia volta e aterrissou descalça no meio do atalho, sentindo a umidade sob suas meias. Ficou ali, com os ombros jogados para trás e contendo a raiva que sentia. Em um punho apertava a carta enquanto esperava que o mensageiro aparecesse.

Viu-o antes que ele a visse ela. O primeiro a detectá-la foi o cavalo, que ficou nervoso ao pressentir o perigo. As patas dianteiras do corcel se levantaram no ar. Um guincho cruzou a noite, e o mensageiro fez esforços para não cair de seus arreios.

Olívia se aproximou.

Levantou uma mão e pegou as rédeas para tranquilizar ao animal.

Deu-lhe umas carinhosas palmadas no focinho, para que soubesse que não ia lhe fazer mal.

O jovem estava atônito, olhando-a com os olhos abertos como pratos.

—Senhora Gavin.

Com a outra mão, Olívia o segurou pelo cinturão. Bastou atirá-lo ao chão, para o olhar do mensageiro se transformar em confusão e horror. O cavalo se apartou, e ela o deixou partir.

—Quem te enviou? —exigiu saber, levantando o punho em que tinha a carta—. Me dê um nome.

O jovem sacudiu a cabeça.

—Não sei, madame. Meu chefe me disse seu nome e me deu a direção. Não sei quem me contratou.

Olívia o agarrou pelas lapelas do casaco, e o levantou do chão como se fosse um menino pequeno, até que ele começou a espernear. O pobre não sabia onde olhar, não podia acreditar que uma mulher pudesse levantá-lo desse modo, e com uma só mão.

—E o que me diz de seu chefe? —perguntou-lhe—. Saberá ele? Ou será tão pouco útil como você?

—A carta apareceu no escritório com uma nota indicando as instruções, e com um envelope com o dinheiro. O menino que a trouxe disse que um cavalheiro tinha pago para que a deixasse ali.

Maldição. Aqueles tipos sabiam o que se faziam. E tinham suficiente informação a respeito dela para saber que tinham que ser muito precavidos. Sacudiu a seu cativo.

—Se me está mentindo...

—Não me faça mal — gemeu assustado, cobrindo a cabeça com os braços.

A imagem do aterrorizado jovem conseguiu acalmar a fúria da Olívia. Aquele menino não estava mentindo. Que Deus a ajudasse, tinha estado a ponto de cometer uma estupidez. Fazia muito que seus instintos não

tomavam as rédeas de seu sentido comum e a impulsionavam a atuar como um predador e não como um ser humano.

Devagar, e recuperando o controle de suas emoções, deixou o mensageiro no chão. Não estava tão assustado para não apertar com força sua adaga, mas tremia como uma folha. Antes de soltá-lo, Olívia se assegurou de que as pernas podiam sustentá-lo.

—Sinto-o — murmurou, e se deu meia volta para ir-se. Não olhou atrás, mas depois de uns segundos e uns quantos passos mais, ouviu como o jovem montava em seu cavalo e se afastava dali como uma alma fugindo do diabo.

Assegurou-se de que tinha partido, e voltou a elevar vôo. Sentia-se tão culpada por ter assustado aquele menino, que já quase não se lembrava que estava morta de medo. Não tinha tempo a perder. Faltavam poucas horas para amanhecer, e tinha muito que fazer.

Devia preparar a bagagem, e preparar-se ela mesma. Partiria para Londres o quanto antes. Com as exigências de tempo dos seqüestradores, Olívia não tinha margem de manobra para encontrar o pequeno que tinha entregue a nota na agência de mensageiros. Além disso, com os dados que tinha, a essas alturas James podia estar a caminho da Escócia, se é que já não tinha chegado ali. Assim cortou o céu a toda velocidade.

Não, não tinha tempo a perder. Não importava o muito que odiasse ter que pedir ajuda, ia a Londres e ia pactuar com o diabo. Com seu marido. Aquele atrativo homem de cabelo negro azeviche e olhos azuis que a tinha convertido em vampira. O homem ao que não duvidaria em se entregar em troca de liberar a seu sobrinho.

Reign.

—Procura diversão, senhor?

Reign piscou. O que? Pela extremidade do olho viu uma mulher junto

a ele, e se voltou para ela. De onde diabos tinha saído que não a tinha ouvido aproximar-se? Apesar de que a mansão estava até os batentes de gente, deveria havê-la cheirado ou, no mínimo, percebido seus passos. O que passava era, simplesmente, que não tinha detectado nenhuma ameaça, e uma rainha da alta sociedade com tendências casamenteiras como sua anfitriã era sem lugar a dúvidas uma ameaça. De nada servia que ele tivesse deixado claro o que pensava da instituição do matrimônio, a civilização tinha terminado por apaziguar um pouco seus instintos.

—Diversão? —repetiu, adulando à dama com um sedutor sorriso. Minha querida lady Willet, o que tem em mente?

A mulher sorriu, e seu formoso rosto resplandeceu. Devia ter quarenta e poucos anos, com uma cabeleira loira em que começavam a aparecer algum cinza, e uns delicados olhos azuis. Levava um vestido de noite cor dourada, com incrustações de cristal que cintilavam sob os lustres. Mas esse brilho não podia competir com a bondade que resplandecia de seu interior.

—É você um patife, senhor Gavin.

—Prefiro acreditar que sou incorrigível, querida.

Ela inclinou a cabeça. Também levava adornos de cristal no cabelo.

—O que mais eu gosto de você, senhor, é a habilidade que tem para me fazer sentir mais jovem que você, apesar de que ambos sabemos que, no mínimo, tenho dez anos mais.

Quinze, se contava pela idade física, pois Reign tinha trinta anos quando se converteu em imortal. Mas claro, isso fazia mais de seiscentos, de modo que ele era muito mais velho do que lady Willet poderia imaginar jamais.

Reign enrugou o cenho em um gesto quase cômico.

—Se isso fosse certo, eu teria apenas dezessete anos, equivoco-me?

Deu-lhe uns leves golpes no braço com o leque e sorriu.

—Tinha razão, é você incorrigível. Dançará comigo esta noite, senhor?

—Está tratando de me lançar às garras das virgens?

Ela riu uma risada rouca e doce que conseguiu fazer Reign sorrir.

—Não é a época adequada, senhor Reign. Esta noite, está você a salvo.

Sim, por sorte a temporada de baile tinha terminado. Ficava pouca gente na cidade, mas um número reduzido de famílias tinham sua residência fixa em Londres, em especial as que pertenciam à alta sociedade. Muitos séculos atrás, Reign teria podido fazer-se com um título, mas a gente emprestava muita atenção aos nobres. E ele desejava tanto chamar a atenção como que o jogassem em meio de um grupo de damas casadoiras. Não tinha título, mas sua fortuna o fazia igual de atrativo. Em várias ocasiões, uma dama de certa idade se aproximou dele para dizer que no passado tinha admirado, ou tinha temido, a um homem muito parecido com ele. Tratava-se de seu avô, talvez? E Reign sempre tomava cuidado de não dizer nada que pudesse delatá-lo. Era complicado, e freqüentemente muito doloroso, em especial quando a dama em questão era alguém com quem sim tinha estado relacionado em uma vida passada.

Só tinham acontecido trinta anos desde sua última aparição na vida pública. Corria o perigo de que alguém o reconhecesse, mas naquela época se moveu por círculos muito distintos, e em outra zona do país. Era pouco provável que coincidisse com alguém do Hertford em Londres, e menos naquela época do ano.

—Encontra-se bem, senhor Gavin? Parece preocupado.

Tratando de voltar para presente, Reign sorriu e se desculpou com sua anfitriã.

—Desculpe-me, lady Willet. Estava recordando de algo. Nada mais. — Sim, tinha recordado sua vida no Hertford, e o feliz que tinha sido ali.

—Espero que não seja uma lembrança dolorosa.

Era óbvio que não esperava que confessasse que sim o era, mas sua preocupação era sincera.

—Não é nada.

E nada era o que se converteu sua vida. Nada se tinha aproximado daquela felicidade. E nada tinha enchido esse vazio que agora sentia. Sim, necessitava diversão. Naquela época do ano necessitava desesperadamente diversão.

Ofereceu o braço à dama.

—Dançamos, madame?

Ela sorriu e colocou a mão na manga da jaqueta de Reign.

—Acreditava que não me ia pedir isso nunca.

Enquanto dançavam, repetindo os passos de uma dança que não tinha trocado em cem anos, Reign deixou vagar sua mente, e falou só quando lady Willet perguntou algo. Não deveria ter saído essa noite. Estava muito distraído. Muito alterado. Deveria ter ido ao Maison Rouge e visitado alguma das garotas de Madeline. Poderia haver-se embebedado, inclusive poderia haver-se alimentado e passado um bom momento. A última noite que esteve ali, uma morena de generoso busto captou sua atenção.

Mas logo Madeline contou que Chapel tinha estado no Maison Rouge e Reign se esqueceu da moça. Chapel tinha visitado o bordel? O mesmo Chapel que levava cinco séculos expiando pecados para a Igreja? Que diabos estava passando? E por que o muito bastardo não tinha ido vê-lo? Possivelmente já não os unisse a mesma amizade de antes, mas seguiam sendo irmãos, unidos por uns laços de sangue que os tinham transformado de meros soldados em seres imortais.

Se o que dizia Madeline era certo, e Reign não tinha motivos para acreditar no contrário apesar de que estava convencido de que tinha oculto os detalhes mais acidentados, Chapel tinha satisfeito sua sede de sangue no Maison Rouge como se estivesse esfomeado. Ninguém tinha saído ferido, mas todas as garotas da casa, exceto a filha do Maddie, Ivy, tinham dado ao Chapel seu sangue. Nada de sexo. Só sangue.

Isso significava que seu velho amigo tinha par. Já era hora.

A música parou, e Reign acompanhou lady Willet fora da pista de baile.

—Obrigado por me dar o prazer de sua companhia, madame.

A mulher abriu o leque e se abanou.

—É você tão bem educado, senhor Gavin... eu adoro. A maioria dos jovens de hoje em dia não têm maneiras.

Reign sorriu como resposta. Aos jovens de sua época tampouco lhes tinham preocupado muito as maneiras, mas tinha a teoria que, desde que Walter Scott publicou *Ivanhoé*, a sociedade tinha ficado cativada por aqueles cavalheiros românticos, suas lutas sangrentas, e suas magníficas espadas. Aos humanos sempre tinha fascinado o passado. Inclusive ele mesmo parecia incapaz de pensar no presente, e muito menos no futuro.

Um mordomo se aproximou de onde estavam.

—Desculpe senhor Gavin. Lamento incomodá-lo, senhor, mas na entrada há uma dama que pergunta por você — disse.

—Por mim? —O primeiro que pensou foi que algo teria se passado a Madeline ou a uma das garotas do Maison Rouge —. Deu-lhe seu nome?

O estóico mordomo nem se alterou.

—Senhora Gavin, senhor. Diz que é sua esposa.

O coração do Reign, o muito traidor, saltou dentro de sua prisão.

—Minha esposa? —Podia de verdade ser Olívia?

—Que descaramento! —exclamou lady Willet completamente indignada—. Expulse-a daqui, Postman.

—Não. —Tanto o mordomo como sua anfitriã se sobressaltaram ante a força dessa única sílaba—. Eu gostaria de muito falar com ela. —deu meia volta para lady Willet—. Se não se importar que faça uso de seu salão, é claro, madame.

—É obvio que não — respondeu a mulher enrugando a testa—. Está seguro que quer atender a essa pessoa?

—Estou. —Não poderia estar mais.

—Então, acompanhe-a ao salãozinho rosa, Postman.

O mordomo se foi, fazendo uma reverência.

—Assim não era como tinha planejado acontecer esta noite — disse sua anfitriã flertando com ele, mas se despediu e foi atender a seus outros convidados.

Reign ergueu seus quase dois metros e se obrigou a sair dali caminhando devagar. Se lady Willet era tão discreta como acreditava, ninguém o olharia ao partir, mas se não o era... Bom, digamos que não queria lhes dar mais do que falar.

O coração pulsava desbocado e tinha os músculos tensos como as cordas de um violino. Percorreu o corredor sem olhar nenhum dos preciosos quadros que penduravam da parede. Tinha o olhar fixo na porta que havia ao final do corredor, da que acabava de sair o solícito mordomo.

Reign não se deteve para comprovar seu aspecto, nem para respirar fundo. Se era Olívia, dar-se-ia conta de que o tinha feito, e isso só serviria para dar mais munição. Além disso, do que serviria? Ela podia ouvir perfeitamente as aceleradas batidas de seu coração.

A última vez que a viu, ela o tinha olhado com olhos cheios de dor, acusando-o de um montão de coisas: coisas que não queria nem recordar, apesar de que tinham se passado mais de três décadas. Acreditava que era um monstro. Seguiria-o acreditando? Ao pensar nessa noite, em sua noite de núpcias, Reign sentia uma mescla de pena, raiva e remorsos. Remorsos mais que nada.

Empurrou a porta, deixando que se abrisse de tudo antes de entrar. Junto ao sofá havia uma mulher de compleição forte. Levantou a vista e o olhou.

E ele deixou de respirar. Era ela. Era Olívia, a mulher a que tinha amado como a nenhuma outra. Ninguém mais tinha conseguido fazê-lo

sentir tão vulnerável... tão humano.

Gostava de sentir-se assim.

Embora não tivesse visto sua impressionante cabeleira de mechas douradas como zibelina, embora não recordasse aqueles olhos amendoados cor uísque, nem seu nariz ou seus sensuais lábios, teria reconhecido seu aroma. O sabor de seu cabelo. Teria sabido que era ela porque podia ouvir seu coração pulsando ao mesmo ritmo que o seu.

Olívia. Tão preciosa forte e atrevida como a recordava. Seu Olívia. Sua esposa. E o olhava com tanto ressentimento que quase se sentiu aliviado. Aquilo era muito melhor que o ódio que tinha visto em sua cara ao descobrir o que tinha feito. Tinham passado trinta anos, e Reign não sabia se queria beijá-la ou jogá-la dali. Era óbvio que não o tinha perdoado. Bem, podia viver com isso. Tampouco tinha perdoado a ela.

Mas tinha valor de aparecer ali, aquela noite em concreto.

—Olá, Liv — disse, tratando de manter o controle tanto como pôde—. Feliz aniversário.

Capítulo 2

Olívia não podia falar. Maldito fora por ter um aspecto tão maravilhoso. Maldita fora ela por ter vontades de lançar-se a seus braços e beijá-lo até o amanhecer. Era impossível que se alegrasse tanto ao vê-lo e ao mesmo tempo tivesse vontade de matá-lo.

E maldito fora ele por recordar que era seu aniversário de casamento; isso era o que tinha estado rondando pela mente antes de partir para Londres. Quase tinha conseguido convencer-se de que essa data não

significava nada. Mas quando despertou, justo depois do pôr-do-sol, lembrou-se de repente, e com essa lembrança, muitas outras a alagaram. Lembrou-se de como tinham tremido as mãos ao deslizar a aliança em seu dedo. Lembrou-se que tinha acreditado que ele a amava. Pior ainda, lembrou-se que ela o amava.

Olívia se vestiu e chamou uma carruagem para que a levasse a mansão que Reign tinha no Belgrave Square, mas ao chegar ali se inteirou de que tinha saído. Ele sempre tinha sido um ser muito sociável, inclusive, em uma ocasião, disse que estar em companhia de humanos o fazia recordar sua própria humanidade.

E também o fazia mais fácil encontrar comida, disse-se a si mesmo com raiva.

Por sorte, o valete de Reign a tinha visto, e reconhecido, antes que o mordomo fechasse a porta no nariz. Clarke só era um jovem da idade de James a última vez que Olívia o viu, mas agora era um homem de cinquenta anos. Não confiava nela, mas sabia que se tinha ido procurar Reign algo importante devia estar passando, assim disse onde estava. Teria podido esperar que retornasse, mas Olívia não tinha nem tempo nem vontade de fazê-lo. E sabia que não era bem-vinda naquela casa. Por outro lado, queria falar com Reign antes que perdesse a coragem para fazê-lo.

Não estava bem trocar James por ele, mas o faria de todos os modos. Era óbvio que não podia confiar em Reign, este o tinha demonstrado com acréscimo no passado, e não podia estar segura de que a acompanhasse até os seqüestradores só para ajudar a um menino que não conhecia.

Não, o melhor seria fazer acreditar que o devia. O melhor seria que ele pensasse que tinha o controle da situação. Olívia se negava a pensar no que iam fazer aqueles vilões quando o tivessem em suas mãos, e se repetia a si mesmo que Reign era indestrutível. Seguro que ele tinha traído aqueles homens no passado. Pensar nisso avivou sua ira. Seu

sobrinho estaria a salvo não fosse pelo Reign. James estaria a salvo quando ela o tivesse entregue como resgate.

Odiava ter tido ido a ele. Odiava ter posto aquele vestido e maquiagem. Odiava haver-se recolhido o cabelo. O único que gostava de tudo o que levava eram os brincos que tinha feito ela mesma. Eram o único que não tinha escolhido pensando no Reign. Se até o tecido era da cor ameixa que ele tanto gostava. O vestido começava a dar calor.

Ficaram de pé, olhando o um ao outro, qual oponentes. Ele parecia maior, o que era impossível, claro, mas o parecia. Seus olhos, que antes eram brilhantes e cristalinos, viam-se cinzas e apagados. Seus lábios, que sempre tinham sido magros, mas bem formados, pareciam menos cheios, mais cruéis. Trocou-se de penteado para seguir os ditames da moda, e o levava mais comprido do que recordava, com uma mecha espessa e sedosa caindo pela frente. Ficava bem, suavizava o duro ângulo de suas maçãs do rosto, sua imponente mandíbula, e aquele nariz que tinham quebrado mais de uma vez, centenas de anos atrás.

O rosto do Reign se transformava quando se emocionava. Olívia ainda podia recordar o devastadoramente bonito que estava quando sorria, ou o desolado que parecia quando estava triste. E também o medo que dava quando queria aterrorizar a alguém.

Era óbvio que isso era o que pretendia essa noite, porque a olhava com uma mescla de desejo e antagonismo que a assustavam e excitavam ao mesmo tempo, embora o que mais fazia era pô-la furiosa. Como se atrevia a olhá-la como se fora ela que tinha jogado pela janela seu matrimônio? Ele a tinha traído. O único que Olívia fez tinha sido deixá-lo.

Foi o convencimento de que ela tinha razão que finalmente deu ânimos para falar. Quanto tempo tinham estado ali de pé, em meio daquele tenso silêncio?

—Olá, Reign.

Ele não se moveu, nem sequer piscou.

—O que está fazendo aqui?

O ronrono de sua voz fez um calafrio percorrer as costas. Recordou estar deitada no sofá, com a cabeça em cima de uma das coxas do Reign enquanto lia um livro, ou o periódico.

No passado, nunca sua voz tinha estado tão fria e distante. Ouvir isso a fez sentir-se menos culpada por havê-lo abandonado. Mas não sentiu remorsos. Não, depois do que tinha feito.

—Necessito sua ajuda.

Uma risada desdenhosa saiu da garganta do vampiro, que a olhou sem poder acreditar no que acabava de escutar.

—Depois de trinta anos de silêncio, aparece agora e espera que te ajude?

Olívia não esperava nada, não se tratando dele.

—Você tampouco tem feito nenhum esforço por falar comigo durante todo este tempo. —por que dizer isso em voz alta a fez estremecer? Ela não quis que ele a procurasse.

—Tratou de me matar — recordou Reign sem rodeios—. Não gostaria de repetir a experiência.

Igual a uma velha ferida, a cicatriz se abriu e Olívia voltou a sentir a mesma dor.

—Que prático para ti fazer que tudo pareça minha culpa. —Não fosse pelo Reign, ela não estaria ali, naquela situação, e James não estaria em perigo...

Se Olívia não o tivesse abandonado.

—Foi — disse Reign.

—Traiu-me — respondeu ela. Tremeu-a voz, mas foi pelas lágrimas, e não pela raiva que dizia sentir.

—Prometeu passar a eternidade a meu lado. —A ele em troca o tom de voz não se alterou o mínimo. Estavam tendo uma conversa, nada mais. Mas seus olhos seguiam frios como aço —. Acreditava que sabia o

que isso significava.

Se Olívia não tivesse estado tão indignada, talvez nem sequer teria respondido a esse sarcasmo.

—Não me perguntou isso. —Fazia muito tempo, mas o rancor seguia apertando a garganta—. Não me perguntou isso, e eu não estava preparada.

O rosto dele perdeu sua altivez.

—Liv...

—Arrebatou-me a possibilidade de escolher. —por que chorava se estava zangada? Seguro que isso também era culpa dele—. Comportou-se como um bastardo.

Se Reign viu vir a bofetada, não fez nada para impedi-lo. A força do impacto teria quebrado a mandíbula de qualquer humano, talvez inclusive o crânio. Ele sequer cambaleou. O som retumbou na habitação e o vampiro jogou a cabeça para trás. A Olívia doía o pulso pelo impacto, assim como todo o braço.

Quando Reign voltou a olhá-la, tinha sangue no canto do lábio. Os olhos brilhavam como diamantes recém esculpidos, e se lambeu a gota de líquido vermelho.

—Uma — advertiu em voz baixa—. Tem direito a uma. A próxima vez, devolvarei isso.

Por que essa promessa de violência a excitava tanto? Que satisfação podia obter de dar uns quantos golpes? Fazia anos que tinha aprendido a brigar, evidentemente tinha tido que fazê-lo sozinha, e era óbvio que ela não era rival para um vampiro de mais de seis séculos. Mas mesmo assim, ver que o tinha feito sangrar a encheu de satisfação.

Talvez se brigasse com ele eliminaria de uma vez por todas os sentimentos que ainda existiam entre os dois. Talvez, se Reign não a matava, ela poderia por fim seguir adiante com sua vida e não voltar a pensar nele jamais.

Foi uma estupidez, mas tratou de esbofeteá-lo de novo, apesar de que sabia que dessa vez não o conseguiria. Nessa ocasião, ele estava preparado e, segurando os braços, apertou-a contra si.

Deus Santo, Reign estava excitado. Olívia podia notá-lo através da saia, mas não tanto como o sentiria se levasse menos roupa. Ela também estava excitada, maldita fora. Poderia fazer amor ali mesmo, arrastá-lo para seu interior ao mesmo tempo em que tratava de matá-lo. A atração física que sentiam um pelo outro nunca tinha sido um problema em sua anterior relação, mas possivelmente agora o era. Ela se tinha deitado com ele muito antes de descobrir o que era em realidade. Deitou-se com ele na noite em que o conheceu.

Fazia pouco que tinha saído de seu período de luto depois da morte de seu primeiro marido. Este, Allan, tinha morrido por culpa de uma febre. Seu matrimônio tinha sido um acerto econômico para ambas as partes, e a Olívia não envergonhava confessar que não sentia falta, tal como se supunha que devia fazer uma boa esposa. Até aquele momento não se considerou uma mulher passional, mas quando a apresentaram ao Reign Gavin, soube que tinha conhecido ao homem mais magnífico de toda sua vida. Passaram a noite conversando, flertando e bebendo. Rindo e dançando. Reign murmurou confidências ao ouvido, disse que recordava a uma ameixa amadurecida, escura e cheia de doces segredos. Deus, e ele os tinha descoberto todos.

Pensar nisso quase a fez sorrir, e um delicioso calor se instalou entre suas pernas. A ele acelerou a respiração e entrecerrou os olhos. Olívia podia cheirar quão excitada estava e sabia que Reign também podia fazê-lo. Seria muito fácil tratar de matá-lo então, quase tanto como esquecer o acontecido trinta anos atrás e voltar a começar.

Ficou nas pontas dos pés e aproximou seu rosto ao dele, seus lábios aos seus.

E lambeu a gota de sangue do canto da boca do Reign.

Seu sangue. Esse sangue que tinha posto tudo a perder, mas cujo sabor doce e salgado sentia agora sobre a língua. Um fluido que corria por suas veias, e a atraía sem remédio, apesar de que preferiria cortar o pescoço ali mesmo a confessar em voz alta.

Depois de tanto tempo, ainda podia fazer que o desejasse. Que quisesse estar com ele.

Reign se estremeceu. Foi um movimento quase imperceptível, mas bastou para que Olívia soubesse o muito que tudo aquilo o estava afetando.

—Bruxa — murmurou, e então capturou os lábios dela com os seus. Empurrou-a para trás, com as solas dos sapatos roçando apenas o tapete, até encostá-la contra um móvel, uma mesa ou uma cadeira, não soube. A pobre peça de decoração suportou a investida de sua paixão, e suas pernas chiaram no chão de uma vez que a língua do Reign dançava com a de Olívia.

O som da madeira rachando os deixou gelados. Ele levantou a cabeça. Tinha os lábios úmidos e os olhos brilhantes. Aquele era o Reign que Olívia recordava, ou ao menos parecia. Um homem que parecia irresistível, que não podia deixar de tocá-la, ao igual passava com ele.

—Poderia te inclinar sobre esta mesa agora mesmo e possuir-te.

Incliná-la para não ter que ver os olhos. Olívia procurou seu olhar e sorriu com picardia. Aquele não era o homem que recordava.

—Pode possuir-me se quiser, mas terá que me olhar nos olhos quando o fizer. Quero que veja no que me converteu.

Talvez fosse a amargura no seu tom de voz ao dizer o que ele mesmo havia dito antes, ou que simplesmente, desse-se conta do que estava fazendo, o caso foi que Reign a soltou e deu um passo para trás. A Olívia doíam os braços, mas se negou a fazer uma só careta. Separou-se da mesa e cambaleou um pouco. Com sorte, sua anfitriã não notaria que a tinham quebrado.

—Não acreditei que fosse se controlar — o provocou ela. E não deveria doer que o tivesse feito. Não deveria surpreendê-la. E maldita fora, não deveria lamentá-lo.

—Não veio aqui me pedir ajuda. Você não quer que te ajude. —Pelo modo que a olhou, com um misto de desconfiança e divertimento, estava claro que não tinham afetado as palavras de Olívia. Maldito fora. Em Reign se desvaneceu qualquer rastro de desejo enquanto ela seguia tremendo —. O que acontece, Liv?

Uma imagem do maroto James veio à mente, e soube que tinha que ir com cuidado. Os seqüestradores queriam ao Reign, e Olívia sabia que nunca conseguiria que o vampiro voltasse a confiar nela, e que tampouco ofereceria sua ajuda se só pensava em seu sobrinho. E, embora dissesse a verdade, ele nunca se entregaria por vontade própria em troca do James. Este não significava nada para Reign. Ela não significava nada para ele. Não, era melhor dar pena e deixar que acreditasse que estava ao mando da situação. Por outra parte, Olívia faria bem em recordar que estava realmente ao mando. Se ele se negava a ajudá-la, James podia sair gravemente ferido. Ou algo muito pior.

—Acredito que eles sabem o que sou. —Isso sim podia dizer. O resto teria que esperar.

Essa confissão o surpreendeu, e não fez nenhum esforço por ocultar sua reação. Olhou para a porta, como se acreditasse que alguém poderia estar escutando.

—Este não é o melhor lugar para falar disso.

Isso fez graça a Olívia. Não tinha reparos em deitar-se com ela na casa de um desconhecido, mas os tinha para discutir de certos temas? Típico dos homens. Típico dele. Mas bom Reign sempre se saiu com a sua. Ela estava acostumada permitir. O melhor seria seguir com esse costume.

—Onde? Quando?

—No Belgrave Square — respondeu ele. Ia obrigá-la a retornar ao que

antes tinha sido seu lar. Tinha desfrutado tanto escolhendo os tecidos para as cortinas e os móveis... Tinha tanta vontade de começar uma nova vida com o homem que amava... —. Vá para lá, irei despedir-me da senhora da casa.

Olívia esboçou um sorriso zombador.

—Claro, por que não me apresenta isso?

Ele nem se alterou. Nem sequer piscou. De fato, olhou-a com cara de aborrecimento, como se tanto ela como a situação em si não interessassem o mais mínimo.

—Se quiser, pode vir se é que de verdade gosta de perder tempo com tais tolices. Mas me diga o que lhes contará quando disser que é minha esposa, uma esposa cuja existência ninguém conhecia e que agora apareceu de repente.

—Tem razão — reconheceu ela, odiando-o ainda mais por isso—. Esperarei-te em sua casa. —Foi impossível dizer que era o lar de ambos, apesar de que sabia que assim era.

Tinha lógica que não tivesse falado a ninguém dela. Por que deveria havê-lo feito? Mas se Olívia tinha a mais remota esperança de que Reign pudesse sentir algo por ela, além de luxúria, claro, agora já tinha sua resposta.

Assim seria muito mais fácil traí-lo.

Não podia confiar nela. Isso estava claro. E enquanto sua carruagem o levava para Belgrave Square soube que isso era o único que podia estar seguro. Reign vivia na asa leste de um luxuoso imóvel que tinha comprado cinquenta e dois anos atrás. Durante todo esse tempo, seu «herdeiro» já se feito cargo da propriedade uma vez, e a mudança voltaria a produzir-se ao cabo de uns anos.

Esse era um dos inconvenientes de ser imortal, pensou ao subir pelos

degraus de sua recém pintada mansão. Jamais podia ficar no mesmo lugar por tempo indefinido. Sempre tinha que mudar-se. Não incomodava viajar, e não importaria passar toda a vida trocando de casa se tivesse alguém a seu lado.

Mas a única pessoa com a que tinha querido passar a eternidade tinha cravado uma adaga no peito trinta anos atrás. Pelo que sabia da Olívia, bem poderia ter retornado a Londres para terminar o trabalho. Talvez o merecesse, mas lamentava não ter feito as coisas de melhor maneira. Olívia abandonou-o, e ele, como um tonto, o permitiu, pensando que ela retornaria quando passasse o mau humor.

Pelo modo em que o tinha tratado antes, ainda seguia zangada.

O que o levava a seguinte questão: que diabos estava fazendo ela em Londres? E por que dizia que necessitava sua ajuda? Nunca tinha conhecido a nenhuma mulher tão capaz como Olívia. Estava claro que não necessitava sua ajuda.

Mas o desejava, pensou com um sorriso enquanto entregava o casaco a seu mordomo. Igual ele a desejava. Ao menos, isso não o tinha estragado, e estava disposto a utilizá-lo em seu favor. Porque Reign, a diferença de sua fugitiva esposa, sim havia dito seus votos matrimoniais a sério. No que a ele se referia, Olívia seria sua esposa até o fim dos dias, e inclusive então não permitiria que arrebatassem.

Cruzou o vestíbulo e Clarke saiu a seu encontro. Olívia já tinha chegado. Podia cheirar o almíscar de seu perfume no ar. Impregná-lo-ia durante dias, maldita seja. Igual à lembrança do fogo que ardeu em seus olhos quando disse que, se gostasse, podia possuí-la em cima daquela mesa, mas que teria que olhar seu rosto.

Tinha estado tentado a fazê-lo. E não porque estivesse zangado ou furioso, mas sim porque levava trinta anos amargurado e sentindo-a de menos. Reign se tinha passado a primeira década convencido de que ele tinha sido a única vítima de sua noite de núpcias, mas logo as dúvidas

começaram a assaltá-lo, e depois chegou a culpabilidade. Dessa vez não se sentiria do mesmo modo.

—Onde está? —perguntou, antes que o outro homem pudesse falar.

—No salão — respondeu Clarke, passando uma mão pelo cabelo grisalho—. Reign, o que está passando?

Dado que Olívia podia ouvi-los se quera, e ele não tinha nenhuma dúvida de que o faria para ver se assim averiguava algo que pudesse ser útil, limitou-se a sorrir e a responder:

—Não tenho nem idéia.

Mas deu a seu amigo uma nota que tinha escrito na carruagem, de caminho a casa.

Com o cenho franzido, Clarke abriu a carta. Por sorte, levava suficientes anos ao serviço do Reign para saber que não tinha que lê-la em voz alta.

Averigua tudo o que possa sobre ela.

Clarke levantou a vista, e cravou seus olhos negros nos do Reign. Tinha o semblante sério, como se compreendesse perfeitamente pelo que o outro estava passando e se solidarizasse com ele, assim Reign assentiu como resposta. Não se iludia a respeito de Olívia. Levava trinta anos desejando que voltasse isso não tinha trocado, queria que retornasse a seus braços, a seu lado, mas não ia permitir que esse desejo turvasse o julgamento.

As mulheres não perdoavam sem receber antes algum gesto dramático de expiação. E dado que ele não tinha feito nada, que não tinha deixado fazer nada, deduziu que não o tinha perdoado. E nem louco ia oferecer esse gesto então, quando ela parecia disposta a cortar a jugular.

Assim, se Olívia seguia tão zangada, por que tinha ido pedir ajuda a

um homem que desprezava? Das duas uma, ou estava metida em uma grande confusão, ou queria vingar-se. Ou talvez ambas as coisas.

E se Reign queria descobrir a verdade antes que saísse o sol e acabasse frito ali na entrada, como um idiota, mais valia ir em busca de sua esposa.

Ajustou as lapelas e o lenço de pescoço antes de entrar no salão. Olívia estava de pé junto a uma janela, com as pesadas cortinas verdes entreabertas para permitir que os raios do amanhecer acariciassem o rosto. Tinha os olhos fechados, a escura curva de suas pestanas ressaltava sobre suas bochechas. Ao Reign adorava o tom entre rosado e dourado da pele da Olívia. Adorava sua espessa cabeleira, apesar de que ela estava acostumada a levá-la recolhida em um coque. Adorava seu nariz reto, e as pequenas rugas que tinha nos cantos dos olhos. Adorava como aquele vestido cor ameixa ressaltava sua cintura e seus peitos.

Amava-a. Ou ao menos uma vez o tinha feito, tempo atrás.

—Está rezando? — perguntou - com mais severidade que pretendia.

Ela esticou os ombros. Devagar, abriu os olhos e se deu meia volta para olhá-lo. A mulher amadurecida e irresistível que Reign se apaixonou tinha desaparecido, e em seu lugar estava agora aquela criatura dura e ressentida. Ser responsável por essa mudança o encheu de vergonha.

—Jamais gostou que o fizesse — respondeu Olívia com voz aveludada. Ao menos isso seguia igual.

—Ele nunca escuta, assim não entendo por que perde tempo.

—Escuta — respondeu com aquela fé cega que não tinha nem um ápice de lógica—. Ele escuta e responde, só tem que prestar atenção.

Reign riu. É uma merda. Se isso fosse verdade, Olívia teria retornado a seu lado muitos anos atrás. Ou nunca o teria abandonado.

Agora estava ali, mas ele não era tão tonto para acreditar que suas preces por fim tinham sido escutadas. Se foram, Deus a tinha mandado de volta para castigá-lo por seus pecados.

Era uma situação estranha, os dois estavam ali de pé, tensos, à defensiva, assim Reign se aproximou do móvel em que guardava a bebida.

—Gostaria de tomar algo?

—Por favor.

Aquela era uma das coisas que mais gostava em Olívia. Inclusive antes de convertê-la em vampira e que a jovem descobrisse que podia agüentar muito mais que os mortais, gostava de beber. Conheceram-se em uma festa. Ela segurava um copo de uísque na mão, o terceiro, se não falhava a memória de Reign. Deus, passaram tão bem essa noite. Conversaram e riram até as três, e então Olívia o convidou a sua casa. Ele poderia haver-se comportado como um cavalheiro e rechaçar o convite, mas sabia o muito que custara tomar coragem suficiente para pedir - e sabia que fazia muito tempo que estava sozinha. Sentiu-se muito adulado que o escolhesse entre todos os homens que havia naquela festa, assim a acompanhou a seu lar e a sua cama, e a partir de então não a abandonou nem um segundo durante toda sua estadia no Hertford. Durante o dia, comportava-se como era devido, ao fim e ao cabo, ela tinha uma reputação a manter, mas de noite... De noite Olívia o fazia sentir mais vivo inclusive que quando era mortal.

Reign serviu duas taças e as levou até a mesa japonesa que havia entre dois confortáveis sofás verdes. Ela o olhou durante um instante antes de sentar-se frente a ele.

—Tem que me dizer por que veio, Liv. Disse que «eles» sabiam o que é. Quem são «eles»?

—Não sei — suspirou, mas não fez esperar muito para seguir falando. Reign viu que seu costume de ir diretamente ao ponto não tinha mudado—. Faz duas noites, um mensageiro veio a minha casa me trazer uma carta anônima em que me diziam que meu sobrinho James tinha sido seqüestrado.

Sua voz não podia ocultar a raiva e o medo que sentia.

—James? —Não recordava de nenhum menino com esse nome.

—O filho do Rosemary — respondeu ausente, como se esperasse que soubesse quem era, como se confiasse que sua família fora o suficientemente importante para ele para recordá-la.

Reign assentiu. Lembrava-se bem de Rosemary, a irmã pequena da Olívia. Tinha sido a madrinha de suas bodas. E sua casa foi onde Olívia foi refugiar-se quando o abandonou. Rosemary tinha morrido em um acidente de carruagem, dezoito anos atrás. Ele tinha mandado flores ao funeral. Não sabia que tinha um filho, se soubesse, teria se encarregado de abrir um fundo para ele. Como era possível não se inteirar que Olívia o tinha criado? Reign tinha contratado uns homens que informavam periodicamente de como estava ela, e nunca tinham falado de nenhum menino.

—Estão muito unidos?

—Criei-o. — Sorriu um pouco ao olhá-lo aos olhos, como se acreditasse que ia burlar-se dela. Mas esse sorriso desapareceu em seguida e se converteu em puro desespero—. Rosemary morreu por minha culpa, sabe? Se tivesse podido viajar de dia...

—Não pode te culpar disso.

—E a quem quer que culpe? —Levantou a taça para ele, com olhos cheios de brutal sinceridade—. Culpei a ti durante muito tempo.

Não surpreendeu, além disso, seus ombros podiam suportar essa carga sem problemas se assim ela se sentia melhor.

—Então, volta a me culpar, mas não pode se responsabilizar das circunstâncias que causaram a morte de sua irmã.

Olívia se encolheu de ombros sem deixar-se impressionar pelas palavras de Reign nem pela generosidade que supunham.

—Agora já não tem importância. Perdi Rosemary e, se não cumprir com as exigências dos seqüestradores, talvez perca também James.

Esse era o momento que Reign estava esperando.

—E quais são essas exigências?

—Tenho que ir a Edimburgo dentro de uma semana, ali receberei novas instruções.

—Edimburgo? O levaram a Edimburgo?

Olívia apartou o olhar, como envergonhada, e Reign não pôde imaginar por que.

—Eu não sabia, mas parece que James foi a Escócia com uns amigos.

Ah. Pelo visto, James era tão teimoso como sua tia. Mas o jovem deveria haver dito que ia sair do país.

—Falou com as famílias de seus amigos?

—Sim. Parece que levavam tempo planejando-o e o pai de um deles os acompanhou. —O rubor que tingia suas bochechas se intensificou—. É óbvio que James esqueceu de me contar isso.

Era óbvio que o menino era uma criança mimada e desconsiderada, mas dado que Olívia já estava passando bastante mal, Reign optou por não fazer esse comentário. Em vez disso, centrou-se em temas mais importantes.

—E por que acredita que sabem o que é?

—Porque na carta falavam de minhas «circunstâncias».

Reign quase riu.

—«Circunstâncias»? Com isso poderiam referir-se tanto a seus costumes sexuais como a sua preferência pelos sorvetes.

Olívia o fulminou com «o olhar». Esse olhar que as esposas reservam para seus maridos quando dizem algo que só lhes faz graça.

—A carta dizia que entendia perfeitamente quão difícil tinha sido para eu criar James, dadas minhas «circunstâncias». De verdade, Reign, que mais poderiam ter querido dizer com isso? Levo uma vida muito normal, tão normal como me permitem minhas... circunstâncias.

Era evidente que Olívia tinha razão, mas preocupava muitíssimo mais que alguém pudesse haver-se dado conta com tanta facilidade de

que ela era uma vampira. Das duas uma, ou havia se tornado muito descuidada, ou James tinha contado a alguém, bem por vontade própria ou sob tortura. Reign estava convencido de que a segunda alternativa era a correta.

—E na carta diz o que querem em troca?

Ela apartou o olhar. E foi então quando Reign soube que a história escondia muito mais do que Olívia estava contando.

—Não. Só dizia para ir a Escócia e esperar ali até receber instruções, mas não acredito que entreguem James sem mais. Acredito que quererão algo de mim.

É óbvio. Nisso consistia um seqüestro, em obrigar alguém a fazer algo contra sua vontade.

—E como entro em tudo isto?

—Eu sozinha não posso encontrar James e liberá-lo. Seguro que esperam que eu faça algo.

—E de mim não o esperam? —De verdade acreditava que era tão tolo?

—Não estive contigo desde antes que nascesse James. Por que suspeitariam? Necessito que me ajude. Seja quem for a pessoa que o levou, tem que ter fingido ser seu amigo, um membro da alta sociedade. Você tem contatos em Edimburgo, não é?

—Sim. —Aquela mesma primavera tinha estado ali, e que Olívia tivesse ido a ele por esse motivo o tranqüilizou um pouco.

—Poderíamos falar com as pessoas, averiguar com quem saía James antes de desaparecer. Poderia me acompanhar às festas e aos bailes freqüentados por ele e seus amigos, festas às que sem ti não teria acesso.

Em outras palavras, resultava prático. Reign sabia que sua esposa queria utilizá-lo, então, por que sentia esse comichão no peito?

—Acredita que é possível que James lhes haja dito que é vampiro?

Pelo modo em que ela reagiu, era evidente que nem sequer o tinha cogitado.

—Ele nunca faria tal coisa.

Todo mundo era capaz de fazer algo com o incentivo adequado, mas Reign preferiu não dizer - Já estava suficientemente preocupada com o menino para acrescentar, ou o tinham torturado, ou tinha traído a sua tia por vontade própria. Sabendo do que eram capazes os humanos, ambas as alternativas eram mais que prováveis.

—Não sei como — continuou Olívia—, mas alguém descobriu o que sou, e retém James para conseguir me apanhar. Não vou permitir que se saiam bem.

O que dizia tinha sentido, mas havia algo que escapava.

—O que não está contando? —perguntou Reign quase rindo-se. E o que esperava, que confessasse toda a verdade?

—Nada — mentiu ela, enquanto o olhava intensamente aos olhos, Reign não sabia por que, mas sim sabia que seu desespero era sincero. Fossem quais fossem seus motivos, necessitava que ele a acompanhasse a Escócia. E embora não confiava em sua esposa, não podia falhar. E não podia deixá-la ir sozinha e arriscar-se a perdê-la. Não, sendo a única mulher a que tinha amado de verdade ao longo de sua idosa existência.

—Ajudar-te-ei — disse, observando como o alívio suavizava suas feições—. Mas com uma condição.

Os olhos cor uísque de Olívia se cravaram nos dele, a esperança transformada em desconfiança.

—Qual?

—Se temos que nos comportar como marido e mulher em público, também quero que sejamos marido e mulher na intimidade.

Ela arqueou uma sobrancelha, mas manteve a compostura, e esse gesto teria aniquilado a auto-estima de qualquer homem que não fosse Reign.

—Quer que te traga os chinelos?

Estava se fazendo deliberadamente de tonta.

—Não. Quero te ter em minha cama.

Fez-se uma breve pausa, suficiente entretanto para que ele soubesse que tinha vencido.

—E enquanto eu estou em sua cama, onde estará?

Adorava o modo que Olívia o obrigava sempre a deixar as coisas claras. Teria sido uma advogada magnífica se as mulheres pudessem dedicar-se a isso. Estava acostumado a fazer um montão de perguntas quando faziam amor, e ele as respondia sem duvidar, contando tudo que queria saber com todo luxo de detalhes.

—Dentro de ti.

Fez um nó na garganta ao tragar saliva, mas Reign pôde cheirar a mudança que se estava produzindo no corpo dela. Não tinha nenhum escrúpulo em voltar a deitar-se com ele, absolutamente. Deus, que par faziam. Ambos eram uns doentes.

—Me ajudará a encontrar James em troca de utilizar meu corpo?

Dito desse modo, parecia um acerto muito frio, e estava longe da verdade. Reign morria por estar com ela, e se ela tinha intenção de voltar a abandoná-lo, ou trair de algum outro modo depois de ter obtido o que queria dele, então se conformaria com o que pudesse obter.

—Sim, sempre que queira e sem importar onde estejamos.

Olívia o pensou uns segundos, tratando de ver um modo de utilizar esse desejo a seu favor.

—E se disser que não, tomaria pela força?

Como podia dizer isso? Maldita fora. De verdade tinha tão má opinião dele?

—Me responda. —Jogou os ombros para trás, como se esperasse que ele a atacasse—. Se disser que não, parará?

Ao parecer sim, tinha muito má opinião dele. Pior do que Reign imaginou.

—É obvio. —O orgulho o obrigou a acrescentar—. Mas ambos

sabemos que não me dirá que não. —Isso era verdade tanto para ele como para ela. Por outra parte, Olívia não o temia. Era impossível que assim fora.

Ela entreceitou os olhos.

—Vejo que segue acreditando que sua destreza é única. Segue igual de arrogante.

Ele se encolheu de ombros, e se conteve de responder a essa punhalada perguntando se, naqueles anos, ela tinha melhorado.

—Aceita minhas condições?

Olívia o olhou com aqueles olhos da mesma cor que chá mas vazios de calor e calidez.

—Aceito.

Capítulo 3

Que Deus a ajudasse, tinha aceitado um jogo muito perigoso.

Olívia levou a taça aos lábios com dedos trêmulos. Reign estava olhando-a, igual um falcão observa uma serpente, com uma mescla de instinto predador e receio.

Não deveria ter ido a sua casa. Deveria havê-lo obrigado a ir a seu hotel, onde ela teria tido vantagem. Aquela habitação recordava muito a ele para poder pensar com clareza. A rica textura dos tecidos, suas cores escuras, faziam-no ressaltar ainda mais. Seu aroma impregnava o ar. Sua mera presença a envolvia, a fazia sentir como se estivesse em uma jaula, desesperada para escapar antes de perder o controle e confessar tudo.

—Aceitou muito rápido. —sentia-se culpado ou havia algo mais oculto nessas palavras? Acaso não estava satisfeito de haver-se saído com a sua?

Olívia o olhou nos olhos e se obrigou a manter o olhar. Quão único tinha que fazer era recordar o que tinha feito. Como se havia sentido.

—Tivesse preferido que me fizesse rogar um pouco mais?

Ele se encolheu de ombros como se não importasse.

—Acreditei que o faria.

—Do que teria servido? Quero que me ajude. E você em troca disso quer deitar comigo. Se houvesse dito que não, você teria negado a ajuda, e não posso me permitir esses luxos no que concerne à segurança de James.

A satisfação que Olívia sentiu ao ver o arrependimento que havia nos olhos do Reign durou pouco, pois ele respondeu:

—Não sei se é a mulher mais honorável que conheço, ou a mais manipuladora.

—Escolhe a alternativa que te pareça menos atraente. —Seria o mais seguro. Não precisava que complicassem ainda mais as coisas. Nenhum dos dois nunca levou o sexo com ligeireza. Ambos ligavam o ato a sentimentos, e sabiam que quando seus corpos se unissem, suas emoções também o fariam. Era uma loucura entrar nesse jogo e arriscar assim seus corações. Mas se Olívia conseguia manter certa distância emocional, talvez então conseguisse sobreviver a deitar-se com o Reign e poderia recuperar o que era como um filho para ela.

Sobrinho. James não era seu filho.

Reign riu, mas sem pinga de humor.

—Senti falta de sua sinceridade, Olívia.

—Eu de você não senti nada de menos.

A arrogância de sua voz o fez sorrir levemente.

—É uma mentirosa.

Aquilo se aproximava muito à verdade para sua tranquilidade, e a

expressão de satisfação do vampiro estava pondo os nervos a flor de pele. Levantou-se.

—Acredito que é hora de ir.

—Tão cedo? —A brincadeira se somou ao bom humor que impregnava seu tom de voz.

—Não o suficiente, temo-me.

Por um instante, Olívia pensou que talvez Reign trataria de a persuadir que ficasse, que se deitasse com ele, mas não o fez. Limitou-se a olhá-la com aqueles olhos tão pálidos e certos.

—Necessitarei duas noites para pôr meus assuntos em ordem.

—Tanto? —Não pôde evitar soar zangada. Acaso não tinha deixado claro o urgente da situação? Acaso não entendia que tinham que ir a Escócia?

—Inclusive mais, mas me conformarei com isso. Iremos na quarta-feira de noite. Chegaremos a Edimburgo na quinta-feira. Direi a meus amigos que estou indo, assim, quando chegarmos, os convites para as festas estarão nos esperando. Parece bem?

Olívia assentiu, incapaz de dizer nada diante das detalhadas explicações dele. Os seqüestradores não diriam nada até domingo, assim, por muito que quisesse chegar antes, de nada serviria. Por não mencionar que então teria que passar mais tempo com Reign. Enquanto isso, James estaria bem. Ao menos tinha que acreditar que era assim.

—Sim.

Olívia piscou e, de repente, Reign estava diante dela. Não o tinha visto, não o tinha ouvido mover-se, e isso fez recordar com clareza tão superiores eram seus poderes. Os humanos não eram dignos rivais para ela, mas aquele homem, aquele vampiro, era mais do que podia suportar. Olívia se esticou, preparando-se para receber um golpe.

As rugas da bronzeada face de Reign se fizeram mais profundas.

—Não vou te machucar, Liv.

Como se isso fosse uma garantia.

—Já me disse isso em outra ocasião.

A expressão dele se obscureceu, e seus olhos se transformaram. Não podia ser dor o que havia em seu olhar. Reign não sabia o que significava ter remorsos.

—Perdi o controle.

—Ah sim, diga-me isso. —Era muito difícil manter o olhar, mas Olívia o fez de todos os modos—. O perdeu comigo. —Voltou a recordar o acontecido, a ardência de suas presas ao penetrá-la. A dor. O medo.

—Você é a última pessoa do mundo a que queria machucar.

Parecia tão sincero que teve vontades de esbofeteá-lo. Como se atrevia a desculpar-se depois de tanto tempo? Se ele não tivesse querido machucar não o teria feito, e se o tivesse lamentado, teria ido procurá-la... embora ela tivesse tentado matá-lo.

—Lamento ouvi-lo, porque isso foi exatamente o que aconteceu. Não podemos retroceder ao passado, Reign. Por favor, não acredite que por ter vindo te pedir ajuda significa algo que não é.

—Não sou tão estúpido para acreditar em nada que te diz respeito — respondeu ele envergonhado—. Pedirei a meu chofer que te acompanhe ao hotel.

—Irei voando.

—Assim arrisca que vejam.

Mas desse modo ele não teria sua direção e não saberia onde encontrá-la.

—Irei com cuidado.

—Leve a carruagem. Não quero que ninguém te veja sair voando de minha casa.

—Desse modo saberá onde me encontrar.

—Também poderia te seguir pelo ar, Liv. Leva a carruagem.

Tinha razão, claro. E ela se ficou sem desculpas.

—De acordo. Mas conste que só o faço porque não quero seguir discutindo contigo.

—Que surpresa — balbuciou Reign—. Quarta-feira de noite. Vêem as seis em ponto.

—Ou o que? —perguntou com um sorriso—. Irá sem mim?

O olhar que lançou teria podido congelar uma casa em chamas. Olívia teria jurado que, no fundo das pupilas do Reign, havia gelo fumegante.

—Darei por nulo nosso acordo.

Dizia-o a sério. A frieza de suas palavras a congelou até os ossos.

—Aqui estarei. —Com esse último detalhe resolvido, já não tinha motivos para continuar ali—. Reign? —disse ao deter-se sob a porta, inclinando a cabeça para olhá-lo.

—O que?

De algum modo, conseguiu sorrir, apesar de que a culpabilidade que sentia atendia o estômago.

—Obrigado.

Estavam-na seguindo.

Olívia espionou com cuidado pela janela traseira da luxuosa carruagem do Reign, e com seu olhar felino esquadrinhou cada veículo, cada silhueta que se desenhava sob as turvas luzes da cidade. Aquela carruagem seguia-a desde o Belgrave Square? E aquele homem a cavalo? Era Reign ou sua imaginação estava pregando peças? Era impossível distinguir seu aroma entre os aromas da cidade de Londres. O beijo que tinha dado antes fazia que voltasse a estar impregnada de sua essência, igual a um caro perfume, confundindo seus sentidos e derretendo seu coração. Teria que banhar-se assim que chegasse ao hotel.

E esfregar-se bem forte. Talvez inclusive queimasse a roupa que

levava. Apertando os dentes, Olívia inspirou fundo. Não ia se pôr histérica só porque a essência daquele homem ameaçasse asfixiá-la.

Independente de que pudesse seguir cheirando-o, por que Reign ia segui-la se seu empregado diria sem nenhum problema aonde a tinha levado? Talvez seu marido acreditasse que era uma assassina e temia pela vida do chofer.

Ou possivelmente estava preocupado por ela.

Essa era uma idéia muito romântica, e tinha que tirá-la da cabeça o quanto antes. Reign não estava apaixonado por ela, assim como ela não estava por ele. Tinham acontecido muitas coisas entre os dois, a amargura de tantos anos sem ver-se era intransponível. Apesar do que Olívia pudesse seguir sentindo, ou pudesse voltar a sentir, nada podia trocar o fato de que não ia durar. Ia trai-lo, e se ficava algo entre os dois, morreria com essa traição.

Deu-se a volta de novo, apoiou a cabeça no encosto da poltrona de veludo e fechou os olhos. O que importava que alguém a seguisse? Não o fariam por muito tempo. E, a não ser que se tratasse de outro vampiro, ou de um pequeno exército, poucas coisas podiam feri-la.

Para falar a verdade, a força e a agilidade eram duas das vantagens de ser vampiro. Ela não tinha medo de caminhar sozinha pela rua de noite. Não temia nem às enfermidades nem aos assaltantes. Não a assustavam, ao menos fisicamente, nenhum homem nem as forças da natureza. Nunca mais nenhum vilão, nem sequer uma turma inteira, fariam que acelerasse o coração nem que apressasse o passo. Só um homem conseguia tal efeito, e este não era humano.

Como podia reagir assim diante dele depois de tudo o que Reign tinha arrebatado? Acaso o pouco tempo que tinham passado juntos tinha sido tão maravilhoso que seu corpo se negava a esquecê-lo? Acaso o prazer tinha sido superior à dor? Inclusive agora, a lembrança do momento em que tinha feito tanto dano, aparecia misturado com

imagens eróticas de seus corpos entrelaçados igual ao mar acariciando a areia.

Recordava a primeira noite que passaram juntos com a mesma claridade com que podia ver sua mão, possivelmente inclusive mais. A lembrança das carícias do Reign a fez ruborizar, e um calafrio percorreu as costas. Nunca havia sentido nada igual. Ao terminar, seu vampiro a segurou entre seus braços e confessou que ele tampouco.

—Patético. —Dizê-lo em voz alta o fazia inclusive mais real. A única coisa que sentia por Reign era atração sexual. E ponto. Levava muito tempo desejando um homem, e fazia muito que não desfrutava de nenhum. Seu marido sempre tinha parecido a viva imagem da masculinidade, assim tinha sentido que reagisse desse modo na sua presença.

De fato, dado que tinha aceitado deitar-se com ele quando chegassem a Escócia, não havia nenhum motivo pelo que não pudesse desfrutar disso. Era o mínimo que podia fazer em troca que a ajudasse a resgatar James, e se assim Reign estava mais manejável, pois muito melhor. Frequentemente, o sexo era a arma mais capitalista de uma mulher, além de seu intelecto.

E para que queriam ao Reign os seqüestradores? Não queria sabê-lo. Tinha que manter-se fria, impor distâncias. James era sua prioridade. Reign podia cuidar-se sozinho. O único que importava era recuperar seu pequeno.

Dores de cabeça. Isso era o que James tinha dado desde seu nascimento, pensou Olívia com um sorriso. Quantas vezes o tinha ido recolher na escola porque tinha feito alguma travessura? Ao parecer, tudo era culpa de sua voraz curiosidade. E era muito impulsivo. Quando aos doze anos descobriu o segredo de Olívia, decidiu sem mais que ele também queria ser vampiro. A essa idade, a eternidade parecia uma grande aventura, e que guri não queria ser mais forte e mais veloz que

todos os de sua idade? James nunca pensava as coisas uma segunda vez.

E por isso a tia Olívia sempre tinha que resgatá-lo. E por isso mesmo não tinha contado sobre a Escócia. James se acreditava muito maior, o suficiente como para não ter que pedir permissão, e por desgraça era verdade. Não o tinha contado porque sabia que, se passava algo, ela iria buscá-lo.

—OH, Jamie — sussurrou Olívia na escuridão da carruagem—. Em que confusão te colocou desta vez?

O carro se deteve frente a seu hotel e isso economizou as especulações. Olívia tinha optado por hospedar-se no renovado hotel Claridge por um montão de razões. Para começar, estava na rua Brook, o bairro de moda da cidade, e perto de todos os lugares que queria visitar. Sua fachada de tijolo avermelhado era muito agradável à vista e em seu interior contava com todas as comodidades da vida moderna, que incluíam eletricidade, elevadores e banho nas habitações.

A Olívia gostava de viajar rodeada de luxos... isso fazia que a viagem fosse muito mais agradável. Além disso, as cortinas das janelas eram enormes, e com o tecido de veludo negro que sempre levava a todas partes, evitavam que os perigosos raios do sol a fulminassem enquanto dormia.

E, o que era mais importante, o pessoal do Claridge respeitava a intimidade de suas hóspedes, e ninguém notaria se passasse todo o dia encerrada em sua habitação e não saísse até o anoitecer.

Um lacaio abriu a porta da carruagem. Olívia aceitou a mão que estendia e, durante uns segundos, olhou a sua redor em busca de alguém suspeito. Viu muita gente e ninguém de uma vez. Qualquer um podia ser seu inimigo, mas nenhum fazia que arrepiassem os cabelos da nuca.

O homem que ia a cavalo tinha desaparecido, mas a sensação de que a observava seguia ali. Olhou ao redor de novo, mas nem com sua aguda visão, que permitia penetrar a escuridão, distinguiu nada. Se Reign estava

ali, não ia permitir que o descobrisse de qualquer jeito.

Não se entretive e, depois de agradecer ao condutor, entrou no vestíbulo do hotel. Dentro havia uma pequena multidão, e o calor e o aroma que desprendia alagaram os sentidos. Isso só acontecia às vezes, quando estava despreparada. O aroma do sangue, o suave pulsar de todos aqueles corações juntos... a fez estremecer de prazer. Era como quando era pequena e cheirava o café da manhã domingo pela manhã, ou umas bolachas recém assadas.

Mas justo quando estava a ponto de mostrar as presas, algo muito desagradável captou sua atenção e passou a vontade de comer. Foi como entrar em uma confeitaria e cheirar de repente a pescado podre. Sentiu náuseas e procurou de onde provinha tal fedor, mas não o conseguiu. Ninguém parecia sujo, mas ela percebia como se o estivesse.

Seria o misterioso fantasma que a tinha seguido quem desprendia esse aroma tão desagradável? Não podia vê-lo, mas podia sentir sua presença. Ou talvez esse homem misterioso existia só em sua imaginação. Talvez entre aquele montão de gente rica havia alguém que seguia acreditando na estupidez de que banhar-se diariamente era perigoso e desnecessário.

O elevador se abriu e Olívia correu para seu interior, impaciente por fugir de todas aquelas percepções e suspeitas que punham os nervos a flor da pele. Um casal idoso a seguiu. Sorriram antes de retomar a conversação entre eles, em alemão, e o ascensorista fechou as portas. Este a olhou pela extremidade do olho. Era um jovem atrativo, de cabelo escuro e olhos claros. Recordou ao Reign, e o aroma de limpo que desprendia sua pele, junto com o interesse mais que evidente que parecia sentir por ela, fizeram água na boca. O jovem tinha sorte de que não estivessem sozinhos, senão Olívia teria cedido a seus instintos e o teria mordido ali mesmo. E ele o teria permitido. Todos o faziam.

Estava tremendo quando chegaram ao seu andar. Depois de tantos

anos de vida tranqüila na costa, Londres era muito para ela. A cidade tinha a culpa de que estivesse tão nervosa e alterada. Sim, tinha que ser isso.

Percorreu o elegante e bem iluminado corredor. O tapete macio amorteceu o repico de seus saltos enquanto fugia de uma ameaça invisível, real ou imaginária.

Logo que entrou em sua habitação se relaxou um pouco. O aroma de limão e lençóis limpos a tranqüilizou. Ali não chegavam os ruídos do exterior, nem havia ninguém observando-a. Tampouco nenhum jovem tentando-a. Nenhum vampiro de pálidos olhos cinzas que pudesse pôr os nervos a flor de pele.

Apoiou as costas contra a porta e respirou fundo várias vezes. Normalmente, era muito mais valente. Tinha que recuperar a calma. Não podia esconder-se em um quarto de hotel. Não o faria.

Ficou ali quieta o tempo necessário para recuperar a compostura e logo jogou água no rosto. Depois, aproximou-se do balcão e o abriu para permitir que a noite entrasse em sua habitação.

A janela estava na parte traseira do hotel, no sexto andar. Tinha um corrimão de ferro forjado e apenas se podia dar um passo nele. Mas a Olívia bastava. Assegurou-se de que não houvesse ninguém por ali, de que ninguém estivesse olhando para cima; fechou a porta a suas costas e se elevou para o céu.

Veria se agora se atreviam a segui-la.

Devido ao impulso, perdeu as forquilhas do cabelo e encheram os olhos de lágrimas, mas manteve aquela velocidade trepidante. Essa noite só havia um lugar no que encontraria a paz, e estava decidida a ir ali.

Os degraus do St. Martin-in-the-Fields apareceram na distância. Com os braços pegos ao corpo, e a saia enredada nos tornozelos, Olívia voou para ali igual a um seixo salta pelo rio depois de que um menino o lance.

Aterrisou justo detrás da igreja e saiu das sombras tratando de

arrumar o cabelo.

À medida que se aproximava do enorme edifício, foi se sentindo insignificante. As magníficas colunas gregas do pórtico seguravam o peso de uma cúpula, cuja alargada sombra devorava a noite. Se essa cúpula tivesse estado em qualquer outra construção, em qualquer outro lugar, talvez tivesse parecido sinistra, maldita inclusive, mas ali só oferecia paz.

Abriu a porta com facilidade, igual à noite anterior, em que também tinha ido para pensar. Muitas igrejas fechavam suas portas de noite, e a surpreendeu que aquela não o fizesse. No dia anterior, sendo domingo, não tinha perdido muito.

Muita gente tinha trocado a religião pela ciência e todas suas novas teorias. Olívia não, embora tampouco era das que ridicularizavam ao Darwin ou outros cientistas. Ela simplesmente acreditava que ambas, religião e ciência, tinham razão. Estava convencida de que os humanos e os animais tinham evoluído, mas também sabia que, quando atravessava um mau momento, não rezava a Royal Society para que desse forças e ânimo para seguir adiante.

Dentro da igreja se sentia bem, e a luz das velas iluminava seu interior quando Olívia fechou a porta atrás dela e entrou no templo sem dar-se conta. Nesse instante, nesse preciso momento, entendeu o significado da palavra «santuário». Seus saltos ressoavam no vazio a cada passo que dava para o altar, e com cada um deles, sua alma se sentia mais e mais ligeira.

—Boa noite.

Para sua contrariedade, não tinha a sorte de estar sozinha, mas ao menos não se pôs em ridículo soltando um grito. Olívia se deteve onde estava, tratando de juntar a coragem necessária para olhar ao sacerdote. Não era o mesmo do dia anterior. Este era mais jovem, e parecia mais preparado. Descobriria sua natureza vampírica? Desde o começo a tinha surpreso que os homens de Deus não reconhecessem a um demônio

quando o tinham a frente. Embora isso fosse o de menos.

E aquele não era distinto. Sorriu como a uma mulher normal, como se não tivesse nada fora do comum. Em seu interior, Olivia suspirou aliviada, quando devolveu o sorriso.

—Boa noite. Incomoda que me sente um momento?

Sua petição pareceu surpreendê-lo.

—É obvio que não, senhora. —atreveu-se inclusive a assinalar o segundo banco do púlpito—. Por favor.

Ela tomou assento na madeira recém polida e esperou que o sacerdote saísse para abrir sua alma. Não sabia se rezar ajudaria em nada ao James. Não sabia se fazê-lo servia para algo, ou se Deus Todo-poderoso ainda escutava suas preces. Mas estar na casa do Senhor e pedir que a ajudasse e desse forças a fazia sentir melhor. Ali, só com seus pensamentos, a paz e a tranqüilidade que emanava da igreja deu ânimos e começou a ver tudo muito mais claro.

Estava fazendo o correto. Reign não a teria ajudado se soubesse que ele era o que os seqüestradores pediam em troca de liberar James. Ninguém em seu são julgamento faria tal sacrifício, a não ser que fosse um santo, e seu marido distava muito de sê-lo, mais que qualquer outro homem.

Não, Olívia assumiria as conseqüências de havê-lo traído quando tivesse que fazê-lo. No momento, sua única preocupação era James e conseguir que este voltasse a estar a salvo. Mas apesar de tudo, desejou com todas suas forças que houvesse algum outro modo de conseguir sua liberdade. Um que não envolvesse seu marido.

Deu-se conta de que, do livro de preces que havia no caixinha à sua frente, sobressaía um papel mal dobrado, e isso a tirou de seu devaneio uma vez que seus pensamentos se foram aguçando cada vez mais.

Não pôde resistir a curiosidade e pegou a folha, desdobrando-a enquanto ouvia a porta da igreja se abrir e fechar as suas costas. «Outro

pecador noturno», pensou com um sorriso.

Mas seu bom humor se esfumou de repente. Ao ler a nota o sorriso gelou nos lábios. Escrito em uma caligrafia furiosa, pôde ler:

Não perca o tempo, senhora Gavin. A vida de James depende de você.

Aterrorizada, ficou de pé.

O sacerdote. Era quem tinha indicado que se sentasse naquele banco específico.

Apertou a mandíbula e fechou o punho ao redor do papel. Estavam-na seguindo. Sabia. E o sacerdote era um deles, ou ao menos os tinha ajudado. Ia matar a alguém.

—Olívia.

Ao ouvir essa voz ficou sem fôlego. Reign. A ajudaria. Ele podia segurar aquele falso clérigo enquanto arrancava os braços.

—Viu um homem? —perguntou em voz baixa, dando a volta—. Um menino jovem de cabelo avermelhado e vestido com batina?

Reign ficou olhando-a, surpreso ao ver aquela ânsia assassina em seus olhos.

—Não.

—Talvez ainda esteja por aqui. —Voltou a cabeça para ambos os lados, tratando de distinguir os ruídos que se ouviam na igreja. No piso abaixo havia ratos. No de acima morcegos. Havia uma torneira mal fechada?

—Ouve isso? —perguntou Reign.

Olívia levantou uma mão para fazê-lo calar. E logo escutou; sim, ouvia o fraco pulsado de um coração humano.

Deu-se meia volta à velocidade do raio e correu para o som. Vinha detrás do púlpito. Seguro que o muito covarde estava ali escondido,

rezando para que ela fizesse caso da ameaça e se fosse da igreja em seguida. Reign se pegou a suas costas, e alcançou a parte frontal do altar em menos de uma fração de segundo.

Mas não foi ao jovem sacerdote que encontraram, e sim o pai Abberley, o velho pároco que tinha sido tão amável com Olívia na noite anterior. E não estava escondendo-se assustado, mas encolhido no chão, em meio a um atoleiro de sangue.

Capítulo 4

—Crê que ficará bem? —perguntou Olívia quando os dois entravam em sua habitação através do balcão.

Reign se encolheu de ombros e se tirou o casaco.

—Espero. O doutor parecia acreditar.

Um doutor meio aturdido por haver tomado mais da metade de uma garrafinha de láudano ou outra droga igual de poderosa. Ao Reign não surpreenderia o mínimo que o velho sacerdote não visse amanhecer outro dia, o que estava a ponto de acontecer.

—Às vezes, os doutores mentem. —Olívia fechou as janelas de repente. Nunca tinha sido tonta—. Talvez nos mentiu. Havia muito sangue.

Sentia-se culpada. Por isso se preocupava tanto pelo homem.

—Deram um bom golpe na cabeça, Liv. Essas feridas sempre sangram muito. —Reign não acrescentou que a ferida em questão tinha muito má aparência. Ao longo de seu violento passado, havia visto muitas feridas e sabia que, fora quem fosse o assaltante do pároco, não importava o

mínimo que o homem vivesse ou morresse. De fato, estava convencido de que tinham tratado de matá-lo, e isso sim preocupava muito—. Vai me contar o que aconteceu? —Por muito alterada que Olívia estivesse, ou parecesse estar, o que mais inquietava ao Reign era averiguar que papel tinha desempenhado ela no assalto àquele pobre ancião.

Sua esposa conhecia o homem, tinha-o chamado por seu nome. Graças a Deus, Reign a tinha seguido, do contrário, seguro que teria tratado de levar ao ferido ela mesma ao hospital, e isso sim teria chamado a atenção; uma mulher levando a um homem de avançada idade nos braços como se fosse um bebê.

Olívia se voltou para ele.

—Você me seguia, não? O homem que ia a cavalo.

Ele assentiu. Não tinha sentido negá-lo, e não ia desculpar-se por isso. Teria que ser idiota para não segui-la. Somente incomodava não havê-lo feito bem e que ela se deu conta. Olívia estava tramando algo, algo que requeria sua intervenção, e ele não tinha sobrevivido mais de seis séculos sem aprender que averiguar o máximo possível sobre os inimigos era vital.

E tanto gostasse ou não, agora Olívia era sua inimiga. Até que retornasse a sua cama, a sua vida, até que pudesse confiar de novo nela, caso pudesse chegar a fazê-lo, não a trataria de nenhum outro modo. Pelo que sabia, ela bem podia estar planejando seu assassinato, e dessa vez poderia ter mais êxito que trinta anos atrás.

Reign não a culpava por odiá-lo. Maldição, sabia que o merecia. Mas não ia fazê-lo tão fácil. E no que se referia a ajudá-la... bom, isso era complicado. O devia, era uma espécie de penitência, ou isso se repetia a si mesmo cada vez que voltava a questionar-se por que tinha aceitado fazê-lo. Essa desculpa era muito melhor que acreditar que sua esposa seguia tendo tanto poder sobre ele.

Não ia seguir pensando nisso.

—Como sabiam os seqüestradores que ia ao St. Martin?

—Fui ontem à noite — respondeu ela massageando as têmporas com os dedos enquanto passeava pelo tapete—. Por isso conhecia pai Abberley. Esta noite, ao entrar, vi a outro sacerdote. Embora não acredito que o fosse de verdade.

—Por que não?

Deixou de passear.

—Porque me há dito onde devia me sentar, e encontrei este papel no livro de preces.

Reign agarrou a enrugada nota, agora manchada de sangue, e a leu. As dúvidas que tinha a respeito da seriedade do assunto se evaporaram imediatamente. Com a mandíbula apertada, devolveu o papel.

—Encontrá-lo-emos, Liv.

Uma mescla de confusão, alívio e preocupação atravessou o rosto da Olívia.

—Por que está me ajudando?

Depois do muito que se esforçou para convencê-lo, Reign se surpreendeu com a pergunta.

—Preferiria que não o fizesse?

A Olívia parecia incomodar que a ajudasse, inclusive quando tinha sido ela mesma quem o tinha pedido.

—Só quero saber por que ajudaria à mulher que tentou te matar.

—É minha esposa. Sempre estarei a seu lado. — Com essas palavras revelou muito mais do que pretendia, mas ela não pareceu convencida.

Viu-a apartar o olhar. Sentir-se-ia culpada, talvez? O melhor modo de descobrir era jogando com suas emoções. Seduzir seu corpo, sua mente, derrubar suas defesas, debilitar suas convicções. Só o que tinha que fazer Reign era conseguir que Olívia voltasse a sentir algo por ele, que acreditasse que ainda a amava, que se arrependia de tudo o que tinha acontecido. Convencê-la que seus remorsos eram sinceros não ia ser

difícil, porque o eram, mas o amor? Não, não ia ser tão tonto para voltar a apaixonar-se por ela. Amar Olívia o tinha feito cometer loucuras, e desse modo voltaria a pôr sua vida nas mãos de sua esposa.

—Obrigado — murmurou ela.

—Hum, com esta já são duas vezes que me agradeceu esta noite. Satanás terá que ir comprar uns esquis. Né, isso foi um sorriso?

A curva que tinham esboçado os lábios da Olívia desapareceu em seguida, mas a faísca de seus olhos se manteve. E, nesse instante, Reign se deu conta de que não queria manipulá-la, e que queria protegê-la de verdade.

—Que não te suba à cabeça.

—Tenho que confessar — disse ele, levantando o lábio superior—, que não era assim que tinha imaginado celebrar nosso trigésimo aniversário.

—Estivemos mais tempo separados que juntos —disse Olívia, como se acabasse de dar-se conta.

Reign deixou de sorrir, e perdeu todo o bom humor que tinha mantido até então.

—Isso é muito triste, não parece?

—Sim — assentiu Olívia. E Reign viu aterrorizado como ela rompia a chorar, mas não eram lágrimas para ele, nem sequer por seu matrimônio—. Ainda não completou os vinte anos, Reign. James é só um menino, e esses homens... — Vê-la tão abatida fez muito mais dano que a adaga que tinha afundado no peito anos atrás.

Aproximou-se dela, e duvidou uns instantes antes de abraçá-la. Talvez acreditasse que era um tonto. Podia ser que o odiasse e estivesse utilizando-o, mas aquelas lágrimas eram reais.

Só a tinha visto chorar uma vez, e foi a noite em que ele... a traiu. Essa noite acreditou que o mundo ia chegar a seu fim. Olívia não era uma mulher que chorasse com facilidade, e quase nunca sentia lástima de si

mesmo. Reservava suas lágrimas para momentos em que de verdade se sentisse sozinha e desamparada.

Reign pensou que isso podia ser útil. Esse pensamento saiu da pequena parte de sua alma que seguia sem confiar nela e que queria jogar com vantagem. Se perguntava algo naquele momento, diria a verdade? Poderia levá-la à cama, tombá-la no colchão, e sentir seu corpo contra o seu outra vez? Olívia levava anos atormentando-o em sonhos, e ele tinha fantasiado milhares de vezes sobre seu reencontro. Em alguns sonhos suplicava que a perdoasse. Em outro era ele quem a procurava e a seduzia até convencê-la que retornasse a seu lado. E, às vezes, simplesmente sonhava como seriam as coisas se Olívia jamais se fosse. O que se mantinha inalterável em todas essas fantasias era que ela sempre o desejava tanto quanto a desejava ele.

Olívia deixou que a abraçasse durante uns minutos, enquanto se secava as lágrimas. Umas lágrimas que não tiveram nem tempo de deslizar-se por suas bochechas antes que ela as apartasse furiosa. Logo empurrou também ao Reign, sem muita força, mas deixando claro que não queria que a consolasse.

Ou talvez o queria muito. Não importava. Essa noite era certo que Reign não ia deitar se com ela, e o amanhecer não demoraria a abater-se sobre suas cabeças.

—Sabiam que iria à igreja. Estão-me espiando — assinalou Olívia, pondo algo de distancia entre os dois—. E eu não me inteirei. Como é possível?

Reign se manteve em silêncio. Não fazia falta que respondesse. Era possível porque, ao igual a muitas outras criaturas com poderes, ela tinha cometido o engano de acreditar-se superior a outros. Não era que não tivesse respeito pelos humanos, mas acreditava possuir maior inteligência. E agora se dava conta do quanto estava equivocada.

—O fato de que estejam espiando quer dizer que não confiam em

que irá cumprir suas ordens. —Também significava que sabiam quem era ele, embora talvez não soubessem ainda o que era. Mas Reign faria bem em estar atento. Limpou-se uma mancha de sangue seca que tinha na mão. Era do sacerdote. Não havia maneira de tirá-la e isso começava a pô-lo furioso. Ao final, optou por lambê-la—. Pode nos ser útil.

—Como? —Ao ver o que estava fazendo, fulminou-o com o olhar—. Como pode nos ser útil para salvar James que me estejam espiando?

Reign se esfregou a mão nas calças. Era incrível que não estivesse todo coberto de sangue, o atoleiro era enorme.

—Quando a gente não pode predizer as reações de seu inimigo, é sinal de que o teme. Os seqüestradores temem, Olívia.

Ela se burlou do comentário.

—Mas bem sabem que farei tudo que precise para liberar James.

—Sabem que é capaz de tudo para liberar o James. E isso é o que lhes dá medo. —E também deveria dar a ele, mas fazia anos que tinha deixado de importar seu bem-estar. Uns trinta, mais ou menos.

Olívia assentiu, sem acreditar e Reign soube que não serviria de nada tratar de convencê-la. Ela preferiria cortar o pescoço antes de admitir que ele tivesse razão.

—Logo amanhecerá — recordou, apesar de que não precisar—. Deveria ir.

Reign se rio, uma risada curta e áspera.

—Não finja preocupar-se por mim, Liv. Diga-me somente que vá.

A sombra de um sorriso apareceu nos lábios de sua esposa. A via triste e cansada, mas o pior era que também a via resignada.

—Vá.

—Essa é minha menina. —Ele seguiu sorrindo incluso quando Olívia deixou de fazê-lo. Mas não o contradisse. Provavelmente sabia que não conseguiria fazê-lo trocar de opinião a respeito dela—. Virei te buscar amanhã de noite. Podemos sair a caçar juntos. —Só era uma desculpa

para estar a seu lado, e assim também poder vigiá-la.

—Caçar? —Levantou uma sobrancelha—. É que agora os humanos são suas presas?

Ele se encaminhou para a porta da habitação, ainda não estava preparado para ir-se.

—Sempre o foram, carinho, e sempre o serão. Por isso sempre me alimento de desconhecidos.

Ela mudou de expressão.

—Não sempre.

Se não fosse pela dor que sabia se esconder atrás da tormenta que viu desatar-se nos olhos de Olívia, Reign teria sorrido. Adorava fazê-la zangar.

—Toda regra tem sua exceção.

—E é isso o que fui? —Pôs os braços na cintura, o gesto universal da indignação feminina—. Uma exceção?

—Você é minha esposa — recordou ele, permitindo-se sorrir de novo antes de abrir a porta—. Contigo não valem as regras.

«Adulador, mentiroso, bastardo.»

A única coisa que Olívia nunca tinha gostado em Reign, e que por desgraça era na verdade «a única», era o muito que gostava fazê-la zangar, provocá-la até fazer perder as estribeiras. Dizia que apenas a provocava. Ela respondia que era um grosso, mas isso nunca o tinha detido. Levava ao Reign sob a pele, e trinta anos não tinham conseguido mudar isso.

Ele só gastava brincadeiras com gente que gostava. Com as pessoas às que amava. Que seguisse fazendo-o com ela a enfurecia muito mais que o feito em si mesmo. Por que não a odiava? Olívia tinha achado muito fácil fazê-lo. Ou ao menos isso tinha acreditado antes, pois começava a

sentir-se culpada por arrastá-lo para a armadilha que o esperava na Escócia.

Reign sobreviveria. Sempre o fazia. Se ela, uma vampira em pleno ataque de fúria, não tinha podido matá-lo, que possibilidades tinham de consegui-lo uns meros humanos? James, por sua parte, não era tão forte. Seu sobrinho e seu bem-estar eram só o que importava, muito mais que Olívia, ou Reign. Eles dois já tinham vivido sua vida. Diabos, ele tinha vivido ao menos uma dúzia de vidas. James se merecia a oportunidade de viver ao menos uma. Olívia fazia tudo que podia para garantir ao menino uma existência plena. Não fosse por sua incapacidade de viajar durante o dia, Rosemary não teria morrido, e James não estaria seqüestrado esperando que o liberassem em troca do homem responsável por tudo.

Era injusto culpar ao Reign? Provavelmente. Sentia-se melhor ao fazê-lo? Nem um pouquinho.

Fazia vinte minutos que ele se foi, e o amanhecer seguia oculto no horizonte. Tinha ainda tempo de sair e alimentar-se, caçar, como dizia Reign.

Acrescentou «calculador» à lista de virtudes de seu marido. Mas mesmo assim, tinha que reconhecer que ela fazia o mesmo. Saiu do hotel com o máximo sigilo, procurando que ninguém a visse. Não era nada habitual que uma mulher saísse a essas horas, com o cabelo solto e o vestido manchado de sangue, mas aonde ia ninguém se importaria. Ou, melhor dizendo, à pessoa que escolhesse é certo que não importaria.

A rua St. James estava a menos de quinhentos metros do Claridge. Agarrou a saia e baixou do alto do edifício ao beco escuro, disposta a alcançar seu objetivo em questão de minutos. Reign tinha razão a respeito de voar, era muito arriscado, e por outra parte, correr era muito mais fácil.

Instalou-se no telhado de um dos edifícios, não sabia se era a sede do White's ou do Boodle's, ou de algum outro reduto da masculinidade, mas

três jovens bêbados estavam na frente da porta. Dois subiram a uma carruagem e o terceiro continuou andando, disposto a seguir com a farra.

Sigilosa como um gato, Olívia saltou do telhado e se escondeu entre as sombras. Segundos mais tarde, apareceu o menino. Teria uns vinte e quatro anos, de cabelo escuro e um rosto anguloso que seria mais atrativo ao alcançar a maturidade. Isso podia ignorá-lo. O que a atraía era sua atitude. Tinha essa aura que faz que uma pessoa não passe despercebida; uma força que resulta irresistível. Era um jovem seguro de si mesmo, possivelmente inclusive arrogante. Sim, serviria.

Se aproximou e ele ficou olhando-a. Tinha os olhos de uma cor verde clara, cujas pupilas se dilataram ao vê-la. Ao fim e ao cabo, estava na rua St. James, e ali as mulheres não eram especialmente bem-vindas.

—Perdeu-se, madame? —perguntou. OH, sim, serviria. Tinha uma voz grave, não tanto como gostava a Olívia, mas igual de sedutora.

—Não — respondeu ela, alisando uma mão pelo braço. Pôde sentir o músculo que havia debaixo do tecido do casaco—. E já encontrei o que estava procurando.

Não estava bem acozá-lo desse modo, jogar com ele. Mas nesse momento não o via como a um ser humano; só como algo capaz de saciar sua fome e sua fúria. Estava caçando e, como sempre, sentia-se culpada por procurar um homem que se ajustasse a todos seus requisitos.

—Vêem aqui — murmurou, e puxou o jovem ao mesmo tempo. Como estava bêbado, caiu em seus braços e Olívia o embalou como um menino—. Fecha os olhos.

Ele o fez com um sorriso.

—Vai violar-me?

—Algo assim — respondeu junto a sua mandíbula sem barbear.

O jovem gemeu excitado quando ela o lambeu.

A fome, junto com seus instintos predadores, saiu à superfície e a Olívia alargaram as presas e fez água na boca.

Ele a rodeou com os braços, e quando ela o mordeu os apertou com força. Estava muito excitado e era muito jovem, podia sentir o pulso do corpo do moço vibrar junto ao seu. Tinha sabor de juventude e uísque, e Olívia bebeu dele até sentir a doçura de seu sangue correndo pelas veias.

Enquanto o fazia fechou os olhos, dando obrigado que fosse um desconhecido, e poder fingir que era outro homem que estava mordendo.

Fingiu que era seu marido.

Reign era, por natureza, um homem precavido. E essa cautela era o que o tinha levado a escrever uma nota ao Saint. A noite anterior, a tinha entregue a um tipo que estava acostumado a fazer entendimentos com o vampiro. Ezequiel averiguaria onde estava seu companheiro muito antes que Reign pudesse fazê-lo. Não se viam muito freqüentemente, não porque não quisessem, mas depois de seis séculos de amizade, não precisavam.

Entre a nota, deixou uns quantos bilhetes, o pagamento de uma aposta que ele e Saint fizeram tempo atrás. Este último havia dito que Olívia retornaria algum dia, algo que Reign considerava completamente impossível. Depois de um apertão de mãos, Reign chegou à conclusão que nunca mais voltariam a falar do tema, e não acreditou que nenhum dos dois pudesse ganhar nenhum dinheiro com essa brincadeira.

Agora, Saint riria as suas custas, disso estava seguro, mas ao menos saberia por onde começar a procurar se Reign não retornasse com vida da Escócia.

De verdade acreditava que Olívia era capaz de matá-lo? A pergunta apareceu de repente em sua mente enquanto percorria o mármore de seu vestibulo, com o som de seus passos como única companhia. Tinha terminado já os preparativos, e agora somente tinha que esperar que ela aparecesse.

A resposta era não. Ele não acreditava que Olívia fosse capaz de matá-lo. Não o tinha feito há trinta anos, e não poderia fazê-lo agora. Mas não estava tão seguro de que não pudesse entregá-lo a outro para que o fizesse. Não queria pensar que fosse capaz disso, mas Reign tinha feito muitíssimo mal, e era possível que ela seguisse odiando-o o bastante para jogá-lo aos leões.

Isso era um motivo mais para mantê-la estreitamente vigiada e utilizar todas as armas que tivesse a seu alcance para desvelar os segredos de sua esposa. Depois do que tinha feito, era sua obrigação ajudá-la a recuperar seu sobrinho, mas confiar nela? Não, isso não. Sua confiança teria que ser ganha.

O fato que tivesse concordado em deitar-se com ele demonstrava que não devia confiar. Nenhuma mulher se entregaria a um homem ao que odiava se não acreditasse que podia ganhar algo em troca. Mas como diabos podia ajudá-la a recuperar James o fato de deitar-se com ele?

A não ser, claro, que acreditasse que com sua astúcia de mulher conseguiria idiotizá-lo para que fizesse o que ela quisesse.

«Astúcia de mulher.» seguia-se utilizando essa expressão? Frequentemente custava manter-se em dia com as mudanças idiomáticas.

E se Olívia tinha esse propósito, por que se tinha negado a que fossem caçar juntos na noite anterior? Possivelmente a idéia de alimentar-se diante dele incomodasse, ou talvez, simplesmente, não gostasse de sua companhia. Não entendia nada. Nem que tivesse devotado seu sangue... Esse ato era mais íntimo que o sexo, e Reign sabia que ela não concordaria em compartilhá-lo com ele.

A não ser, claro está, que pudesse obter algo em troca.

Fora qual fosse a verdade, tratar de entender a Olívia não serviria de nada até que tivesse mais informação a respeito de como tinha vivido aqueles últimos trinta anos. No princípio, tinha tratado de manter-se informado, mas ela insistia em romper os ossos dos detetives que Reign

contratava. Ao final, seu orgulho, e a pena que sentia por aqueles pobres homens, obrigou-o a dar-se por vencido.

—O que tem descoberto? —perguntou, ao abrir a porta de seu escritório.

Clarke estava ali, sentado na cadeira que havia em frente a sua mesa, tal como Reign imaginou. Também havia uma garrafa de brandy e duas taças. Clarke o conhecia muito bem.

—Muitas coisas — respondeu o homem antes de servir a bebida—. Mas não estou seguro que sejam de muita utilidade.

—Se me derem um pouco de luz no que se refere a minha esposa, seguro que serão.

Clarke esboçou um sorriso, fazendo que marcassem mais as rugas que tinha tanto na comissura dos lábios como nos olhos.

—Isso dizem todos os maridos abandonados.

Reign arqueou ambas as sobrancelhas.

—Fala como um solteirão contumaz.

—E espero sê-lo toda a vida, dado que homens como eu não podem casar. Diabos, depois do escândalo do Wilde, tenho medo até de me aproximar de um homem, já não falo de ter uma relação.

—Wilde terminou mal não porque gostasse dos homens, mas sim porque se apaixonou por quem não devia. Queensberry tomou como ofensa pessoal, e por isso ao Wilde aconteceu tudo o que passou.

—Assim enquanto não me apaixone pelo filho de um marquês, não terei problemas, é isso?

—Exatamente.

Ambos riram e esse foi o ponto final da conversa. Reign entendia perfeitamente que ao Clarke parecesse que o mundo tratava injustamente aos de sua classe, mas custava assimilar seus gostos. Ele podia entender que um vampiro não pudesse sair à luz do sol, mas que um homem se deitasse com outro homem? Isso escapava por completo. Quem quereria

deitar-se com um homem existindo as mulheres de corpos suaves, delicados e voluptuosos?

Reign foi até o lado oposto do escritório e se sentou em sua amaciada cadeira, desfrutando da comodidade que esta oferecia. Acendeu um havana sem oferecer ao Clarke; seu valete não fumava, logo bebeu um gole enquanto apoiava um tornozelo em cima do outro.

—Já está instalado? —perguntou Clarke com um sorriso. Achava muita graça que Reign precisasse ter tudo controlado antes de começar uma reunião. Para este era todo um ritual manter ao menos a fachada de sua humanidade. Seguro que Clarke não acharia nenhuma graça se essa fachada algum dia se desvanecesse.

—Estou bem — respondeu Reign—. O que tem descoberto?

Clarke se pôs os óculos e abriu um pequeno caderno.

—É verdade que se converteu na tutora legal de seu sobrinho James Andrew Winscott Burnley quando a mãe do menino, Rosemary, morreu em um acidente.

Isso Reign já sabia.

—E o que me diz do pai?

Clarke sacudiu sua cabeça cheia de cinza.

—Não encontrei nada sobre ele. Poderia olhar o certidão de nascimento do garoto, e ver se ali aparece.

—Fá-lo. — Se o pai seguia com vida, talvez estivesse envolto de algum modo no seqüestro de James. Em especial se o homem queria vingar-se da mulher que tinha arrebatado seu próprio filho. Reign poderia passar horas especulando e seguiria sem saber a verdade—. Que mais?

—O jovem Burnley foi um bom estudante, mas foi expulso umas quantas vezes da escola por mau comportamento.

Seguro que Olívia já o tinha exortado por isso.

—E o que sabemos de seus amigos e companheiros de classe?

—Na escola era muito popular, e durante o último ano esteve saindo

com um grupo de moços pertencentes à alta sociedade. —Clarke consultou os papéis que tinha diante—. Os senhores Blinchley, Haversham e Dashbrooke. Acredito que você conhece senhor Dashbrooke pai.

Reign assentiu.

—Um tipo corpulento. Calvo. Que tratou de me convencer de que investisse em uma expedição para encontrar ouro nas Américas?

Clarke se riu, e Reign se calou. Havia dito algo gracioso? Maldição, acaso ninguém utilizava já a palavra «as Américas»?

—Sim — respondeu Clarke—. O mesmo.

—Algo que destacar sobre esses meninos ou seus pais?

—Nada. Exceto que são ricos, poderosos e têm muita sorte.

—Sorte? —Interessante—. Em que sentido?

O outro se encolheu de ombros.

—Cavalos. Favores políticos. Negócios. Ou são muito ardilosos ou são extremamente afortunados.

—Ou têm muitos amigos dispostos a ajudá-los. Crê que James pode ter incomodado a algum desses tipos? E o que me diz de Olívia?

Voltou a olhar o caderno.

—Esteja onde esteja, leva sempre uma vida muito discreta. Estes últimos anos viveu no sul, no Clovelly.

Reign fechou os olhos e respirou fundo. Clovelly. Sim, deveria haver imaginado. Abriu os olhos e viu que Clarke o estava olhando.

—Conhece o lugar? —perguntou o homem.

—Sim. —Olívia e ele tinham alugado uma casa ali durante um tempo. Um pequeno lugar secreto onde podiam refugiar-se sem ter que preocupar-se com os falatórios da cidade. encantava a costa, o aroma e o som do oceano. De noite, saíam a nadar nus e faziam amor na praia, com as ondas a seu redor. Tolices que ao Clarke não incumbiam. Tolices que Reign não queria lembrar em voz alta—. Que mais?

—Bom, como imaginará, não pude ir até ali para falar com ninguém,

mas meus contatos tampouco têm descoberto nada. O único que me chamou a atenção é que os jovens do Clovelly têm uma estranha tendência a desaparecer.

Maldição. Reign arqueou uma sobrancelha.

—Desaparecimentos do tipo «um jovem morreu e não encontramos o cadáver», ou do tipo «carinho, acredito que não sei onde está Harold»?

Clarke riu.

—Do tipo «me despertei em um lugar estranho e não recordo como cheguei até aqui».

—Acredita que é Olívia?

—Sim.

—E só se alimenta de meninos jovens? — Eram ciúmes isso que tinha sua voz?

Clarke parecia sentir-se muito satisfeito consigo mesmo. Muito para ser um humano.

—Perguntei se os jovens tinham algo em comum. Ao parecer a maioria são corpulentos, de cabelo negro ou castanho escuro, e olhos cinzas ou verdes. Se Olívia for quem os mordeu, atrever-me-ia a dizer que fantasia contigo quando o faz.

Reign apartou o olhar, doía tanto o coração que não podia nem pensar. Nem querendo poderia explicar o que estava sentindo. O intercâmbio de sangue entre dois amantes era um ato muito íntimo. Ele e Olívia jamais tinham tido a oportunidade de compartilhar tal experiência. Reign conhecia o sabor de sua pele e a tinha mordido, mas ela a ele não. Tinha sonhado tantas vezes com aquilo... Sentir as presas da Olívia afundando-se em sua pele, em vez de limitar-se a beber o sangue que Reign oferecia.

Lembrou-se de quando, no salão da senhora Willet, beijaram-se pela primeira vez após três décadas e lambeu o sangue da comissura dos lábios. Nesse instante, desejou-a mais do que a tinha desejado jamais. Ela

também a ele. Claro que o sexo jamais tinha sido um problema entre eles. E era o sexo o que tinha levado ao amor.

Era apenas o desejo de vingar-se do Reign que motivava Olívia a escolher a suas vítimas? Ou havia algo mais? E se ela mantinha sua palavra e se deitava com ele, tinha alguma possibilidade de reconquistar de novo o coração de sua esposa? Queria fazê-lo?

—Ah, informaram-me do hospital — prosseguiu seu amigo com semblante sério—, que o sacerdote, o pai Abberley, morreu.

—Morto? —Deus, como ia dizer a Olívia?—. Isso é tudo?

Clarke o olhava fixamente, sem deixar trair nada do que pensava.

—Por agora. Quer que siga investigando quando partir?

—Sim. Faz todo o necessário para averiguar o resto. E faz rápido. Quero saber o que enfrento.

Suas palavras não poderiam ter sido mais oportunas, pois nesse preciso instante, bateram na porta e a governanta os informou que a senhora Gavin tinha chegado.

—Chegaremos à casa de Edimburgo antes do amanhecer — disse Reign ao levantar-se da cadeira, embora não precisasse. Clarke estava a par de seus horários, pois ele mesmo os tinha organizado—. Já sabe como contatar comigo.

O outro também ficou em pé.

—Irá com cuidado, não é?

Ele fez uma careta zombadora.

—É obvio.

—Não, digo-o a sério. —Fazia muito tempo que Reign não via seu amigo insistir tanto em algo—. Prometa-me que não vai confiar nela, ao menos não antes que eu consiga averiguar se merece ou não sua confiança.

Que Clarke se preocupasse tanto era um detalhe, mas não precisava. Reign não ia baixar a guarda.

—Prometo isso. Far-te-ei saber se necessitar algo. E me mande a informação que consiga logo que possa.

Deram-se um apertão de mãos e Reign se foi tratando de ignorar o olhar de preocupação de Clarke. Às vezes, este se preocupava inclusive mais que uma mulher.

Saiu do escritório e se encaminhou para o vestibulo, onde sua esposa o estava esperando. Uma esposa que podia ver, tocar, inclusive saborear, mas em que não podia confiar.

Nem que morresse de vontade de fazê-lo.

Capítulo 5

Haddington, Escócia.

Reginald Dashbrooke desviou a vista do amanhecer que entrava por sua janela e suspirou.

—Estou aborrecido. Por que Blinchley pode retornar a Londres e eu não?

Seu pai, calvo, robusto e com cara de bulldog — graças a Deus, Reggie se parecia com sua mãe—, tirou da boca um havana mais que mastigado e o segurou com seus dedos roliços.

—Porque ultimamente perdemos muitos homens, e necessitamos de alguém em Londres que se assegure que nossos amigos estão se levando como devem.

Seu pai sempre falava de um modo muito secreto, como se suspeitasse que alguém espiava suas conversas. Mas quem ia fazer algo assim?, perguntou-se Reggie. Os fantasmas que se escondiam detrás das

paredes? As fadas do bosque? Tempos atrás, esse comentário teria feito graça; tempo atrás, quando o jovem ainda não sabia que os vampiros existiam de verdade. Agora, inclusive se perguntava freqüentemente se alguém o estava seguindo.

—E o estão fazendo? Quero dizer, estão-se levando como devem?

—A mulher encontrou o recado que deixamos na igreja do St. Martin. E suponho que se antes não acreditava que era sério, agora o acredita.

Nesse instante, Reggie teve que recordar-se a si mesmo que estavam falando de vampiros e não de pessoas humanas. Os vampiros não eram humanos e, portanto, não devia sentir-se culpado pelo que estava fazendo, não? A verdade era que ainda não tinha conseguido entender se a organização a que pertencia seu pai odiava aos vampiros ou os reverenciava. Ou ambas as coisas de uma vez.

—Por que temos que conseguir que venham aqui? —perguntou Reggie servindo uma taça de Porto—. Por que não podemos seqüestrá-los em Londres?

—Porque só aqui podemos nos assegurar do controle total da situação. Nossas filas em Londres minguaram muitíssimo, sabe de sobra. Tivemos que levar muitos homens ao Cromwell para a captura e para organizar o transporte. E o contingente de Londres tem que preparar-se para «A Coleta».

Reggie não sabia o que era isso de «A Coleta», nem sequer sabia que diabos estavam cultivando, mas sim sabia que não queria sabê-lo. Tudo aquilo era muito novo para ele, e o jovem ainda não tinha assimilado todas as crenças de seus irmãos.

Estava informado de que em Cromwell tinham capturado a um vampiro. A um muito velho e perigoso ao que os irmãos da ordem da Palma de Prata tinham conseguido submeter de algum modo. A noite em que chegou a notícia de que a ordem tinha capturado a Temple, organizaram uma festa. Reggie não pôde evitar se perguntar se o vampiro

se deixou capturar, ou se talvez a criatura que acreditavam ter controlado estava se limitando a esperar o melhor momento para acabar com todos.

—E como está nosso convidado? —perguntou seu pai, voltando a chupar o havana—. Está confortável?

—Comporta-se como se estivesse vivendo uma grande aventura. — Reggie não pôde ocultar o mal-estar que sentia em relação à situação. James era seu amigo e, embora seu pai insistisse que era pelo bem de todos, não gostava do que estavam fazendo. Além disso, fazia muito que o jovem tinha decidido que seu pai não era um homem de confiança, pois embora fosse certo que tinha muitas coisas dignas de elogio, sua crueldade não conhecia limites. Reggie a tinha sentido em suas próprias carnes centenas de vezes ao longo de sua vida.

Dashbrooke pai se riu.

—E é! Talvez você também deveria vê-lo assim, meu filho.

Reggie soube que não serviria de nada discutir, assim se limitou a assentir.

—Sim, senhor. —Mas não pôde resistir a tentação de acrescentar uma pequena crítica—: Não sabe que está prisioneiro.

—É um convidado, Reginald — o corrigiu seu pai—. Nosso convidado. Sem ele, tudo isto não seria possível, e quando nos der o que queremos, será recompensado por isso.

Reggie se voltou para ele; precisava saber a verdade sem importar as consequências.

—E se não o consegue? E se fracassarmos? O que passará então?

O homem voltou a rir, mas desta vez não se via absolutamente contente.

—Não fracassaremos.

O jovem o tentou de outro modo. Consciente de que se arriscava a provocar a ira de seu pai, mas muito menos assustado do que deveria estar ante semelhante perspectiva.

—E quando ele já não for útil, O que? O matará? — Agora que o tinha perguntado, e vendo o olhar malévolo do homem, desejou poder dar marcha a ré.

Seu pai o olhou com um sorriso zombador, inclusive carinhoso.

—Meu querido filho, se precisar, matarei inclusive a ti.

—Tem seu próprio vagão de trem? —Olívia olhou o luxuoso compartimento com uma mescla de surpresa e brincadeira. Parte dessa brincadeira provinha de sua própria mesquinharia, e sabia.

—Viajo muito — respondeu Reign depravado. Era uma explicação singela, não uma justificação. Era óbvio que não sentia a necessidade de justificar-se, ao fim e ao cabo, tinha sido ela que tinha recordado que tinham passado mais tempo separados que juntos.

Olívia também viajava muito, mas não tinha seu próprio vagão de trem. Aquilo ia além de um mero luxo, pensou, ao ver que o compartimento tinha seu próprio quarto com uma cama enorme e uma cômoda preciosa, e logo um pequeno banheiro com pia, e uma banheira de quatro pés. Também tinha uma sala de jantar e um sofá com um par de poltronas combinando detrás de um biombo cor cereja. No outro extremo da parede havia um pequeno bar que por certo continha os melhores licores.

Todos os móveis estavam presos ao chão para evitar que se balançassem com o movimento do trem. E umas pesadas cortinas douradas, azuis e cor de vinho penduravam das janelas para impedir a entrada da luz do sol. Havia candelabros de aço polido com lâmpadas de azeite, e um tapete Aubusson com o mesmo estampado das cortinas cobria o chão por completo. Tudo era muito luxuoso.

Olívia adoraria ter um vagão igual, maldita fora.

Sempre que se instalava em um lugar, limitava-se a esperar que

terminasse o contrato de arrendamento e então se mudava a outra parte. Jamais tinha comprado uma casa, jamais tinha criado raízes. Não via por que. Era óbvio que Reign não pensava igual. E era fácil odiá-lo por isso. Era fácil odiá-lo por tudo o que a Olívia vinha à mente.

Em especial por seguir sentindo seu sabor nos lábios, apesar de que tinham passado já várias noites desde seu beijo. O sabor do Reign seguia impregnando sua boca, sua língua, como se tivessem se beijado há alguns segundos. Tinha sido só uma gota de sangue. Só uma gota. E depois disso se alimentou de um jovem robusto que tinha dado muitíssimo mais sangue que Reign jamais tivesse dado. E agora, ali de pé com ele, naquele vagão, só podia sentir o doce e especial aroma que desprendia, o calor de seu corpo, e aquela presença imponente que só possuía seu marido.

Era essa presença o que a tinha conquistado anos atrás, o que a obrigou a abandonar o luto e as lembranças de seu primeiro marido. Ao estar com o vampiro, Olívia se tinha arriscado a provocar um escândalo, e não tinha importado o mínimo.

Ao entrar no vagão, Reign tinha fechado a porta atrás dele, e nesse instante correu o ferrolho. Agora Olívia estava ali com ele, e, embora seu corpo adorasse a idéia de permanecer encerrada com o único homem que a fazia estremecer com um só olhar, sua mente não se entusiasmava com a idéia.

Um dos homens de Reign se encarregou da bagagem de Olívia e a tinha subido ao vagão. Não precisava desfazer a mala, pois chegariam a Edimburgo em questão de horas, mas resultava estranho ver suas malas junto às de Reign, como se fossem do mesmo jogo. Em realidade o eram, por estranho que parecesse. Isso a pôs furiosa, pois fez recordar uma época em que estava convencida de que eram o casal perfeito.

—Uma mansão na rua mais em moda de Londres. — tirou-se as luvas e as atirou sobre o sofá—. Uma mansão na Escócia e seu próprio vagão de trem para chegar até ali. Tem outras propriedades? Talvez um

apartamento em Paris, ou uma casa na Espanha?

Ele sorriu ao perceber seu sarcasmo.

—Tenho um montão de propriedades espalhadas pela Europa, além de uma em Nova Iorque. Se quiser, dou-te um jogo de chaves do apartamento de Paris.

Era muito tentador.

—Ligeiro exagero — se burlou ela com carinho—. E eu que acreditava que era um simples homem de negócios...

—Sou um homem de negócios — respondeu Reign enquanto se tirava o casaco—. Mas tive a sorte de ter seis séculos para aprender, e ao final terminei por fazê-lo bem.

—Estou segura disso. —O que incomodava mais, que parecesse tão seguro de si mesmo ou que estivesse tão bonito em mangas de camisa? Não, o que mais incomodava era que, quanta menos roupa levava, mais bonito parecia.

Reign teve o descaramento de rir.

—Não ponha assim, Liv. Tudo o que tenho é teu.

Ouvir isso foi como receber um golpe no peito.

—O que há dito?

OH, agora sim que parecia satisfeito consigo mesmo. Tinha os olhos brilhantes e não podia ocultar o sorriso que esboçavam seus lábios. Uns dentes brancos resplandeceram à luz dos abajures.

—Seu nome figura em todas minhas propriedades. Se algum dia consigo morrer, tudo o que tenho passará a ti.

Olívia estava tão surpreendida que durante uns instantes foi incapaz de falar.

—Por que me conta isso? Não tem medo que eu te mate para ficar com tudo?

Reign sacudiu a cabeça, e uma mecha de cabelo caiu sobre a testa.

—Sei que não quer nada comigo nem com minhas coisas. Além disso,

não é uma assassina.

Ele não sabia que, acompanhando-a a Escócia, bem podia estar dirigindo-se para sua própria morte. Olívia sentiu um nó no peito ao pensar nisso.

—Quase te matei faz uns anos.

—Se de verdade tivesse querido fazê-lo, acredito que o teria conseguido; embora talvez me engane acreditando nisso.

—Por quê? —Sacudiu a cabeça, incapaz de compreender sua lógica ou seu sorriso—. Por que me nomeou sua herdeira?

—É minha esposa.

—Estivemos separados mais tempo inclusive do que eu tinha vivido como mortal, Reign. Seguro que há alguém mais que possa beneficiar-se de sua fortuna. Alguém que mereça sua generosidade.

A expressão dele trocou. De seu semblante desapareceu qualquer rastro de humor, e uma honestidade e sinceridade que fizeram estremecer a Olívia, ocuparam seu lugar.

—Porque segue sendo minha esposa, e no que a mim concerne sempre o será. Tudo o que tenho é teu, tanto na vida como na morte.

Ouvir isso fez que desse um tombo o coração, que foi acompanhado pelo movimento do trem ao iniciar sua viagem para o norte de Escócia. Olívia se cambaleou e caiu sobre Reign, fazendo que ambos fossem contra a parede, com ela segura nele. Levantou o queixo e o olhou aos olhos, temerosa de que ele pudesse descobrir nos seus a verdade.

Olívia ia arder no inferno por traí-lo. Podiam arder juntos.

Os dedos do Reign, quentes e firmes, seguraram-na pelos braços. Poderia rompê-la igual a um ramo seco, mas ela jamais tinha temido por sua vida. Não, havia outras coisas pelas que temer. Como sua honra e sua alma... Ou seu coração.

—Sempre me tem feito perder o equilíbrio — disse ele com um sorriso, e com uma voz tão sensual que Olívia quase a sentiu acariciar a

pele.

Ela abriu a boca sem saber o que dizer, mas decidida a encontrar algo que a fizesse despertar desse sonho; não ocorreu nada.

—Deixei-te sem fala — brincou Reign, soltando os braços sem deixar de sorrir—. Quem o teria imaginado.

O trem se movia já com suavidade, e ia pegando velocidade progressivamente. Olívia poderia haver-se afastado de seu marido e deter assim a espiral de loucura que se estava desatando em seu interior, mas não o fez. Em vez disso, levantou a mão e com as gemas dos dedos, acariciou as pequenas rugas que Reign tinha nas comissuras dos olhos, para logo deslizar por sua face e suas maçãs do rosto.

—Sempre te queixava que faziam parecer mais velho — disse ela, tocando cada linha—. Mas eu adorava ver como marcavam cada vez que sorria. —«te afaste. Te afaste e te afaste dele antes de cometer a estupidez de te apaixonar de novo.»

Os olhos do Reign eram já da cor da tormenta quando os fixou nos de Olívia. Ela tinha concordado em compartilhar seu leito quando chegassem a Escócia, e ainda lhes faltava muito para alcançar seu destino. Entretanto, nesse instante a nenhum dos dois importava muito a geografia. E muito menos quando ele baixou a cabeça para beijá-la e ela foi a seu encontro.

Às vezes, os lábios do Reign podiam parecer duros e inflexíveis, mas quando tocaram os de Olívia, fizeram-na suspirar por seu calor. Suaves como seda, e firmes ao mesmo tempo, moveram-se em cima dos seus acariciando-a como se tivesse todo o tempo do mundo.

As mãos que minutos antes seguravam os braços, dirigiram-se para sua cabeça. As palmas do vampiro eram enormes junto ao seu crânio, e massageou as têmporas com ternura. Suas carícias eram tão deliciosas que a Olívia tremeram as pálpebras, relaxou o pescoço e se inclinou para ele.

Estavam grudados, dos peitos até as coxas. Cada poro de sua pele tremia ao sentir o contato do outro, apesar das capas de roupa que os separavam. Olívia deslizou as mãos pelo forte tórax de Reign até suas costelas. Debaixo da seda do colete e do linho da camisa, podia sentir como os músculos de seu estômago se estremeciam sob as carícias de seus polegares.

Quando por fim ele deslizou a língua entre seus lábios Olívia deu a boa vinda com um suspiro. Reign a saboreou e percorreu os lábios com os dentes. Ela retrocedeu ao notar as afiadas pontas das presas. Ele repetiu o movimento com mais delicadeza, mas não a soltou. Devagar, Olívia voltou a abraçá-lo. Graças a Deus, Reign não ia mordê-la. Ela queria entregar seu corpo, mas não se via capaz de suportar a invasão daqueles dentes.

Os lábios do Reign a abandonaram e começaram a seguir a linha que ia de sua mandíbula à orelha. Olívia gemeu de prazer quando sugou o lóbulo, e se estremeceu de desejo ao sentir que descia para lambe o oco de seu pescoço. Sentia seu fôlego úmido contra a pele, sua incipiente barba roçando. E pôs-se arrepiada. Seus peitos se excitaram, seus mamilos se endureceram ao mesmo ritmo que o calor entre suas pernas ia aumentando.

Deus, quanto o tinha precisado.

Separou-se dele. Os dedos do Reign a agarraram pelo cabelo ao fazê-lo e algumas forquilhas se soltaram. Não notou nada. Com o olhar cravado no seu, Olívia começou a desabotoar o casaco, e não demorou para tirar o indesejado objeto. Logo, deu as costas a seu marido.

—Me dispa — ordenou.

Se riu ele ao obedecer-lha? Sim, nada exceto aquela risada conseguia fazer sentir tal comichão. Um a um, os botões do vestido foram afrouxando-se com cruel lentidão. Reign a estava torturando, maldito fora. Bom, que aproveitasse, ela logo o teria literalmente de joelhos.

Chegou ao último botão e abriu as costas do vestido. Uns dedos ásperos percorreram seus ombros, deslizando o tecido por seus braços. Voltou a estremecer. Seus peitos desesperados se apertaram contra o espartilho, ansiosos pelas carícias de seu marido.

O vestido caiu ao chão, amontoando-se aos seus pés como uma montanha de seda azul. A regata e a camisola seguiram o mesmo caminho; logo, deu a volta e, pegando-a nos braços como se não pesasse nada, separou-a do montão de roupa.

Depois de deixá-la de novo no chão, Reign deslizou as mãos por suas costelas. Com os dedos ia soltando os ganchos do espartilho. De verdade ia Olívia permitir que aquilo acontecesse? De verdade ia entregar seu corpo, aceitar o seu em troca e logo traí-lo? Sim. E não importava o que isso dissesse dela. Só importava o muito que o desejava. O muito que precisava sentir seu sabor, seu corpo, uma vez mais.

Seus olhares se encontraram, e ficaram fixas um no outro enquanto Reign atirava o espartilho no sofá. Observava-a com os olhos entrecerrados, a escura linha de suas pestanas emoldurava uns olhos brilhantes de paixão. Nenhum homem a tinha olhado como ele. Nenhum homem a tinha feito sentir tão sensual e poderosa. Olívia sustentou o olhar e se levou as mãos aos laços da roupa interior. Atirou deles e finalmente ficou nua na frente dele, com apenas as meias e as botas.

—Deus — murmurou Reign, queimando-a com o olhar. Foi tocá-la, mas afastou as mãos.

—Agora é minha vez — disse com um pícaro sorriso enquanto atirava do nó de seu lenço.

—Sim, senhora. —E Olívia não pôde evitar sorrir quando o viu tirar-se impaciente a camisa, sem importar se rompia algum botão ao fazê-lo.

Como podia fazê-la rir e arder de desejo ao mesmo tempo? Como podia fazer desaparecer todo o ressentimento com apenas uma carícia? Mas todas essas perguntas se desvaneceram quando se tirou a camisa.

Era como uma estátua dourada, tão atrativo como recordava. A forte coluna de seu pescoço dava passo a uns largos ombros e a um tórax bem esculpido. Estava coberto por uma fina camada de pêlos negros que nasciam justo debaixo da garganta e percorriam seus peitorais para logo definir os músculos de seu estômago e desaparecer debaixo da cintura das calças.

Reign sorriu e levantou uma das comissuras dos lábios.

—Quer que continue?

Seu aspecto físico, misturado com o doce ronrono de sua voz, fez que Olívia se estremecesse de felicidade.

—Se não o fizer te mato — respondeu sorrindo. Sem deixar de sorrir, Reign procurou o botão da calça.

—Isso danificaria a noite.

Agachou-se e deslizou o objeto de lã até o chão. Antes de se incorporar aproveitou para tirar botas e, quando por fim se ergueu, Olívia se deleitou com seu corpo nu.

Começou por seus pés e logo cravou o olhar nos tornozelos para seguir com suas musculosas coxas. Era um homem tão formoso... O escuro pêlo que cobria as pernas se espessava em seu sexo, onde sua ereção se elevava orgulhosa e sem complexos.

—Deus — murmurou ela, sem pretender burlar o idêntico comentário que ele tinha feito antes.

Essa vez, quando Reign tratou de tocá-la, Olívia não o deteve. Agarrou-a pelos braços e a beijou ao mesmo tempo em que a levava para o dormitório. Deixou-a na cama e a seguir se sentou escarranchado em cima dela, escuro e perigoso.

—A próxima vez irei devagar — prometeu—. Mas agora levo trinta anos te esperando e já não posso mais.

Ela tampouco, mas não o disse. Preferiria cortar o pescoço antes de reconhecer o muito que o desejava, que, mesmo depois de tudo o que

tinha feito, tinha sentido muitíssimo sua falta.

Deixando de lado esses pensamentos, Olívia separou as pernas e permitiu que Reign se deslizasse entre suas coxas. O corpo dele era forte e quente, e era maravilhoso voltar a sentir o pêlo de suas pernas e de seu tórax acariciando a pele.

A ponta de sua ereção roçou os lábios do sexo de Olívia. Por puro instinto, ela cravou com força os saltos no colchão, convidando-o a deslizar-se mais profundo em seu ser. Obrigou-se a esperar, com o corpo tenso de desejo, impaciente por sentir a invasão de seu marido.

Reign colocou uma mão em cima dela para segurar-se e com a outra guiou seu sexo enquanto movia os quadris, abrindo o corpo da Olívia e penetrando assim em seu interior.

O corpo dela o envolveu, todos seus músculos interiores se estremeciam de anseio por sentir que ele a completava. Levantou os joelhos, os aproximando de seu próprio peito, para que assim ele pudesse deslizar-se até o mais profundo de seu ser. Sempre tinha sido tão maravilhoso? Sempre tinha sido como se seu corpo estivesse feito para ele e só para ele?

Olívia podia sentir como Reign tremia pelo esforço que fazia para controlar-se. Rodeou-o com os tornozelos e sentiu a tensão que desprendiam seus músculos. Percorreu as costas com as unhas e, quando o notou estremecer-se, sorriu.

Ele se afastou para logo voltar a deslizar-se em seu interior, e conseguiu que uma onda de prazer a percorresse por completo. Desejava tudo o que prometia o corpo de seu marido. Olívia arqueou os quadris, compassando o ritmo com o seu, gemendo ao sentir como a pressão de seus clitóris ia aumentando ao aproximar-se o final. Não ia demorar muito.

Reign agachou a cabeça e a beijou com paixão, para logo centrar toda sua atenção em seus peitos. Sugou um e depois o outro, mordendo-os

com delicadeza, lambendo-os, até que ela começou a se mover-se desesperada debaixo dele aproximando-se do orgasmo.

Então, Olívia sentiu, o roce de uma presa junto a sua pele. Começou a tremer, e todo seu corpo retrocedeu assustado.

Ia mordê-la. Ia fazer tanto dano quanto aquela outra vez, anos atrás. Invadiu-a o pânico.

—Por favor — sussurrou—. Não me morda.

Reign ficou gelado. Levantou a cabeça e a olhou durante um instante. Só Deus saberia o que viu em seus olhos, mas fosse o que fosse fez que em seu rosto aparecesse uma expressão de dor. Logo voltou a mover-se, e, sem deixar de olhá-la, arremeteu de novo, mais profundo, mais rápido; uma e outra vez.

Olhava-a aos olhos, como havia dito que teria que fazer a noite em que voltaram a ver-se. O fazia para burlar-se ou estava tratando de ser carinhoso? Era impossível saber. O rosto do Reign não revelava nada, só desejo e frieza ao mesmo tempo. Olívia se abraçou a ele, cravou os dedos no mármore liso de suas costas, ao mesmo tempo que seus corpos ardiam de uma vez. Arqueou as costas, a pressão que sentia em seu interior aumentando com cada investida, atormentando-a com aquele final que estava cada vez mais perto mas que não chegava.

Os dois tinham a respiração entrecortada, algo excepcional, dado que os vampiros não necessitam tanto oxigênio como os humanos. O único som da habitação provinha dos gemidos e suspiros de prazer de ambos.

—Termina — exigiu ele com uma voz tão rouca que parecia quase um gemido—. Quero ver seu prazer.

Reign sempre sabia o que dizer para que ela perdesse o controle, e essas palavras tiveram o efeito desejado. Ele se afundou uma vez mais em seu interior e, ao senti-lo, Olívia estalou. Cravou os ombros na cama e arqueou as costas ao alcançar o clímax, gemendo de prazer de uma vez que um orgasmo como nunca antes havia sentido a partia em duas.

Reign acelerou o ritmo de seus quadris e logo se esticou, gritando ao alcançar ele também a satisfação e enchendo-a por completo. Jogou a cabeça para trás, os tendões de seu pescoço se marcaram ao mesmo tempo que todo ele se estremecia e tremia. Quando se derrubou, Olívia o abraçou, saboreando a sensação de o ter assim, pois sabia que ele não demoraria para afastar-se.

Ela não protestou quando o fez. Não disse nada quando se tombou a seu lado, em silêncio, olhando o teto. Seguiu sem dizer nada quando Reign os cobriu a ambos com os lençóis. Olívia agradecia o silêncio. Se falava então não seria capaz de parar. Havia tantas coisas que queria dizer, tantas que queria contar, coisas que insistiam em sair de seus lábios. Palavras que uma vez ditas não poderia negar, e que mais valia não desvelar.

Assim que nenhum dos dois disse nada, mas quando Reign a aproximou dele, e colocou seu tórax a suas costas, ao mesmo tempo que a rodeava com um braço, Olívia se deixou levar. E quando ele entrelaçou os dedos com os dela, o permitiu.

Disse a si mesma que não significava nada. Que aquela ternura não era nada senão outro modo de conseguir que baixasse a guarda. Reign a estava utilizando, igual ela a ele; só importava resgatar James. E logo tratou de não chorar.

Capítulo 6

Pela segunda vez em toda sua larga existência, Reign não estava seguro de si mesmo.

A primeira vez foi quando converteu a Olívia em vampiro. Jamais se tinha perdoado por isso, e ela tampouco, mas até essa noite não se deu conta do muito que o feito a tinha traumatizado.

Tinha tremido a voz ao pedir que não a morderesse. E não tinha sido por raiva, mas sim por medo. Ele queria que sua esposa sentisse muitas coisas por ele, mas o medo não era uma delas. Preferia que o odiasse antes de temê-lo.

Estava de pé junto à cama, completamente vestido, observando-a enquanto dormia. Suas belas feições estavam relaxadas pelo sono, e sob a luz dos abajures que ainda ardiam em outra zona do vagão, a via muito jovem; enquanto ele se sentia mais velho que o próprio inferno. Fazia muito que Reign não se sentia jovem; a última vez foi no dia de suas bodas.

Tinha revelado a verdade a Olívia um mês antes de casar-se. Não teria sido justo esperar até mais tarde, e o amor que sentia por ela, junto com aquele desejo incombustível, obrigou-o a justificar-se com sua prometida.

Ao princípio, acreditou que estava brincando, logo o acusou de ser cruel e de querer anular o compromisso. Reign teve que mostrar as presas para que acreditasse. A incredulidade da Olívia durou uns dez minutos, transcorridos os quais começou a tocar os lábios em busca dos dentes e a perguntar um montão de coisas sobre tudo o que podia ou não podia fazer. Ele se sentiu tão aliviado que quase desmaiou ali mesmo. E logo o abraçou com paixão.

—A que vem isto? —perguntou ele. Ela abriu seus olhos cor mel e o olhou.

—Por ter estado sozinho tanto tempo, e por ter acreditado em mim.

Nesse instante, Reign soube que tinha encontrado a mulher com a que queria passar toda a eternidade. Mas não ocorreu perguntar-se o que queria ela. Limitou-se a assumir que sentia o mesmo ele. Reign sabia que

era assim.

Eram tão felizes, mas não como em um estúpido conto de fadas, mas sim de uma maneira real, dessas que duram para sempre. E então, na noite de núpcias, ele estragou tudo.

Não queria voltar a pensar nisso, não quando o rechaço da Olívia ainda doía, não quando sabia que com isso só conseguiria sentir-se pior do que já se sentia. Reign queria voltar a desfrutar dessa intimidade com ela, embora só fora uma vez mais. Queria voltar a sentir aquela felicidade, mas isso era tão inalcançável como a lua.

Enquanto a contemplava ali dormida, tão tranqüila, esfregou o lugar onde tinha afundado a adaga. Fazia muito que a ferida tinha sarado, e não tinha ficado cicatriz, mas Reign ainda podia sentir o rasgo, a dor de saber que sua felicidade tinha chegado ao fim. Olívia o abandonou antes do amanhecer, e ele não havia tornado a vê-la até... até que apareceu na festa da senhora Willet e exigiu ver seu marido.

Era uma coincidência que tivesse ido buscá-lo precisamente no dia em que se completavam trinta anos que ele a tinha traído?

Reign não tinha sobrevivido tanto tempo sem aprender que tinha que seguir seus instintos. Nunca confiava completamente em ninguém, porque sabia que todo mundo era suscetível a trair se alguém ameaçava a quem mais queria. Por exemplo, o sobrinho da Olívia era a pessoa a quem ela mais queria no mundo, e faria qualquer coisa para assegurar-se de que estava a salvo. Embora Reign e ela não tivessem um passado desgraçado, esse mero feito bastaria para que ele desconfiasse.

Tinha aceitado ajudá-la a encontrar ao jovem pela devoção, impossível de justificar, que sentia por ela. Tinha a necessidade de compensá-la pelo que tinha feito, e por isso estava atuando contra seus instintos, que diziam que se fosse dali.

Seu sexto sentido advertia que ela era perigosa. Dizia que rodeasse o pescoço com as mãos e apertasse até que despertasse assustada e

confessasse o que de verdade estava passando. Se a estrangulava, então sim teria motivos para temê-lo.

A quem estava tratando de enganar? Ele jamais poderia a machucar, não desse modo, voluntariamente. Se o atacava, defender-se-ia, mas jamais poderia ser violento com ela, apesar do que a própria Olívia pudesse acreditar sobre o assunto.

Embora tinha que reconhecer que, mesmo não querendo, tinha conseguido fazer muitíssimo dano.

Se outra pessoa que não fora sua esposa o fizesse sentir tão ameaçado, naquela altura já estaria morta. Mas Olívia já sabia isso. Talvez por isso tinha aceito deitar-se com ele, para ganhar assim sua confiança.

Reign se esfregou a mandíbula para tratar de aliviar um pouco a tensão, e pôs de lado esses escuros pensamentos. Tinha que manter a mente aberta e limpa. A paranóia só entorpeceria seu raciocínio, e não podia permitir-se tal debilidade.

Não quando seu maior ponto débil estava dormindo a poucos centímetros de distância.

Era exatamente igual à recordava, só que a realidade era muito pior que qualquer lembrança que pudesse ter. Senti-la de novo, receber suas carícias, voltar a notar seu sabor era extremamente doloroso. Doía até olhá-la, e ao Reign não gostava de sentir-se tão vulnerável.

Agarrou-a pelo ombro e a sacudi com mais rudeza da que pretendia.
—Acorda.

—Humm. —Olívia se separou dele e se abraçou ao travesseiro.

Reign apertou os dentes ao ver as costas nuas, a suave curva das nádegas. Sob aquela luz, sua pele era de uma cor rosada com tinturas de ouro. Doíam os dedos de vontade de tocá-la, sua língua ansiava saboreá-la, justo ali, naquele lugar. Aquelas perfeitas nádegas em forma de coração se ajustavam à perfeição a suas mãos.

Voltou a sacudi-la, desta vez com suavidade, mas disse em voz alta:

—Liv, por Deus santo, acorda.

Ela enrugou a testa e abriu os olhos.

—O que?

Jamais tinha sentido bem que a incomodassem enquanto dormia.

—Logo chegaremos a Edimburgo — a informou, enquanto jogava sua roupa sobre a cama—. Se vista.

Sem desenrugar a testa, ela saiu da cama. Tinha o cabelo enredado, a maior parte se tinha solto, mas ainda levava postas as botas e as meias. Uma destas tinha deslizado até o tornozelo. Parecia uma cortesã. Mas a via tão doce que Reign queria somente abraçá-la e beijá-la, acariciá-la até que voltasse a suplicar que a possuísse.

E logo faria uma brincadeira sobre o assunto só para fazê-la zangar. Olívia odiava que zombasse. Nunca tinha entendido por que o fazia. Como tampouco o tinham feito as moças de seu povo quando era um garoto e ria delas com entusiasmo. O mesmo entusiasmo que estava acostumado a provocar a ira de seu pai.

—Que horas são? —perguntou ela, colocando os calções. Uma mecha de cabelo deslizou pelo ombro e cobriu o peito, e de repente ao Reign apertaram as calças.

—Duas e pouco — respondeu, observando-a vestir-se apesar da enorme ereção que já não tinha modo de ocultar—. Chegaremos a minha casa por volta das três.

—Muito antes que amanheça — assinalou Olívia, mais para si mesmo que para ele.

Reign cruzou os braços e apoiou um ombro no biombo.

—E com tempo de sobra para que chegue a sua entrevista com os seqüestradores.

Ela ficou tensa. Foi só um segundo, mas não passou despercebido.

—Sim.

—E onde se supõe que vai ter lugar a reunião? —De verdade

acreditava que Olívia deixaria escapar algum dado que não queria contar? Sua esposa era muitas coisas, mas estúpida não era uma delas.

—Não é uma reunião. Disseram que me deixariam instruções na hospedaria O Lobo, o Carneiro e o Cervo.

Reign ficou petrificado.

—O Lobo, o Carneiro e o Cervo?

Olívia franziu o cenho, mas quando se ergueu para puxar as meias, olhou-o com curiosidade.

—Conhece-o?

—Sim. Estive ali um par de vezes.

—Não é teu não? —perguntou com sarcasmo, mas em realidade estava inquieta. Preocupava que tivessem escolhido esse lugar por algum motivo. Que o tivessem eleito pelo Reign. E por que preocupava que os seqüestradores soubessem algo sobre seu marido?

—Não. Temple e eu tivemos ali uma briga faz muito tempo, por volta de mil seiscentos e quarenta e cinco. Apareceram uns ingleses e começaram a comportar-se como se fossem os donos. Assustaram um par de garçonetes e quebraram um par de narizes. Asseguramo-nos de que soubessem que não eram bem recebidos.

—E acha graça recordar isso? —Já se tinha posto a regata, para pesar do Reign.

Este estava sorrindo.

—Não. É a lembrança da briga que me faz sorrir. Sabe que inclusive escreveram uma canção sobre isso?

A ela não pareceu impressionar muito o comentário e prosseguiu com o espartilho.

—Justo o que necessitava, outro motivo mais para que se ache o máximo.

O que diabos era isso?

—Acredita que sou um presunçoso? —Eliminou a curta distância que

os separava, deu meia volta e afrouxou as tiras do espartilho para que ela pudesse prender os colchetes da parte dianteira.

—Sei que o é — se burlou Olívia.

—E, claro, você me conhece tão bem... — Oxalá soasse sarcástico, e não tão pesaroso e ferido como se sentia.

Ela o olhou por cima do ombro enquanto se acabava de grampear, e a expressão, entre tristeza e brincadeira de seu rosto foi como outra punhalada para o coração do Reign.

—Houve uma época em que acreditava te conhecer melhor que ninguém. Mas talvez então estivesse tão equivocada como agora.

Só o que evitou que respondesse foi a dor que acreditou perceber nas palavras de sua esposa. Reign sentiu esperança. Olívia não guardaria tanto rancor se uma pequena parte dela não seguisse amando-o, embora só um pouco. Ele sabia que não deveria importar, sabia que não deveria desejar que assim fora, mas o fez de todos os modos.

Talvez Olívia houvesse tornado por isso.

—Pode ser que o esteja — respondeu ele sem emoção, atando de novo os laços. No passado a tinha ajudado a vestir-se em muitas ocasiões—. Mas como não acredito que tome a sério minha opinião, guardarei isso para mim.

Ela apartou o olhar, e foi a única prova que Reign teve de que suas palavras a tinham afetado. Quando terminou de prender o espartilho, Olívia tratou de dissimular o confusa que se sentia, pegando o vestido.

Ele a observou enquanto brigava com o objeto. Não pediria ajuda, mas a emprestou de todos os modos.

—Por que me procurou, Olívia?

Passou os braços pelas mangas.

—Já disse isso, acredito que os seqüestradores sabem que sou um vampiro.

—E eu o que sou, só a força bruta?

—Isso e tem muitos contatos em Edimburgo.

Ele ficou olhando-a. Olívia agüentou o olhar, mas Reign pôde ver as rugas na comissura de seus lábios, assim como as que apareceram em sua testa enquanto tratava de pentear-se com o vestido ainda desabotoado a suas costas.

—Isso é tudo? —esfregou a mandíbula. Essa é toda a verdade?

Ela se riu, uma risada aguda e nervosa.

—Do que suspeita, Reign? Acredita que inventei o seqüestro de meu sobrinho para voltar a me deitar contigo? De verdade pensa que me teria feito falta chegar a tal extremo?

Bom, já podia acrescentar mais um par de comentários à lista de frases que faziam mal ao coração. Como aquela mulher podia inspirar tantas emoções? Parte dele a odiava por ser sua única debilidade, mas outra parte a adorava, e sempre o faria. Às vezes queria estrangulá-la, e outras queria fazer cócegas até que chorasse de tanto rir.

A resposta da Olívia foi sincera, mas sua linguagem corporal dizia justamente o contrário.

—Não — respondeu—. É obvio que não. —Mas pensou em todos aqueles jovens aos que ela tinha mordido jovens que pareciam; e se perguntou se os tinha eleito para poder estar perto dele sem ter que pedir.

—Me alegro. —Soou aliviada, como se acreditasse que por fim Reign confiava nela—. Agora, seja bom e me abotoe o vestido, quer?

Deu as costas, igual a horas antes, quando tinha desabotoado esses mesmos botões, e Reign obedeceu. Ao deslizar o último botão em sua casa, agachou-se e sussurrou ao ouvido:

—Está tratando de foder-me, Liv?

Olívia tremeu e ficou tensa.

—Acredito que já tenho feito isso.

O tom sensual de sua voz o incomodou. Agarrou-a pelos braços

quando ela tratou de afastar-se. Sua cabeleira fazia cócegas no nariz. Seu aroma o fazia perder a cabeça e arder o sangue, e com o Reign não precisava muito para subir a temperatura.

—Já sabe a que me refiro.

Olívia inclinou um pouco a cabeça. A suave pele de sua bochecha se roçou com os lábios dele.

—Só quero recuperar meu sobrinho, Reign. Ajude-me e te prometo que não voltará a ver-me jamais.

Afastou-se e ele a soltou, embora a seguiu com o olhar até vê-la desaparecer no banheiro. Podia vê-la refletida no espelho enquanto se penteava.

Ajudá-la-ia a recuperar seu sobrinho pelo mero feito de que queria fazê-lo. Era com ela se queria acreditar que só o fazia pelo sexo. Se era tão tonta para pensar que isso era só o que queria, pior para ela. Reign não ia contrariá-la.

Mas se Olívia pensava que ia permitir que se afastasse quando tudo aquilo tivesse terminado, com tantas coisas para resolver entre eles, é que não o conhecia tão bem como acreditava.

Não o conhecia absolutamente.

Reign tinha contratado uma criada para ela.

A moça a estava esperando em seus aposentos. A governanta, a senhora MacCoddle, a tinha apresentado, mas Olívia estava tão embevecida olhando a habitação que até se esqueceu da garota.

—Sinto muito, qual era seu nome? —perguntou, enquanto a criada começava a desfazer a bagagem. Olívia se sentou na cama, ainda aturdida, e observou ao seu redor.

—Janet, madame. —Não teria mais de dezoito anos, miúda e ruiva—. É a primeira vez que trabalho como criada, espero não decepcioná-la.

—Estou convencida de que não o fará — respondeu ela com um sorriso. A garota tinha um acento encantador. A Olívia sempre tinha gostado de escutar falar às pessoas. Seguro que Reign também se lembrava disso. Ao que parece, lembrava-se de muitas coisas.

Como por exemplo de sua cor preferida. Era impossível que fora mera casualidade que aquela habitação tivesse cós dourados percorrendo toda a parede, de cor verde pálida, e que as cortinas fossem de um denso veludo dourado, a jogo com os lençóis e o tapete. Ele se lembrava do muito que gostava da calidez que desprendia a cor do ouro, seu brilho e suas luzes.

O vestido de noiva que tinha levado no dia de suas bodas era de seda dourada, e Reign havia dito quão preciosa estava com ele.

Janet a olhava com um sorriso nos lábios.

—É uma habitação preciosa, madame, se me permite dizê-lo. A mais bonita de toda a casa. —Seu sorriso se apagou um pouco—. Ao que parece, o anterior senhor Gavin, pai do atual, a fez decorar assim para sua nova esposa faz trinta anos, mas ela morreu antes de poder vê-la.

—Que... tragédia. —A Olívia secou a boca de repente. Morta? Reign havia dito aos empregados que tinha morrido?

—Sim, mas é bom saber que por fim alguém poderá desfrutar dela. —A garota voltou a animar-se e sorriu mostrando a dentadura, sã, mas irregular—. Se não importa que o diga, madame, me alegro muito de que esteja aqui.

—Obrigado — respondeu Olívia com amabilidade. Mas logo, perguntou—: O que aconteceu com a senhora Gavin?

A criada encolheu os ombros e pegou outro vestido para levá-lo a engomar.

—Não estou segura. Faz muito tempo, mas um par de empregados dessa época me contou que o amo estava tão destroçado que se encerrou nesta habitação durante um mês e se negou a sair.

—Não te acreditará tal tolice, não? —Era muito fantástico, muito absurdo, acreditar que Reign fizesse tal coisa, em especial por que ela só o tinha abandonado.

Janet prosseguiu guardando a roupa interior em uma das gavetas da impressionante cômoda.

—Acreditará que sou uma tonta romântica, madame, mas sim acredito. Eu gosto de pensar que um homem possa estar tão destroçado por ter perdido à mulher que ama, que o único que deseje fazer seja encerrar-se em sua habitação para senti-la mais perto.

Olívia fechou os olhos, doía tanto o peito que mal podia respirar. Também gostava dessa idéia. O que não encaixava era que Reign o tivesse feito. Seguro que era mentira. Um mero exagero.

Mas encaixava com o homem tão romântico e apaixonado que ela se apaixonou.

—Necessita que a ajude a preparar-se para ir à cama, madame?

Cama. Faltavam horas para que amanhecesse, mas era evidente que aquela garota não sabia que os anteriores senhor e senhora Gavin eram os mesmos que os atuais. Senão saberia que Olívia não estava morta. Isso significava que não sabia tampouco que Olívia e Reign eram vampiros.

Assim tinha que procurar comportar-se da forma mais humana possível diante da jovem.

—Sim. —ficou de pé—. Se me desabotoar o vestido, eu mesma posso me encarregar do resto.

Janet obedeceu e voltou a sorrir.

—A governanta não soube me dizer quais são seus horários, madame. Gosta de levantar-se cedo ou tarde?

OH, Deus, aquela menina pretendia despertá-la pela manhã! Seguro que Reign tinha a casa bem equipada, com pesadas cortinas em todas as janelas para que pudessem estar protegidos durante as horas de sol.

—Tarde — respondeu, enquanto tirava o vestido, que cheirava ao

Reign, por cima de sua cabeça—. Me temo que sou como uma ave noturna. Estou acostumada a me cuidar sozinha. Te chamarei quando necessitar. —E tão acostumada que estava, depois dos muitos anos que levava vivendo em solidão.

Janet fez uma reverência.

—Como desejar. Se isso for tudo, deixá-la-ei descansar. Boa noite.

Olívia assentiu e a criada recolheu a roupa para lavar, os vestidos que queria engomar, e se foi. Pareceu incrível que alguém tão miúdo pudesse carregar tanto peso.

Uma vez a sós, despiu-se e deixou de lado as roupas que levava para que também as lavassem no dia seguinte. Deveria ter dito a Janet que a ajudasse com o espartilho, pois Reign o tinha apertado bastante. Custou um pouco, mas ao final conseguiu afrouxar os laços. Depois de o tirar, guardou-o em uma gaveta e entrou numa camisola de seda, perfeita para aquele clima tão quente, e começou a tirar as forquilhas do cabelo. Estava escovando a pesada cabeleira, amaldiçoando os nós que ia encontrando, quando alguém chamou a sua porta.

Não teve tempo de perguntar quem era, pois esta se abriu e Reign entrou na habitação.

Olívia deteve a escova.

—Entre, entre — disse com sarcasmo. Não sabia o que incomodava mais, se o fato dele não parecer arrependido, ou que desse um tombo no coração só de vê-lo.

—É minha casa — respondeu Reign, percorrendo-a com o olhar.

Ela era muito velha para sentir vergonha, em especial por ter estado nua com ele horas antes, mas teve a tentação de cruzar os braços sobre o peito. Em vez disso, levou-se as mãos aos quadris e ergueu os ombros. Se queria olhá-la, daria todo um espetáculo.

—E minha também, segundo suas próprias palavras.

Ele se encolheu de ombros sem dar maior importância a suas

palavras, e, com um sorriso, desviou o olhar de seus peitos até sua cara.

—Então, você também pode entrar em meu dormitório sempre que goste.

Seu dormitório. Tinham habitações separadas? Por que se sentia aliviada e decepcionada ao mesmo tempo?

—Queria algo, Reign? —Tratou de parecer indiferente, mas saiu em um tom bastante desagradável.

Ele arqueou uma sobrancelha ao percebê-lo, mas além disso, ignorou o comentário... Outro costume que parecia encantador e a irritava ao mesmo tempo.

Reign mostrou uma garrafa de cristal, cheia de um espesso líquido avermelhado, e duas taças.

—Acreditava que teria fome.

A Olívia fez um nó na garganta e enrugou a testa.

—Obrigado.

Ele se riu, e seus pálidos olhos brilharam um pouco.

—Quase te engasga ao dizê-lo.

Ela não se incomodou, mas sim se pôs-se a rir. Tinha razão, e gostava que tivesse o valor de dizer na cara o que pensava. Além disso, isso fazia mais fácil aceitar seu oferecimento.

Compartilharam um sorriso, e a Olívia não passou por cima quão íntima era. Não queria sorrir com ele, não queria desfrutar de sua companhia, queria seguir odiando-o. Desse modo todo seria muito mais fácil.

Assinalou o par de poltronas verdes que havia em frente à chaminé. A noite era muito quente, por isso o fogo não estava aceso, e ali estariam cômodos.

Reign se sentou, deixou a garrafa e as taças na pequena mesa de mármore que havia entre os sofás e as encheu. O aroma a cobre do sangue fresco alcançou o nariz de Olívia, e fez água na boca. Sentou-se

na frente dele e aceitou a taça que oferecia. Sentiu o frio do cristal em sua mão.

Reign levantou a sua.

—Saúde.

Olívia imitou o gesto, e ambos deram um gole. Ninguém a tinha visto nunca beber sangue antes até então. Para ela sempre tinha sido algo muito íntimo, e agora o estava compartilhando com o Reign como se estivessem tomando uma taça de vinho antes de deitar-se.

Antes estavam acostumados a beber vinho todas as horas. Sentavam-se a conversar, igual naqueles momentos, e se tomavam uma garrafa de Chianti. A Olívia bastavam três taças para aborrecer-se da conversação e jogar-se sobre ele como uma qualquer.

Deus, quanto sentia falta desses momentos. Aquela maravilhosa sensação de estar um pouco enjoada pelo vinho e deitar-se em seus braços sem importar as conseqüências, de permitir que ele fizesse com ela o que quisesse.

—Não disse isso antes de partir — Reign falou sem olhá-la aos olhos—, mas o pai Abberley... morreu.

Dor, raiva, culpa foram as emoções que Olívia sentiu, junto com o nó que se formou em seu estômago.

—Que Deus o tenha em sua glória.

Reign não secundou a prece.

—Não é tua culpa. Sabe, não?

Olívia poderia discutir, culpar-se a si mesma, mas isso não serviria de nada. Sentia-se terrível pelo fato do sacerdote ter sido mais uma vítima dos malfeitores que tinham seqüestrado James e que queriam machucar Reign. Mas era impossível que tivesse podido prever que o velho pároco ia morrer por ter falado com ela.

—Sei — respondeu com sinceridade—. Mas de todos os modos o lamento.

Reign assentiu, e permaneceram um momento em silêncio antes que ele voltasse a falar.

—Mandeí umas quantas cartas anunciando nossa chegada — disse, percorrendo o lábio inferior com o polegar—. E, tal como tinha previsto, recebemos um montão de convites. Um é para esta sexta-feira de noite. Se quer começar a fazer perguntas sobre James, é o melhor lugar para isso.

—Uma festa? —Ao parecer, essas eram as únicas duas palavras que tinham conseguido penetrar seu desorientado cérebro.

—Os anfitriões são sir Robert Anderson e sua esposa. Suas festas sempre reúnem um monte de gente. Seguro que Dashbrooke e seus amigos também estão convidados. Estou convencido de que alguém terá visto James antes de seu desaparecimento, se é que na verdade esteve aqui.

Olívia não podia deixar de olhá-lo sem saber o que fazer, dizer ou pensar. Quando foi pedir ajuda, tratou-se quase de um impulso, e só queria convencê-lo a acompanhá-la. Ela jamais teria acreditado que ele ia aceitar, embora, para sua surpresa, tinha respondido que sim. E agora ali estava Reign, conseguindo que assistissem a uma festa em que podia estar o tipo que levou ao James.

Era muito. Olívia se sentia tão culpada, que sua mente não podia assumir nada mais.

—Por que é tão bom comigo? —perguntou-, quebrando-se a voz—. Por que faz tantas coisas por mim?

Reign a olhou minucioso, e isso a enfureceu ainda mais.

—É minha esposa.

—Pára de dizer isso! —O sangue se balançou na taça, e quase se derramou pelas bordas—. Fui sua esposa só durante uma noite, não mereço tanta devoção!

—Antes disso, foi minha amante por meses — recordou-o, como se precisasse que alguém recordasse aquelas noites tão maravilhosas—. E

eu jamais disse que sentisse devoção.

Não, não o havia dito. Mas havia dito que a amava, e Olívia o tinha acreditado.

—Então, por que importa tanto que esteja bem atendida? Por que importa tanto meus sentimentos? Está tratando de que me arrependa da decisão que tomei? Quer me fazer sentir que fui eu a que se equivocou?

Seus olhos cor névoa se cravaram nos seus, e de repente pareceram os de um falcão.

—Equivocou-te?

—Não, maldito seja! —Ela jamais reconheceria tal coisa. Não se tinha equivocado então e não se equivocava agora. Estava fazendo o que tinha que fazer, e não ia pedir perdão por isso! Não quando ainda tinha que ouvir uma desculpa dos lábios do Reign.

—Se for assim, não tem nada do que te arrepender.

—Não. E se alguém deveria arrepender-se de algo, esse é você. —Dor. Raiva. Saudade. Uma combinação muito perigosa—. Te amava. Confiava em ti, e você pôs tudo a perder.

—Liv...

Não ia escutar. Deixou a taça na mesa com um golpe seco.

—Violou-me, Reign! Isso foi o que fez quando me mordeu sem minha permissão.

E em sua noite de núpcias, nada menos. Cravou as presas, e quando suplicou que parasse, a segurou ainda mais forte. Olívia se levou a mão ao pescoço, e recordou a dor do Reign mordendo-a e bebendo seu sangue, enquanto ela se estremecia de dor. Ao terminar, seu marido a obrigou a beber de um corte que se fez ele mesmo no pulso, completando assim a transformação.

Uma transformação que Olívia teria aceito, não só por ele, mas também por ela mesma, se Reign tivesse dado a oportunidade. Teria se acostumado à idéia, teria perguntado coisas e teria decidido sobre seu

destino.

Se Reign o tivesse permitido.

—Era decisão minha — gritou, apertando a mandíbula para controlar as lágrimas de raiva e dor que ameaçavam saindo à superfície junto com muitos outros sentimentos—. Minha decisão, e você me arrebatou isso!

O pesar se apoderou do anguloso rosto do Reign, obscureceu os olhos e esticou os lábios.

—Sinto muito.

Essas breves palavras foram como receber uma patada no peito. Muito tarde. «Muito tarde», repetiu-se Olívia a si mesmo enquanto seu coração pulsava entretanto esperançado e cheio de alegria.

—Necessitava sua desculpa faz trinta anos — respondeu com frieza—. Agora não me serve de nada. —Era mentira, e sabia. Talvez ele também soubesse.

—Nem sequer vai me perdoar, equivoco-me?

Reign não tratou de ocultar o desespero que sentia e ela apartou o olhar.

—Não sei se posso.

Ele não tratou de tocá-la. Ficou quieto como uma estátua, com o coração pulsando devagar enquanto o dela se assemelhava mais ao ritmo acelerado dos humanos.

—Tão horrível foi sua vida? Foi tão horroroso ser vampira?

Olívia pensou em todos os amigos que tinha perdido, e também em sua família. Pensou em Rosemary e James, e em todos os dias que tinha passado sozinha na cama, sabendo que seguiria estando sozinha por muito tempo. Pensou nos jovens de cabelo negro que tinha utilizado para consolar-se, e no homem que tinha sentado diante, que a tinha açoitado em sonhos cada minuto daquelas três últimas décadas.

—Sim — sussurrou—. Foi.

Reign empalideceu. Tremeu um músculo da mandíbula ao passá-la

mão pela cara.

—Poderia não havê-lo sido se tivesse ficado comigo e me tivesse dado a oportunidade de te compensar. Aos dois teria sido melhor se o tivesse feito.

Essas palavras eram tão certas que a Olívia doía as escutar. Talvez se tivesse ficado e tivesse dado a oportunidade de arrumar as coisas, o teria perdoado. Mas como poderia ter conseguido Reign tal proeza?

—Se queria tanto que te perdoasse, por que nunca me pediu isso?

—Porque não acreditei que estivesse disposta a me escutar. —Franziu o cenho—. De fato, não estou seguro de que agora o esteja fazendo.

Olívia o olhou.

—De que diabos está falando?

Reign ficou de pé, caindo sobre ela como um anjo negro. Não estava assustada. Para falar a verdade, uma pequena parte de si mesmo queria que a agarrasse nos braços e a obrigasse a levantar-se. Queria que se zangasse para poder ficar ela também furiosa. Queria brigar com ele, física e emocionalmente, e queria que depois se afundasse em seu corpo até que ambos estivessem muito cansados para discutir.

—É minha esposa, Liv. Isso significa algo para mim, apesar do pouco que possa significar para ti.

Por que parecia que a estivesse desafiando? Ou possivelmente estava dando um ultimato?

Reign seguiu falando:

—Estou muito farto de me sentir culpado por algo que não posso arrumar. Aceitei te ajudar porque pensei que assim poderíamos solucionar as coisas entre nós, pensei que te oferecendo minha confiança talvez você me daria a tua de novo.

Olívia tragou saliva, mas o nó que tinha na garganta fez impossível consegui-lo, e seguiu com a boca seca.

—O que está dizendo, Reign?

—Que quero recuperar minha esposa. —Parecia que incomodava que isso fora assim—. Uma de duas, ou me devolve isso, ou desaparece de minha vida para sempre. Tem até que encontremos ao James para te decidir, mas não permitirei que jogue comigo, Liv. Nem tampouco que o façam outros.

Deu meia volta e saiu da habitação dando uma portada. Olívia ficou boquiaberta, quieta onde estava.

Reign queria que voltasse com ele? Não, era muito fantástico, muito ridículo para ser verdade. Tinha que estar mentindo. Tinha que estar jogando com seus sentimentos, seguro que queria desconcertá-la. Ele não confiava nela, não importava o que acabasse de dizer sobre a confiança, conhecia-o muito bem, e sabia que tinha tanta confiança quanto a um monte de padres armados até os dentes com água benta e crucifixos de prata.

Mas tinha conseguido desconcertá-la, embora fora só por um instante. Por uns segundos breves, Olívia tinha querido perdoá-lo. Durante uns instantes, quis ser capaz de esquecer o passado e começar de novo. Mas não podia. Embora quisesse fazê-lo, fossem quais fossem os novos sentimentos que tivesse para Reign os destruiria quando o entregasse em troca de James. E ia fazê-lo. Não tinha escolha.

A não ser que confiasse nele e dissesse a verdade. E se o fazia, o que aconteceria então? Reign a ajudaria ou daria as costas e permitiria que James e ela enfrentassem sozinhos seus seqüestradores. Esses tipos iam matar seu sobrinho, disso estava certa. Se tinham matado um velho sacerdote, não duvidariam em acabar com um menino de vinte anos. Não, por muito que sua consciência insistisse, não podia correr o risco. Seu marido podia repetir uma e outra vez que tinha devotado sua confiança, mas até o momento, além de dizer e fazer um montão de coisas bonitas, Olívia não tinha motivos para acreditar.

Deus, o que a princípio tinha parecido uma tarefa insignificante,

estava-se convertendo em muito complexa.

Estava conseguindo enganar ao Reign? Ou era ele quem estava tratando de enganá-la a ela?

Capítulo 7

—Por que não posso pegá-lo pelos pés e pendurá-lo pelo balcão até que me confesse onde está James? —perguntou Olívia sem alterar-se.

Reign apartou o olhar do Dashbrooke, que estava no outro extremo da habitação, conversando com outro homem, e centrou a atenção em sua esposa, que também estava olhando ao cavalheiro com um sorriso assassino e absolutamente divertido na cara.

Estava preciosa, de um modo letal, claro. Parecia uma mulher normal, com sua cabeleira cor de chocolate recolhida em um coque, e sua preciosa figura envolta em um vestido de seda cor de vinho. De decote pronunciado e cintura estreita, esse objeto acentuava suas curvas e marcava o vaivém de seus quadris. Reign sabia que Olívia era capaz de matar se precisasse. Já humana era assim. Essa tinha sido uma das qualidades que mais o tinham atraído dela, sua ferocidade. Mas poucas vezes a expressava em voz alta.

—Me diga que não o diz a sério.

—É obvio que não. —deu-se meia volta e o olhou com os olhos cheios de humor e brincadeira ao mesmo tempo—. É só que pensei que se conversássemos um pouco, passaríamos melhor a imagem de recém-casados. Ou tem a intenção de seguir calado toda a noite?

Reign encolheu os ombros.

—Não tenho nada que dizer.

Deslizou a mão pelo braço, olhando-o como se fora a criatura mais fascinante que tivesse conhecido jamais. Era muito boa atriz.

—Duvido-o.

—Nada bom, refiro-me.

A mão desapareceu de repente, igual sua cara de adoração.

—Assim agora a má sou eu?

Reign se obrigou a sorrir e se abaixou como se fosse fazer um elogio, ou desculpar-se por havê-la feito zangar.

—Uma palavra mais sobre o mal que te fiz e vou. Entendeu? Deixo-te aqui e retorno a Londres.

—Faria isso? —Olívia abriu os olhos como pratos. Tinha-a surpreendido. Perfeito.

—Sem pestanejar sequer.

Ela deu-se conta que falava a sério, porque não insistiu mais. Com a mandíbula apertada, voltou a olhar Dashbrooke.

—Vai falar com ele ou ficaremos toda a noite olhando-o?

Reign bebeu um pouco de champanha.

—Carinho, tem tanta paciência como um marinheiro brincalhão em um bordel.

Olhou seu marido com o mesmo sorriso assassino de antes. Ele podia sentir a tensão que emanava de seu corpo. Quando terminasse a noite, das duas uma, ou brigavam... ou, bom, às vezes, deitar-se com ela era como uma briga.

—Sabe o que? Sua delicadeza foi a primeira coisa que me cativou.

Reign acariciou a ponta do nariz com um dedo, um gesto muito afetuoso, típico de qualquer marido.

—E você foi sua doçura.

Olívia apartou o dedo de um tapa.

—Vai falar com ele ou não?

—Quero que ele seja o que venha nos ver. Assim não estará tão na defensiva.

—Na defensiva? —A incredulidade se refletiu em seus olhos, mas conseguiu manter o tom de voz baixo—. Acredita que o pai do amigo do James pode estar envolvido?

Não deveria sentir-se tão satisfeito de si mesmo por havê-la surpreendido, mas estava.

—Carinho, prefiro acreditar que todo mundo é suspeito e ir eliminando gente da lista.

Ela pegou a taça dele e deu um gole.

—Incluindo eu, suponho.

—Não. Seja qual for seu papel em tudo isto, você não seqüestraria seu sobrinho. —Deteve um laçao para pedir outra taça de champanha. Olívia acabou a que tinha na mão e pegou outra da bandeja antes que o homem se afastasse. Sua esposa era como uma esponja.

—Como está tão certo?

—Você nunca faria mal a alguém que ama.

—A você fiz isso.

Ele a olhou nos olhos sem ocultar o que pensava.

—Sim, e isso demonstra minha teoria, não é assim? —Olívia franziu o cenho e afastou a vista. E uma chama de esperança, pequena e insegura, acendeu no peito do Reign. Maldita fosse. Não queria se iludir. Tudo aquilo seria muito mais fácil se não quisesse reconquistá-la—. Sir Robert e sua esposa vêm para cá — murmurou—. Perguntaremos-lhes pelo James.

—Crê que saberão algo? —inquiriu ela.

—Provavelmente não, mas Dashbrooke saberá que nos interessamos. Olívia o fulminou com o olhar.

—Vejo que o engano forma parte de sua vida cotidiana.

Essas palavras doeram mais do que estava disposto a admitir.

—Sim, veja quem fala, carinho... sir Robert, lady Anderson, boa noite.

Robert Anderson era barão, e certamente um dos homens mais altos que Reign conhecia. Era escocês, media mais de dois metros, e tinha as bochechas rosadas e um excelente senso de humor. Sua esposa, Heather, também era muito alta, magra, de rosto clássico e bom caráter. Ambos eram tão abertos e sinceros que era impossível não agradar a todo mundo, e por isso mesmo Reign não queria lhes apresentar uma esposa que até então não sabiam que existia.

—Reign, meu amigo! —Sir Robert deu uma palmada nas costas—. Que surpresa te ver de novo por esta parte do mundo. Não te esperava.

Sorriu- ao gigante.

—Obrigado. Me permitam apresentar minha esposa, Olívia.

—Esposa! —exclamou lady Anderson, seguida por seu marido—. Que mal. Nunca nos contou que estivesse prometido.

Por sorte, ela mesma tinha dado a desculpa perfeita para mentir.

—Foi tudo bastante inesperado. Quando conheci Liv, soube que tinha que ser minha. —Rodeou com um braço os ombros de sua mulher e a abraçou. Sabia que Olívia morria de vontade de dar uma bofetada, mas sorriu e aceitou a mão de Heather saudando-a com uma frase igualmente educada.

—Assim estão de lua de mel? —perguntou sir Robert.

—Oxalá tivéssemos essa sorte, mas temo que esta viagem não é de prazer, Robert.

O escocês franziu o cenho.

—O que aconteceu?

Reign olhou para Olívia.

—O sobrinho de minha esposa desapareceu aqui em Edimburgo. Acreditam que foi seqüestrado.

O barão e sua mulher não puderam ocultar sua surpresa e preocupação.

—OH, Deus santo. —Heather olhou para Olívia com carinho—. Há

algo que possamos fazer?

Reign sorriu devagar, como se seu oferecimento o tivesse pego despreparado.

—Talvez poderiam fazer correr a voz de que estamos interessados em qualquer informação sobre James Burnley? Acreditamos que esteve por aqui. Possivelmente conheçam alguém que possa nos ajudar.

—É obvio — concordou sir Robert—. Burnley há dito?

Olívia assentiu.

—Sim, James.

O escocês moveu a cabeça.

—Acredito recordar que conheci um jovem com esse nome faz uns quinze dias. Parecia estar muito bem acompanhado, e estar passando muito bem. E diz que foi seqüestrado?

A esperança que iluminou o rosto da Olívia destroçou o coração de Reign, assim optou por não olhá-la e centrar-se em sir Robert.

—Temos motivos para acreditar que assim é — respondeu, sem dizer nada em concreto. Quanto menos revelasse, mais destacariam os comentários que pudesse fazer qualquer dos delinqüentes.

—Informaremos todos os nossos amigos, e se alguém souber algo, pediremos que falem com vocês — disse lady Anderson convencida e lhes dando ânimo ao mesmo tempo—. Se houver algo mais que possamos fazer, não duvidem em nos dizer.

—São muito amáveis — sussurrou Olívia com voz entrecortada—. Obrigada.

Depois de mais uns minutos de conversa que concluíram com a promessa de que Reign e Olívia iriam visitá-los uma noite, os Anderson se dirigiram a conversar com seus outros convidados. Reign estava seguro de que manteriam sua palavra, e perguntariam a todo mundo se sabiam algo sobre o desaparecimento de James.

—Está bem? —perguntou a sua esposa, que seguia calada, quando

voltaram a ficar a sós.

Olívia o olhou, e incomodou que a surpreendesse tanto que se interessasse por ela.

—Acaso te importa?

—Não jogue comigo, Liv — disse mais cortante do que pretendia—. Crê que estaria aqui se não me importasse?

Ela inclinou a cabeça de modo desafiante, e Reign soube que o silêncio tinha chegado ao fim.

—Acreditava que o fazia porque se sentia culpado. Ou talvez seja para conseguir que volte a me deitar contigo?

A verdade saiu dos lábios do Reign sem nenhum esforço.

—Nada disso seria suficiente se não sentisse algo por ti.

Olívia afastou o olhar, e levou uma mão ao coração.

—Preferia que não dissesse essas coisas.

Ele estudou as delicadas linhas de seu pescoço nu, e a observou tragar saliva, nervosa. Ela não era imune a sua presença. E se não temesse que o fulminasse com um raio, daria graças a Deus por isso.

—Então, seria melhor não perguntar.

Voltaram a ficar em silêncio uns minutos, até que uns quantos casais decidiram fazer as honras ao quarteto de corda que tinham contratado os Anderson e começaram a dançar.

—Gosta de dançar? —perguntou Reign.

Olívia respondeu com uma gargalhada.

—Faz muito que não pratico.

—Razão a mais — respondeu oferecendo o braço—. O que me diz?

Era uma dança popular chamada baile do tartán. E como todas as danças populares, não se compunha de muitos movimentos lentos. Mas não foi por isso que tinha pedido a Olívia que dançassem. Reign só queria vê-la sorrir. E sempre o fazia quando dançava.

Conseguiu-o. Ao final do baile, a via contente, e havia um brilho em

seus olhos que ele não via desde o dia de suas bodas. Nessa ocasião tinham dançado muitíssimo.

Participaram de outra dança popular chamada «a lavadeira irlandesa», da qual nenhum dos dois conhecia os passos. E ao chegar aos últimos passos, ambos estavam rindo-se.

Assim, quando soaram as primeiras notas da valsa, foi mais do que normal que Reign rodeasse Olívia com seus braços, mantendo as distâncias, é obvio.

—Tinha esquecido como dança bem — disse ela enquanto ele a deslizava pelo salão. Reign apostaria que eram a viva imagem de um matrimônio feliz.

Sorriu sem humor.

—Acredito que esqueceu muitas coisas boas sobre mim.

Ela esboçou um meio sorriso arqueando uma sobrancelha.

—É muito mais fácil recordar as más.

Reign riu, e ela que o criticava por ser muito sincero! Mas preferiria passar a vida sendo insultado por aquela mulher que adulando a outra.

Quando a valsa chegou ao fim, Reign foi em busca de uma taça de champanha para cada um. Não levava nem um minuto de novo junto a sua esposa, quando Dashbrooke se aproximou deles.

—Gavin, por todos os Santos, o que está fazendo aqui?

Talvez seis séculos não tinham conseguido que Reign fosse mais inteligente, mas sim que fosse muito mais preparado. E, como sabia que Olívia guardava um segredo, sabia também que ao Dashbrooke não surpreendia o mínimo vê-lo ali. Possivelmente porque era consciente de que o homem o tinha visto chegar à festa, ou porque sabia que se inteirou de sua chegada a Escócia no dia anterior. Ou por algum outro motivo que não queria analisar naquele momento.

—Dashbrooke — o saudou com um sorriso e um apertão de mãos—. Permita-me que apresente minha esposa, Olívia.

Foi imaginação sua ou a cara de surpresa do Dashbrooke voltava a ser completamente falsa?

—Esposa? Uau, meu amigo. Faz três semanas não estava casado!

—Fugimos — mentiu Olívia com surpreendente naturalidade—. Foi um namoro muito rápido—acrescentou ela.

Estava paquerando. Era o mais estranho que Reign tinha visto Liv fazer, mas não demorou para compreender sua intenção e seguiu o jogo.

—Quando a vi, soube que tinha que ser minha.

Dashbrooke olhou Olívia com lascívia, e Reign ficou tenso, mas conseguiu controlar seus instintos... que o empurravam a arrancar a cabeça daquele gordo seboso.

—De fato, acredito que conhece meu sobrinho, senhor Dashbrooke — prosseguiu ela, como se não se desse conta daquele bastardo babando ao olhar o decote—. Um jovem chamado James Burnley.

Imediatamente, a expressão do outro se transformou em pura amabilidade.

—É obvio que o conheço. Ele e meu Reggie são unha e carne. Diga-me, senhora Gavin, sabe algo dele? Faz dias que não temos notícias dele. Reginald está convencido de que se colocou em alguma confusão.

O rubor que cobria as bochechas da Olívia, e que Reign se esforçou tanto por conseguir, desvaneceu-se de repente ao ouvir o cruel comentário.

—Não, senhor. Esperava que pudesse me dizer algo sobre seu paradeiro.

Dashbrooke sacudiu a cabeça e suas bochechas se balançaram.

—Sinto-o muitíssimo, madame. Um dia estava ali tomando o café da manhã tranqüilamente conosco, e na manhã seguinte tinha desaparecido.

—Talvez seu filho saiba algo? —Olívia levantou as mãos, que tremiam, delatando assim o medo que tinha conseguido ocultar em sua voz. Seus olhos mantinham a calma.

Maldita fora, pensou Reign, não era tão frágil como Dashbrooke, ou ele mesmo, acreditavam.

Seu interlocutor se encolheu de ombros.

—Talvez. Mas Reggie não me acompanhou esta noite.

Reign não podia suportar mais ver Olívia passar tão mal, tanto se era verdade como não.

—Seria melhor seu filho nos visitar — sugeriu Reign—. Me desculpe, Dashbrooke, mas tenho que levar Olívia para casa.

O outro homem disse algo, mas Reign não prestou atenção. Segurou Olívia por um cotovelo e a guiou até a saída. Nem se incomodou em despedir-se de sir Robert e lady Anderson. Mandaria-lhes uma nota no dia seguinte. Nesse instante, só importava sua mulher.

Por sorte, sua casa não ficava longe e, ao sair da festa antes que esta terminasse, economizaram os engarrafamentos. Chegaram a seu domicílio em menos de vinte minutos.

—Deve acreditar que sou fraca — sussurrou Olívia, de pé no salão, com os ombros abatidos e o olhar triste—. Ao menos, é como me sinto.

—Nenhuma mulher capaz de estar comigo é fraca — respondeu ele. Agarrou-a pelo braço e a guiou para a escada—. Tem medo, o que é muito distinto.

—Sim, tenho medo. —A confissão pareceu surpreendê-la—. Não queria que soubesse. Acreditava que poderia utilizá-lo a seu favor.

Deus. Realmente tinha tão má opinião dele? Ao chegar ao patamar superior, Reign se deteve e a fez dar meia volta, assegurando-se de que o olhava nos olhos antes de falar. Queria que visse a verdade em seus olhos.

—Sou capaz de utilizar muitas coisas contra ti, Liv, mas o medo jamais será uma delas.

—É tão descarado... — disse com a sombra de um sorriso em seus lábios—. Tão honesto... Sempre admirei isso de ti.

O sentimento era mútuo.

—Pare. Fará que me ruborize.

Olívia se riu, e ao Reign deu um tombo o coração.

—Você? Impossível!

—Não o é. — Ele colocou uma mão no peito, sobre o coração, para dar mais dramaticidade a seu gesto—. Estou tão pouco acostumado a seus cumprimentos, que poderia morrer, e esta noite já me disse uns quantos.

Deu uns leves golpes nessa mesma mão.

—Também te disse uns quantos insultos, assim que o efeito deveria ficar compensado.

Durante um instante, compartilharam um sorriso... mas logo o bom humor se desvaneceu.

—Encontrá-lo-emos. —Não sabia por que, mas necessitava que Olívia soubesse que tinha intenção de encontrar James.

Ela assentiu.

—Sei.

Que confiasse tanto nele deveria havê-lo tranquilizado, mas não o fez. De fato, Reign sentiu um calafrio. Por um segundo, suspeitou que ela já sabia como ia terminar tudo aquilo. Mas como podia pensar algo assim se estava convencido de que Olívia não tinha tido nada a ver com o seqüestro do menino?

—Há sangue na adega — disse, trocando de tema antes que o ambiente voltasse a ficar tenso —. Sirva-se. Sei que esta noite não comeu.

Ela olhou para o chão, e logo voltou a olhá-lo a ele.

—Talvez amanhã de noite pudesse me mostrar um bom lugar para... caçar...

De verdade deveria acostumar-se pensou Reign. Seria capaz de suportar vê-la morder um homem mortal quando nunca o tinha mordido? Sabendo que não permitia fazê-lo com ela?

—É óbvio. —Fá-lo-ia porque o tinha pedido, e isso significava algo para ele—. Acredito que será melhor que me retire.

Olívia olhou para a janela que havia no outro extremo do salão. Fora era de noite.

—Mas ainda é cedo.

Sim, era. Reign não disse nada. Pela primeira vez, falhavam as palavras.

Uma morna mão rodeou a dele.

—Vêem a cama comigo.

Olívia o desejava. Deus, Reign não podia nem descrever como se sentia. Excitado. Assustado. Inseguro. Agradecido.

Permitiu que ela o guiasse até seu dormitório, uma habitação que ele tinha decorado especialmente antes das bodas, trinta anos atrás. Gostava? Não deveria importar, mas importava.

Liv não acendeu o abajur. Não precisavam de luz para ver-se à perfeição. A luz da lua que penetrava pela janela era mais que suficiente.

Reign a ajudou a despir-se e ela fez o mesmo com ele. Com mãos doces, Olívia acariciou todo o corpo, do largo tórax até chegar a seu erguido sexo. Beijou-o, acariciou-o, ficou de joelhos e o envolveu com seus lábios. Ele gemeu ao sentir a calidez de sua boca, a seda de sua língua. Estalou de prazer com os dedos afundados na cabeleira dela enquanto gemia seu nome.

Então, pegou-a em braços e a levou até a cama. Ali, beijou cada centímetro de sua pele, explorou cada curva, cada recanto. Era uma mulher tão forte, e ao mesmo tempo tão suave e perfeita... Tinha os peitos firmes, e percorreu os mamilos com as mãos e a língua. Os lambeu, os sugou até que a notou estremecer-se debaixo dele, em um intento por deslizar o corpo de Reign entre suas pernas.

Mas ele ainda não tinha terminado. Essa noite era para Olívia. Ela tinha medo de perder o moço que tinha criado como seu filho, não sabia o que pensar de Reign, seguia sem confiar nele, e tinha motivos para isso. Mas o único modo que ocorria de demonstrar que não estava sozinha,

houvesse o que houvesse entre ambos, era dando tanto prazer quanto fosse possível.

Assim se deslizou entre suas coxas, aproximando-se de seu úmida virilha e, com os dedos, separou os lábios para que sua boca tivesse livre acesso. Lambeu a suave pele, percorreu seus recantos com a língua, e conseguiu que Olívia gemesse e se arqueasse contra seu rosto. Levou-a ao orgasmo, e ela estremeceu e gritou até que ele se afastou e, com o rosto ainda úmido pelo prazer feminino, sentou-se sobre os calcanhares.

Olívia não podia nem respirar, mas quando ficou de joelhos para aproximar-se dele, a via tranqüila e relaxada.

—Vire-se — ordenou Reign com suavidade—. Fica de joelhos e se apóie nas mãos.

Viu como a percorria um calafrio, e cheirou como estava excitada. Olívia sabia o que pretendia, e o desejava tanto quanto ele. Adorava que fizesse amor desse modo. Estava acostumado a dar muito prazer, e tudo o que dava prazer a ela o dava também ao Reign.

Percorreu com as palmas a suave pele das costas até chegar às nádegas, nas que colocou seu sexo frente à entrada do corpo da Olívia. Ela gemeu ao sentir que ele se deslizava para seu interior, e Reign não pôde evitar fazer o mesmo.

—Deus, sinto-me tão bem dentro de ti...

Ela sorriu, e empurrou os quadris para trás, envolvendo-o por completo.

—E eu também.

Se com essas palavras pretendia animá-lo, funcionou. Ele arremeteu com movimentos lentos, inclinou-se para frente e, com uma mão, acariciou um peito enquanto com a outra procurava o sexo de sua esposa. Atormentou um mamilo ao mesmo ritmo com que, com os dedos, acariciava seus clitoris. O corpo da Olívia o capturou sem deixar de gemer, com os joelhos separados para permitir que ele se afundasse mais

profundo.

Nada do mundo era comparável a estar com ela. Nenhuma outra mulher, nenhuma fantasia, nenhum prazer era tão delicioso e perfeito como estar em seu interior naquele preciso instante. Reign não queria pensar no que isso significava. Não naquele momento. Provavelmente nunca.

Acelerou o ritmo de seus quadris ao notar aquela pressão tão familiar, aquela tensão entre as pernas. Afastou a mão com que acariciava o peito e a levou a cintura dela para segurá-la, enquanto com a outra seguia atormentando o sexo. Olívia arqueou as costas, apertou as coxas e tremeu, presa a ele, gritando seu nome ao alcançar o orgasmo. Seus músculos interiores se prenderam nele como uma luva, e conseguiram que tivesse um segundo orgasmo, tão intenso que Reign temeu por sua integridade física.

Desabaram juntos sobre a cama, e se amontoaram um junto ao outro do modo mais natural. Ele puxou as mantas para cobri-los, e abraçou Olívia contra seu peito.

—Isto sempre nos saiu bem — disse ela com uma nota de humor na voz, que agora soava mais rouca.

—Humm... — Com os olhos fechados, Reign deu a razão. Ainda faltavam horas para que amanhecesse, mas ia ficar dormindo como um bebê—. Também nos davam bem outras coisas.

Olívia suspirou e rodeou o antebraço com uma mão.

—Bom, ao menos ainda fica isto.

Algo dentro dele se rompeu ao ouvir a desolação que havia nessas palavras.

—Sim — sussurrou emocionado.

Aquilo era pior que não ter nada.

Quando Olívia despertou, no dia seguinte, Reign se tinha ido.

A habitação estava completamente às escuras. Seguro que ele se foi antes de amanhecer e, por sorte para ela, tinha fechado as cortinas. Deveria estar contente de que fosse tão minucioso. Deveria alegrá-la saber que Reign seguia sentindo algo por ela, fosse o que fosse. A parte de Olívia que desejava vingança pelo que tinha feito deveria estar eufórica de ter tanto poder sobre o vampiro.

Mas não o estava. Não estava eufórica absolutamente. De fato, sentia-se horrível. Quando trocasse Reign por James perderia qualquer possibilidade de reconciliar-se com ele. E não o dizia por que acreditasse que o vampiro fosse morrer. Não, sairia dessa, mas então saberia o que ela tinha feito, e a desprezaria por isso.

Olívia não queria que Reign a odiasse, mas tampouco queria reconciliar-se com ele. Aquilo era... desconcertante. E no momento não queria nem pensar.

Afastou a manta, saiu da cama de um salto e passeou pela macio tapete da habitação. A umidade que sentiu entre as coxas recordou o prazer que tinha sentido em seus braços. Seu corpo se estremeceu só de pensá-lo.

Teria as idéias muito mais claras se ele fosse um cretino e se comportasse como tal. Mas quando Reign fazia coisas como por exemplo, contratar uma criada, ou recordar o muito que gostava de dançar, resultava condenadamente difícil vê-lo como seu inimigo.

Não deveria pensar em todas as coisas que gostava do dito inimigo, disse-se a si mesmo enquanto abria a torneira da banheira de porcelana. Houve uma época em que gostava de muitas coisas dele. Eram tão similares em gostos e opiniões. Reign consentia todos os caprichos, mas os presentes que tinha dado sempre tinham tido mais valor que o financeiro. Tinha-a levado a um montão de lugares novos, tinha ensinado um montão de coisas. OH, e seu agudo senso de humor a tinha feito rir,

sua força a tinha deixado sem fôlego, e seu cavalheirismo... Bom, digamos que não havia mulher no mundo que pudesse resistir a um homem com aspecto de gladiador e alma de poeta.

Um homem que, ao final de uma noite difícil, em que Olívia tinha começado a indagar sobre James, e apesar de ser consciente de que não devia confiar nela, tinha perguntado se estava bem.

Seu sobrinho. James. Essa noite tinha que ir ao O Lobo, o Carneiro e o Cervo buscar suas instruções. Diriam os seqüestradores onde reunir-se com eles? Ou jogariam com ela um pouco mais?

Enquanto derramava óleo de lavanda na banheira, ocorreu uma idéia que deu esperanças. Se os seqüestradores de James decidiam fazer perder mais tempo, talvez ela pudesse aproveitá-lo para achar seu sobrinho. Se ela e Reign o encontrassem, não teria que entregar seu marido aos vilãos. Talvez ele a odiasse de todos os modos por tê-lo traído, mas ao menos assim poderia viver sem remorsos.

Como se sua consciência servisse para algo estando James em perigo.

Tratou de não pensar mais nisso e se meteu na banheira. Mas seu mau humor aumentou.

Olívia se banhou com rapidez, e lavou os restos de sua noite de amor. Nem sequer sabia se vampiros podiam procriar. Desde que Reign a transformou, seus períodos não tinham sido regulares, mas de vez em quando seguia tendo-os. Havia alguma possibilidade de que ficasse grávida?

Algo mais que não queria pensar de momento. Não porque desse medo, mas sim porque não queria se iludir. Um menino vampiro a que pudesse ser sua verdadeira mãe, e não uma mera imitação.

Um menino que sempre recordaria que tinha traído ao homem que amava. Só Deus sabia que tipo de monstro seria. E se tinha um bebê que alguma vez se fazia idoso?

—OH, tudo isto é uma estupidez! —Puxou a tampa da banheira e

ficou de pé, salpicando água por todos lados—. Oxalá pudesse deixar de pensar!

—Está falando sozinha? —perguntou Reign com um sorriso da porta—. Dizem que é o primeiro sinal de loucura, sabia?

Olívia ficou olhando-o. Não o tinha ouvido entrar. Estava tão absorta em seus estúpidos pensamentos que a tinha pego despreparada. Isso acontecia muito ultimamente. Um olhar bastou para que se desse conta de que Reign não estava de tão bom humor como aparentava. Tinha ouvido seu último comentário, o brilho de seus olhos o delatava.

—Se isso for certo, levo louca os últimos sessenta anos — respondeu, obrigando-se a pegar a toalha sem pressa—. Pois falo sozinha desde que aprendi o alfabeto.

—Suponho que terá brilhantes conversações.

—Sempre me digo o que quero ouvir — respondeu com um sorriso crítico. A ele podia confessar embora nunca o dissesse a ninguém mais.

Reign assentiu, e apesar de que estava nua, não deixou de olhar seu rosto nem um segundo.

—Quando estiver preparada, partiremos para a hospedaria.

Havia algo estranho nele, faltava algo em seu interior, em seu modo de falar e de mover-se. Não era o mesmo Reign de sempre, já não a aturdia com sua presença, nem com a paixão que emanava de seu ser. Algo tinha acontecido. Mas o que?

Parecia... triste. Estava triste por ela ou por ele mesmo? Maldita fora. Olívia queria consolá-lo, inclusive quando uma pequena parte dizia que desfrutasse da tristeza do vampiro.

—Está bem? —perguntou ao sair da banheira—. Está estranho. —No outro extremo da habitação, alguém bateu na porta, abrindo a seguir. Janet. Seguro que Reign tinha pedido que subisse para ajudá-la a vestir-se.

—Estou bem. —Era óbvia a mentira. Nem sequer tratou de

dissimular—. Espero lá embaixo.

—De acordo. —Com o queixo levantado, observou-o sair da habitação. Não ia ficar pegajosa, não ia insistir que confiasse nela. Se tinha decidido comportar-se assim, melhor para ele, ao fim se distanciavam, a Olívia também ficaria muito mais fácil. Que a tratasse como uma desconhecida era algo bom.

Embora, por desgraça, Reign a conhecia melhor que ninguém. Muito melhor do que ninguém a conheceria jamais.

Capítulo 8

A hospedaria O Lobo, o Carneiro e o Cervo estava situado em uma parte da cidade de Edimburgo conhecida como cidade velha. No caminho da casa de Reign, que ficava na chamada cidade nova, por razões mais que evidentes, este contou a Olívia o alto e impressionante que tinham parecido os edifícios antigos a primeira vez que os viu com seus amigos. Na atualidade, esses edifícios de apenas treze andares já não pareciam nada do outro mundo, mas sorria ao contar o fascinado que ficou então diante de tal obra de engenharia.

Olívia também havia visto muitas mudanças ao longo de sua vida. Trinta anos atrás, nem teria ocorrido que os homens viajariam de carros motorizados, ou que falariam com distancia graças ao telefone. Não podia nem imaginar todas as mudanças que Reign teria presenciado em sua larga vida.

—Suponho que todas estas mudanças devem parecer incríveis.

Ele olhou pela janela quando fechavam os comércios e abriam os

pubs para receber aos clientes.

—Às vezes só sinto tristeza.

—Crê que o progresso é triste? A gente de hoje em dia sobrevive a coisas que em sua época o teriam matado.

—Talvez alguns não deveriam sobreviver —respondeu ele com brutalidade—. Nem todo progresso é mau, pelo contrário, mas acredito que deveria ser crime que um monarca destruísse as ruínas de um templo romano para levantar um palácio monstruoso.

Olívia o observou durante um instante sem saber o que pensar. Jamais tinha visto esse aspecto de seu marido. Que mais desconhecia dele? O bastante para encher um século inteiro, ou possivelmente dois.

—Algo que destrua a outra é desprezível — admitiu ela.

Reign entreceitou os olhos.

—É essa outra adaga envenenada dirigida a mim?

—Não. —Como o fazia para conseguir pô-la sempre na defensiva?—. Por que interpreta tudo que digo como um insulto?

Ele apertou os lábios esboçando um amargo sorriso.

—Porque normalmente é.

Olívia franziu o cenho e se reclinou sobre as almofadas, pondo um pouco de distância entre ambos. O que ele dizia não era verdade.

—Esta vez não. Além disso, precisaria algo muito pior que você para me destruir.

O sorriso do Reign se fez mais amplo, e seus preciosos lábios se levantaram enquanto olhava pela janela.

—Então peço desculpas.

—Não me crê?

—Não se ofenda, Liv. Ambos sabemos que não confia em mim, assim seria uma estupidez que eu confiasse em ti.

—Não me ofendo. —Mas seu tom de voz a delatou como mentirosa.

Reign suspirou e passou uma mão pela bochecha.

—Carinho, sei que está me utilizando. Não, não tente negá-lo. E o fato de que eu esteja permitindo deveria te dizer algo, não crê?

De verdade era tão transparente? Reign a conhecia melhor do que ela acreditava.

—O que é que deveria me dizer isso? Que se sente culpado ou algo pelo estilo?

—Por todos os Santos! —Ele se apoiou no respaldo do assento com um golpe seco—. Basta já de nos jogar sal às feridas, de acordo? Embora só seja por esta noite.

Culpabilidade. Ela tinha razão. Reign a estava ajudando porque se sentia culpado. Isso deveria tranquilizá-la, mas como acontecia com todo o relacionado com ele, não foi assim. Preferiria que não houvesse dito que seguia sentindo algo por ela, isso fazia que trai-lo fosse mais terrível e malévolo do que tinha acreditado a princípio.

Tinha parecido um plano tão singelo, mas não tinha passado nenhuma semana e já duvidava dele e de si mesmo. Estava questionando tudo, incluindo as três últimas décadas de sua vida. Olívia não queria questionar nada. Só queria seguir com sua monótona vida. E faria isso assim que James estivesse a salvo.

A carruagem se deteve, e a tensão que tinha estado sentindo em Reign se transformou em outra coisa. Estariam ali os seqüestradores? Supôs que eram muito preparados para ir a seu encontro. Inclusive em um lugar público, Olívia poderia lhes fazer muito dano sem que ninguém se precavesse disso. Não, não falaria, mas estariam ali para observá-la. Mandariam um mensageiro e esperariam ver sua reação ocultos na distância.

—Está preparada? —perguntou Reign ao abrir a porta.

Ela assentiu.

—É obvio.

Descenderam em plena rua, em frente a um velho edifício de tijolos.

Das janelas, saía um pouco de luz, que acentuava a sujeira que as cobria. Seguro que em algum momento tinha sido um local cheio de vida, inclusive popular, mas agora parecia decrépito e de má sorte, como um velho sedutor que não se dá conta de que com a idade se converteu em patético.

Por sorte, Olívia se tinha posto um vestido simples de cor azul escura. Não pesava muito, e permitia mover-se com total liberdade; e não preocupava se o manchava de sangue.

Do exterior podia ouvir música, animada e revoltosa. Tocavam uma dança tradicional escocesa, e Olívia, apesar dos nervos, seguiu o ritmo com a ponta do pé.

—Sabe com quem supõe que tem que falar? —perguntou Reign, colocando uma mão nas costas para dirigi-la para a entrada.

—Não me disseram isso. Perguntarei ao encarregado se tem algum recado para mim.

Reign se limitou a assentir, e afastou a mão, que não era nem cálida nem reconfortante, de suas costas, para abrir a pesada porta de carvalho.

O ruído e os aromas assaltaram os sentidos da Olívia como uma onda se chocando contra a costa. Ao longo dos anos, tinha aprendido a ignorar esses assaltos; do mesmo modo que se treinou para que seus instintos despertassem quando fosse necessário. Mas em ocasiões como aquela, quando havia muita gente em um espaço tão reduzido, seus sentidos ficavam afligidos, e era impossível ignorá-los, igual tinha acontecido na noite em que chegou a Londres.

Olívia se deteve em seco na soleira da porta, muito curvada para seguir adiante. O repentino movimento fez que Reign tropeçasse com ela, e seu tórax se chocasse contra seus ombros. Rodeou-a pela cintura para que não caísse. Muita gente os olhou, alguns com curiosidade, outros com desinteresse e alguns com desdém. A agressividade de Olívia saiu à superfície, e a besta que habitava nela desejou entrar em ação.

Começaram a arder as gengivas.

—Não passa nada — sussurrou Reign ao ouvido, acariciando a cintura por cima do espartilho.

Maldito fora por saber exatamente o que estava passando. E maldito fora por saber como acalmá-la. Mas mais que nada, maldito fora por fazer sentir tantas vontades de abraçá-lo e suplicar que a ajudasse.

O fôlego roçou a orelha de novo.

—Quer que eu vá a falar com o encarregado?

Estava lendo sua mente? - ficou tensa só de pensá-lo.

—Não. Obrigado.

Olívia levantou a mandíbula e se obrigou a cruzar por entre os bêbados que enchiam o local, o chão tão quebrado quanto o homem que atendia detrás do balcão.

Com uns olhos azuis cheios de desconfiança, este a fulminou com o olhar.

—Que? —foi o único que o tipo perguntou.

Olívia podia estender a mão e agarrá-lo pelo pescoço como se fosse um pedaço de trapo. Isso ensinaria a comportar-se. Mas em vez disso, limitou-se a devolver o pouco amistoso olhar.

—Disseram-me que viesse aqui procurar uma carta. Estará em nome de Gavin. —Podia sentir a sólida presença de seu marido detrás. Teria gostado de saber que seguia utilizando seu nome de casada? Ou, igual à ela, doeria ouvi-lo porque só servia para recordar o que tinha perdido?

O encarregado não se alterou.

—Irei ver.

Deu-lhes as costas e se dirigiu para uns maços de cigarro que havia na parede, mas através de um espelho puderam comprovar que não lhes tirava a vista de cima.

Olívia sorriu com doçura. O homem se urinaria se mostrava as presas.

Quando retornou com eles, levava um envelope nas mãos. O entregou.

—Aqui tem.

Ela o agarrou, e se assegurou de que era seu nome que aparecia escrito na parte dianteira, com elegante caligrafia.

—Obrigada.

O homem não disse nada, mas caçou no vôlei a moeda que passou voando por cima da cabeça da Olívia. A ela não tinha ocorrido pensar que teria que pagar pelo serviço. Era óbvio que a seu marido sim, e que acreditava que o tipo se merecia uma gorjeta. Teve vontade de pedir de volta a moeda.

—Sabe quem a entregou? —A profunda voz do Reign a pilhou despreparada.

O encarregado brincou com a moeda. Ao parecer, o dinheiro tinha afrouxado a língua e o tinha posto de melhor humor.

—Não, senhor. Um cavalheiro muito elegante que se acreditava muito superior a nós. —Olhou a Olívia deixando bem claro que pensava que ela era da mesma índole—. Deu-me a carta e uns xelins, e desapareceu.

—Recorda sua cor de cabelo?

—Levava chapéu.

—Tinha algo que chamasse a atenção? —Reign soava muito calmo. Talvez se desse uma bofetada, o tipo recuperaria a memória. A Olívia não importaria ser ela quem a desse.

—Tinha uma cicatriz na frente, como se fosse antiga e alguém houvesse tornado a abri-la recentemente.

Isso era algo, algo com que começar. E o tinham descoberto porque Reign fez a pergunta adequada. Ela teria pego a carta e se teria ido dali sem perguntar nada. Deus, acaso era idiota? Supunha-se que queria encontrar aqueles homens e lhes fazer pagar o que tinham feito. Ou acaso parecia bem sacrificar Reign e recuperar seu sobrinho sem mais?

Seu marido deu outra moeda ao tipo, ignorando o olhar de desaprovação de Olívia.

—Muito obrigado.

Ao ir-se, ela começou a abrir o envelope, mas Reign a deteve.

—Aqui não. Na carruagem. —Ele não apartou o olhar da saída. — Podem estar observando sua reação.

Olívia conseguiu controlar a vontade que tinha de olhar a seu redor se por acaso via alguém espiando-a.

—E? —limitar-se-ia a ocultar suas emoções e ponto.

—Isso — assinalou o envelope e continuou— talvez tenham dado isso só para ver como reage.

O modo em que o disse pôs a pele arrepiada.

—Deus santo, Reign. O que crê que há neste envelope?

—Me ocorrem centenas de possibilidades, e talvez me equivoque, mas todas são más. Abre-o na carruagem, ali estaremos só você e eu.

Não importava que aquela ralé visse como estava assustada antes que o fizesse Reign, mas como sempre, ele tinha razão.

Saíram do local e entraram na carruagem que os estava esperando. Uma vez dentro, Olívia rompeu o selo.

—É um convite — murmurou, tirando o cartão. Percorreu-o com o olhar a toda velocidade—. Um jantar que celebrarão o senhor Hiram Dunlop e sua esposa. Será dentro de duas noites. Inclui ambos. Olhe, inclusive põe seu nome.

Ao Reign não surpreendeu o mínimo, apesar de que igual a ela, não tinha nem idéia do que significava.

—Fizeram seus deveres.

Uma onda de pânico invadiu Olívia. E se ele o descobria tudo? E se os seqüestradores o tinham subestimado e averiguava toda a verdade? Abandoná-la-ia na Escócia. Teria sorte se não a matava. Não o culparia se o fizesse, e James terminaria...

Respirou fundo.

—Crê que devo aceitar?

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Não temos escolha.

—Não, suponho que não. —Desviou o olhar para a janela. De fato, não tinha escolha. Isso era o que não parava de repetir a si mesma. Fez um nó no estômago de raiva. Não tinha tido escolha quando Reign a converteu em vampiro, e agora tampouco a tinha. A próxima pessoa que tentasse controlar sua vida terminaria partida em duas, disso estava segura. Estava farta de ser uma boneca.

O silêncio se instalou entre os dois, não era incômodo, mas nem por isso menos desagradável. Seguiu e seguiu, até que o repico dos cascos dos cavalos centrou toda a atenção da Olívia.

De repente, Reign golpeou o teto da carruagem, e o veículo se deteve. Ela o olhou.

—Por que paramos? —Não estavam em casa, ainda não tinha dado tempo.

—Vamos sair — a informou Reign ficando de pé.

—Por quê? —perguntou ela, seguindo-o para a noite uma vez mais, e deixando o convite no assento.

Ele a puxou pela mão.

—Vamos caçar.

Olívia protestou, mas ele não fez conta. Disse ao condutor que retornasse à mansão e a puxou para outro local, em melhores condições que o anterior.

—Chama-se O Cubo de Sangue? —exclamou Liv atônita—. Quem poria um nome assim em uma hospedaria?

—Eu — respondeu Reign com um sorriso—. É minha.

OH, maldição. Por que isso não a surpreendia? Agora entendia que achasse tanta graça quando perguntou se O Lobo, o Carneiro e o Cervo

era dele.

—Não me admira.

A diferença de quando entrou no outro estabelecimento, e todos aqueles aromas e ruídos a sobressaltaram, ao abrir a porta do Cubo de Sangue, Olívia teve uma sensação muito mais agradável. A música era suave, embora animada, e os clientes bebiam licores da melhor qualidade. O leve aroma dos havanas impregnava o ar, mesclando-se com colônias e perfumes, todos muito caros. As pessoas ali presentes eram limpas e asseadas, e tinham ido se divertir, e não procurar problemas.

—Alguns são vampiros — sussurrou ela, estudando a habitação.

—Sim, alguns sim. Mas seguro que só estão de passagem. Este lugar é um refúgio para os de nossa espécie. Vem aqui procurar proteção e alimento, mas os humanos também são bem recebidos.

—Igual ao prostíbulo que tem em Londres. —Reign arqueou as sobrancelhas de repente, e Olívia se permitiu um pequeno sorriso—. O que foi? Acreditava que não me ia inteirar? —Houve uma época em que o tinha odiado por isso, mas mais tarde entendeu que era o esconderijo perfeito para um vampiro.

—Quase nunca me lembro de que o tenho. Sim, este lugar é mais ou menos igual, mas aqui só se vende uísque e coisas pelo estilo.

—Servem também sangue?

—Normalmente sim.

—Então, por que vamos de caça? Por que não pedimos uma garrafa e pronto?

Seus inteligentes olhos cinzas se cravaram nos dela.

—E esta noite se sentirá satisfeita com sangue engarrafado?

—Não — respondeu Olívia ruborizando-se. Aquela noite queria sentir a emoção de escolher uma presa, a satisfação de afundar suas presas na pele de outro.

—Escolhe a alguém. Um que tenha bebido demais da conta, assim

pela manhã não se lembrará de que uma formosa mulher o mordeu na jugular.

Suas palavras fizeram que um calafrio percorresse as costas da Olívia. Era impossível que Reign soubesse como elegia a suas vítimas. Não tinha sentido que estivesse excitada, mas o estava. Ao percorrer a sala com a vista, sentiu que arrepiava a pele, e procurou um candidato.

Encontrou-o. Era jovem, mas não muito, e estava médio curvado em uma cadeira, com uma mesa ao lado em que havia um copo de uísque.

—Aquele.

Reign se abaixou um pouco e seguiu o olhar de sua esposa. Estava tão perto, que Olívia sentiu as lapelas de sua jaqueta roçar o braço.

—O tipo desse canto?

Ela assentiu.

A incipiente barba do Reign roçou a bochecha e a parte lateral do pescoço. Olívia se estremeceu e inclinou a cabeça, fingindo olhar ao jovem. Era um convite, e sabia, apesar de que dava medo pensar o que sentiria se as presas do Reign voltassem a atravessar a pele. Mas medo não era só o que sentia nesse momento. Também sentia desejo.

—Parece-se comigo. —A voz do Reign era deliciosa, como veludo, zombadora e sedutora ao mesmo tempo—. Não crê?

O coração dela golpeou contra suas costelas.

—Não. —Estava mentindo, e não tinha nenhuma dúvida de que ele sabia.

—Vá por ele — a animou Reign—. Não olharei, prometo isso.

Ela notou como ele se afastava e ia atrás de sua própria presa. O que estavam fazendo? Aquilo estava mau, Olívia sabia perfeitamente, e apesar disso, tinha tanta fome... fazia muitos dias que não se alimentava, e a última vez tinha sido com sangue engarrafado. O sangue era o que os mantinha vivos, o que lhes dava paz e tranquilidade, igual ao pão com manteiga que comia quando era humana. Ainda agora seguia gostando,

mas já não era o mesmo.

Não faria mal ao jovem, mas no fim tinha que comer. Com esse último pensamento, forçou um sorriso e, balançando os quadris, dirigiu-se para sua presa.

Não se parecia com Reign absolutamente. Por que diabos havia dito isso? Aquele homem não era tão alto nem tão forte, e tinha os olhos azuis, e não cinza. Além de que seu cabelo era castanho... maldição. Sim se parecia com o Reign.

Isso não evitou que se sentasse junto a ele na mesa. Tinha muita fome, e estava completamente decidida a seguir adiante, queria demonstrar ao Reign que era capaz, embora não sabia muito bem de que. A idéia de que ele a observasse morder aquele outro homem a excitava muitíssimo, até um ponto preocupante, de modo que deixou de pensar nisso. Reign havia dito que não ia olhar.

—É muito bonita — suspirou o homem depois de uma conversação de bêbados—. E, além disso, cheira muito bem.

—Você também — murmurou Olívia—. Você gostaria de sair e dar uma volta comigo? —Fá-lo-ia fora, no beco. Ela tinha prática nessas coisas, e sabia que sempre havia um beco perto.

Seu acompanhante não necessitou que insistisse, e a seguiu como um cachorrinho mulherengo para a parte traseira do edifício. Ali, sob o frio ar da noite, na pequena passagem que cheirava a lixo e urina, Olívia empurrou sua presa contra o muro. Fê-lo com destreza, evitando que ele a beijasse. Alargaram as presas e as afundou na cálida pele do pescoço do jovem, gemendo ao mesmo tempo em que aquele doce sangue se deslizava por sua garganta. O coração do menino pulsava junto a seu peito. As mãos dele a seguravam pela cintura enquanto pequenos gemidos de prazer escapavam de sua boca e ressoavam na noite.

Olívia bebeu só o que necessitava. Se se excedia, ele ficaria muito fraco, e isso não era bom. O menino desmaiou entre seus braços, graças à

combinação de prazer sensual que havia sentido e o excesso de uísque. Lambeu os orifícios do pescoço com a língua e, depois de assegurar-se de que estavam fechados, depositou-o no chão.

Só quando ergueu-se se deu conta de que não estava sozinha. Reign estava ali e, a julgar pelo fogo que desprendia seu olhar, tinha-a observado enquanto se alimentava. Ao ver a mulher que tinha entre os braços, soube que ia fazer o mesmo.

Olívia ficou petrificada. Havia dito que não ia olhar, maldito fora.

Era casualidade que tivesse eleito a uma mulher com sua mesma cor de cabelo? Não, não era. Como tampouco era casualidade que ela escolhesse determinados homens. Reign sabia. Sabia que Olívia escolhia homens que recordavam a ele, e agora estava dando prova de seu próprio remédio.

A mulher tinha as costas apoiadas no tórax de Reign, e com as mãos acariciava todas as partes que podia de seu magnífico corpo. Estava bêbada, igual ou mais que o homem que jazia no chão, com a cabeça caída para um lado e a boca meio aberta. Reign a segurava rodeando a cintura com um braço. Com a outra mão mantinha o pescoço imóvel, para o ter espaçoso e exposto.

Olívia sentiu um comichão no seu. Seus peitos se excitaram, e um agradável calor se instalou em sua virilha. Apesar das reações de seu corpo, voltou a recordar o que sentiu quando Reign a mordeu, tantos anos atrás. Medo. Dor. Mas mesmo assim não apartou o olhar.

Sem deixar de olhá-la, ele entreabriu os lábios e mostrou as presas, que cintilaram à luz da lua. Inclinou a cabeça. Olívia tragou saliva. Podia ver a perfeição o pescoço da mulher, podia ver as duas minúsculas perfurações. Um pequeno fio de sangue deslizou pela pálida pele para o decote de seu vestido, e desapareceu entre seus peitos.

A mulher gemia de prazer e se apertava contra Reign. Ondulava os quadris, esfregando sua saia contra as calças dele. Estava seu marido

excitado? Que a estivesse observando o excitava tanto quanto a ela? Não havia nada doloroso ou traumático no que Reign estava fazendo àquela mulher. De fato, parecia encantar. Seguro que queria mais, que o desejava. Suspiros de desejo escapavam entre seus lábios, e tinha as bochechas rosadas. Movia os quadris convidando Reign sem nenhuma dissimulação.

Que Deus a ajudasse, Olívia não a podia culpar. Ela também o desejava. Queria que ele a mordesse e bebesse seu sangue. Queria que fizesse amor enquanto se alimentava dela, desejava ter um orgasmo com ele em seu interior. E queria mordê-lo. OH, virgem Santa, morria de vontade de mordê-lo.

Reign soltou à mulher. Sua ferida já estava cicatrizando, e a deixou apoiada na parede com cuidado. Tanto ela como o homem despertariam logo, ou os empregados da hospedaria, que os tinham visto sair com o Reign e Olívia, iriam buscá-los para levá-los ao interior do local. Ambos despertariam e só recordariam ter saído com um par de desconhecidos e haver sentido muito prazer.

Reign, com o olhar fixo no de sua esposa, lambeu-se os lábios. Tinha os olhos brilhantes como duas moedas de prata. Olívia se estremeceu; estava tão perto do orgasmo que bastaria uma carícia dele para alcançá-lo. Alimentar-se jamais tinha parecido uma experiência tão sensual.

—Vamos — disse Reign com voz rouca.

Ela o seguiu sem perder um segundo. E quando ele saltou para o céu, Olívia fez o mesmo. Chegaram a casa em questão de minutos, e entraram pela porta do jardim.

Segurando a saia, subiu ansiosa a escada, impaciente por despi-lo e fazer amor, e sem pensar nas conseqüências que isso pudesse ter. De fato, teria começado a despir-se ali mesmo, se fosse possível.

Abriu a porta de sua habitação e entrou. Deu-se meia volta, contando que ele a abraçaria.

Mas não o fez. Reign ficou ali de pé, tão perto que podia tocá-lo, mas olhando-a como se fosse uma desconhecida.

—Não vai entrar? —perguntou, e logo se odiou por havê-lo feito.

—Estou cansado, Liv.

—Pois vêm a cama. —Estava excitada e ansiosa, e tinha tanta vontade de senti-lo em seu interior que parecia estar a ponto de morrer. Já não importava o orgulho. Não tinha nenhuma vergonha em reconhecer que desejava qualquer coisa que ele estivesse disposto a oferecer.

—Não. —Viu que ia tocá-lo e afastou as mãos—. Estou farto deste jogo.

Olívia se deteve, o calor que sentia não demorou para converter-se em gelo.

—Por isso o espetáculo que me ofereceu no Cubo de Sangue?

—Sim. —O muito cretino nem sequer estava arrependido—. Pode escolher homens que se pareçam comigo, mas não são eu.

—Já sei. —Podia ouvir o rápido que pulsava o coração? Por que estava fazendo aquilo precisamente então? Que sentido tinha? Era porque se sentia ferido em seu orgulho? Ou porque queria ajustar contas com ela?—. E não os escolho porque se parecem com você. —Mentira, mentira.

E pelo sardônico sorriso que se desenhcou nos lábios do Reign, ele tampouco acreditou.

—E o que achou da minha escolha? —Não ocultou a amargura que sentia—. Desejou estar em seu lugar?

—Não — mentiu Olívia de novo. Sim o tinha desejado. Com tanto ardor que mal podia ficar em pé.

Se pretendia que Reign se acalmasse, não acertou com a resposta.

— Mente apesar de saber que se dissesse a verdade, ambos conseguiríamos o que queremos. E só o faz para se sair com a sua. Odeia-me apesar de morrer de vontade que te jogue um pó.

Ela piscou diante do comentário de tão mau gosto, apesar de que a

essas alturas já deveria estar acostumada.

—Isso não é verdade. —Mas era. Um pouco retorcido e perverso, mas certo.

—Observei enquanto mordia esse menino. Vi o prazer que se refletia em seu rosto, e sei que fingia que era eu, igual eu finjo que todas e cada uma das mulheres de cabelo escuro às que mordo, são você.

Olívia abriu os olhos como pratos.

—Faz isso? — Deus, eram um par de pervertidos. Muito pior, estavam loucos.

Reign se esfregou os olhos. Era óbvio que estava cansado e desanimado. E tudo por culpa dela.

—Estou farto de tentar que me sorria apesar de saber que só receberei uma careta. Estou farto de sonhar que me perdoa. Estou farto de me perguntar que diabos está fazendo aqui.

Olívia estava farta de falar sempre o mesmo. Farta que a tratasse como se fosse ela que devia uma desculpa. Ainda não o tinha visto arrepender-se de nada, e até que não o fizesse, não ia perdoá-lo.

—Já sabe o que estou fazendo aqui. —Tinha pedido alguma vez que o perdoasse? Não, mas parecia esperar que o fizesse.

—Refiro-me a mim, Liv. —Reign passou a mão pelo cabelo—. O que está fazendo comigo?

—Não sei. —E era verdade, não sabia. OH, sabia o que supunha tinha que fazer com ele, mas isso não tinha nada a ver com seus sentimentos ou seus desejos. Havia momentos em que seguia odiando-o, mas noutros se sentia vulnerável e o necessitava. A ele. Só a ele.

—Não me surpreende. Pois quando souber, faça-me saber. Boa noite.

Afastou-se, e a deixou sozinha, gelada e frustrada, com o corpo ardendo de desejo e vergonha. Olívia deveria alegrar-se por Reign partir, e não ter que fingir que era uma esposa apaixonada. Iria bem distanciar-se um pouco. Era mais inteligente. Era necessário.

Só tinha que fazer seu coração também opinar igual.

Capítulo 9

Que diabos estava fazendo?

Reign passou as horas que faltavam até o amanhecer curvado nu na cama, com os lençóis enredados entre as pernas. Tinha calor apesar da brisa que entrava pelo balcão, e estava nervoso, embora tudo permanecesse tranqüilo lá fora. Ambos os estados de ânimo eram culpa da mulher que dormia na habitação do lado.

Depois de deixá-la foi para seu quarto, despiu-se, e se tombou na cama. Logo, sem importar se Olívia podia ouvi-lo, de fato, confiando que ouvisse, rodeou com seus dedos a ereção que tinha há horas, e se acariciou até conseguir alcançar um orgasmo do mais violento. No preciso instante em que terminou, acreditou ouvir um gemido de prazer procedente da habitação de sua esposa. Pensar que ela se acariciava a si mesma pensando nele foi de uma vez satisfatório e frustrante. Olívia merecia estar tão excitada quanto ele, pois se apenas houvesse dito a verdade, teriam podido agradar-se juntos, no mesmo quarto, e não cada um por sua conta.

Reign tinha que estar louco para seguir seu jogo. Se pelo menos se sentisse só atraído por ela, poderia justificar dizendo que se estava deixando guiar por sua virilha, mas embora fosse verdade que essa parte de sua anatomia estava completamente entregue a Olívia, não era razão suficiente para suportar aquela tortura. De fato, essa mesma noite se afastou porque não queria que ela utilizasse o desejo que sentia para

conseguir o que queria. Nem que utilizasse seu próprio desejo para não contar a verdade.

E Reign se negava a assumir que fora o culpado de tudo aquilo.

Estava preocupado por ela, mas ria de si mesmo por senti-lo assim. As mentiras, os jogos, eram só uma pequena parte do problema. Naquele seqüestro havia algo mais, e não estava seguro se Olívia sabia do que se tratava. Mas embora fosse assim, não estava disposta a contar. Isso podia ser por dois motivos; ou não tinha confiança, ou... ou o que? Reign não tinha nada a ver com o James, e fazia mais de três décadas que não via Liv. Por que outro motivo não ia contar? Por medo? Acaso havia outro homem? Estava esse amante envolto de algum modo?

A idéia de que pudesse haver outro homem na vida de sua esposa, em especial agora que tinha aceitado compartilhar de novo seu leito com ele, dava vontade de uivar como um cão. Estava se comportando como um idiota. Ele não tinha sido um monge durante todos aqueles anos, e era absurdo pensar que ela o tivesse sido.

Não, o que incomodava ao Reign não era que Olívia tivesse algum amante. O que incomodava era que esse amante importava tanto para ir pedir ajuda a ele, algo que tinha jurado não fazer jamais.

Deus. Sentou-se na cama com as pernas pendurando. Não ia ficar ali curvado, torturando-se, como um adolescente apaixonado pela primeira vez. Estava atuando de maneira imatura, pensando muito no assunto em vez de fazer algo a respeito.

A noite ainda não tinha terminado. Reign não tinha comprovado se havia notícias de Clarke, e se isso tampouco resultava, sempre podia tratar de entrar na casa do Dashbrooke e ver se averiguava algo mais. Algo que fizesse sentir que tinha a situação sob controle.

Agarrou o roupão de brocado de seda que estava em cima da cama, e o pôs antes de sair da habitação e dirigir-se para seu escritório, que estava no andar de abaixo.

Apesar de ser uma criatura noturna, Reign permitia que seus empregados tivessem as noites livres. Só poucos que estavam à par de sua verdadeira natureza seguiam o mesmo horário dele. Em Londres, Clarke era um deles. Ali, era Watson, seu mordomo.

A casa estava em relativo silêncio. Podia ouvir Watson cantarolando enquanto se preparava para deitar-se. Aos trinta anos, tinha aprendido a levar a mansão de Reign instruído por seu pai, um bom homem, diferente do pai de Reign, que se tinha afastado uns anos atrás. Watson dormiria até tarde, e não despertaria até que chegasse o resto dos empregados. Ninguém estranhava que um rico homem de negócios tivesse uns horários tão extravagantes, pois todos sabiam que gente com privilégios era preguiçosa e tinha costumes decadentes.

Desse modo, Reign se assegurava que nenhum lacaio avoadado se encontrasse com ele a meia-noite e corresse o risco de sair ferido. Assustar um vampiro era tão perigoso como brincar com uma colméia de abelhas, mas muito mais letal. Por outro lado, ele era muito ciumento de sua intimidade, e não queria que ninguém o visse chegar com a camisa manchada de sangue, fosse sua ou de outra pessoa.

Ao chegar a seu escritório, ligou o abajur da mesa e sentou em um fofo sofá. A única comodidade que sentia falta na sua casa da Escócia era o telefone. Embora, em realidade, não fazia falta. As pessoas com quem queria falar, ou estavam a seu lado, ou não tinham telefone. E Reign não queria que ninguém acreditasse que estava disponível as vinte e quatro horas do dia.

Em cima do mesa havia um monte de correspondência. Era evidente que um par de envelopes continham convites. Os olharia mais tarde. Outro era uma carta de um de seus sócios de Massachusetts, que sempre escrevia para Edimburgo para que encaminhassem as cartas onde quer que Reign estivesse. E dois telegramas eram do Clarke. Um com data do dia anterior, e outro daquela mesma manhã.

Abriu primeiro o último. Era curto e conciso. Ao que parecia, James Burnley estava muito interessado em tudo relacionado com vampiros, e formava parte de uma associação em que tratavam sobre fenômenos ocultos e para normais. O garoto havia fanfarroneado bastante sobre viajar a Escócia, e havia dito a um amigo do Boodle que a dita viagem ia mudar sua vida.

Interessante. No que se teria metido esse cabeça oca?

O segundo telegrama não tinha nada a ver com o anterior, mas as notícias que continha eram horríveis e deixaram Reign petrificado. Uma das garotas do Maison Rouge, o bordel que possuía em Londres, tinha sido brutalmente assassinada pouco depois que ele partisse rumo a Escócia.

Era impossível ser casualidade, mas talvez estivesse imaginando coisas. Além disso, era muito incrível para ser certo.

Levantou a cabeça ao perceber um aroma familiar. Ao princípio foi muito leve, mas logo se intensificou à medida que Olívia se aproximava. Reign inspirou fundo e a viu emoldurada na porta.

—Não pode dormir? —perguntou ela.

—Não. —Negou com a cabeça. Estava preciosa, ali de pé, com os braços cruzados sobre o peito, a cabeleira solta sobre os ombros e com aquela camisola de seda cor nata.

—Me alegro. —Baixou os braços e entrou no escritório—. É tua culpa, sabe?

Por muito que tratou de evitá-lo, e apesar da tristeza que sentia ao receber as notícias de Londres, Reign sorriu. Parece que esse seria o único comentário que sua esposa faria a respeito de sua mútua «frustração».

—Sei.

Olívia suspirou e sentou na cadeira que havia na frente da mesa de seu marido.

—Alguma novidade?

—Uma das garotas do Maison Rouge foi assassinada.

Ela cobriu a boca com os dedos para não gritar, mas abriu horrorizada os olhos.

—Meu Deus.

O horror que Olívia sentia era bastante parecido ao que tinha experiente Reign. De fato, este seguia ainda um pouco aturdido. Não podia acreditar que alguém que estivesse sob seu amparo pudesse acontecer tal coisa. Como diabos tinha acontecido?

Escolheu as palavras com cuidado, estudando atentamente a reação do Liv ao escutar.

—Antes de me deitar, vou mandar um telegrama ao Clarke, mas talvez tenha que retornar a Londres durante uns dias.

O pânico invadiu os olhos da Olívia, seguido de... raiva, e depois vergonha. Não gostava do que tinha ouvido, mas é obvio, sabia que uma morte era muito mais importante que o desaparecimento de James, sobretudo, tendo em conta que, no momento, seus seqüestradores só pareciam querer jogar com eles.

—É obvio. Quando saberá com total segurança?

—Confio ter decidido amanhã de noite.

Ela assentiu.

—Há algo que eu possa fazer?

Era uma pergunta simples, que qualquer um teria formulado nessas circunstâncias, mas ao Reign o comoveu. E se tivesse sabido o que dizer, talvez teria respondido. Mas se limitou a sacudir a cabeça.

Olívia assentiu de novo e baixou a vista.

—Tem dois telegramas.

—Sim. O outro também é de Clarke. Esteve investigando as atividades mais recentes de James.

Ela levantou o queixo de repente e toda a compaixão que seu rosto refletia se desvaneceu de repente.

—Fez investigar ao James?

A que vinha tanta veemência? Faria algo seu «doce» James que Olívia não quisesse que saísse à luz?

—É obvio. Não estamos tratando de descobrir quem o seqüestrou e por quê?

Isso a apaziguou um pouco, mas não muito. Seguia tendo o aspecto de uma cobra disposta a atacar ante a mais mínima provocação.

—E bem? O que tem descoberto seu espião?

Reign apoiou o cotovelo na mesa, descansou o queixo na palma da mão e se golpeou a bochecha com os dedos enquanto a olhava.

—O que acontece, Liv? Acaso gosta de meninos e alguém o descobriu? Matou alguém em um ataque de paixão?

Ela o fulminou com o olhar e ele sorriu. Aquela magnífica expressão a voltava louco.

—Claro que não. Não seja imbecil.

Quando ficava nesse plano perdia as formas. Mas isso teriam que deixar para mais tarde. Naquele momento, Reign estava muito impressionado pelo que tinha acontecido no Maison Rouge para começar uma discussão com sua esposa.

Recostou-se em sua cadeira, cruzou as pernas pelos tornozelos e olhou Olívia com atenção, procurando alguma amostra de engano ou dúvida em seu rosto.

—Disse James a algum de seus amigos que é uma vampira?

—A que amigos?

Reign voltou a consultar o telegrama.

—Aos Amigos dos Gloriosos Ocultos.

—Nunca ouvi falar deles — respondeu como se sua mera existência a surpreendesse.

—Seu sobrinho é o presidente. —Sua expressão seguiu igual de confusa, assim Reign continuou—: Jamais falou deles?

—Não. —Parecia molesta. James não havia dito que ia a Escócia, não tinha contado nada dessa organização. Seguro que se estava perguntando que mais teria oculto o moço, e em que confusão se teria metido—. O que fazem?

—Parecem muito interessados em todos os fenômenos para normais em geral, e nos vampiros em especial.

O modo em que abriu os olhos e a exclamação de surpresa que escapou de seus lábios não podiam ser falsos.

—Crê que os seqüestradores podem pertencer a esta associação?

—É possível. —Ele se encolheu de ombros—. Não fosse pelo assassinato do sacerdote do St. Martin, acreditaria que tudo isto é uma farsa para mostrar a tia vampira a seus companheiros.

Olívia voltou a fixar os olhos em seu marido. Por sorte, os vampiros não se enrugavam, porque a esse ritmo logo teria a cara de uma velha.

—James jamais faria algo assim.

—Não? —Reign não estava seguro de que seu sobrinho fora tão inocente como Liv acreditava—. Pediu alguma vez que o transforme?

Não precisou responder. O rosto dela perdeu toda a cor e afastou o olhar imediatamente.

—Sim. A primeira vez foi quando fez quinze anos. Mas não vejo o que tem a ver com tudo isto.

Quinze. Era só um menino. Um menino.

—E a última?

Levou-se o punho que mantinha apertado aos lábios.

—O mês passado. —Apesar de ser óbvio que estava preocupada, manteve o queixo alto—. Suponho que crê que deveria fazê-lo.

Uma risada, sincera e profunda, saiu da garganta do Reign.

—Nem em um milhão de anos! É muito jovem.

—Isso é exatamente o que disse. —Olívia se inclinou para frente, e apertou a mesa com tanta força que a madeira rangeu sob seus dedos—.

Disse que não o faria nunca. James não sabe o que significa ser vampiro.

—Não quebre a mesa, por favor. Sim sabe Liv, leva contigo toda a vida. Provavelmente nem sequer repugne a idéia de beber sangue. O que deveria preocupar é passar toda a eternidade sem pelos na virilha.

Olívia o olhou como se fosse o homem mais estúpido e repulsivo do mundo. E isso ainda não o tinham feito.

Ao menos soltou a pobre mesa, mas não sem antes deixar marcas nas unhas na madeira.

—Leva tanto tempo sendo um vampiro que esqueceu o que significa ser humano. —Um sorriso malicioso apareceu em seus lábios—. Por isso se esforça tanto em fingir que é humano na frente dos outros, e em viver seguindo suas normas, porque se não o fizesse, já não ficaria nem rastro de humanidade.

As palavras da Olívia fizeram mal, mas só porque eram uma verdade pela metade. O que Reign sentia era medo de sucumbir à besta que habitava em seu interior. Levava seis séculos tentando superar esse temor e ainda não o tinha conseguido.

Manteve o rosto impassível e replicou:

—Enquanto você se aferra a uma mortalidade que já perdeu, e tem medo de aceitar o que é porque talvez inclusive chegue a gostar.

Ela apertou os lábios. Touchée.

Por desgracia, justo depois de se machucarem mutuamente, ambos foram invadidos pelo remorso. Mas como ambos preferiam cortar a língua a desculpar-se com o outro, Olívia optou por trocar de tema.

—James só vê a força sobre-humana, e que temos os sentidos mais agudos. Não quero que conheça o mau gole da transformação. Não quero que saiba como é horrível saber que matou sua primeira presa porque não pôde controlar-se. Não quero que se converta em um assassino na primeira vez que se alimente.

O horror que emanava dela deixou Reign aniquilado, e se obrigou a

manter a calma.

—Foi isso o que aconteceu, Olívia?

Moveu tão imperceptivelmente a cabeça, que o gesto de assentimento quase passou despercebido.

—Já sei o que está pensando, crê que nada disso teria acontecido se tivesse ficado contigo em vez de sair fugindo. Eu mesma me repeti isso milhares de vezes.

Deus. Como diabos poderia compensá-la por isso?

Reign se levantou de sua poltrona, rodeou a mesa, e se ajoelhou diante dela. Não a tocou, mas fixou os olhos nos seus.

—Se eu tivesse sido mais paciente e tivesse esperado que se acostumasse com a idéia de se converter em vampiro, não teria que aprender tudo sozinha. Deveria haver cuidado melhor depois de te morder. Deveria ter sido melhor marido, e asseguro que o lamento muitíssimo.

As gemas dos dedos da Olívia acariciaram a maçã do rosto com um roce leve como uma pluma. Em momentos como aquele era quando sua esposa parecia mais bela; quando dizia algo que a comovia e seu rosto refletia seus sentimentos. E então soube que não tinha posto tudo a perder.

—Não podemos viver obstinados a um «se tivesse», Reign - murmurou ela, ficando de pé—. Custou-me muito, mas no final aprendi que a vida é assim. Vou para a cama.

Ainda de joelhos, ele a observou partir. Ficou ali muito momento antes de levantar-se. Logo, apagou a luz e retornou a seu quarto, onde fechou o balcão e correu as pesadas cortinas bem a tempo que não penetrasse o primeiro raio do amanhecer que já se insinuava no horizonte.

Nu, meteu-se na cama de novo e, na escuridão, ficou olhando o teto, pensando na grande diferencia entre ele e Olívia. Reign não vivia

obstinado a um «se tivesse».

Sua vida inteira dependia que não o fizesse.

Seria aquela a noite em que trairia seu marido?

Enquanto estava se vestindo para assistir ao baile que a haviam convidado os seqüestradores, Olívia não pôde evitar repetir a pergunta pela enésima vez. Se os vilões que retinham James pediam que entregasse Reign, fá-lo-ia e sairia dali. Fá-lo-ia. Tinha que fazê-lo.

Mas apesar de tudo, vestiu-se pensando no gosto de seu marido. Escolheu um vestido de seda cor marfim, com flores costuradas no ombro esquerdo, justo por cima da diminuta manga, e que desciam até o peito. Flores idênticas às que adornavam a parte inferior da cauda. Levava umas luvas até o cotovelo da mesma cor, e nos pés sapatos dourados com pérolas nas fivelas.

Pediu a Janet que recolhesse o cabelo do modo que tanto gostava Reign, com os cachos sujeitos no alto da cabeça e algumas mechas soltas nas bochechas. Não era o penteado mais em moda naquela época, mas a favorecia muito.

E tudo por que, perguntou-se a si mesma. Para terminar comportando-se como Judas?

Deus, oxalá os seqüestradores fizessem a troca naquela mesma noite. Assim podia retornar com James a sua casa e tratar de seguir com sua vida.

E confiar que Reign sobrevivesse ao que tivessem preparado para ele, porque se seu marido morria, ela se sentiria tão culpada que não poderia seguir vivendo. Cada vez que Reign fazia algo de mau gosto, ou se mostrava autoritário, Olívia se refugiava no ódio e ressentimento que acreditava seguir sentindo, mas de repente, ele fazia alguma outra coisa inesperada, carinhosa, e deixava descoberto quão vulnerável era frente a

ela.

A noite em que se deitaram, Reign não a humilhou, mas o fez ao rechaçá-la na outra noite, quando Olívia se jogou em seus braços como uma vulgar cortesã. Ele tinha insinuado que James poderia ter participado de seu suposto seqüestro, como se seu sobrinho fosse capaz de fazer tal coisa. Mas logo se mostrou muito arrependido de havê-la convertido em vampiro. Se seu marido deixasse de ser tão imprevisível, tudo isso seria muito mais fácil.

Deus, que medo tinha passado quando matou sua primeira vítima, e que vazia se sentiu ao fazê-lo. Pretendia Reign eliminar tanta dor com uma mera desculpa? Embora a verdade fosse que o tinha conseguido, ao menos em parte. Nesse instante, os dias que tinha passado oculta nas igrejas e porões para resguardar-se dos raios do sol não pareciam já tão horríveis. Se alimentar de bêbados, alguns limpos e outros nem tanto, não parecia tão asqueroso. Só seguia atormentando a lembrança da solidão que a tinha acompanhado durante todos esses anos. Até que voltou a encontrar-se com Rosemary e recuperou sua família. Sua irmã a aceitou tal como era, e confiou seu filho. Esse menino, esse bebê, foi só o que evitou que Olívia saísse ao encontro dos raios do sol ao inteirar-se da morte de Rosemary.

James deu esperança.

—Vai terminar por desgastar o mármore.

Olívia se deteve de repente. Não se tinha dado conta de que estava passeando de um lado a outro sem parar. Levantou a vista e viu Reign que, sem ocultar como era engraçado ver daquele modo, baixou a escada com um arrogante e masculino sorriso nos lábios.

Estava tão bonito como de costume. O traje de gala, branco e negro, assentava muito bem; fazia destacar o moreno de sua pele, assim como a palidez de seus olhos, junto com seu cabelo tão escuro e espesso. Não tinha um rosto especialmente belo, mas isso só se devia a ser um rosto

muito masculino. Aquele leve sorriso tão dele, que levantava uma das comissuras dos lábios, e enrugava os olhos, era suficiente para que a mais dura das mulheres caísse rendida a seus pés. E, essa noite, poderia conseguir inclusive que uma mulher de concreto suplicasse de joelhos que a perdoasse.

—Tinha que fazer algo para me distrair enquanto esperava — respondeu ela com mais bom humor do que em realidade sentia—. Passear me pareceu uma boa coisa.

O sorriso do Reign se voltou mais carinhoso. Não havia dúvidas que sabia que por trás daquela fachada de tranquilidade, escondia-se um medo absoluto. Por sorte, não podia saber que ela o trairia.

—Se fizermos tudo que nos dizem, James estará a salvo, Liv. Tem que acreditar.

Ela assentiu com muito ímpeto.

—Sei. É que tenho vontade que tudo acabe.

—A paciência é nossa melhor arma.

Um ataque de risada histérica escapou da garganta da Olívia.

—Que seja.

Então, ele se aproximou e baixou o último degrau. Aquela risada foi só o que ocorreu a Olívia para mantê-lo a distância. Reign ia consolá-la? A última coisa que queria era que a consolasse.

—Esta noite nos estarão observando — explicou ele acariciando os braços com as mãos—. Não deixe que vejam que está assustada. Pensa em James.

—Tem razão. —Isso podia reconhecê-lo, e a risada rouca que saiu dos lábios de seu marido aliviou um pouco a tensão que sentia. Só tinha que pensar em James e todo o resto desapareceria. Faria o que fosse preciso para recuperar seu sobrinho, e para isso tinha que ser forte.

—Esta é minha garota. Vejamos, onde está seu xale?

Olívia apanhou o precioso objeto de seda que descansava sobre a

mesa e ficou quieta, tensa, à espera que Reign colocasse sobre os ombros.

—Tudo terminará logo — disse ele, roçando a orelha com o fôlego—. Prometo isso.

Ela fechou os olhos. Podia fazê-lo. Tinha que fazê-lo.

Demorava uma meia hora para chegar à mansão dos Dunlop. Na carruagem, Reign e Olívia compartilharam uma garrafa de sangue fresco para apaziguar a vontade de comer que pudessem sentir ao longo da festa, noite que passariam em companhia de um monte de humanos. Reign não tinha muita vontade de falar, e Olívia agradeceu o silêncio. Já se haviam dito o bastante nas últimas noites, mais do que deveriam.

Que fácil resultava compartilhar a intimidade com o homem que a tinha metido naquela horrível situação. E que fácil esquecer que, não fosse por ele, James não estaria metido naquela confusão. Tudo era culpa de Reign, e merecia o que ia passar.

E ela também.

—Está preciosa — disse ele, quebrando o silêncio—. Deveria haver dito isso antes.

Olívia encolheu os ombros, fingindo que escutar essas palavras a deixava indiferente.

—Não tem que me dizer nada.

Reign não pareceu ofender-se por seu irado tom de voz. De fato, sorriu.

—Queria dizer antes de sair, mas quando vi que me olhava com essa cara de adoração fui incapaz de raciocinar.

—Eu não te olhava assim. —Mas não adiantou nada o dizer, pois seu marido pôs-se a rir. E, embora Olívia tivesse vontade de bater, também quis agradecer por distraí-la. Preferia zangar-se com ele a sentir-se culpada pelo que ia fazer.

O vampiro se recostou no assento, e se relaxou na carruagem como

um sultão. Era a viva imagem da indolência masculina.

—Tomei isso como um cumprimento, Liv. Igual deveria fazer você.

—Deveria me adular acreditar que te olhava embevecida? —Se se tivesse posto mais à defensiva teriam saído garras.

O humor se desvaneceu dos olhos e dos lábios de Reign.

—Deveria te adular que estivesse tão preso por sua beleza que não tivesse nem palavras. Inclusive agora, é-me impossível, e isso porque que tive todo este tempo para pensá-lo.

OH. Olívia abriu a boca mas não saiu nem um só som. Por sorte, a carruagem diminuiu a marcha e se deteve com suavidade, evitando ter que responder. E Reign teve a delicadeza de não insistir.

Hiram e Rosamund Dunlop os saudaram logo que os Gavin entraram no azulado salão onde ia se celebrar a festa. Hiram era um homem alto, de cabelo avermelhado e barba cheia. Rosamund era quase tão alta quanto seu marido, mas tinha o cabelo negro e os olhos de um verde brilhante. Ambos eram muito pálidos, de bochechas rosadas e um excelente humor. A Olívia caíram bem imediatamente. Rosamund recordava sua mãe, quem em vida tinha sido uma mulher muito animada. Embora seu mau gênio tivesse assustado até mesmo Lúcifer.

Sir Robert Anderson e sua esposa Heather também estavam ali, e Olívia, apesar dos nervos, tomou parte em várias conversas. Tanto o barão quanto sua esposa, assim como vários convidados, pareciam muito amáveis para estar envolvidos no seqüestro de James.

—Alegramo-nos muito que decidissem aceitar nosso convite — disse a senhora Dunlop, oferecendo uma taça de vinho—. Ao não receber resposta, não sabíamos se viriam, mas de repente chegou sua resposta e aqui estão, bem a tempo.

Olívia se obrigou a sorrir.

—Graças a você por nos convidar. —Era óbvio que os seqüestradores tinham interceptado aquele convite. Era alguém que trabalhava para os

Dunlop ou o tinham roubado do correio de Reign ao chegar a sua casa? Fora quem fosse, era na verdade arrogante. E ela ia dar uma surra assim que o encontrasse.

O resto da noite transcorreu sem incidentes. Olívia se manteve alerta, observando cada convidado, cada lacaio. Perdia uns segundos com cada pessoa, mas conseguiu participar de um par de conversas e não fazer ridículo.

Deu-se conta que Reign era muito mais discreto em seus trabalhos de investigação. Parecia imerso no ambiente da festa, mas em realidade estava atento a todos e cada um dos movimentos que tinham lugar naquele salão.

Não passou nada. Ninguém olhou Olívia com má intenção. Ninguém disse nada misterioso ou com segundas intenções. De fato, teria sido uma noite muito agradável se não tivesse passado a noite inteira esperando que acontecesse algo.

Ao terminar o jantar, serviram as sobremesas, e logo as damas deixaram sozinhos aos cavalheiros para que pudessem beber uma taça enquanto tomavam chá em outro salão, embora Olívia teria preferido o álcool. Quando voltaram a reunir-se com seus casais, muitas das damas se serviram de um pouco de xerez, mas isso não conseguiu tranquilizar Liv.

Ela e Reign ficaram até que o pessoal começou a partir. Para falar a verdade, foram os últimos a abandonar a mansão, e depois que ficou claro que nenhum dos presentes sabia nada. Era óbvio que Hiram e Rosamund estavam cansados, e que queriam retirar-se, assim Olívia e Reign tiveram que partir.

—Foi um prazer te conhecer! —exclamou Rosamund, abraçando-a com tanta força que se Olívia fosse humana, teria deixado uma marca—. Voltem logo para nos visitar, por favor.

Ela odiava mentir, mas respondeu que iria outro dia, embora não tinha intenções de retornar ali jamais. Até no caso que encontrasse James,

não poderia voltar para Escócia, pois era covarde.

Se encontrava James. A raiva que tinha sentido no princípio do seqüestro estava se convertendo em medo. Tinham ido à festa, tal como lhes tinham pedido, e agora o que?

—O que passou? —perguntou furiosa, quando ambos estavam fora, esperando que sua carruagem fosse buscá-los. Disse-o em voz baixa, para que ninguém pudesse ouvi-la, mas a desolação que sentia era indisfarçável—. Terão mudado de opinião?

Olhou ao Reign, que tinha os lábios apertados e o cenho franzido.

—Não sei.

—Foi tudo uma brincadeira? Fiz algo mal? Mataram James? —Talvez tivesse a voz controlada, mas não acontecia o mesmo com seus nervos.

Reign agarrou um braço e a guiou para o outro extremo da entrada. A ninguém pareceu estranho seu comportamento.

—Não fez nada. —E como sempre, sua voz melosa a tranqüilizou—. Talvez tenham mudado de planos, ou possivelmente minha presença lhes tenha impedido de aproximar-se.

Estava preocupado, preocupado de verdade. Até o ponto que Olívia só tinha vontade de tranqüilizá-lo.

—Não, seguro que teriam encontrado um modo. Das duas uma, ou você tem razão e mudaram os planos, ou esses bastardos estão rindo as nossas custas.

E às do James.

Sua carruagem se deteve justo atrás do de sir Robert e lady Anderson. Reign acompanhou Olívia até os degraus e se despediu de seus anfitriões enquanto outros convidados seguiam esperando seus meios de transporte.

—Desculpe senhor. —O chofer, que Olívia não sabia o nome, apesar que era o mesmo de cada noite, pediu que Reign se aproximasse.

—O que acontece? —perguntou este. Olívia preferiu observar o

intercâmbio de palavras antes de entrar na carruagem.

O condutor inclinou a cabeça.

—Jantei com o pessoal dos senhores. Quando voltei para o estábulo, encontrei isto em meu assento. —E deu um envelope—. Está em nome da senhora Gavin.

Deu um tombo o coração, mas ao recordar o que Reign havia dito sobre os seqüestradores estarem observando-a, conseguiu manter-se serena. Pelo modo em que a olhou, era óbvio que estava pensando o mesmo.

—Fez bem em guardá-lo até que saíssemos — disse Reign ao homem, sabendo que ele não poderia entrar na festa para entregar-. —Obrigado.

Deu meia volta para Olívia, e esta aceitou a mão que estendia um laçao para ajudá-la a entrar na carruagem. Reign a seguiu. Quando fechou a porta atrás deles, e depois de que estivessem em marcha, entregou o envelope. Por muito mandão que fosse, era incapaz de abrir uma carta dirigida a ela.

Olívia segurou o envelope em seu regaço e ficou olhando-o. Tinha mais ou menos o mesmo tamanho que o anterior, e naquele só tinham encontrado um convite. Iam exigir que fossem a outra festa?

—Acredita que estão debochando? —Olhou Reign—. Por que nos têm feito vir até aqui só para nos deixar uma carta na carruagem?

O rosto do Reign se manteve impassível, mas seus olhos pálidos ardiam de fúria.

—Porque queriam ver como passava toda a noite preocupada.

—Bastardos.

—Eu que o diga. Gostam de sentir que têm poder sobre você.

E tinham. T tinham, os muito desgraçados. Se não fosse por James, iria atrás deles e lhes arrancaria a jugular de uma dentada. Se Reign e ela conseguiam averiguar quem eram ou onde se escondiam, talvez terminasse por fazê-lo. Fossem quais fossem os enganos que seu marido

tivesse cometido, o que tinham pedido que Olívia fizesse a ele, era muito pior, e estava disposta a tudo para evitar ter que levá-lo ao final. Aos seqüestradores não devia nada. Em troca, as dívidas que tinha com Reign aumentavam em ritmo vertiginoso.

Deslizou a unha por baixo da lapela do envelope e o abriu. Dentro havia um papel dobrado com algo em seu interior.

Uma mecha de cabelo. De James. Podia cheirar o sabão que utilizava seu sobrinho. Esse detalhe foi suficiente para que enchessem os olhos de lágrimas. Apertou a escura mecha entre os dedos e se obrigou a conter o pranto até ter lido a carta.

—Dentro de três noites — leu em voz alta, apesar de quase não poder falar—, vêem ao Lobo, o Carneiro e o Cervo a meia-noite se quer levar seu sobrinho com vida. —sentiu-se aliviada e desconcertada de uma vez. Não se atrevia a confiar neles, mas ansiava que chegasse o momento da troca. Reign não tirava a vista de cima.

—Isso nos deixa duas noites para encontrá-lo — respondeu ele com expressão decidida—. Todo mundo deixa rastro, só temos que encontrar o dos seqüestradores. Salvaremos James e lhes daremos uma lição a esses porcos que não esquecerão em toda sua vida.

Olívia mostrou os dentes, em um sorriso letal.

—Eu gosto da idéia. —E era verdade. Gostava muito. Se encontravam James, não teria que trair Reign, e estaria presente quando aqueles canalhas descobrissem que todo seu plano se foi ao inferno.

Logo se encarregaria pessoalmente de que seguissem o mesmo caminho.

Capítulo 10

Olívia não havia dito à Reign o que pediam como resgate.

De retorno a casa, depois de receber as novas ordens dos seqüestradores, este se deu conta de que ela tinha omitido esse pequeno detalhe. Sua esposa não havia dito e ele, idiota como era, não tinha perguntado.

Que se permitisse ser tão obtuso em tudo que se referia a Liv deveria preocupar mais que o fazia. Não confiava nela, mas não poderia perdoar-se se acontecesse algo mau se pudesse evitar.

Além disso, se queria vê-lo morto, a essas alturas Olívia já o teria matado. Entretanto, isso não significava que não estivesse envolta em toda aquela farsa. Conhecendo como conhecia sua esposa, seguro que estava guardando o pior para o final.

Com mais de seiscentos anos a suas costas, Reign levava a vida com bastante filosofia. Não era que queria morrer, embora já não temesse tanto à morte como quando era humano e esse medo era quase só o que o impulsionava a viver. Mas como tampouco era estúpido, seria melhor que se mantivesse alerta. E pelo bem de seu coração confiava que, quando chegasse o momento, Olívia mudasse de opinião.

Watson os recebeu no vestíbulo. Era um homem de meia estatura, tinha o cabelo loiro e encaracolado, e olhos azuis. Reign sempre tinha acreditado que era muito bom para ser mordomo, mas não cabia dúvida que era o melhor em seu trabalho.

—No salão há um jovem que quer vê-lo, senhor.

—A esta hora? —Reign olhou o relógio que pendurava de seu bolso—. Quem diabos é?

—O senhor George Haversham, senhor.

Olívia apertou o braço com força.

—É um dos meninos que estavam com James quando foi seqüestrado.

Então, sinal que pertencia também ao grupo do Dashbrooke. Olívia e Reign ainda não tinham ido visitar este último, e ele tampouco tinha dado sinal de vida. Talvez Haversham tenha ido em busca de informação.

—Obrigado, Watson. Em seguida nos reuniremos com ele. —Olhou Olívia, que seguia segurando o envelope que tinham encontrado na carruagem—. Dê-me isso. Não quero que Haversham o veja.

Diferente do que tinha previsto, ela não se negou, e se limitou a entregar o envelope. Talvez fosse mais teimosa que uma mula, mas era uma mulher inteligente. Reign o guardou no bolso interior do casaco.

—Vamos ver o que quer o jovem senhor Haversham.

—Crê que sabe algo sobre James? —perguntou Olívia, agarrando seu braço enquanto percorriam o corredor.

—Duvido. O mais provável é que tenha vindo ver se suspeitamos de Dashbrooke.

—Então, acredita que veio nos espiar?

—Sim.

Viu que ela o olhava pela extremidade do olho.

—Parece-me que é inclusive mais malicioso que eu.

—Talvez seja porque deixei de confiar nos humanos quando deixei de ser um deles. —Reign não tinha esquecido o comentário cruel que Olívia tinha feito sobre sua obsessão por conservar parte de sua humanidade. Certamente, ela tinha razão, mas nem louco o reconheceria.

Sua esposa tinha o olhar fixo na parede, fingindo observar os quadros ali pendurados.

—Lamento se meu comentário o feriu.

—Precisaria muito mais que isso para me machucar — respondeu Reign na defensiva. Era mentira. Ela podia feri-lo de morte com toda facilidade.

Olívia se deteve e se virou para ficar de frente com ele. Anos de experiência, fizeram que também Reign se detivesse.

—Acaso seis séculos também têm feito imune à dor?

Ele era incapaz de discernir se estava debochando ou atacando-o. Mas sorriu de todos os modos.

—Suponho que me deixou num patamar difícil de superar.

—Também me doeu.

—Sei. —Reign não soube levar a situação de outro modo, e ambos tinham saído gravemente prejudicados.

Não esperou a reação dela. Despir sua alma não era fácil, e não queria escutar seus comentários.

Reign entrou no salão com Olívia nos calcanhares, e viu Haversham sentado no fofo sofá de madeira de cedro. Ao vê-los, o jovem ficou em pé. Era magro e desajeitado, com o aspecto que têm os moços quando ainda não se desenvolveram de tudo.

—Senhor e senhora Gavin.

Deus, ao Reign adorava como soava isso. Bastou esse comentário para sentir simpatia por seu convidado.

—Senhor Haversham.

—Lamento vir tão tarde, em especial tendo em conta que não fomos apresentados formalmente, mas pensei que, dada minha amizade com James, não lhes importaria que tomasse tal liberdade.

Muito bem dito, e com suficientes hesitações para que não acreditassem que o tinha ensaiado. O menino moveu nervoso as mãos e os olhou a ambos, mas se concentrou mais em Reign... Em seu olhar havia algo muito parecido à admiração.

—É obvio que não — o tranqüilizou Olívia—. Sente-se, por favor.

Haversham recordou suas maneiras, e esperou que a dama tomasse assento antes de fazer o mesmo. Reign o imitou, embora incomodasse um pouco o menino lançando olhares de soslaio com tal avidez.

«Sabe.» Não tinha nenhuma prova, mas não a necessitava. Seus instintos diziam que Haversham estava à corrente do que ele e Olívia eram em realidade. O menino sabia que eram vampiros.

E estava mais fascinado que assustado. «Deus, James contou.» O muito estúpido tinha traído sua tia para ganhar popularidade em seu grupo de amigos, e seguro que estavam convencidos que a imortalidade era tal como a pintavam naquelas novelas góticas tão românticas. Provavelmente acreditavam que a vida do vampiro estava repleta de magia negra e desejos proibidos.

—Sabe algo a respeito do desaparecimento de James? —perguntou Olívia, deslizando o olhar de um homem ao outro.

Acaso não se dava conta do que tinha feito seu sobrinho?, pensou Reign. Era impossível que acreditasse que Haversham olhasse a todo mundo com a mesma fascinação com que estava olhando a ele.

—Não, senhora. —O jovem centrou toda sua atenção em Olívia. Reign viu como o menino abria os olhos uns quantos milímetros mais. Não fosse o tema muito sério, teria se rido do garoto. Quem sabe o que James tinha contado sobre sua tia—. Reggie mencionou outro dia que estavam procurando James. Pensei que talvez teriam notícias.

Um espião. Era uma lástima que não pudesse desfrutar-se por ter acertado.

—Por desgrça ainda não averiguamos nada — respondeu Reign antes que a Olívia escapasse algo.

—OH — balbuciou o menino decepcionado.

—Me diga, senhor Haversham — Reign se reclinou no encosto de seu assento, apoiando um tornozelo na coxa da perna contrária—, por que nenhum de vocês foi às autoridades quando se deram conta de que James tinha desaparecido?

A Olívia também interessava muito a resposta a essa pergunta. Haversham os olhou com cara de não ter quebrado nunca um prato.

—Até que vocês dois apareceram, não pensamos que era o caso. Todos acreditávamos que tinha retornado a Londres. Levou todas as suas coisas.

Pela extremidade do olho, Reign viu que ela o olhava confusa. Era uma mulher inteligente. Ninguém faz as malas para que o seqüestrem. Acaso os seqüestradores tinham orquestrado tudo para que parecesse que James se foi por vontade própria? Ou era o próprio menino quem o tinha organizado tudo?

Ou talvez o senhor Haversham só lhes estava soltando um montão de mentiras.

—Que interessante — comentou Reign—. Tem você uma ferida muito feia na testa, senhor. Incomoda que pergunte como a fez? —Olhou a Olívia de lado. Pelo brilho de seus olhos soube que se lembrava que o encarregado de O Lobo, o Carneiro e o Cervo lhes havia dito que o tipo que entregou a carta tinha uma cicatriz nesse mesmo lugar. Possivelmente só fora uma coincidência. Haversham era um mentiroso, mas não parecia ter suficiente sangue-frio para tramar um seqüestro.

O jovem se tocou a ferida como se tivesse carinho, por estranho que parecesse.

—Deu-me uma bola de críquet, faz já uns quantos anos. Mas ganhamos a partida.

Reign sorriu com educação.

—Felicidades. —Fez uma pausa—. Não saberá por acaso nada sobre os Amigos dos Gloriosos Ocultos?

Haversham riu sem alterar-se pela pergunta. Sabia que ia fazê-la.

—Refere-se a esses garotos que acreditam nos fantasmas e nos duendes? Ouvi falar deles. James os mencionava toda hora. —Seu bom humor se desvaneceu de repente. Foi muito forçado—. Acredita que têm algo que ver com seu desaparecimento?

Reign se obrigou a sorrir.

—Basta dizer que desconfio de muita gente.

Ao jovem Haversham tampouco pareceu fazer efeito esse comentário.

—Então, você não pertence a essa organização? —perguntou Olívia.

O menino negou com a cabeça.

—Eu não acredito nessas tolices, embora não queria ofender James, claro.

Claro. Aquele sanguessuga estava mentindo. É obvio que acreditava nessas tolices. Não só acreditava, mas também sentia veneração por elas. Se nesse mesmo instante Reign ficasse de pé e tendesse a mão, seguro que o muito tonto se ajoelharia e beijaria os nódulos.

A ele ocorria um modo muito mais útil de utilizar seus nódulos.

—Há algo que acredita que pode nos ajudar a encontrar James? — Reign tratou de manter um tom de voz baixo, inclusive amável, mas com um certo cansaço. Não ia passar toda a noite ali sentado com aquele estúpido.

Haversham pensou durante uns segundos. E logo seu rosto se iluminou.

—Falou-me de um tipo que pertencia ao grupo dos Ocultos. Acredito que se chama Allbright. Talvez ele saiba algo.

A cara da Olívia se transformou ao sentir um raio de esperança, e Reign teve vontade de lançar o jovem contra a parede por ter sido ele quem o tivesse obtido.

—Obrigado por vir nos visitar, senhor Haversham. —O vampiro ficou em pé—. É um bom amigo de James. —Mentiu com tanta facilidade que quase acreditou nas suas próprias palavras.

Deu um apertão de mãos e o acompanhou até a saída. Depois retornou ao salão. Liv estava de pé junto à janela, com a cabeça ligeiramente inclinada para trás, igual ao dia em que voltou a vê-la em Londres. Estava rezando.

—Ainda não te respondeu? —perguntou com sarcasmo, esfregando a mandíbula. Tinha que barbear-se mas sobretudo tinha que resolver aquela situação o quanto antes.

Olívia inclinou a cabeça mas não se voltou. Ignorando o sarcasmo de seu marido, respondeu em voz baixa:

—Crê que tudo o que nos há dito Haversham é mentira, não?

Ele sim que não ia mentir.

—Tudo não, mas quase.

Ela tocou o cristal com os dedos.

—Oxalá James fugiu com seus amigos. Assim poderia estar zangada, em vez de preocupada.

—Liv, ainda não sabemos se não foi isso o que fez.

Então sim se deu a volta, e o fulminou com aqueles olhos cor uísque.

—Você viu o que fizeram ao pai Abberley!

O sacerdote tinha sido um pouco extremado, mas o ancião não devia ser importante para os seqüestradores. Decidiu mentir a Olívia.

—Talvez foi só um acidente.

Ela fez uma careta.

—Ninguém quebra a cabeça de outra pessoa por acidente, Reign. — Era óbvio que Liv tampouco acreditava tal tolice.

Embora ele sim poderia causar essa ferida a outra pessoa sem querer. E Olívia também, se não controlava sua força.

—Eu não gosto que insinue que James pode estar envolto em tudo isto. —Recuperou um pouco de cor e foi subindo o tom de voz—. Ele jamais me faria passar por algo assim!

Reign pensou em tudo o que tinha feito passar sua pobre mãe, e soube que poderia rebater esse comentário sem nenhum problema, mas não o fez. Discutir não serviria para nada, ela seguiria teimando. Liv precisava acreditar que seu precioso James era exatamente como acreditava que era.

—George Haversham sabe que sou um vampiro, não precisei mais que olhá-lo para sabê-lo. E se souber que eu o sou, seguro que também sabe que é você. —Disso não tinha a mais mínima dúvida—. Uma de duas, ou James o disse diretamente, ou alguém a quem o contou deu com a língua nos dentes.

Ela sacudiu a cabeça com a mandíbula muito apertada.

—Ele não faria tal coisa.

Deus, tinha vontades de sacudi-la por ter tanta fé naquele moço. Um menino dessa idade faria qualquer coisa para impressionar seus amigos. Por que não tinha Olívia a mesma fé nele?

Tinha chegado o momento de mudar de tática.

—O que pediram como resgate?

—Nada.

Reign arqueou uma sobrancelha, algo que parecia fazer muito freqüentemente ultimamente.

—E não te parece estranho?

Ela se encolheu de ombros e apartou o olhar.

—Não tenho muita prática em seqüestros.

Respostas vagas. Olhar esquivo. Deus, acaso pensava que ia acreditar em tudo aquilo? De verdade o tinha por tão tolo? Ou é que queria que se desse conta que estava mentindo? Por que diabos não era sincera com ele?

—Querem te conhecer, Liv. Estão dispostos a matar só para conseguir que encontre com eles. Isso não te diz nada?

De repente, ela o olhou. Tinha uma expressão distante, inclusive fria. Esforçou-se muito para consegui-la.

—Sim, diz-me que meu sobrinho corre perigo.

Separou-se da janela, e desviou de um sofá no caminho para Reign.

—Foi um engano pedir que me acompanhasse. Está decidido a fazer que James pareça um criminoso quando em realidade é a vítima!

Seguro que Olívia tampouco acreditaria que seu precioso sobrinho apostava, bebia e andava com putas. Era uma mulher preciosa, mas naqueles momentos parecia uma idiota.

—Pois me diz que querem algo, Liv. Que querem você.

—Eu? —perguntou ela boquiaberta. Por que custava tanto acreditar?

—Não me diga que, desde que descobrimos os Amigos dos Ocultos, não pensou nisso.

—Está dizendo um monte de tolices.

De novo deixou de olhá-lo e sacudiu a cabeça.

—Pediram um resgate, o que querem? —Outra vez seus instintos o guiaram para essa conclusão—. Querem que os converta em vampiros? Querem seu sangue? Por isso me trouxe aqui? Supõe-se que tenho que te salvar, ou lhes dar também o meu? O que querem de ti?

Ela ficou paralisada, somente moveu os olhos para olhá-lo. E algo horrível apareceu neles, talvez ódio. Talvez medo. Ou possivelmente se sentia culpada. Reign tinha acertado, mas em que?

—Já disse, não pediram nada.

—Deus, Liv. —passou as mãos pelo cabelo e logo, frustrado, levantou-as para o céu—. O que está ocultando?

—Nada. —Passou junto dele, agarrando uma cadeira, que lançou contra a parede—. Por que não para de uma vez?

Reign a agarrou pelo braço e virou para olhá-la.

—Liv, diga-me. Pode confiar em mim.

Ela se soltou com tanta força que o surpreendeu.

—Não, não posso confiar!

Ali estava. Por fim a verdade tinha saído à luz. E o que estava sentindo? Pena? Surpresa? Fora o que fosse, foi seguido de um atordoamento que nasceu em seu peito e se estendeu por todo seu corpo.

Não tinha sentido continuar, do que serviria?

—Está bem. —Girou sobre seus calcanhares e se dirigiu para a porta.

Olívia o seguiu. Deus, acaso não ia deixá-lo em paz nem um segundo?

—Aonde vai?

—Ao Cubo de Sangue. Preciso ver alguém. —Depois do que havia dito, isso era tudo que ia contar.

—A mulher a que mordeu na outra noite?

Reign se deteve e a olhou com a mandíbula apertada ao ouvir a amargura em sua voz. Ela se levou uma mão aos lábios, como se quisesse retirar o que acabava de dizer.

Oxalá se engasgasse com suas próprias palavras.

—Outra pessoa. —Não merecia que desse explicações, mas Reign não queria que acreditasse que estava se dedicando ao prazer quando na realidade ia averiguar algo mais sobre seu maldito sobrinho.

Olívia deu um passo mais para ele, como se tivesse medo de aproximar-se, mas teimosa como era, tratando de ocultar o dito medo.

—Se tiver a ver com James, quero te acompanhar.

Ele se encolheu de ombros.

—Faz o que queira. Não me importa nada. —Mas sim importava, reconheceu para si mesmo ao ver que ela o seguia. Depois de tudo que tinha feito para ganhar sua confiança, nada tinha sido suficiente. Nada nunca seria.

Reign acreditava que Olívia tinha quebrado o coração quando o abandonou, mas aquilo não era comparável ao que estava fazendo agora.

—Reign, por favor, me escute.

Não se deteve, e se estava prestando atenção não se notava. Saíram pelo balcão e subiram até o telhado, e durante todo o tempo ele se negou a olhá-la.

O último que disse era que não importava se o acompanhava ou não. Olívia ia atrás dele para desculpar-se por ter perdido a cabeça desse

modo, mas Reign se negava a escutá-la.

—Não tem direito a estar zangado! —exclamou ela ao chegar ao extremo do telhado—. Por que ia confiar em você depois do que me fez?

Ele a olhou com tanta frieza que a Olívia gelaram os ossos.

—Porque aceitei te ajudar a encontrar James apesar de que sabia que não estava contando toda a verdade. Porque sigo aqui e estou tratando de te ajudar embora me morda cada vez que abre a boca.

Visto desse modo, parecia que ela era uma harpia. E Olívia se sentiu... mal.

—Por que segue aqui?

—Porque quando tudo terminar, você partirá, e por fim terei um pouco de paz - respondeu ele sem emoção, sem desvelar nada nem em seu rosto nem em sua voz—. Fica tranqüila, carinho, não passarei os próximos trinta anos desejando que volte para meu lado.

Foi uma sorte que Olívia não soubesse o que dizer, porque Reign tampouco deu a oportunidade de responder, mas saiu disparado para o céu. Limitou-se a dar meia volta e empreender vôo.

O homem que ia a todas partes em carruagem, pôs-se a voar sem importar se alguém podia vê-lo ou não.

Maldição. Realmente o tinha feito se zangar.

Não. Ela entendeu por fim o que acontecia. Saiu voando atrás dele. Reign não estava zangado. Estava magoado, mas Olívia não quis fazer dano. Seu marido tinha começado a dizer aquelas coisas sobre James, e ela começou a perguntar-se se o menino, que era como seu próprio filho, teria sido capaz de dar as costas desse modo. É obvio que não, mas então, Olívia se deu conta que tinha levado Reign até Escócia com o único propósito de trai-lo. E se envergonhou tanto de si mesma que sentiu náuseas.

Só queria que James estivesse são e salvo. Entretanto, a voz de sua consciência não parava de perguntar: «E o que quer James em

realidade?». Como podia duvidar do moço que era carne de sua própria carne?

Fosse qual fosse a resposta, não teve tempo de seguir questionando-se por mais tempo. Viu que Reign descia para um grupo de edifícios da parte velha da cidade, e se não prestava atenção escaparia e teria que confiar em seu olfato para encontrá-lo, e a ela essa técnica não caía muito bem.

Ambos aterrissaram no beco que havia na parte traseira do Cubo de Sangue, o mesmo lugar onde Olívia o tinha visto alimentar-se daquela copia de si mesmo. A noite em que desejou ser essa outra mulher. Um calafrio percorreu as costas ao recordá-lo.

Reign a olhou de esguelha, com o rosto ainda escondido entre as sombras.

—Talvez sua vítima da outra noite esteja ainda por aqui.

Ela levantou o queixo diante da provocação tão descarada.

—E a tua.

—Eu não tenho fome — respondeu ele sem piscar. Aquilo era muito.

—Reign... — Não havia nem acabado de pronunciar seu nome quando ele se pegou a ela e a empurrou de costas contra a parede. Depois do impacto, uma nuvem de pó os envolveu. Os lábios do Reign capturaram os seus, assaltou-a com a boca e a língua, enjoando-a de prazer. Ela se segurou com força nos ombros masculinos, afundando os dedos na lã do casaco. Cheirava muito bem. E tinha gosto ainda melhor; era absolutamente delicioso. O corpo de Olívia reagiu imediatamente e se esticou nos lugares pertinentes.

Quando Reign se afastou, todas as suas células gritaram desesperadas.

—Diz que não confia em mim — murmurou ele—. Mas seu corpo diz o contrário.

Ela abriu a boca, mas seu marido a silenciou colocando um dedo

sobre os lábios.

—Um dos dois mente Liv. Não diga nenhuma palavra mais até que eu saiba qual dos dois.

Deixou-a ali e se deu meia volta. Ela duvidou uns instantes e tratou de recompor-se. Deus, Reign a afetava tanto... E o pior era que ele sabia.

Quando Olívia entrou no local, o aroma de havanas e cerveja deu boas-vindas. A música era oferecida por um único violinista sentado em um tamborete, que golpeava o chão com os pés ao compasso das notas.

Reign estava no outro extremo, falando com um homem baixinho e muito forte que havia atrás do balcão. Era o mesmo que os tinha atendido a última vez que estiveram ali. Aproximou-se bem a tempo de ouvir:

—Faz um par de semanas, mais ou menos, apareceu um menino te procurando.

—Um menino? —Olívia se aproximou de Reign e não pôde evitar olhá-lo esperançada. Manteve o olhar fixo à frente—. Se chamava James Burnley?

O homem que atendia no local a olhou igual observaria um quadro.

—É Olívia?

—Sim. Conhecemo-nos? —perguntou ela levantando as sobrancelhas.

—Não — respondeu, negando também com a cabeça—. Mas o garoto te mencionou. Disse que queria ver o local, pois seu «tio» Reign era o proprietário. —Olhou com expressão chateada—. Pareceu-me muito presunçoso.

Reign o olhou sombrio.

—Acaso não o são todos nessa idade? Que mais te disse, Mac?

O homem se inclinou para frente e apoiou os cotovelos no balcão. Ao falar o fez em voz baixa, para que só o ouvissem eles.

—Não parava de falar de vampiros. Dizia umas coisas que mais teria valido manter em silêncio.

Olívia se esticou, mas foi só durante um segundo. James deveria

haver-se comportado melhor. Tinha vivido com ela quase toda sua vida, estava convencida que a respeitava, e que seria capaz de manter em segredo sua verdadeira natureza.

Pode que, no que se referia a James e Reign, tivesse depositado sua confiança no homem equivocado. Logo que essa idéia cruzou sua mente, Olívia a desprezou. James era sua família. Reign era... seu marido. Maldição, desse modo não ia a parte nenhuma. Voltou a centrar sua atenção no tipo que tinha a frente.

—Quando um de seus amigos perguntou quando ia se converter em vampiro ficou agressivo. Os outros se burlaram durante um momento, dizendo que sua tia não o transformaria até que terminasse toda a verdura ou rezasse suas orações, e coisas pelo estilo. —dirigiu-se para Olívia—. Se não importar que o diga, senhora, de vez em quando, deveria haver dado um soco ou outro a esse menino.

Ela apertou os lábios. Que diabos sabia aquele homem sobre educar um menino? Tinha-o feito melhor que pode, tendo em conta que não podia ser uma mãe como as demais, que não podia sair para brincar com ele sob a luz do sol. Por exemplo, nunca o tinha levado a praia.

—Sim me importa — disse finalmente em voz baixa.

Reign pôs uma mão no braço e Olívia levantou a vista. Não oferecia compreensão, mas com seu frio olhar seu marido dizia que entendia como foi difícil para ela. Pouco a pouco, foi relaxando.

Mac a olhou incômodo, mas não se desculpou.

—Essa foi primeira e última vez que o vi, mas alguns de seus amigos voltaram aqui um par de vezes.

—Procurando confusão? —perguntou Reign.

—Não. Vieram, tomaram uma taça e se foram. Deu-me a sensação que estavam esperando algo. —Olhou ao vampiro—. Ou alguém.

Reign seguiu sem desviar a atenção do musculoso homem.

—Isso é muito interessante. Ouviu por acaso que mencionassem uma

associação chamada Amigos dos Gloriosos Ocultos?

Mac riu.

—Sim, é obvio. Os quatro estavam muito emocionados falando do tema. Disseram que eram membros fundadores. Inclusive me deixaram um panfleto de propaganda; acredito que vão se reunir aqui, em Edimburgo.

—Posso ver o panfleto? —perguntou Reign.

Mac se deu virou e procurou entre os papéis que havia em uma estante que tinha a suas costas. Enquanto o outro seguia ocupado, Olívia se dirigiu ao Reign.

—George Haversham disse que não pertencia aos Ocultos.

O inclinou a cabeça.

—Sim, e não se pergunta sobre que outras coisas nos mentiu?

O fazia. E também perguntava-se que classe de «amigos» tinha seu sobrinho.

—Aqui está. —O homem se voltou de novo para o casal lendo o título—: «Hábitos de emparelhamento dos vampiros: costumes do varão e fêmea da espécie».

—OH, Deus — balbuciou Reign. Olívia sacudiu a cabeça, enquanto olhava o folheto—. Obrigado, Mac.

Saíram do local. O encarregado se despediu deles e voltou a atender seus sedentos clientes.

Olívia olhou Reign enquanto caminhavam.

—Há uma conferência programada para dentro de duas noites. Vamos?

Ele se guardou o panfleto no bolso interior de sua jaqueta, junto com a carta dos seqüestradores. Apenas a olhou.

—É obvio. Talvez isso nos conduza até James.

—E assim por fim se livrará de mim. —As palavras saíram de seus lábios sem que pudesse evitá-lo. Antes que pudesse sequer pensar o que

dizia.

—Sim — admitiu Reign, caminhando como um gato que marca seu território—. E todos estaremos felizes e contentes, não é assim?

Sim. Ela teria seu sobrinho e poderia recuperar sua vida. Retornaria a Clovelly e passaria as próximas décadas tratando de esquecer o que tinha feito, tentando esquecer Reign. É obvio que seria feliz. E aquela umidade que sentia nos olhos eram lágrimas de alegria.

Capítulo 11

William Dashbrooke não era estúpido. Sabia que não convinha visitar seu «convidado» durante a noite, e portanto ia de dia, quando o sol brilhava no céu e era impossível que outro vampiro pudesse sobreviver sob seus raios.

Não podia arriscar-se que Reign e Olívia — os tinha estudado durante tanto tempo que os chamava por seus nomes— o seguissem desde sua mansão em Edimburgo até aquela pequena casa de campo que tinha nos subúrbios da cidade. Um visitante inesperado supunha uma catástrofe, e sabia que os vampiros sairiam vitoriosos do encontro.

Não, era imperativo que estes fossem à hora precisa, quando pudessem capturá-los e, com sorte, sem causar muitas baixas. Tinham perdido já muitos homens com o seqüestro de Têmple. Apesar de que tinham coincido o ataque com uns trabalhos arqueológicos na zona para não levantar suspeitas, era como se o vampiro os esperasse. E o cálice tinha desaparecido, Têmple o tinha fundido e mandado em partes a seus irmãos de sangue. Furioso e letal, tinha matado dois homens antes

que pudessem lançar um dardo. Precisaram de três, cheios de veneno, para conseguir dominá-lo.

Aqueles vampiros eram seres fascinantes. Eram quase deuses, e eles não pareciam sabê-lo. Os cinco, junto com seus pares, constituiriam um sacrifício glorioso e necessário.

Agora que os membros da ordem estavam à espera da chegada de outros, era de vital importância que tudo saísse segundo o previsto.

Mas no caso de algo sair errado, também tinham um segundo plano. Sempre o tinham. Os vampiros eram muito rápidos e fortes, quase invulneráveis. Só podiam ganhar sendo mais preparados que eles. Por sorte, estes não eram muito. A imortalidade tendia a relaxá-los, a convertê-los em vagos e se acreditassem invencíveis. Seguro que iriam ao lugar que tinha ordenado, convencidos que podiam sair ilesos.

Mas dessa vez não seria assim.

Dashbrooke entrou na casa, e pensou na sorte de encontrar com o jovem James Burnley. O garoto tinha economizado um monte de trabalho, e tinha proporcionado a isca perfeita para atrair ao Reign.

Este último era incapaz de negar nada a Olívia, e ela faria qualquer coisa para salvar seu precioso sobrinho, pois se sentia culpada pelo menino ficar sem mãe.

Perfeito.

Encontrou James no salão, almoçando com Reggie. Seu filho o estava decepcionando mais que de costume.

—Boa tarde, meninos — os saudou ao sentar-se junto deles—. Como estão?

Os jovens responderam e ofereceram parte de seu almoço, ambos eram muito bem educados.

—Viu minha tia? —perguntou James, cortando um pedaço de presunto com o garfo.

Dashbrooke sorriu. James se parecia muito à mulher vampiro. Era

alto e magro, muito mais bonito que Reggie, seu próprio filho. Pobre Reginald, tinha saído a seu avô.

—Sim, vi-a — respondeu ele—. Está ansiosa por vê-lo.

James sorriu, mas parecia um pouco nervoso.

—Estará irritadíssima comigo.

—Diga que não teve escolha. Seguro te perdoará.

—Quando entregar Reign, manterá sua parte no trato?

—Receberá justo o que pediste, meu querido James — afirmou o homem—. Embora me parece pouco, comparado com o que você tem feito por nós.

O sorriso do jovem se fez mais largo.

—E o que diz de mim? —perguntou Reggie.

Dashbrooke respondeu a seu filho.

—Você também.

Não ia dizer ao Reggie que, quando tudo chegasse ao fim, herdaria um poder muito maior que teria podido imaginar jamais. E tampouco tinha vontade de dizer ao James que, embora ele cumprisse com sua parte do trato, certamente terminaria morto.

Não, isso não tinha vontade de dizer.

Poucos minutos depois da meia-noite, Reign e Olívia entraram na mansão de William Dashbrooke através de um balcão do segundo andar.

—Está seguro que Dashbrooke saiu?

A pergunta de Olívia causou ao Reign um erótico comichão nas costas enquanto fechava a janela pelo qual tinham entrado. Tinha uma voz doce, cálida e sensual, e quando falava baixinho era como se o acariciasse com veludo.

—Sim.

Nunca gostou de entrar às escondidas em uma casa, ou roubar, essa

era a especialidade de Saint. O talento de Reign consistia em discernir o melhor modo de sair de um atoleiro e antecipar-se às armadilhas.

Assim sabia que a casa do Dashbrooke estava vazia, exceto pelos empregados que habitavam no andar inferior, igual sabia que Olívia mantinha uma batalha consigo mesma tratando de decidir-se entre James e ele. Disse-se que não importava que conclusão chegasse.

Tinha sido uma estupidez pensar que podia recuperá-la. E era uma estupidez seguir querendo-a.

Mas a queria.

—Reign, isto é ridículo. O que estamos procurando?

—Algo que pareça importante. —Não se incomodou em olhá-la. Doía muito fazê-lo, e estava farto de passar mal. A essas alturas, já deveria ter aprendido a suportá-lo.

Ouviu-a suspirar a suas costas.

—Obrigado, esclareceu muito as coisas.

Então sim a olhou, não sem antes preparar-se para suportar o impacto de seu rosto à luz da lua.

—Nós dois sabemos que Dashbrooke e os amigos de James estão metidos nisto, ou ao menos sabem mais que nos disseram. Se pudermos encontrar uma pista sobre seu sobrinho e seu paradeiro, é aqui.

A expressão de Olívia se suavizou, e ao Reign deu um tombo o coração.

—De acordo. Por onde quer começar?

—Pelos quartos. Seguro que as coisas de mais valor estão ali.

Era óbvio que estavam em um quarto de hóspedes, pois acabavam de limpá-lo e estava preparado para receber ao seguinte hóspede. Ali não havia nada. Mas Reign não ia se permitir não procurar a fundo, assim abriu armários e gavetas, e também olhou sob a cama para confirmar suas suspeitas.

O seguinte quarto que encontraram uns metros mais abaixo à

esquerda, alojava George Haversham, tal como podia deduzir-se das iniciais bordadas no pijama que pendurava de uma cadeira.

—Asqueroso — comentou Olívia ao entrar.

Reign deu a razão. Seguro que as empregadas tinham arrumado o quarto naquela mesma manhã, mas havia roupa por toda parte. E um urinol, usado e sem cobrir, junto à cama, que era o causador do fedor que desprendia o quarto.

Sem perder um segundo, inspecionaram o closet, o armário e a mesa. Procuraram inclusive entre as malas. Só encontraram um panfleto dos Amigos dos Gloriosos Ocultos e roupa interior feminina.

Reign segurou o objeto com um dedo e riu.

—Crê que Haversham as tirou de uma cortesã? Ou gosta de vesti-las quando está sozinho?

Olívia sorriu.

—Não quero saber.

Durante um segundo, olhou-o como se não tivesse posto tudo a perder, e Reign sentiu como se uma adaga atravessasse as vísceras. Deixou de sorrir e jogou a roupa na gaveta onde a tinha encontrado.

—Aqui não há nada mais.

O seguinte quarto era de Reggie. Estava muito mais limpo, e cheirava muito melhor que o de Haversham. Encontraram o mesmo panfleto, e Reggie tinha desenhado nele vários vampiros com presas em forma de v.

—É óbvio que tem talento artístico — disse Olívia, e Reign se permitiu um sorriso.

O menino tinha um caderno. Cada página tinha uma lista distinta, com títulos que iam desde «Coisas que não dirá às jovens damas» a «Como decepcionar menos os outros».

—Dá um pouco de pena — comentou Olívia—. Olhe, número vinte e três: «Tratar de ser menos estúpido». Pobrezinho.

Reign olhou o teto.

—Nessa idade, todos os meninos são estúpidos.

—Você também?

Reign o pensou durante um segundo, fazia muito tempo, assim não tinha muitas lembranças. Mas sim lembrava que seu pai o fazia sentir como um idiota. Por sorte, pelos séculos tinha conseguido se convencer que tudo isso pertencia a outro homem.

—Seguro — disse—. Mas naquela época eu não sabia.

Olívia devolveu o caderno a seu lugar.

—Pois alguém se assegurou de que Reggie saiba.

Reign fechou a porta do armário.

—Provavelmente seu pai. —Era consciente que Olívia o estava observando com atenção, com muita atenção. Saiu do quarto, fugindo da conversa.

Ela o seguiu.

Entraram em outro quarto de hóspedes.

— James esteve aqui — sussurrou Olívia ao aproximar-se das gavetas.

—Pode cheirá-lo? —depois de tantos dias, o aroma seria apenas perceptível, mas possivelmente tivessem sorte.

—Não, mas isto é dele. —Levantou um chapéu de feltro de cor marrom—. Isto demonstra que não saiu daqui por vontade própria.

—É só um chapéu. Possivelmente o esqueceu. —Deus, ele tinha saído de vários lugares deixando atrás tudo o que pertencia.

Olívia apertou os lábios.

—O dei de presente. É impossível que o tenha esquecido sem mais.

Parecia tão segura de si mesmo, ou melhor dizendo, tão ansiosa de está-lo... Reign em troca não compartilhava sua convicção. Seus instintos diziam que James era um menino malcriado que estava ressentido com sua tia por ser esta imortal. Supôs que estava ressentido por um monte de coisas. Os meninos dessa idade sempre estavam. Que tivesse deixado o chapéu não implicava nada exceto não querer o levar.

No armário encontraram um par de sapatos, uma camisa e um guarda-chuva na esquina.

—O que é verdade é que não saiu daqui como Haversham tratou de nos fazer acreditar.

Olívia mantinha uma expressão séria.

—Vamos ao quarto do Dashbrooke.

O dormitório principal era um espaço cheio de luxo que encaixava à perfeição com o homem. Sua decoração decadente não combinava com a simplicidade arquitetônica do prédio. Era a habitação de alguém com muito boa opinião de si mesmo, que sentia necessidade de demonstrar aos outros.

Revisaram também o banheiro contíguo sem encontrar nada. No armário havia só uma faixa vermelha com um rubi, que parecia formar parte de um traje de cerimônia. De fato, o quarto de Dashbrooke carecia de detalhes pessoais. Havia uma mesa com todos os utensílios necessários para escrever, mas sem correspondência.

Entretanto havia um monte de cinzas na chaminé. E em um canto, um pequeno pedaço de papel.

—Queima as cartas — comentou Reign—. Interessante.

—Olhe isto. —Olívia mostrou uma pequena caixa que continha um anel—. Estava no closet.

Sobre uma capa de veludo vermelho, havia um aro de prata com o desenho de um cálice nele. Era novo e brilhante, o tipo de coisa que um pai dá de presente a um filho, ou a alguém que cumpriu com louvor seu dever. A parte superior do anel era móvel. Reign pegou um lápis na mesa e a deslocou. A prata o teria queimado igual à luz do sol.

O que viu o deixou gelado.

—O que acontece? —Distinguiu o medo que se ocultava na voz da Olívia.

Ele ficou olhando a imagem da mão que tinha aparecido na polida

superfície.

—Já o tinha visto antes. —Sim. Tinha-o visto. Sua bochecha tinha levado uma marca como aquela em muitas ocasiões.

—Conhece alguém com um anel igual a este? —Era uma informação de vital importância, e Olivia insistiu—: Quem?

Reign fechou a tampa da caixinha e a devolveu.

—Meu pai.

—Não pode ser coincidência, não? —Olívia esperou até que estivessem de volta em casa, na casa de Reign, para fazer o comentário. Permitiu que levasse todo o caminho perdido em pensamentos, mas agora tinham que falar.

Reign sacudiu a cabeça. Enquanto ela passeava de um lado a outro do salão, ele caiu no sofá, com um braço sobre o estômago e outro justo por cima de sua cabeça, recostado nos almofadões.

—O seqüestro de James, que Dashbrooke tenha o mesmo anel que meu pai, o assassinato em Londres justo depois que eu saí; nego-me a acreditar que tudo seja casualidade, e o único ponto em comum sou eu.

A Olívia acelerou o coração, até que Reign acrescentou:

—Mas minha relação com o James é quase inexistente. —Pelo menos não havia dito nada a respeito dela reaparecer em sua vida. Se o fazia, começaria a amarrar os fios. No fundo, desejava que o fizesse, talvez assim conseguiria averiguar em que confusão se colocou realmente James.

Negava-se a acreditar que o menino tivesse participado consciente que não era malvado, mas era inegável que algo se passava.

—Tenho que escrever ao Clarke e contar o que aconteceu. Possivelmente ele possa descobrir o que representa esse símbolo.

—Você não sabe? —Como podia não sabê-lo? E se era assim, como

saberiam o que queriam de James aqueles tipos? E do próprio Reign?

—Não. Meu pai não era muito... comunicativo. —esfregou-se a mandíbula—. E tampouco sei o que está passando em Londres. Deus, e agora não posso voltar, não depois de tudo isto.

O via tão preocupado, que Olívia não pôde evitar dizer:

—Essas mulheres importam de verdade.

—É óbvio. São minha responsabilidade.

Disse-o tão convencido que a deixou boquiaberta. Era assim também como a via? Provavelmente. Por isso tinha sido tão fácil convencê-lo que a ajudasse. Para seu marido, era só uma responsabilidade mais que ocupar-se.

Mas se era verdade, por que tinha insistido em que voltassem a deitar-se? Embora agora levavam várias noites sem unir seus corpos. De fato, aquela conversa sobre seu pai, e os confusos sentimentos de Reign, eram o momento de mais intimidade que tinham vivido desde que Olívia disse que não confiava nele, e ele a olhou como se o tivesse golpeado.

—Você tampouco confia em mim — disse Olívia de repente.

Reign girou a cabeça e, entre aturdido e zangado, cravou seu olhar nela.

—E que diabos isso tem a ver com o anel do Dashbrooke?

—Nada. —Já que tinha começado, bem podia colocar o pé até o fundo—. Mas estou farta que me olhe mal pelo que te hei dito, quando além você pensa igual.

Ele se sentou erguendo-se no sofá. Estava desalinhado, e muito atrativo; com ambas as mãos entrelaçadas entre os joelhos.

—Tem razão. Não confio em você, mas de todos os modos te acompanhei a Escócia. E tenho feito tudo que posso para encontrar seu sobrinho, apesar de se negar a ser sincera comigo. Pedi que confiasse em mim e você negou, mas exige que eu confie em você. —Ficou de pé, e estava tão furioso que tinha inclusive as bochechas rosadas—. Assim se

estiver farta que te olhe mal, me dê uma fodida razão para que deixe de fazê-lo.

—Como pode me pedir que confie em ti depois de tudo que me fez?

—Quis retirar as palavras no preciso instante em que terminou de falar, pois se sentia mal por havê-lo feito.

—Essa merda outra vez não. —Uma risada desagradável deformou o rosto—. Acreditava que estaria disposta a fazer um esforço, Liv. Afinal, passaram trinta anos.

Tinha razão. Deveria fazer um esforço, e se as circunstâncias fossem distintas, talvez fizesse.

Olívia olhou fixamente a ponta de seus sapatos.

—Às vezes tenho a sensação de que só passaram trinta dias.

—Se sua vida foi tão horrível, por que não pôs fim?

—Refere a suicidar-me? —Olhou-o horrorizada.

—Assim deixaria de sofrer — respondeu seu marido, encolhendo os ombros—. Porque sofre muito, não?

A brincadeira de seu tom ficou oculta sob a verdade de suas palavras. Se era tão desgraçada, por que não se suicidava? James já era adulto, não a necessitava. Sua família paterna se encarregaria de cuidá-lo. Assim, por que seguia adiante? Por que seguia com vida se odiava tanto ser o que se converteu?

Porque se o fazia não voltaria a ver Reign. E essa horrível verdade ameaçou afogá-la como um pedaço de pão duro.

Como podia ter esses sentimentos e pensar em trai-lo? As possibilidades de encontrar James antes de seu encontro com os seqüestradores eram mínimas. Duas noites, era todo o tempo que tinham. Só faltavam duas noites para que Reign se desse conta que jamais deveria ter acreditado nela.

—O que? —provocou-a—. Não diz nada?

Esgotada, sacudiu a cabeça.

—Não. Está contente?

—O último dia que estive contente foi quando nos casamos.

Olívia deu as costas a essa brutal confissão e aos pálidos olhos que a acompanhavam.

—Não diga isso.

—Por que não? —Reign se aproximou dela—. Acaso crê que essa noite só arruinei sua vida? Também arruinei a minha.

OH, Deus. Olívia fechou os olhos. «Deus me dê forças.»

—Não quero saber.

Sentiu o calor que emanava do tórax de Reign contra suas costas. Poderia jogar a cabeça para trás e encolher-se em seus braços, permitir que ele a abraçasse. Mas em vez disso, ergueu os ombros, e, quando ele se inclinou para frente, roçando o ouvido com seu fôlego, estremeceu pelo esforço que teve que fazer para resistir a tentação.

—Teria nos economizado anos de sofrimento se ficasse, Liv. Teria me perdoado. Eu me asseguraria que o fizesse.

Olívia se estremeceu. O teria feito, sabia que sim. Reign deslizou os dedos por seu braço e toda ela tremeu.

—Faria tudo ao meu alcance para te fazer feliz.

Isso também sabia. O estremecimento se converteu em tremor quando a rodeou com os braços, obrigando-a a recostar-se contra seu peito. Com a mandíbula, roçava a parte interior da garganta, justo onde pulsava desesperada.

—Mas partiu. —Com a língua desenhava pequenos círculos no pescoço—. Podia voltar quando quisesse, mas ficou afastada. Teria suplicado que me perdoasse e voltasse se acreditasse que tinha alguma chance.

Olívia suspirou e se apoiou nele, seu corpo estava em êxtase por voltar a senti-lo tão perto, e estava disposta a permitir tudo. Reign apertou os braços, e, diante de um gesto tão pouco delicado, ela abriu os

olhos de repente.

—Assim se quer jogar a culpa em alguém de suas desgraças, minha querida esposa, culpe a si mesma.

Olívia se moveu, e ele a soltou imediatamente, com muita facilidade, como se nunca tivesse querido abraçá-la. Com o coração pulsando descontrolado pela raiva e a vergonha, ela se dirigiu a ele com os punhos apertados.

Seu marido arqueou uma sobrancelha.

—Vais bater-me porque falei a verdade? Adiante, Liv. Bata-me. Continuará sendo verdade.

Era o convite que precisava. Olívia jogou o braço para trás, mas Reign estava esperando o golpe e apanhou o punho sem nenhum problema. Aproveitando que a tinha tão perto, estreitou-a contra seu corpo, mas desta vez ficaram presos pelo peito e os quadris.

Ficaram olhando um ao outro, tensos como cordas, acalorados, com o fôlego entrecortado.

—Deus, quanto te desejo. —A sensual voz de Reign fez que um calafrio percorresse as costas de Olívia, e que sentisse um grande calor entre as pernas—. Como é possível estar tão zangado e te desejar tanto ao mesmo tempo?

—Não sei — respondeu com sinceridade—. Como é possível?

Ele riu, e acariciou a bochecha com seu fôlego.

Em seus olhos não havia alegria, só algo nu e vulnerável que fez que desse um tombo no estômago.

—E você também me deseja, reconheça.

—Sim. —Não tinha sentido negá-lo, embora quisesse. Desejo-te.

—O que acontece, Liv? —Soltou o punho e, com ternura, acariciou a bochecha com a mesma mão—. Por que só me sinto vivo quando estou contigo?

Essas palavras a deixaram sem fôlego. Se tivesse tratado de asfixiá-la,

não teria se saído melhor. Agora sabia que era muito mais que uma responsabilidade para ele.

—Eu...

E então a beijou. O fez com um desespero só comparável ao que ela também sentia. Os lábios de Reign, sua língua, seus dentes, não tiveram piedade e Olívia respondeu do mesmo modo. O sabor de seu marido a alagou por completo. Era intenso e salgado, com esse misterioso e exótico ingrediente que só tinham seus beijos, e que fazia que a cabeça desse voltas.

Era seu sangue. E queria saboreá-lo. Mordeu o lábio inferior e sugou com suavidade à medida que suas presas foram crescendo, até afundar-se na pele de seu marido do modo que tanto tinha desejado.

Reign gemeu contra a boca de Olívia e a apertou contra si. Aos dois lhes acelerou a respiração, e ela se intoxicou de seu sabor. O sabor dele a enchia tanto que teve vontade de chorar de felicidade. Adorava senti-lo junto ao seu corpo, cheirá-lo, saboreá-lo.

Queria mordê-lo, e queria voltar a sentir as presas do Reign em sua pele.

E ao compreender que isso era o que de verdade desejava, assustou-se. Olívia o soltou, e o afastou, lambendo as últimas gotas que ficaram sobre seus lábios.

Reign a olhou com olhos cheios de desejo e paixão, e com a boca ensangüentada.

—O que aconteceu?

Não podia dizer a verdade, porque embora tudo aquilo era certo, ainda seguia tendo medo. Seus ouvidos captaram de novo um ruído distante, e se agarrou a essa desculpa como a um prego ardendo.

—Vem alguém.

Reign tirou um lenço do bolso de sua jaqueta e enxugou os lábios. Já não sangrava, e quando bateram na porta, tinha um aspecto

perfeitamente normal, exceto que se colocou detrás de um sofá para ocultar a metade inferior de seu corpo.

—Entre. —gritou.

A porta se abriu e Watson entrou no salão. Olívia gostava do homem, nunca parecia julgá-la, assim como tampouco Clarke, embora seu perspicaz olhar foi dela ao Reign e logo ao reverso. Ela não podia ler a mente, mas sabia que o mordomo se deu conta que entre eles dois acontecia algo.

—Por favor, desculpem a interrupção, mas chegou um telegrama do senhor Clarke. E pensei que dada a hora, talvez seja algo importante.

Reign se encaminhou para ele estendendo a mão.

—Fez bem em me trazer isso. Obrigado, Watson. Pode sair.

O mordomo fez uma pequena reverência.

—É obvio. Boa noite, senhor. Madame.

Olívia o observou sair e logo centrou toda sua atenção em Reign. Estava lendo o telegrama com uma expressão muito séria.

—O que acontece? É sobre James?

Ele levantou a vista, e, por um instante, ela acreditou que ia fazer algum comentário sarcástico, mas então soube que o telegrama não dizia nada a respeito de seu sobrinho, e sim sobre algo que afetava muitíssimo Reign.

—É sobre o Maison Rouge, não? —perguntou com pesar—. Houve outro assassinato?

—Sim, maldita seja. —Reign assentiu—. Clarke quer que retorne e controle a situação. Madeline, a encarregada do bordel, está muito mal.

—É normal. —Olívia recordava perfeitamente como havia se sentido quando soube que James tinha desaparecido, e não podia nem imaginar o que sentiria se, não um, mas dois de seus seres queridos, fossem assassinados.

Mas podia imaginar quais seriam seus sentimentos se aqueles vilões

que queriam Reign fizessem mal a ele. Ou pior ainda, o matassem. Deus, só pensar rasgava a alma. Sentiu pânico, e dessa vez não tinha nada a ver com James, e tudo com o homem que tinha diante.

—Deveria ir — disse, com voz mais calma que tinha acreditado possível.

A ele pareceu surpreender ouvir essas palavras. Se fosse sincera consigo mesma, a ela também. Sentia-se mal por correr tal risco a respeito da segurança de James, mas só sabia que não podia trair Reign, e tampouco dizer a verdade.

Não suportaria que a odiasse.

—E James? —Seu marido entrecerrou os olhos—. Não pode ir sozinha te reunir com os seqüestradores.

—Sim posso. Seguro que só haverá outra carta. Você mesmo o disse, gostam de saber que têm poder sobre mim.

—Liv, essa gente é perigosa.

—E eu também. —Apertou a mandíbula—. Vá a Londres, Reign. Faz o que possa por essas pobres mulheres. Talvez tenha razão e nada disto seja casualidade. Eu me ocuparei do que passa por aqui.

Ele a olhou de um modo estranho, como se pudesse ver através dessa capa de valentia, e vislumbrasse tão assustada e desesperada estava.

—Não, não vou te deixar. Pelo que sabemos, talvez seja isso que queiram que faça. Mandarei um telegrama a Clarke contando o que descobrimos. Ele pode investigar os assassinatos. Até que esteja seguro que acontece algo estranho, fico aqui.

—Até que esteja seguro? Reign, mataram duas garotas!

O olhar que cravou nos olhos de Olívia estava cheio de decisão.

—Em mil oitocentos e quarenta, duas garotas morreram por tiros nas mãos de uns tipos que estavam ciumentos de seus outros clientes. Em outra ocasião, uma foi assaltada e a apunhalaram quando ia ver sua mãe. Os humanos são frágeis, Liv. Morrem. Eu não gosto, mas agora mesmo

não tenho nenhum motivo para retornar a Londres, exceto consolar uma empregada e velha amiga, e prestar ajuda econômica às famílias das vítimas.

—E isso não é suficiente? —Não podia acreditar que era tão frio.

Tremeu um músculo na sua mandíbula.

—Não, se isso significa abandonar minha esposa, não é suficiente.

Quando ele se virou e voltou para sua mesa, Olívia só foi capaz de olhá-lo. Reign se sentou e começou a escrever a resposta para Clarke, e ela ficou ali como uma idiota, sem poder afastar a vista. Por que, quando por fim pediu que partisse, não queria ir? Era por seu próprio bem, maldito fora! Por que queria ser herói? Por que tinha que dizer coisas tão horríveis e maravilhosas ao mesmo tempo, e colocá-la a frente de todos os outros?

E por que Olívia tinha que amá-lo tanto por isso?

Capítulo 12

Os vampiros estavam condenados a não estar nunca sob a luz do sol. Quando Eva ocultou os filhos de Lilith e Sammael, o anjo cansado, dos olhos de Deus, sabia que os estava condenando a passar a eternidade na escuridão? E quando o Todo-poderoso se assegurou que permanecessem nela, o fez para castigá-los ou para protegê-los daqueles que queriam caçá-los por serem mais fortes, e distintos ao resto?

Reign se negava a acreditar que pelo mero fato de ser um vampiro estivesse condenado. Sim, necessitava do sangue dos filhos do Senhor para viver, mas não era um assassino. Não era cruel, e permitia que sua consciência guiasse seus atos. Tinha alma, e quando morresse, e algum

dia o faria, descansaria eternamente.

Mas estaria disposto a sacrificar alguns anos desse descanso eterno em troca de saber onde diabos ia o velho Dashbrooke durante o dia. Como era impossível segui-lo, pediu a Watson que o fizesse. E, claro está, o gordo inglês nesse dia decidiu ficar em casa.

O vampiro não deixava de pensar no símbolo do anel que tinham encontrado em sua casa. Precisava saber que relação havia entre Dashbrooke e seu próprio pai. Tinha que descobrir a que organização tinha pertencido seu progenitor e...

Tratou de não pensar nele. Um desgraçado que levava mais de seis séculos morto não merecia ter tanto poder.

Mas apesar de tudo, Pierre Gauvin seguia presente na mente de seu filho quando este e Olívia chegaram ao auditório onde iam celebrar a conferência dos Amigos dos Gloriosos Ocultos, cujo título era: «Venerados e não temidos: destruição do mito e das superstições que postulam que os vampiros são criaturas malignas, malvadas e sem alma».

—Deveria ter vindo de negro — disse Olívia, alisando uma ruga da saia de seda verde que levava—. Assim pareceria uma criatura maligna e sedenta de sangue, não crê?

—Eu gosto desse vestido — respondeu Reign recostado no assento da carruagem—. Tem um decote muito pronunciado.

Ela riu e ele sorriu, muito satisfeito consigo mesmo por havê-la divertido. Gostava muitíssimo quando estavam cómodos e relaxados um com o outro.

—É uma pena que não pudemos assistir à conferência sobre os hábitos de emparelhamento dos vampiros — assinalou Olívia ainda sorrindo—. Talvez aprendesse algo.

Reign riu.

—Não acredito que pudesse agüentar duas horas sentada entre humanos, escutando que o varão é o dominante da espécie.

—Isso não é certo — o contradisse ela com uma careta.

—É obvio que não — respondeu ele fingindo estar de acordo.

—Talvez deveríamos ser voluntários para dizer umas palavras, mostrar nossas presas e lhes assegurar que somos criaturas pacíficas — sugeriu Olívia também brincando.

—Isso o diz agora que comemos — replicou Reign—. Se tivéssemos fome, nem você nem eu estaríamos tão tranquilos entre tantos humanos. —Desviou a vista para o decote dela, muito atraente com aquele vestido. Por certo deixaria que Liv o mordesse se ela o permitisse também a ele. Mas não ia acontecer. A noite em que a transformou a tinha traumatizado. Não deixaria que voltasse a mordê-la, igual uma mulher a quem violaram não quer fazer amor com seu assaltante.

Se pudesse mudar uma única coisa de toda sua vida, seria sua noite de núpcias. Estaria disposto inclusive a rezar se acreditasse que isso ia servir de algo.

Ultimamente, Olívia estava se comportando de um modo muito estranho, mais que de costume. Fora o que fosse que a preocupava, não a deixava tranqüila nem um segundo. Parecia cansada, esgotada, como se algo a estivesse deixando sem forças, absorvendo a vida. Reign não podia obrigá-la a confiar nele, ela não queria fazê-lo, assim supôs que o dilema que tanto a angustiava devia estar relacionado com ele. Oxalá pudesse dizer que se sentia mal por isso, mas não podia. Se Olívia estava mantendo uma luta interna, isso significava que ainda sentia algo, embora não queria reconhecê-lo, e Reign preferiria cortar a língua antes de dizer que não gostava que fosse assim.

O que teria planejado sua trapaceira e escorregadia esposa?

A carruagem se deteve e abriram a porta. Reign foi o primeiro a sair, e ofereceu a mão. Sentiu seus dedos enluvados, fortes e delicados, em cima dos dele. O vampiro não tinha que preocupar-se em fazer dano. Liv era seu par em todos os sentidos. Era sua igual. Era dele.

Olívia levantou a cara para a luz da lua, e olhou ao seu redor. Havia outras carruagens junto a dele, e homens e mulheres de distintas idades e esferas sociais foram descendo para entrar no auditório. A noite vibrava com o aroma e os sons dos cavalos, as risadas e conversas dos humanos, e esse algo especial que se produzia quando gente de idéias similares se reunia em um mesmo ponto.

Reign ofereceu o braço, e ela o aceitou. Subiram juntos os degraus, como um casal de alta classe que assiste a uma conferência.

—Possivelmente estejamos indo para uma armadilha — murmurou Olívia—. Talvez isto seja exatamente o que querem que façamos.

Reign já o tinha pensado.

—Está preocupada?

A risada com que respondeu foi como uma carícia.

—Não. Chame-me tola, mas não estou preocupada. E você?

Sorrindo, ele se deteve para olhá-la.

—Chamei-te coisas piores. E, não, não estou preocupado.

Dentro, não demoraram muito para dar-se conta que os Ocultos não significavam nenhuma ameaça para os vampiros. O ar gotejava curiosidade e agitação, mas em sentido positivo. Talvez houvesse alguma maçã podre na organização, mas a maioria distava muito de seres malvados.

Reign e Olívia se sentaram ao fundo, perto da saída só por precaução, e esperaram que o evento começasse. Não tiveram que esperar muito. Um cavalheiro de meia idade se aproximou do palco que havia na frente da sala, e deu as boas-vindas a todo mundo.

—Estou muito contente de ver tantos rostos ansiosos — começou o homem com um sorriso—. É maravilhoso saber que nossos amigos, os Gloriosos Ocultos, esses que caminham entre nós sem que saibamos, contam com tantos admiradores em Edimburgo. Meu nome é Walter Allbright, e sou o presidente da delegação da Escócia. —Levantou a mão e

ao anúncio seguiu um sonoro aplauso.

Olívia olhou ao Reign.

—É o homem do que nos falou Haversham.

O vampiro olhou primeiro ao conferencista e logo sua esposa.

—Quer falar com ele?

—Não seria mal — respondeu ela, estudando o apresentador detalhadamente—, mas não acredito que saiba muito. Parece-me que Haversham só o mencionou para nos distrair.

Reign tinha que reconhecer que surpreendia que ela se desse conta desses detalhes. Era uma mulher muito desconfiada, e confiava em seu instinto tanto quanto ele.

E o que dizia este sobre seu marido?

Allbright seguiu falando:

—Quero lhes dar as boas-vindas a esta segunda conferência de nosso ciclo, e lhes agradecer seu quente acolhimento. Mas esta noite não vieram aqui para me escutar dizer tolices, assim um forte aplauso nosso conferencista de hoje, recém-chegado de Londres, o senhor George Haversham.

Enquanto o aplauso forte se estendia pelo auditório, Reign e Olívia se olharam. George Haversham, o mesmo que havia dito não saber nada dos Ocultos, era seu convidado de honra.

Era aquele jovem estúpido ou acreditava que o eram eles? Deveria ter sabido que iam descobrir que lhes tinha mentido, em especial após ter deixado claro como o tinham feito, que se interessavam por essa organização.

—Talvez queria que descobríssemos a verdade —murmurou Reign para que só Olívia pudesse escutá-lo.

Ela o olhou.

—Não acredito que seja tão preparado.

Seu marido assentiu com a cabeça dando a razão.

—Isto reforça sua teoria sobre o Allbright.

No soalho, Haversham agradeceu ao outro homem pela apresentação e ocupou seu lugar no palco. Se via relaxado e seguro de si mesmo, como se estivesse acostumado a falar em público.

—Obrigado. Estou muito grato por me permitirem falar a vocês esta noite. Antes de começar, gostaria de agradecer a preocupação de todos que se interessam por meu bom amigo James Burnley. Estou seguro que James está vivendo uma de suas aventuras, e que retornará logo, ansioso por nos contar, com riqueza de detalhes, onde esteve.

Ouviram uma série de murmúrios. Reign tendeu a mão e apertou a da Olívia para dar ânimo. Para quase todos, as palavras de Haversham soaram como bons desejos de um amigo, mas para Reign, e seguro que também Liv, pareceram falsas e hipócritas.

—Sei que James gostaria muito de estar aqui esta noite, pois ele compartilha minha paixão por nossos amigos noturnos, os vampiros.

Reign levantou a vista. Se Haversham começava a recitar Byron, ou algo similar, levantar-se-ia e sairia.

Por sorte, o jovem evitou a poesia, ou quase, pois seu discurso estava cheio de romantismo. Falou em tom misterioso, como se os vampiros fossem heróis de novelas góticas, a evolução lógica da espécie humana e não uma espécie separada e demoníaca. Ao seu redor, o público assentia entusiasmado, dando razão em tudo o que dizia. E quanto mais elogiava Haversham aos vampiros, mais entregues estavam todos os assistentes.

Reign se incomodava ao ouvir falar dos seus de um modo tão adulator, e era estranho saber que todas aquelas pessoas tinham em tão alta estima aos de sua espécie e que desejavam compartilhar sua «aflição», por dizê-lo de algum jeito. Se levantasse e oferecesse transformá-los, seguro que o fariam sem duvidá-lo. E nenhum só pensaria nas conseqüências, em como sua vida trocaria para sempre.

E se James estivesse ali, seria o primeiro da fila. Olívia não tinha que

preocupar-se só em recuperar o jovem, mas também, quando o tivesse feito, em vê-lo envelhecer, e morrer, a não ser que desse esse «presente proibido» que o menino tanto ansiava. Se seguia se negando terminaria por perdê-lo, e seguro que James encontraria outro modo de consegui-lo. Podia Olívia aceitar isso, lamentando como lamentava suas circunstâncias?

—O retrato que Bram Stoker faz do vampiro não é de tudo certo — disse Haversham—. Ele nos quer fazer acreditar que os vampiros são assassinos sanguinários, seres retorcidos e malvados.

Reign assentiu. Não sabia em quem se apoiou Stoker para escrever Drácula, mas certamente tinha sido um modelo muito desafortunado. Provavelmente um vampiro afetado pela sífilis, ou um a ponto de converter-se em Nosferatu, um monstro.

—Para falar a verdade — prosseguiu Haversham—, quando não têm sede de sangue, a maioria dos vampiros são iguais aos humanos. Vocês mesmos poderiam dançar com um em uma festa, ou freqüentar um local que lhes pertencesse. Digamos que... - Haversham tragou saliva e olhou Reign. Este sorriu e devolveu o olhar ao jovem que continuou com voz entrecortada—: Agora mesmo, qualquer um de vocês poderia ter um vampiro sentado ao lado.

Reign mordeu a bochecha para não rir. Não dizia muito a seu favor que desfrutasse assustando um garoto, mas era engraçado. De verdade tinha acreditado Haversham que não iam descobrir que tinha mentido?

O jovem recuperou a compostura e seguiu falando durante mais de meia hora. De vez em quando, olhava para eles, e Reign podia ver como estava nervoso.

«Vai nos delatar.» Talvez fosse muito desconfiado, mas podia sentir a ânsia do menino por triunfar. Cercado por uma multidão, que além disso compartilhava suas crenças, estava a ponto de perder a calma e revelar a todos os presentes que ele e Olívia eram vampiros. E então, o que? Eles

podiam negá-lo, mas se os rodeassem, e com todos aqueles corações bombeando sangue ao mesmo tempo, um vampiro tão jovem e inexperiente como Olívia podia estalar e converter-se em um ser muito perigoso.

Haversham os olhava com um brilho especial nos olhos enquanto ia chegando ao final de sua conferência. Alguns dos assistentes levantaram a mão para fazer perguntas, e era evidente que o jovem duvidava entre resolver as dúvidas de seu público ou lhes revelar que ali mesmo havia dois vampiros autênticos.

—Vamos. —Reign puxou Olívia pela mão e a ajudou a levantar-se.

—Um momento! —gritou Haversham do chão. Ninguém distinguiu a quem se dirigia, nem o desespero de seu olhar.

Reign fez algo que levava quatrocentos anos sem fazer. Mostrou as presas, só um pouco, para que soubesse que era um predador disposto a atacar se era necessário. Haversham empalideceu, mas não disse nada.

O vampiro se deu meia volta e, segurando Liv com força, dirigiu-se para a porta. Nenhum dos dois falou até chegar fora.

—Ia dizer que somos vampiros, verdade? —disse Olívia rompendo o silêncio.

—Sim. —Baixaram correndo os degraus até chegar a sua carruagem—. Maldito idiota.

—Falava de nós como se fôssemos deuses. De verdade crê essas coisas?

Ele se encolheu os ombros e entrou atrás dela na carruagem. Ao final de poucos segundos, já estavam em marcha.

—A gente acredita em Deus sem ter nenhuma prova de sua existência. O jovem senhor Haversham em troca tem provas da nossa, assim como um informante de primeira mão. —Não precisou que dissesse quem era esse informante.

—Tolos. —Disse-o em voz baixa, mas ficou claro o que pensava.

Ignorou a insinuação de Reign, mas ele soube que a tinha entendido, e sabia que tinha razão—. Não têm nem idéia do que é ser um vampiro. São como meninos que acreditam nos unicórnios e nas sereias. E nada disso é certo.

Algo dentro do Reign estalou. O que tinha estado a ponto de acontecer no auditório tinha feito sair à superfície seu instinto de amparo por Olívia. Agora, toda essa energia necessitava uma via de escape, e ela acabava de dar a desculpa perfeita.

—Por Deus santo, quantas vezes vou ter que me desculpar?

—A que se refere? —perguntou ela a meia voz.

Ele se sentou em um extremo, todos os músculos de seu corpo tensos e preparados para entrar em ação.

—Lamento ter arruinado sua vida. Lamento tudo que aconteceu. Lamento ter te conhecido!

Olívia ficou olhando-o, com os olhos muito abertos.

—Eu só queria dizer que...

—Já sei o que queria dizer. —Reign apertou a mandíbula—. Desde que reapareceu em minha vida o deixou bem claro. Se não te convertesse em vampiro, sua irmã jamais teria morrido e James teria conhecido sua mãe. Você não teria matado à primeira pessoa da que se alimentou, saberia o que é sentir o sol na cara, e agora teria sessenta anos, e talvez inclusive um par de netos. Não fosse por mim...

—Reign...

—Cometi um engano — prosseguiu ele como se ela não tivesse falado—. Não acredita que já paguei? Por minha culpa perdi a mulher que amava, e qualquer possibilidade de ser feliz a seu lado. Desde que partiu vivi cada dia com esse pensamento, sabendo que não só arruinei minha vida, mas também a sua. Sinto muito. Que mais quer que diga?

—Amava-me?

—É claro que te amava. —Olhou-a com o cenho franzido—. Do

contrário, não teria te transformado. E porque te amava não soube reagir, e o fiz do pior modo possível.

—Fez-me mal porque me amava? —perguntou incrédula.

Seu tom doeu na alma de Reign. Equilibrou-se sobre ela e a segurou pela mandíbula, obrigando-a a olhá-lo nos olhos para que visse que dizia a verdade.

—Perdi o controle porque tinha medo de te perder. Era tão humana, e tão frágil. Lembra que tropeçou com o vestido de noiva e quase caiu pela escada?

Ela assentiu, roçando a palma da mão com o queixo, mas sem dizer nada.

—Isso me aterrorizou. —Jamais tinha confessado isso nem a ela nem a ninguém. Nesse instante me dava conta de tão fácil seria te tirarem de meu lado, e soube que não podia permiti-lo. Não podia deixar de pensar que, se te convertia em vampiro, nenhuma enfermidade, nenhuma dor física, poderiam te afetar jamais. Decidi que nem a morte ia nos separar. Tinha medo, Liv. Por isso fiz o que fiz. Pensei que você também o desejava. Acreditava que entendia. —E então deixou de lado o pouco orgulho que ficava e confessou algo que jurou não dizer jamais—: Acreditava que me amava tanto como eu a você.

Nos olhos da Olívia brilhou uma luz especial. Era compreensão ou lástima? Furioso consigo mesmo, Reign a soltou e deu as costas. Preferia olhar o vazio pela janela que ver o rosto de sua esposa. Mas agora que tinha aberto por fim as portas de sua alma, não queria voltar a fechar. Despir seus sentimentos fazia bem. Talvez assim tudo seria mais fácil quando ela partisse.

—Para você ser um vampiro é uma maldição. —Uma risada amarga saiu do peito do homem—. Suponho que em alguma ocasião para mim também foi, mas quando te conheci se converteu em um presente. Na oportunidade de passar a eternidade com a mulher que amava. Sim,

arruinei-te a vida. Mas, carinho, te perder destroçou a minha.

Um suave suspiro alagou o interior da carruagem, e Reign fechou os olhos um instante ao sentir que seu coração dava um tombo diante de tal som. Uns dedos delicados pousaram em seu braço, mas nesse momento a carruagem se deteve em frente a sua casa, salvando-o de ter que olhar Olívia. Ao longo de sua vida tinha participado de muitas batalhas para defender sua vida, mas em nenhuma teve tanto medo como quando estava com sua esposa.

—Chegamos em casa —disse Reign, e abriu a porta. Saiu ao encontro da fria noite e se encaminhou para a entrada sem olhar atrás, como o covarde que era.

Olívia sabia o que tinha que fazer, e quando mais tarde foi para o quarto de seu marido, soube como ia fazer.

Ainda seguia aturdida por sua confissão, mas estava tão contente e assustada ao mesmo tempo que não era capaz de achar as palavras precisas para expressar o que sentia. Mas havia um modo que podia demonstrar o que havia em seu coração, e agora entendia que toda a amargura que a tinha acompanhado durante tanto tempo provinha de um grande engano. Olívia acreditava que Reign não a amava. De fato, estava convencida que não importava muito. Não tinha nem idéia de que a quisesse tanto.

Sua mente custou a assumir a verdade. Seu coração sabia que era certo, mas levava tanto tempo amargurada que era difícil acreditar em algo tão maravilhoso. Entretanto, deixou que seus instintos a guiassem. Tinha tomado uma decisão, e só tinha que levá-la até o final.

Bateu na porta do quarto de seu marido e girou o trinco antes que ele respondesse.

Reign se voltou para ela justo quando cruzou a soleira. Só vestia a

camisa e a calça, se via desalinhado, e sua pele dourada resplandecia à luz de um único abajur. Estava descalço e com as mangas da camisa arregaçadas, deixando descoberto seus fortes antebraços. Na mão segurava um copo de uísque.

—Tem mais? —perguntou ela assinalando a bebida.

Ele a observou, com olhar brilhante, percorrendo sem pressa dos pés à cabeça, e logo de volta. Ela estava só com uma camisola muito sedutora, e um roupão que não cobria nada. A julgar pelo calor que desprendia seu marido, gostava do que via.

Reign mostrou a garrafa e um copo vazio que havia em uma mesa encostada na parede do quarto.

—Sirva-se.

Olívia atravessou a estadia com deliberada lentidão, permitindo que a observasse, e aproveitando a oportunidade para explorar o lugar onde ele dormia.

O quarto era espaçoso sem exagero, havia um tapete cor marfim com incrustações douradas, e as paredes eram de cor nata. Os móveis eram de madeira escura, simples e muito masculinos. A única peça de decoração era um quadro, muito melancólico, no que um cavaleiro medieval e sua dama descansavam tendidos em uma erva tão escura que parecia quase negra. Ele se curvava sobre ela, deixando claras quais eram suas intenções. E a rendição da dama era igual de óbvia. Estavam completamente vestidos, mas ver a mão do guerreiro estendida no corpo de seu amor, justo abaixo do peito, fez que um calafrio percorresse Olívia.

Sob essa sensual cena, havia uma enorme cama com dossel. Era simples, e a madeira estava envelhecida pelo tempo, mas se via sólida, e estava coberta com ricos tecidos de cor ouro e cobalto.

—Satisfaz seus requisitos? —perguntou Reign com sarcasmo enquanto ela se servia de uísque.

Olívia o olhou por cima do ombro e voltou a deixar a garrafa.

—Combina com você.

Ao que parece, isso foi engraçado, e perguntou interessado:

—Sério?

Ela se voltou para olhá-lo, apoiando um quadril na mesa e, antes de responder, percorreu de novo a habitação com o olhar.

—É forte, sensual e muito masculina.

Seu marido arqueou uma sobrancelha, e um pequeno sorriso apareceu em seu rosto.

—Está me adulando?

—Humm, não sei. —Sorriu contra a borda de seu copo—. Funciona?

O sorriso de Reign se desvaneceu de repente.

—O que quer, Liv?

Ela se bebeu o uísque de um gole, e sentiu como ardia no estômago. Deixou o copo vazio na mesa e se aproximou do homem com passos lentos e decididos.

—Você.

Seu marido se esticou, mas não se afastou. Observou-a em silêncio, como se não acreditasse em seus olhos.

Uma vez diante dele, Olívia pegou a camisa de Reign entre as mãos e a tirou das calças. Logo, segurando-a pelos extremos inferiores, rasgou-a pelo centro e deixou seu tórax descoberto.

—Deus! —exclamou ele, olhando a destroçado camisa. Mas pelo modo que ria, soube que não se zangou.

Colocou as palmas no tórax e o empurrou para trás, até o ter encostado contra a parede. Sentia sua cálida pele sob as mãos, o pêlo fazia cócegas nos dedos. Era tão musculoso, tão maravilhosamente sólido...

Deu um passo para frente e se apertou contra ele, afundando o rosto na curva do pescoço masculino. Respirou fundo para inalar seu aroma, e não parou até que a cabeça deu voltas.

Olívia jamais se havia sentido tão poderosa e cheia de vida, e só tinha começado a tocá-lo.

Pegou o que restou da camisa e a deslizou pelos ombros de seu marido, para assim poder acariciar as clavículas, os músculos do pescoço e as sensuais curvas dos peitorais.

—Liv. —Podia sentir o eco da voz retumbando contra as palmas das mãos—. O que está fazendo?

Olívia levantou a cabeça, e, com os lábios, percorreu a garganta. Mordeu a mandíbula e adorou sentir nos lábios a carícia da incipiente barba do vampiro.

—Acredito que é evidente. Estou tratando de seduzir meu marido.

A palavra «marido» o fez estremecer, só um pouco, mas o suficiente para que ela se desse conta. Deus, saber que Liv conseguia afetar tanto aquele homem, aquele homem incrível... era excitante, e muito romântico.

E esse gesto a levou ao limite.

—Desejo-te, Reign. —Percorreu o tórax com as mãos até chegar à nuca e afundar ali os dedos em seu cabelo—. Quero te sentir dentro de mim. Quero que me toque e que seu sangue se deslize por meus lábios. E quero que o meu faça o mesmo pelos teus.

Ele ficou tenso e, durante um horrível segundo, Olívia temeu que a afastasse. Mas então rodeou a cintura com as mãos e, depois de levantá-la do chão, deu a volta para que Olívia apoiasse as costas na parede. Rodeou a cintura com as pernas, e o roupão e a camisola se levantaram. Percorreu os músculos das costas com as mãos enquanto Reign se apertava contra suas coxas, fazendo cócegas com a lâ das calças.

Os olhos dele pareciam prata fundida: brilhantes e perigosos, destacavam sobre sua pele bronzeada. Olívia segurou a mandíbula com as mãos e beijou as rugas que tinha nas comissuras dos olhos, justo sobre os maçãs do rosto. Adorava essas linhas de expressão que marcavam cada vez que sorria.

Reign colocou as mãos entre os dois e puxou o cinto do roupão que Olívia levava. Dedos ardentes se deslizaram pelos peitos da vampira, atormentando e acariciando até que ela gemeu de prazer.

Puxou o decote da camisola deixando os peitos descobertos, e com os lábios ocupou o lugar que até então só tinha percorrido com os dedos. Olívia se ondulou ao sentir a úmida carícia, os quentes movimentos da língua de seu marido, a doce pressão de seus lábios. Arqueou os quadris e se apertou contra Reign, aumentando o calor que sentia entre as pernas. Era maravilhoso que voltasse a tocá-la, entregar-se desse modo.

Reign se moveu, e Olívia sentiu que colocava as mãos debaixo de suas nádegas, ao mesmo tempo que desabotoava as calças. Ela o rodeou com mais força, e se ergueu um pouco para que ele pudesse mover-se com mais liberdade. Quando sua ereção acariciou a pele, Olívia estremeceu, e apertou as omoplatas contra a parede para dar melhor acesso.

Reign afastou a cabeça dos peitos dela e se concentrou em afundar dentro de seu corpo. Liv sustentou o olhar, todo seu corpo tremendo de desejo, e entreabriu os lábios em um sensual convite para que ele pudesse ver suas presas, estendidas e úmidas, e ansiosas por afundar-se em sua pele.

O vampiro a penetrou com um único movimento, e a levantou para a parede, fazendo-a estremecer. Sentia-se cheia, e o desejava tanto que não podia conter-se.

Quando o olhou e viu que tinha os olhos entrecerrados de prazer e as presas se sobressaindo dos lábios, Olívia soube que nunca se sentira tão viva como quando estava com aquele homem.

—Quero te saborear — sussurrou. Saberla Reign o que queria dizer com isso? Saberla que significava que o perdoava?

Ele moveu os quadris para estar ainda mais dentro dela, conseguindo que ambos gemessem.

—Faz. —Apoiou as palmas na parede, de ambos os lados de sua

esposa, e se inclinou para frente, inclinando a cabeça de um lado para deixar o pescoço descoberto.

Sim, sabia.

Olivia não pensou. Baixou a cabeça até o oco do ombro de Reign e percorreu aquela veia tão sensível com a língua. Ele estremeceu e ela sorriu contra sua pele. Logo, colocou as presas em cima do fluido ali contido, e o mordeu.

Reign se esticou, e gemeu ao sentir que Liv se afundava em sua pele. Ela também gemeu ao sentir como seu sangue corria pelos lábios; tremeu e se recreou na sensação de sentir por fim seu sabor acariciando a língua.

Nada a tinha preparado para algo assim. Era mais íntimo que o sexo, o epítome máximo da confiança. Reign se tinha entregue por vontade própria, e seguia fazendo-o sem descanso; quando Olivia sentiu os lábios dele em sua garganta, sua língua acariciando-a no mesmo ritmo que seu sexo se movia em seu interior, não se assustou, mas sim inclinou a cabeça para que ele tivesse melhor acesso. Não ia fazer mal. Dessa vez não.

Sentir como as presas de Reign afundavam em sua pele não podia comparar-se com nada que havia sentido antes. Era um prazer tão delicioso que tremeu e se arqueou entre seus braços. Notar seus lábios beijando-a desse modo fez sentir vontade de chorar e aumentou o estremecimento que sentia entre as pernas. Abraçou-se a Reign com mais força e este acelerou os movimentos de seus quadris, aproximando-a mais e mais ao orgasmo.

Ela não levantou a cabeça, não deixou de beber até que o prazer foi quase insuportável e teve que soltá-lo. Jogou a cabeça para trás, com os lábios ainda úmidos, e gritou ao alcançar o clímax.

Reign arremeteu uma vez mais, duas, e logo gemeu contra o pescoço de Olivia esvaziando-se em seu interior. Esgotada, só o que a mantinha em pé eram os braços de seu marido, sentiu quando percorreu a ferida do pescoço com a língua para que fechasse, e inclinou a cabeça para fazer o

mesmo. Ele estremeceu de novo ao sentir a carícia de sua língua.

Liv passou as mãos pelo cabelo, ao mesmo tempo em que se erguia um pouco para beijá-lo na testa.

—Sabe de uma coisa? Se tivesse feito assim há trinta anos, não teria partido.

Ele ficou tenso e, por um instante, temeu ter estragado o momento, mas quando Reign levantou a cabeça e viu um sorriso em seus lábios, quase rompeu o coração.

—Não vai tentar me matar outra vez, não? —perguntou ele em voz baixa e sensual—. Não quero morrer com as calças nos tornozelos.

Era uma imagem tão ridícula que Olívia não pôde evitar rir, e logo os dois riam juntos. Seguiam fazendo-o quando ele afastou as molestas calças com os pés e a levou nos braços até a cama.

Não demorou muito em beijá-la de novo, e ela não teve mais remédio que deixar de rir. E durante o resto da noite, Olívia não pensou no que poderia acontecer, nem no que lhes proporcionaria o futuro. Só pensou como era maravilhoso estar nos braços de Reign e ser sua esposa. E decidiu que ia desfrutar ao máximo.

Porque sabia que era impossível que durasse para sempre.

Capítulo 13

A cabeça do George Haversham saiu disparada para trás, e sentiu quando a cara estalou de dor. Tinha o lábio partido e sentiu o sabor do

sangue. Era amargo e quente, e embora já não o repugnava tanto, confiou que quando se transformasse em vampiro gostasse um pouco mais.

—Quase põe tudo a perder, George — disse o pai de Reggie, limpando o sangue do dorso da mão com um lenço branco—. Agora os vampiros sabem que estamos à corrente de quem são.

—Sinto muito, senhor. —O menino aceitou um pedaço de linho que lhe deu Reggie, enquanto o olhava incômodo, e secou com ele o lábio inferior—. Mas temo que não o entendo. Como vão nos converter em vampiros se não dissermos que sabemos o que são?

Dashbrooke pai o olhou com condescendência.

—Porque, meu querido idiota, se acreditarem que seu segredo corre perigo, nos matarão para protegê-lo!

George sacudiu a cabeça. Até esse momento, tinha acreditado com convicção em tudo o que dizia o pai de Reggie, mas dessa vez não foi assim.

—Não acredito, senhor.

—O que não acredita? —O rosto do homem se tingiu de violeta à medida que se aproximava de novo do jovem. Desta vez, George se antecipou ao murro. Estava disposto a suportar quantos golpes fosse preciso para alcançar seu objetivo. Ele, James, Fitz e inclusive Reggie compartilhavam o mesmo sonho desde que James lhes contou que sua tia Olívia era uma vampira. E quando Reginald lhes disse que seu pai tinha um plano para converter esse sonho em realidade, os quatro se lançaram de cabeça. Só tinham que obedecer em tudo ao senhor Dashbrooke.

Na noite anterior, George se tinha posto tão nervoso ao ver Reign e Olívia no auditório, que tinha desobedecido uma das normas de seu mentor. Que Reign tivesse mostrado as presas tinha feito zangar muitíssimo ao senhor Dashbrooke, mas George só se animou. Seguro que o vampiro não faria algo assim se não acreditasse que merecia conhecer sua verdadeira natureza.

O pai de Reggie se deteve a escassos centímetros de George com a mão no alto, mas não o golpeou.

—Não me parece boa idéia que siga em Edimburgo, George. Acredito que deveria ir ao campo com James e nos esperar ali. Você e Reggie deveriam ficar com seu amigo.

George sabia que deveria sentir-se envergonhado. No mínimo, arrepender-se de haver se comportado desse modo e pôr em perigo toda a missão, mas não era assim. Se alguém deveria arrepender-se de algo, esse era o senhor Dashbrooke, que havia dito ao George que mentisse a respeito de pertencer aos Ocultos. Agora Reign e Olívia sabiam a verdade, e iriam buscá-lo para pedir respostas. Por isso Dashbrooke queria que fosse para o campo.

George tinha estado na mesma sala que dois vampiros. Olívia tinha poucos anos, o suficientes para ser sua avó, mas Reign... Reign era centenário. Deus, que poderoso devia ser! A quantidade de coisas que devia ter visto e experimentado. E parecia tão... normal. Os dois eram prova viva que os vampiros não eram os monstros de que se falava nas novelas e folclore popular.

E George logo se converteria em um deles. Desde que o plano saísse conforme o combinado. Quando Reign e Olívia fossem ao campo e compartilhassem com eles seu «presente proibido» em troca do resgate de James, todos os seus sonhos se fariam realidade. Seria poderoso, imortal. Possivelmente então desapareceria essas enxaquecas e hemorragias nasais.

—É óbvio, senhor. —ficou de pé e, como soubesse o que estava pensando, o nariz começou a sangrar. Pegou um lenço e o tapou com ele—. Prepararei minhas coisas e partirei em seguida.

Ao sair do quarto, ouviu Reggie dizer:

—Se quiser que fique, pai, será melhor tratar bem a meus amigos.

«Cuidado, Reggie.»

Quarenta minutos mais tarde, os dois jovens estavam sentados em uma carruagem com destino ao leste. Menos de uma hora depois tinham chegado à casa em que estava James, e começaram a jogar críquet no pátio traseiro como se fossem meninos. O nariz do George deixou de sangrar, e Reggie recuperou o senso de humor que tinha sempre que seu pai não estava próximo.

E, como faziam sempre que estavam juntos, falaram sobre tudo o que fariam quando se convertessem em vampiros, e que nunca mais teriam que preocupar-se com nada.

Não tinha sido um sonho.

Quando Reign despertou nessa noite, envolto no veludo da escuridão que enchia seu quarto, o corpo nu de Olívia estava aconchegado junto dele, quente e sedoso, e cheirando a âmbar e sexo.

Respirou fundo, percorrendo as costas com os dedos até chegar à curva de suas nádegas, sentindo como se estremecia sob suas mãos. Passaram o resto da noite, e parte do amanhecer, falando e fazendo amor.

Contaram histórias, anedotas, tristes e divertidas, sobre suas vidas. Histórias que não se explicaram antes. Ambos fugiram dos temas que pudessem ser incômodos ou pudessem danificar a calma que havia trazido a escuridão.

Ao fazer amor, voltaram a aprender sobre o corpo do outro sem pressa, com calma, algo que nenhum dos dois tinha podido fazer até esse momento. Compartilhar seu sangue os deixou felizes e relaxados como gatinhos, e Reign se aproveitou disso para explorar cada centímetro do maravilhoso corpo de sua esposa, desfrutando cada suspiro e gemido que saía dos lábios dela.

Uma voz em sua cabeça dizia que não se acostumasse, que não se alegrasse muito da mudança de circunstâncias, mas estava farto de ser

desconfiado. Assim decidiu desfrutar do momento e ser feliz, porque sabia o tão efêmera que podia ser a sorte.

Com cuidado, separou-se de Liv, que seguia dormindo. Ela se moveu e suspirou, mas logo voltou a ficar quieta.

Deus, quanto tinha sentido sua falta.

Tinha dado o presente de seu sangue e tinha aceitado o dela, e Reign estava agradecido por isso, agradecido que por fim o tivesse perdoado. E isso fazia o que tinha acontecido trinta anos atrás ainda mais horrível, mas com o tempo poderiam seguir adiante. Agora que a tinha recuperado, não ia deixá-la partir outra vez.

Cobriu-a com as mantas antes de pegar o roupão que sempre tinha aos pés da cama. Estava a ponto de entrar no banheiro contíguo para encher a banheira para ambos quando alguém bateu na porta.

Antes de abrir, olhou de novo à mulher que seguia dormindo em sua cama e voltou a sorrir.

Era Watson.

—Rogo que me desculpe, senhor, mas o senhor Clarke acaba de chegar.

—Clarke? —Reign manteve a voz baixa, mas não pôde ocultar sua surpresa. Clarke deveria ter recebido seu último telegrama naquela mesma manhã, assim se seu homem de confiança estava ali, seguro que era importante. Muito importante. Teria passado algo em Londres? Outro assassinato? Não tinha tempo a perder especulando. Sabia que nada servia fazer conjeturas. E, pelo visto, ultimamente não fazia outra coisa.

Depois de assegurar-se que Olívia seguia dormindo saiu do quarto e fechou a porta devagar.

—Onde está?

—Em seu escritório, senhor.

—Obrigado. Se a senhora Gavin acordar e perguntar por mim, diga que vá também para lá.

—É óbvio senhor.

Vestido só com o roupão, e descalço, Reign correu para a escada. Uma das criadas se assustou ao tropeçar com ele, escandalizada por ver seu patrão meio nu. Reign não tinha pensado em vestir-se. Não importava, e ao Clarke tampouco importaria. Qualquer outra opinião não importava.

Quando entrou no estúdio viu seu amigo de pé junto à janela, esperando-o. Parecia compungido, uma expressão que Reign tinha aprendido a identificar como sinal de que algo muito mau estava a ponto de acontecer.

Fechou a porta.

—O que aconteceu? É o Maison Rouge? Houve outro assassinato? — Fez uma pequena pausa e então formulou a pergunta que mais o atormentava—. Madeline?

Clarke negou com sua cabeça cheia de cinza.

—Madeline está bem, tendo em conta as circunstâncias, claro. Saint está com ela.

—Saint? No Maison Rouge? —Parecia muito bom para ser verdade. Era isso também coincidência? Agora não importava. Sentiu um enorme alívio e se tranqüilizou um pouco—. Ele se encarregará de Maddie e das garotas. —Seu velho amigo era muitas coisas, inclusive um ladrão e um mentiroso, mas jamais daria as costas a alguém que o necessitasse, em especial às damas do Maison Rouge.

—Sim — respondeu Clarke com brutalidade—. Mas não vim por isso.

—Recebeu meu telegrama?

—Esta manhã, quando ia para a estação. Decidi vir em pessoa em vez de escrever para contar o que descobri. Se for sincero, tinha medo que a informação caísse em mãos erradas.

Reign arqueou as sobrancelhas.

—Isso é ser muito exagerado, inclusive você, não? —Tratou de

brincar, mas o modo que o outro o olhava arrepiou os cabelos da sua nuca.

—Talvez, mas não queria arriscar. —Clarke apertou os nódulos até que fizeram ruído, era um tic nervoso que sempre tirava o Reign do sério—. William Dashbrooke pertence à ordem da Palma de Prata.

Onde tinha ouvido antes esse nome?

—Não formavam parte dos templários?

—Sim. Utilizaram o Graal do Sangue para fazer certos rituais.

«O Graal do Sangue.» Só a menção de seu nome fazia que estremecesse a alma de Reign. O cálice que tempos atrás tinha contido a essência de Lilith, a mãe de todos os vampiros. A taça que os tinha convertido, a ele e todos os seus amigos, em imortais após beber dela.

Os templários tinham expulso os membros da ordem de suas filas e tinham escondido o cálice, que tinha permanecido oculto até que Reign e os outros, seguindo ordens do rei Felipe, encontraram-no ao saquear um dos refúgios dos ditos cavaleiros.

—O Graal está escondido — recordou Reign a seu amigo—. A ordem jamais o encontrará. —Não disse onde estava, porque nem sequer ele sabia. O único que tinha essa informação era Têmple, e Reign não tinha nem idéia de qual era nesse momento o paradeiro do vampiro.

Clarke assentiu.

—Sei. A ordem leva vinte anos buscando-o, mas durante os últimos dez redobrou seus esforços.

—E o que tem isso a ver com Dashbrooke, ou James Burnley, ou comigo? —Era óbvio que um dos três estava relacionado, se é que Clarke tinha decidido viajar até Escócia para contar.

—Desconheço os motivos porque a ordem quer o cálice, mas acredito que podemos assumir que desejam o poder que suporta. O que me preocupa é que deixou de ser uma associação de bêbados e nobres aborrecidos para se converter em uma legião de homens poderosos e com

dinheiro. Uma associação assim não atrai tanta gente a menos que lhes ofereça algo em troca, algo irresistível.

—Mas não sabe o que pode ser — insistiu Reign.

—Sei que a ordem se estendeu por toda a Europa, em especial Inglaterra e França. E sei que ultimamente têm uns quantos «acadêmicos» investigando cinco mercenários que supõem que roubaram o cálice durante as guerras templárias, faz mais de seiscentos anos.

Um calafrio percorreu as costas do vampiro.

—Como diabos alguém nos investigar? Todo mundo acreditou que tínhamos morrido nessa guerra. —Aquilo não era de tudo certo. Dreux, o pobre Dreux, que preferiu suicidar-se a viver eternamente, tratou de retornar para sua esposa. A prometida de Chapel se lançou de um balcão para não se converter em vampira. Inclusive o mesmo Reign retornou a sua casa e encontrou seu pai o olhando de modo estranho. Tinha medo de seu próprio filho, e este gostou de sabê-lo. Seu pai e Dashbrooke levavam o mesmo anel, embora em séculos diferentes. O que representava aquele selo? Tinha passado muito tempo, e enquanto vivia, seu pai só lhe dirigia a palavra para insultá-lo.

Talvez houvessem circulado alguns rumores, suficientes para dar base à história do Reign e seus companheiros. Nos primeiros tempos tinham sido um pouco descuidados, e em mais de uma ocasião haviam fanfarroneado sobre seus poderes. É obvio, a gente terminou por fixar-se.

—Reign. —Clarke sacudiu a cabeça para limpar-se—. Seu pai era membro da Palma de Prata. Antes de morrer escreveu sobre ti em seus cadernos, de como foi depois de retornar da guerra. Parece que deixou esses jornais à ordem.

Reign fechou os olhos. O anel. O selo da Palma de Prata. Deus. Agora entendia por que seu pai o olhava desse modo.

Passou uma mão pela mandíbula e voltou a olhar Clarke.

—Crê que essa gente agarrou James para chegar a mim?

O outro encolheu os ombros.

—Não sei o que pretendem, mas em Edimburgo residem mais de doze membros.

—Merda. —Talvez Clarke não soubesse, mas Reign já estava seguro. Podia sentir em suas vísceras com total segurança. Dashbrooke e seus sócios estavam utilizando James para chegar nele. Se acreditasse que podia servir de algo, iria nesse momento mesmo ver William Dashbrooke e arrancaria seus dentes um a um até que confessasse, mas os bastardos como ele preferiam morrer a trair seus irmãos. Sabiam que, se por desgraça davam com a língua nos dentes, esperava-lhes um destino pior que a morte.

Olívia o odiaria. Justo quando acreditava que podiam ter uma oportunidade, algo voltava a ameaçar separá-los. E voltava a ser culpa dele.

—Reign, há algo mais do que devo falar.

É obvio. Sempre havia algo mais.

—O que?

Clarke o olhou com olhos transbordantes de lástima e raiva contida.

—Sua esposa.

Capítulo 14

—Clarke vai nos acompanhar? —perguntou Olívia a seu marido enquanto estavam deitados na cama, na noite em que se supunha iam ao O Lobo, o Carneiro e o Cervo para reunir-se com os seqüestradores. Acabavam de despertar e ainda faltavam várias horas para o encontro. E,

por estranho que parecesse, estava muito mais tranqüila que imaginou a princípio.

Não havia se sentido tão completa desde a primeira vez que Reign e ela fizeram amor. Mas agora que compartilhavam o sangue um do outro, esse sentimento ia além. Estavam conectados. Eram um único ser.

Reign segurava uma mão de Liv entre as suas, e com o polegar desenhava pequenos círculos nos nódulos. Ele a seguiria de uma distância prudente e, se fosse necessário, pediria ajuda no Cubo de Sangue.

—Não gosta de mim—disse ela, sem entender por que se incomodava tanto. O valete de Reign tinha sido bastante amável com ela em Londres, mas desde que tinha aparecido na noite anterior, olhava-a como a serpente que fez Eva cair em tentação.

—Não te conhece — respondeu ele, dando um suave beijo na testa.

—Ah, mas vejo que não o nega.

A única resposta de seu marido foi um sorriso, e voltou a beijá-la, dessa vez nos lábios.

Reign também estava estranho. Mais relaxado, muito mais carinhoso. Ela não o entendia, mas gostava. Era como se toda a amargura que tinha existido entre os dois se dissolvesse de repente. Essa mudança se devia à nova intimidade que compartilhavam ou algo mais? E tinha a ver com que caísse tão mal ao Clarke? Estava o homem ciumento dela por algo?

Olívia não podia negar que talvez merecesse que este se mostrasse antipático, mas se Reign não se importava, ela tampouco.

Pouco viu Reign depois que Clarke chegou. Seu marido e seu homem de confiança passaram quase toda a noite falando no escritório de Reign. Ao final a tinham deixado entrar, e seu marido contou o que Clarke tinha averiguado sobre uma associação chamada a ordem da Palma de Prata, que parecia ser uma versão mais perigosa dos Amigos dos Gloriosos Ocultos. Reign estava convencido que essa ordem estava por trás do seqüestro de James.

De repente, tudo parecia ter sentido, e Olívia entendeu por fim que essa gente sabia da existência de Reign, e adivinhou os motivos porque queriam capturá-lo.

E também soube que não podia permitir.

Chegou a essa conclusão com absoluta clareza. Não sabia como diabos se enredou James com esses tipos, mas suspeitava que seu sobrinho teria melhor sorte que Reign.

E para ela era muito mais importante proteger Reign que ao menino que tinha criado como seu filho. E se isso significava que era malvada e sem coração, dava-lhe igual. Que Deus tivesse piedade de sua alma.

Mas tinha que haver uma maneira de salvar a ambos.

E nesse preciso instante, depois de horas tentando encontrar uma solução, ia tentar.

—Sinto muito. —Custou muito pronunciar essas palavras, pois realmente as sentia no mais profundo de seu ser.

Reign levou a mão de Liv aos lábios e beijou os dedos.

—O que?

—Tudo. —Confessar isso era muito mais fácil que entrar em detalhes—. Te meter em tudo isto.

—Não é sua culpa. —Com os olhos deixou claro que acreditava de verdade—. Se Clarke estiver certo, os seqüestradores a escolheram para chegar até mim.

«Sim, e querem que te leve até eles.»

—De fato — continuou Reign, beijando cada dedo de um modo que fez cócegas por todo o braço—. Acredito que eu devo a você e James uma desculpa.

Ela tragou saliva. Sentia-se tão culpada, que não podia respirar.

—Não, não é certo.

Então ele se moveu e cobriu seu corpo com o dele.

—Pois terei que encontrar outro modo de te compensar.

Beijou-a e Liv aceitou a pressão dos lábios de seu marido, separando de uma vez as pernas para que ele pudesse conquistar sua mente ao mesmo tempo que fazia o mesmo com seu corpo. Os músculos internos de Olívia se esticaram ao redor do membro do Reign e este começou a mover-se.

—Me olhe — murmurou ele.

Olívia abriu os olhos. O vampiro tinha os antebraços apoiados a ambos os lados de sua cabeça, mantendo assim o equilíbrio para poder olhá-la nos olhos. Ela não respondeu com palavras, mas sim rodeou a cintura com as coxas e compassou seus movimentos aos dele, fixando a vista no mais profundo daqueles olhos cor fumaça, tratando de dizer tudo que não sabia expressar com palavras.

—Faz por mim — sussurrou ele, incrementando a profundidade e a cadência de suas investidas—. Explode por mim.

E Olívia o fez. Teve um orgasmo que acendeu todas as curvas de sua mente e que a fez gemer e gritar descontrolada. Desabou entre os braços de Reign, e ele se esticou por cima dela, alcançando também o clímax gemendo ao mesmo tempo.

Era a primeira vez que chegavam ao orgasmo com tanta rapidez, com tanta facilidade. Era como se seus corpos estivessem em sintonia, como se soubessem exatamente o que necessitava o outro a todo momento.

Ela se abraçou a ele tão forte como pôde, mas no final se resignou a soltá-lo. Reign encheu seu rosto de delicados beijos, cada um se convertia em uma adaga invisível no peito de Olívia, aproximando-a mais e mais a um desconsolado pranto.

—Irei preparar a banheira — disse ele em voz baixa—. Quero me banhar contigo.

Apesar de que estava plenamente satisfeita, o corpo dela voltou a estremecer de desejo.

—E quando estivermos limpos e perfumados o que fará?

Ele sorriu.

—Farei amor com a língua.

OH Deus. Quanto gostaria disso. Mas não ia acontecer. Antes de meter-se na banheira, Olívia foi ao seu quarto procurar roupa limpa, e enquanto estava ali, pegou uma mala do armário e, de um bolso interior, tirou uma seringa de metal.

Continha o suficiente láudano para matar um homem. Essa quantidade só conseguiria deixar inconsciente Reign durante vinte minutos, possivelmente trinta se tinha sorte. Não queria fazer dano nem matá-lo, só procurava um pouco de vantagem. No princípio, levou a droga a Edimburgo com a intenção de utilizá-la para adormecer seu marido e poder assim entregá-lo aos seqüestradores. Agora ia utilizá-la para salvá-lo.

Envolta em uma toalha, escondeu a seringa entre a roupa e retornou à habitação de Reign. Este só vestia as calças, e ver aquele dorso nu bastou para que Liv tivesse vontade de confessar a verdade e soltar por fim a carga que levava sobre os ombros.

—Para uma mulher que acaba de ter um orgasmo não se vê muito relaxada—se riu ele—. Está nervosa por esta noite? Não o esteja, James estará bem.

—Sei. —Oxalá pudesse acreditá-lo de verdade. Então, quando ele foi para o armário escolher uma camisa, Olívia o seguiu. Deixou a roupa que levava nos braços na cama e, injeção na mão, deu a volta.

Ele também o fez, e em seu rosto se refletiu claramente a surpresa.

—Liv, que diabos...? —E de repente lhe afrouxaram os joelhos.

A surpresa se converteu em desconcerto, e a seguir em raiva.

—Liv, não.

Ela se apartou para que não pudesse agarrá-la, e observou enquanto ele desabava devagar sobre o tapete.

—Sinto muito, Reign. De verdade sinto.

—Não. —apoiou-se na palma das mãos—. Não, não faça... isto.

—Tenho que fazê-lo. Mais tarde o entenderá—. Logo correu para ele sem importar que tivesse ainda suficiente força para detê-la, e se ajoelhou ao seu lado. Embalou sua cabeça entre as mãos e o beijou na bochecha—. Sempre será meu marido, não importa o que aconteça.

Ele a olhou com olhos frágeis, e segundos mais tarde desmaiou em seus braços. A droga tinha feito efeito.

Olívia o rodeou com os braços e ficou de pé. Reign não pesava mais que qualquer outro homem de sua mesma estatura, assim pôde levantá-lo com facilidade e levá-lo até a cama. Depois, pegou um espartilho que cobria só a cintura, uma singela saia e uma camisa solta. Não ia provocadora para chamar a atenção e em troca poderia mover-se com liberdade, que de verdade importava.

Quando terminou de vestir-se, correu para o desvão e saiu pela porta do telhado. Dali, saltou para o céu em direção à cidade velha, ao botequim O Lobo, o Carneiro e o Cervo.

Aterrisou em um telhado limite e saltou ao beco sem fazer ruído. A adaga que levava por precaução estava escondida em sua bota direita. O punho roçou o tornozelo ao levantar-se.

Seria capaz de fazê-lo? As ações dessa noite podiam custar a vida de James, mas confiava que não chegassem a esse extremo. Pelo que sabia, talvez só encontrasse ali outro convite. Ou possivelmente os seqüestradores tinham ido à entrevista com James. Dava no mesmo, essa noite Olívia queria deixar as coisas claras. Se só tinham deixado uma carta, era certo que estariam observando; nesse caso se asseguraria que soubessem que não ia cumprir suas exigências.

E se por acaso James estava com eles, faria todo o necessário para liberá-lo, inclusive arriscar sua própria vida. Seria inclusive capaz de aniquilar aos homens que o tinham retido durante todo esse tempo. Ela jamais tinha matado a ninguém por vontade própria, mas essa noite bem

podia ser a primeira vez.

Com a cabeça erguida e os ombros para trás, entrou no botequim. Não havia muita gente, umas vinte ou trinta pessoas se muito. O mesmo homem que os tinha atendido na outra noite estava detrás do balcão. Olhou-a e sustentou o olhar. Logo, assinalou uma mesa que havia na parte detrás, no lugar mais escuro e tenebroso do local.

Olívia olhou ao redor e viu que havia três homens distintos observando-a de diferentes pontos do botequim; um estava no andar superior, e os outros dois nos cantos do mesmo andar. Sabendo o que ela era, seguro que os seqüestradores não eram tão tolos para organizar uma reunião ali e limitar seu amparo àqueles três tipos. Em especial tendo em conta que, segundo eles, Reign devia estar com ela, assim provavelmente haveria mais capangas escondidos.

Encaminhou-se para a parte posterior. Ninguém pareceu estranhar que uma mulher andasse só por ali. Ninguém a olhou como se estivesse deslocada, e isso pareceu muito estranho.

Não surpreendeu ver Dashbrooke sentado a sós numa das mesas do fundo. Era impossível que não soubesse que estava em desvantagem.

Parecia muito seguro de si mesmo, tendo em conta que Olívia podia partir seu pescoço como se fosse um ramo de oliveira. Embora, claro, ele acreditava que a tinha em suas mãos, porque tinha James.

Se lhe arrancava o coração, viveria o suficiente para falar?

—Senhora Gavin — disse o homem com seu rasteiro tom de voz— veio sozinha?

Ela afastou uma cadeira da ruinosa mesa e se sentou, colocando-se de tal modo que pudesse ver as sebosas mãos dele descansando sobre seu regaço.

—Acaso necessito carabina, senhor Dashbrooke?

—É obvio que não, mas me surpreende que seu marido não esteja com você.

—Ah, a mim em troca não me surpreende ver que James não o acompanha. —Porco traidor—. Onde está?

—A salvo.

—Se não tem intenção de me devolver meu sobrinho, posso saber a que veio?

Um hipócrita sorriso se desenhou nos cruéis lábios do homem. Gostava de sentir que tinha poder.

—Pensei que podia estar bem nos ver cara a cara e discutir os detalhes da troca.

—Não haverá nenhuma troca.

Olívia teve o prazer de ver como a confusão toldava o olhar daquele desgraçado.

—O que disse?

Agora tocou a ela sorrir. Ter o poder.

—Não vou entregar Reign.

—Tínhamos um acordo. —A fúria apareceu em seu rosto.

—Não, você me deu um ultimato. —Cravou os olhos no homem—. E eu não gosto que me ameacem, senhor Dashbrooke.

Ele se inclinou por cima da mesa, totalmente acalorado.

—Das duas uma, ou leva Reign na terça-feira à direção que darei ou colocarei uma bala na cabeça do senhor Burnley.

Olívia perdeu o controle, o segurou pelo pescoço igual um falcão apanha um camundongo. Uma raiva, doce e inquietante como nunca havia sentido, correu por suas veias.

—Se fizer mal a meu sobrinho, eu tomarei seu precioso Reggie para tomar o café da manhã. —O que disse não pareceu ter o efeito desejado—. E sua preciosa filha para jantar. E logo me encarregarei de você e comerei seus ossos, mantendo-o com vida enquanto o faço.

Dashbrooke empalideceu, e um som estrangulado saiu de sua garganta. Olívia apertou mais forte. Produziu certa satisfação ver que os

olhos saíam das órbitas.

—Me devolva meu sobrinho, Dashbrooke, e talvez assim deixe viver sua família.

Era só uma ameaça, é obvio, ela nunca faria mal a um inocente, mas não importaria nada rasgar seu pescoço com os dentes.

O homem não podia falar, mas mesmo assim tentou. Levantou uma mão em um gesto que Olívia interpretou como de rendição, até que ouviu um disparo e uma bala entrou em seu ombro.

Ficou em pé em um salto, jogando a cadeira para trás e arrastando Dashbrooke com ela, lançando-o para o lugar de onde tinha vindo o tiro. Logo procurou a adaga que levava na bota. Agachada, conseguiu escapar de um homem que corria para ela com umas algemas de prata. O tipo gritou quando Olívia cortou os tendões do seu calcanhar, fazendo que caísse como um fardo.

Soou outro disparo e Liv se ocultou detrás de uma coluna, tratando de recuperar o fôlego. De repente, deu-se conta de três coisas. Uma, a bala que tinha no ombro era de prata e a estava queimando por dentro. Dois, ao menos três quartos da clientela do local estavam com Dashbrooke. Eram muitos, inclusive para um vampiro.

E três, comportou-se como a criatura mais estúpida do mundo ao acreditar que podia fazer aquilo sozinha.

Tinha ferido Dashbrooke e o tinha assustado, o que era ainda melhor, mas tinha que sair dali e encontrar Reggie ou George Haversham, alguém que soubesse onde estava James.

Isso deveria haver ocorrido antes, mas tinha demorado muito dar-se conta que os amigos de seu sobrinho eram meros peões para Dashbrooke.

Um grupo de homens começou a rodeá-la. Entre gritos, os clientes que não tinham nada a ver com aquilo corriam apavorados tentando ficar a salvo. Olívia ouviu quando alguém pedia ajuda para Dashbrooke. Possivelmente tinha quebrado o pescoço do bastardo.

Se queria sair dali teria que lutar, e ninguém ia salvá-la. Olhou por trás de uma coluna e viu que o encarregado apoiava um rifle no ombro. Apontou para ela e disparou. A bala acertou à madeira que havia justo ao lado de seu braço.

Não queriam matá-la. Só reduzi-la. Capturá-la.

Deus santo, que estúpida tinha sido! Amaldiçoou a si mesmo e saltou para as vigas do teto, onde se manteve agachada, escondida entre as sombras, e pôde esquivar dois disparos mais. Entrou na escuridão, enquanto a ardência de seu ombro aumentava.

Dashbrooke tinha ido à entrevista com a intenção de apanhá-la. Talvez planejasse utilizá-la para atrair Reign, ou capturá-la tinha sido sua intenção desde o começo. Possivelmente queria pegar ambos, ela e Reign. Mas para que?

Uma janela do piso inferior estalou em mil pedaços, lançando minúsculos cristais por todo o local. Uma figura escura aterrisou no chão e logo ficou de pé.

Reign. Ao vê-lo, Olívia teve vontade de chorar, mas viu a expressão de fúria em seu rosto e conteve as lágrimas. Watson e Clarke armados, estavam atrás dele, assim como outros homens que tinha visto no Cubo de Sangue. Seguro que Reign já tinha planejado ir à entrevista com eles, era impossível que o tivesse organizado em tão pouco tempo.

O encarregado levantou o rifle e, antes que Olívia pudesse avisar, seu marido saltou sobre o balcão, agarrou a arma e golpeou o tipo com ela.

E então se desatou um inferno.

Romperam-se cristais, dispararam-se armas, soaram gritos. Olívia se arrastou pelas vigas para o centro do botequim, justo em cima de Reign. Podia descer sem fazer muito dano ao ombro. Podia lutar com ele, se estava disposto a aceitá-la a seu lado.

Aterrisou e o vampiro apenas a olhou. Estava muito ocupado brigando contra três tipos que tinha em cima. Aquela luta se converteu

em um absurdo. Tudo o que estava no botequim participava dela, tanto se formava parte da equipe do Dashbrooke como se não.

Olívia golpeou um tipo na cara, e o fez cambalear até que caiu em cima de uma mesa. Sentia o ombro intumescido e o braço pendurava inerte de um lado do corpo.

Um disparo captou sua atenção e deu a volta bem a tempo de ver uma mulher avançando para Clarke, que estava preso em uma briga, com uma faca na mão. Olívia se lançou em cima da mulher e a derrubou ao chão. Mesmo assim, a assaltante não soltou a arma, e fez um corte no seu rosto. A folha não era de prata, mas ardeu de todos os modos. Furiosa, agarrou seu pulso e logo golpeou a testa com a sua, deixando-a inconsciente.

Clarke nem sequer se deu conta do perto que tinha estado de ser apunhalado pelas costas.

Olívia se levou a manga da camisa à ferida do rosto e voltou a ficar em pé. Logo deixaria de sangrar e começaria a curar-se, mas no momento não deixava de escorrer sangue pela bochecha.

Voltou-se para a porta. Dois homens estavam ajudando Dashbrooke a sair do local, e outros estavam escapando também pouco a pouco; os que seguiam conscientes, claro.

Olívia correu para a saída. A ferida que tinha no ombro a tornava lenta e torpe. Um dos homens que segurava Dashbrooke tinha uma pistola e apontou justo quando ela conseguiu agarrar o casaco do gordo seboso.

Disparou.

Uma dor indescritível estalou no peito e a jogou para trás. Cambaleou e caiu de joelhos. Enjoada, baixou a vista e viu uma enorme mancha de sangue que ia crescendo em sua camisa.

—Olívia! —Reign gritou seu nome.

Tratou de virar para ele, mas caiu naquele imundo chão. Tentou

respirar, mas doía, e quando entreabriu os lábios para dizer a Reign que estava ferida, só brotou sangue deles.

«Vá com a imortalidade», pensou, antes de sucumbir à escuridão.

Ia morrer.

Capítulo 15

Quando Reign saiu do Lobo, o Carneiro e o Cervo com Olívia sangrando em seus braços, não se preocupou o mínimo se algum dos presentes estava o bastante sóbrio para vê-lo sair voando.

Não importou que Dashbrooke escapasse. O homem que tinha disparado a Olívia não tinha tido a mesma sorte. Reign tinha torcido seu pescoço como se fosse um pedaço de trapo. Não duvidou nem um instante, limitou-se a agarrá-lo pelo cangote e o matou ali mesmo. Teria ido atrás do Dashbrooke, mas naquele momento, sua única preocupação era Olívia. E assim era como tinha que ser. Watson e outros se encontrariam com ele. Clarke se encarregaria da carruagem e se reuniria com Reign na mansão. Não ia arriscar levá-la de cavalo, não quando podia chegar em casa com muito menos tempo e de um modo muito mais confortável.

Estava morto de medo. Sabia porque não sentia nada. Estava embotado, sua mente era incapaz de assumir o que tinha passado, e não sabia como reagir.

Tinha visto vampiros sobreviver a feridas piores, mas nenhum tão jovem como Olívia. A bala não tinha alcançado o coração, senão naquela altura já estaria morta. Mas mesmo assim estava mal, muito mal. Tinha

que extrair a bala da ferida, e se estava tão perto do coração como parecia...

«Não vou te perder.»

Obrigou-se a ir mais rápido, cortou os céus com tanta rapidez que o vento rasgou sua roupa e os olhos encheram de lágrimas. Em seus braços, Olívia nem se moveu, e o atordoamento que Reign sentia começou a converter-se em pânico.

Chegou em casa antes de Clarke e levou sua esposa a seu quarto. Deitou-a na cama e tirou a camisa e o espartilho. A ferida do ombro estava de cor púrpura, e tinha muito mau aspecto; seus extremos tinham começado a fechar-se. A do peito era muito pior, toda ensangüentada e rodeada por um enorme arroxeadado. A pele tratava de sanar apesar da prata que tinha afundada em seu interior. Reign tinha que tirar a bala antes que esta produzisse um dano irreparável.

Não podia esperar Clarke.

—Liv — murmurou, apartando as mechas que tinha no rosto. Estava ardendo, como se tivesse febre—. Liv, pode me ouvir?

Ela gemeu e tratou de abrir os olhos, mas não disse nada. Apesar de tudo, Reign sentiu esperanças.

—Tenho que tirar as balas, meu amor. Vai doer. Preciso que fique o mais quieta possível.

Não teve resposta. Só podia confiar que tivesse entendido, e fosse capaz de não mover-se enquanto a operava.

Seria incapaz de seguir vivendo se a matava. Sairia ao amanhecer e deixaria que o sol o fulminasse. Quando Olívia o abandonou, trinta anos atrás, tinha estado a ponto de fazê-lo. Só tinha se mantido com vida pela esperança que talvez retornasse algum dia. Se Liv morria, ele morreria com ela.

—Não vai me abandonar outra vez — disse, com voz rouca e entrecortada—. Não vou deixar você partir outra vez.

Teve que afastar-se dela uns instantes para pegar uma faca e umas pinças que guardava para ocasiões como aquela. Limpou a ferida com uísque. Ficaria cicatriz, mas sua profundidade dependeria da pureza da prata. Quanta mais qualidade tivesse o metal, pior seria a marca.

Com tanto cuidado como pôde, Reign subiu à cama e se sentou escarranchado em cima de sua esposa, que seguia inconsciente. Segurou seus braços com os joelhos e aprisionou as pernas com os pés. Seu peso talvez não bastasse para retê-la, mas o faria sua força.

Arregaçou a camisa e empapou um lenço em uísque para acabar de limpar a ferida o melhor possível. Ver Liv assim, golpeada e rasgada, encheu seus olhos de lágrimas.

Baixou a faca e fez uma pequena incisão de ambos os lados da ferida que tinha no peito, justo para poder alargá-la um pouco. Logo agarrou as pinças e, apertando os dentes para tratar de manter o pulso estável, dispôs-se a procurar a bala.

Quando a encontrou, Olívia se arqueou debaixo dele. Abriu os olhos de repente e soltou um grito que fez retumbar as paredes e quase rasgou a garganta. Reign colocou a outra mão no peito dela para segurá-la e apertou as pinças para extrair a bala. A prata não queria sair, mas no final Reign foi mais forte que o metal, e conseguiu arrancá-lo do corpo de sua esposa.

Ela voltou a gritar, com tanta dor que Reign não pôde conter mais as lágrimas, que deslizaram por suas bochechas marcando sulcos de fogo. Já tinha tirado a primeira bala, e da ferida não deixava de brotar sangue. Jogou mais uísque e pressionou com força com o lenço. Se o tinha feito bem, o sangue deixaria de sair em questão de segundos. Se não...

Olívia permanecia imóvel debaixo dele. Uma fina capa de suor cobria a testa e as maçãs do rosto. Reign não notava o movimento dos pulmões sob a palma da mão. E estava muito pálida. Muito.

—Por favor, Deus — sussurrou, sentindo como as lágrimas

molhavam os lábios. As apartou com a manga da camisa—. Deixa-a viver. Se permitir que siga com vida, prometo que não voltarei a duvidar jamais de sua existência.

—Nunca acreditei... que ouviria você rezar — disse uma voz rouca.

Reign baixou a vista. Liv o estava olhando com os olhos entrecerrados. Tinha o olhar perdido, os lábios ressecados e mal podia respirar.

Era o mais bonito que Reign tinha visto em toda sua vida.

—Não tenho intenção de convertê-lo em costume — respondeu ele, fingindo brincar—. Assim não conte voltar a ouvi-lo.

O sorriso dela foi um mero movimento dos lábios, mas lhe deu um tombo no coração. Afastou o lenço ensangüentado do peito de sua esposa, a ferida tinha deixado de sangrar e estava fechando.

Ia viver. Só tinha que curar o ombro antes que a bala causasse mais dano.

—Reign — sussurrou ela—, tenho que dizer algo.

—Pode esperar. Agora tenho que tirar a bala que tem no ombro.

Ela não o escutou, ou decidiu ignorá-lo. Reign apostaria tudo o que tinha que era o segundo.

—É sobre esta noite. E por que te droguei.

—Me dirá isso mais tarde. —Estava ansioso por escutá-la quando se recuperasse de tudo. Mas nada disso importava naquele momento.

Reign se levantou e deslizou um braço por baixo para dar a volta. Ia erguer-se, quando Olívia lhe pegou um braço, estava muito débil, mas apertou os dedos e o obrigou a deter-se.

—Sinto—sussurrou, umedecendo-os lábios—. Tudo.

Deu a volta com expressão inescrutável e voltou a abrir a pele com a faca.

—Eu também.

—Dashbrooke está escondido em uma casa em Haddington — informou Watson quase quatro horas mais tarde, enquanto ele, Clarke e Reign estavam sentados no escritório do vampiro, compartilhando um copo de bourbon e discutindo sobre como proceder.

Os homens de Reign tinham seguido ao gravemente ferido Dashbrooke até o campo. Clarke, por sua parte, tinha seguido investigando e tinha descoberto que o homem tinha fechado sua residência em Edimburgo, de modo que sua retirada ao campo formava parte de um plano premeditado.

—Estivemos vigiando a casa todo o tempo—explicou Watson—. Os homens que foram com ele só saíram para procurar o médico.

Reign sorriu sem humor mas com satisfação.

—Assim que o bastardo está ferido.

—Sim, a senhora Gavin fez bastante dano — assentiu Watson.

Ele se sentiu muito orgulhoso de sua esposa, e agora que sabia que ela ia se recuperar, podia reconhecer que, embora tivesse cometido uma estupidez, tinha sido muito valente.

—Essa é minha menina.

Clarke o olhou de esguelha e levou a taça aos lábios.

—Falando de sua menina, o que pensa fazer com ela?

Reign enfrentou o aberto olhar de seu velho amigo com outro cheio de sinceridade.

—Suplicarei que fique ao meu lado por toda a eternidade, e rezarei para que diga sim.

—De modo que assim estão as coisas.

—Sim, assim estão as coisas.

Clarke afastou o olhar, e teve o bom senso de não dizer nada. Reign agradecia a preocupação de seu amigo, mas não podia mudar o que sentia em seu coração, da mesma maneira que tampouco podia mudar Olívia, e

tampouco queria fazê-lo.

Watson observou a troca entre os dois homens, tratando de discernir o que estava passando, mas era o bastante preparado para não perguntar.

—O que quer fazer com Dashbrooke?

—Matá-lo — respondeu Reign com sinceridade—. Mas antes temos que averiguar se James Burnley está retido nessa mesma casa.

—Segue acreditando que o menino é inocente? —O tom do Clarke foi, no mínimo, de incredulidade— depois de tudo o que passou?

—Não me importa se for inocente ou não. —Reign pegou o bourbon e se serviu uma taça mais que generosa—. Só me importa Olívia, e ela acredita que seu sobrinho corre perigo.

De novo, Watson os olhou interessado, e de novo, absteve-se de perguntar nada. Era um homem muito inteligente.

—Deixei uns quantos homens postados há uma distância prudente. Enviarão um relatório de qualquer atividade.

Reign se esfregou a mandíbula.

—Quando minha esposa se recuperar, ela e eu iremos a Haddington e avaliaremos a situação com nossos próprios olhos.

—Acredita que é acertado? —perguntou Watson, deixando claro que em realidade não estava perguntando nada—. O que quero dizer é, não acredita que estarão esperando?

—E isso importa — soltou Clarke—. De verdade crê que é acertado levar sua esposa a algum lugar?

Reign não soube se ficava zangado ou tornava a rir.

—Poderia deixá-la aqui contigo. —Clarke apertou os lábios, e Reign se permitiu um sorriso—. Foi o que pensei. —Dirigindo-se ao Watson acrescentou—: Seguro que estarão nos esperando, mas não vou lhes dar a satisfação de atacá-los a não ser que seja estritamente necessário. Quando voltarmos a enfrentar Dashbrooke, será em nossos termos, e estaremos preparados para isso.

Watson assentiu, e logo deu voz a algo que também Reign estava pensando.

—Utilizam balas de prata.

—E agora têm tempo para preparar-se para nosso ataque — acrescentou Clarke.

Reign balançou o líquido que tinha na taça. A luz do abajur se refletiu no recipiente e o fez brilhar.

—Cavalheiros, necessito que façam algo por mim.

—O que? —perguntaram ambos ao unísono, para logo compartilhar um sorriso.

—Façam correr a voz que a senhora Gavin está muito doente e a ponto de morrer. —Sorriu ao ver a surpresa no rosto dos dois homens—. Quero ver como reagem Dashbrooke e seus capangas ao saber que talvez tenham perdido sua melhor arma de negociação.

Pela primeira vez em toda a noite, Clarke sorriu de verdade.

—James Burnley não é teu parente.

Reign inclinou a cabeça.

—Em efeito. E não estaria disposto a entrar em uma armadilha só para liberar o menino, mas Dashbrooke começará a perguntar-se o que sou capaz de fazer para vingar a minha esposa.

—Faremos que o bastardo se inquiete tanto como uma puta com um cinturão de castidade — disse Watson quase contente—. Seguro que cometerá um engano.

—Se tivermos sorte — apontou Reign—, talvez centre seus esforços só em mim e deixar em paz Olívia. E quando fizermos nosso movimento, contaremos com o elemento surpresa.

—De verdade crê que ela aceitará seguir com o plano? —perguntou Clarke, abandonando seu sorriso.

O rosto de Reign se iluminou.

—Para destruir Dashbrooke, essa mulherzinha sedenta de sangue é

capaz de cavar sua própria tumba.

E ele a adorava por isso.

—Que diabos pensa que está fazendo?

A ponto de levantar-se da cama de Reign, e sentindo-se ainda muito débil, Olívia tremeu ao ouvir a voz rouca e furiosa de seu marido.

Fechou os olhos e voltou a afundar-se entre os travesseiros. Não podia olhá-lo nos olhos. Ainda não.

—Queria me levantar.

—Ainda não anoiteceu. Aonde pensava ir?

O receio que percebeu em sua voz lhe deu forças. Se estava zangado, podia olhá-lo, inclusive enfrentar-se com ele. Abriu os olhos e levantou a vista.

O via esgotado e abatido, e isso sim não podia suportar.

—Estou cheia de sangue seco. Pensei que seria bom me banhar.

—Prepararei o banho — disse ele assentindo com brutalidade.

Olívia observou Reign no outro extremo do quarto e viu que tinha a roupa destroçada e manchada de sangue. Parte desse sangue era dela, ainda podia cheirar. As feridas tinham fechado e, embora ainda estivessem muito recentes, estavam se curando bem, assim que as manchas não vinham de nenhuma cura recente. Por que ele não se trocou?

Quando o viu sair do banho, nu da cintura para acima, depois de encher a banheira que tinha atrás, Olívia soube a resposta: tinha esperado que despertasse, tinha esperado esse momento.

A ela rompeu o coração. Por que estava fazendo isso? Por que não dizia nada sobre sua fuga? Sobre o fato de que o drogasse?

Reign se aproximou da cama, afastou as mantas e a agarrou nos braços como uma menina.

—O que está fazendo? —perguntou ela.

—Te levando até a banheira.

—Posso caminhar.

—Sim — se burlou ele.

Olívia o olhou todo o tempo. Assim tão próxima podia ver as linhas de cansaço que marcavam ao redor de seus olhos, o muito que apertava o músculo da mandíbula. Os braços que a seguravam eram puro aço, e mantinha a coluna e os ombros rígidos. Sim, estava controlando a fúria que sentia. Queria que estivesse completamente recuperada antes de desatar sua ira? Ou estava zangado consigo mesmo por ter acreditado nela e ter desejado que fizesse o mesmo com ele?

Olívia já estava nua, assim Reign a levou diretamente à banheira e, com muito cuidado, depositou-a na água, que estava perfumada e à temperatura exata. Ela suspirou e estremeceu ao sentir o calor que a envolvia, acalmando-a e sanando-a ao mesmo tempo. Logo, ao ver que Reign tirava a pouca roupa que levava posta voltou a estremeecer.

Nu era um espetáculo fabuloso. Tinha a pele dourada, coberta por uma fina capa de pêlo um pouco mais escuro, e seu corpo era forte e musculoso. Era o corpo de um homem que em sua etapa mortal tinha montado a cavalo, brigado com espada, e treinado em condições muito adversas. Quando se converteu em vampiro, era um guerreiro que atravessava seu melhor momento, um ano mais jovem que ela ao ser transformada. Seu rosto ocultava sua verdadeira idade. Se quisesse, Reign poderia passar tranquilamente tanto por um homem de vinte e nove quanto por um de quarenta, pois era a imagem da masculinidade. Em sua cara não havia nada de juvenil, nem tampouco nada que o fizesse parecer mais velho.

Era muito atrativo, bonito inclusive. A primeira vez que o viu, sua irmã Rosemary sentiu medo, e disse que sua aparência e personalidade a sobressaltavam. A Olívia bastou isso para decidir que tinha que ser dela.

Nunca em sua vida tinha sido tão descarada como foi com ele. Reign perguntou se queria dançar, e essa mesma noite se deitaram. E Olívia decidiu que queria que ficasse em sua cama durante muito tempo.

—Que diabos viu em mim? —perguntou ela quando ele fechou a torneira e se meteu na banheira. Estava tão cheia que um pouco de água se derramou no chão.

Os braços de Reign penduravam relaxados de ambos os lados, e a olhou através de uns olhos entrecerrados pelo cansaço.

—Eu me faço a mesma pergunta diariamente.

Olívia se ruborizou, pois essa resposta intuía carinho e uma reprimenda encoberta. Ele o disse como se a resposta fosse óbvia, implicando uma intimidade entre os dois que fez que lhe desse um tombo no coração.

—Foi diferente de todas as mulheres que tinha conhecido até então — prosseguiu ele falando a sério—. Pela primeira vez em toda minha vida senti que tinha encontrado à única pessoa que podia fazer que a eternidade fosse fascinante. Todos os malditos dias.

Olívia piscou, de repente ardiam os olhos.

—É impossível cumprir tais expectativas.

—Ainda não me falhaste.

—Não me viu durante os últimos trinta anos — respondeu ela com amargura.

—Não passei nem um dia sem pensar em ti — confessou ele, sorrindo com tristeza.

Olívia ficou olhando-o, indefesa, sem saber o que fazer.

—Não me perguntou por que ontem à noite fiz o que fiz.

O sorriso do Reign se desvaneceu.

—Queria ir se reunir com os seqüestradores, com Dashbrooke sozinha.

A ela fechou a garganta, e abaixou a cabeça.

—Sim.

—Disse algo sobre James?

Fechou os olhos ante a dor que a invadiu por ouvir a pergunta. Seu querido James. O que seria dele agora? Tinha servido de algo atacar Dashbrooke? Seu sobrinho seguia com vida?

—Não muito, não.

—Não se preocupe, Liv. Estou seguro de que James está bem.

Olívia abriu os olhos e viu que Reign estava inclinado para ela, tão perto, que inclusive pôde ver os brilhos chapeados em suas pupilas.

—Tenho que dizer uma coisa. E, quando terminar, talvez mude de opinião a respeito de minhas falhas.

Ele inclinou a cabeça. O olhar da Olívia desceu até a coluna da garganta de seu marido e arderam as presas. Tinha fome, e ele cheirava tão bem... Ela estava débil, enquanto que ele gotejava força. Ela era culpada, e ele sua única salvação.

—Do que se trata?

—É sobre James — balbuciou—. Sobre o resgate que Dashbrooke queria.

Reign a olhou paciente, pegou um pedaço de tecido e a barra de sabão que havia junto à banheira e os inundou na água para fazer espuma.

—Segue.

Olívia respirou fundo. Aquele não era o momento de ter medo. Ela sozinha se colocou naquela situação, e só tinha que sair dela. Passasse o que passasse depois, iria dali com a alma relativamente limpa. A não ser, claro, que Dashbrooke matasse James, e nesse caso mais valeria mais estar morta.

—Queria você. —Depois dessa confissão, as palavras se precipitaram—. Naquela época não sabia que era ele, mas me disse que fosse te buscar. Eu não queria, mas sabia que fariam mal a James, e estava

disposta a tudo para salvá-lo. Deveria te trazer a Escócia e te entregar em troca de meu sobrinho.

Ele deixou o sabão de lado e, com calma, deslizou o olhar até ela.

—Já sabia.

Olívia se surpreendeu tanto que foi como se de repente a água se convertesse em gelo.

—Sabia?

Reign pegou uma mão e levantou seu braço para poder ensaboar e limpar o sangue e a sujeira da noite anterior.

—Clarke me disse isso quando chegou. Parece que fez uma pequena viagem até Clovelly e encontrou a nota de resgate em sua habitação. Esse tipo de documentos sempre têm que se queimar, Liv.

Ela ficou boquiaberta. Queria dizer tantas coisas, perguntar tantas outras...

—Nunca disse nada.

Reign se dedicou ao outro braço.

—Queria ver se me contava por vontade própria.

E agora que o tinha feito era muito tarde.

—Te droguei.

—Me deixou fora de combate durante vinte minutos — assentiu ele—, tentei dizer que sabia, mas não podia nem mover a língua. Deu-me uma dose de láudano muito forte.

—Por que não está zangado?

O pano se deslizou entre seus peitos. Ela estremeceu de dor quando roçou a pele arroxeadada que tinha perto do coração. As carícias de seu marido não eram absolutamente sensuais, mas os mamilos de Olívia ergueram de todos os modos.

Ele a olhou aos olhos uns segundos, antes de voltar a concentrar-se em lavá-la.

—Odiava-me tanto que necessitava um motivo para voltar para meu

lado.

Tinha razão, mas isso não impediu que Olívia se envergonhasse do que tinha feito. Em muito pouco tempo, seus sentimentos para ele tinham mudado muitíssimo.

—Não me detesta?

Reign deve ter detectado que tremia sua voz, porque deixou de fazer o que fazia e a olhou aos olhos, desta vez de verdade... Com tanta doçura que a deixou sem fôlego.

—Não. Entendo-te muito bem porque fez isso. Fez o que acreditava que tinha que fazer. Mas há algo sim que quero saber.

—O que? —Algo. Contaria tudo o que quisesse, daria tudo que pedisse.

—Por que não o fez? —Deixou de esfregar a pele—. A estas horas James poderia estar a salvo.

Reign não parecia muito convencido disso. E, para falar a verdade, Olívia tampouco o estava.

—Por que... —Não se via capaz de dizer que o amava. Era uma tolice, e sabia, mas não podia pronunciar as palavras. Ainda não. E tampouco ia defender-se dizendo que o tinha feito porque ele estava muito bem com ela—. Porque não pude te trair.

Pelo modo que Reign entreabriu os lábios e acelerou a respiração, Olívia soube que o que havia dito equivalia a uma declaração de amor.

—Assim que me escolheu acima de um menino que considera como filho.

Dito desse modo... Deus, deveria sentir-se mal consigo mesma.

—Só sabia com certeza que não podia te trair. —Foi só um sussurro, mas ele ouviu cada palavra. Como não ouvi-la?

Uma grande onda sacudiu a água quando Reign ficou de joelhos. Segurou o rosto de Olívia entre as mãos e a beijou com tanto desespero que ela sentiu comichão até nos dedos. Aferrou-se aos ombros de seu

marido e abriu os lábios para permitir o acesso a sua boca, deleitando-se ao sentir sua língua deslizando em seu interior. E quando Reign se reclinou para trás, seguiu-o, e deixou que estirasse suas pernas para sentar-se escarranchada em cima dele. Estava muito excitado, duro como aço, e a sedosa ponta de sua ereção se apertava contra a coxa de Olívia, colocando fogo a um desejo que estava além do físico e se aproximava muito ao espiritual.

Não podia fazer aquilo. Ainda não. Não sem antes dizer o que tinha que dizer. Interrompeu o beijo e se apoiou nas coxas dele.

—Sinto. —balbuciou—. OH, Reign. Tentei me convencer que estava fazendo o correto. Tentei não me importar. Inclusive me disse que não iam te machucar, que não podiam fazer isso.

—Calada. —inclinou-se para frente e voltou a beijá-la, e depois beijou os olhos cheios de lágrimas e as bochechas empapadas—. Não passa nada. Não se torture mais. Me entregaria de bom grado ao Dashbrooke se me pedisse isso.

Tremendo de desejo e emoção, Olívia deslizou a mão debaixo da água, e estremeceu ao sentir que ele se movia junto a suas pernas. Rodeou sua ereção com os dedos e se colocou por cima, introduzindo-o muito devagar em seu interior.

Reign estava completamente quieto enquanto ela se acomodava em seu regaço. Estava no mais profundo do corpo de Olívia, e quando esta se moveu, uma deliciosa fricção acariciou os lábios de seu sexo. Ela os torturou a ambos movendo-se o menos possível.

Então, ele a abraçou e aproximou a boca ao peito de sua esposa, ao lugar por onde tinha entrado a bala. A Olívia não doeu, mas sentiu algo estranho, um calor que a encheu inteira, uma emoção impossível de conter.

—Acreditei que ia te perder — murmurou Reign, seu quente fôlego contra a úmida pele dela—. Jamais tinha passado tanto medo, nem sequer

quando me abandonou.

Olívia ondulou os quadris, envolvendo-o assim por completo. Estremeceu entre os braços dele.

—Não aconteceu nada — o tranqüilizou—. Continuo aqui.

Seu marido levantou a cabeça para olhá-la, mostrando em seus olhos vulnerabilidade, e ela ficou sem fala.

—Rezei, Liv. Supliquei a Deus que permitisse que ficasse comigo.

O calor que a tinha enchido antes se estendeu até seus olhos, e Olívia não pôde conter mais as lágrimas, que começaram a deslizar por ambas as bochechas.

—Não volte a me fazer passar por algo assim. —Ordenou com severidade, mas a emoção que havia em sua voz fez com que a ordem estivesse cheia de ternura. Desta vez foi ela quem segurou seu rosto com as mãos e o beijou. E com o beijo, tratou de comunicar tudo o que sentia, ao mesmo tempo em que começava a mover-se acima e abaixo. Os movimentos de Olívia eram torpes e desesperados, e enquanto fazia amor salpicou de água todo o banheiro. Ambos tiveram um orgasmo muito intenso, que lhes fez gritar ao mesmo tempo.

Ao terminar, Reign continuou banhando-a, e logo a tirou da banheira. Secou-a com uma toalha muito suave e a levou nos braços até a cama do quarto dela, onde a deitou e cobriu com lençóis limpos. Reign se deitou a seu lado e a aconchegou junto a ele, oferecendo seu pescoço em um gesto que implicava tanta confiança que fez Olívia voltar a chorar.

Desde que havia voltado para ele, tinha chorado mais que nos últimos trinta anos.

Atravessou a pele de seu marido com as presas, e permitiu que sua força a saciasse, convertendo-se em parte de seu ser. Ele estremeceu, deslizou-se dentro dela mais uma vez e fez amor com ternura, com adoração, até que suplicou que a deixasse terminar. Reign não teve que pedir que o olhasse, Liv o fez por vontade própria, e deixou que em seus

olhos brilhasse tudo que não podia dizer com palavras e tinha medo de confessar.

Depois, satisfeita em mais de um sentido, se aconchegou junto ao peito de seu marido e suspirou. Não precisou baixar a vista para saber que o arroxeadado de seu peito estava desaparecendo. Podia sentir como o sangue de Reign corria por suas veias e a sanava por dentro.

—Dorme um pouco — disse ele, rodeando seus ombros com um braço—. Quando despertar, contarei como vamos resgatar James.

Ela o olhou, e esteve a ponto de tornar a chorar, maldita fora.

—Vai me ajudar?

Reign pareceu se surpreender que o perguntasse.

—É obvio. Apesar da confusão em que se colocou, não acredita que vou permitir que nosso sobrinho caia nas garras de Dashbrooke, não?

«Nosso sobrinho.» Se não soubesse que já levava trinta anos amando-o, teria começado a fazê-lo nesse preciso instante.

—Obrigado.

Ele a abraçou com força.

—Me agradeça indo comigo em lua de mel quando tudo isto termine.

Olívia estava começava a acostumar-se a sentir aquele nó na garganta e no peito.

—Ora, senhor Gavin, está-me pedindo que seja sua esposa?

—Claro que sim, merda.

Olívia riu quando o ouviu praguejar, e o rodeou com os braços para poder abraçá-lo.

—Sim.

Então Reign a beijou, e pela primeira vez em muitos, muitíssimos anos, ela soube que tudo ia dar certo. Que o «felizes para sempre» existia de verdade.

Dormiu presa a esse pensamento tão forte como pôde.

Capítulo 16

—Obviamente, superestimamos o amor de sua tia, James.

Reggie Dashbrooke olhava como seu amigo tentava manter a pose sob o frio olhar de seu pai. Inclusive prostrado na cama devido às feridas, o velho bastardo intimidava.

Reginald se sentia bem em chamar seu pai de bastardo, embora só em pensamento.

—Virá por mim — respondeu James, com uma voz forçada mas cheia de convicção—. Ela não deixará que me aconteça nada.

Estavam reunidos no quarto do pai de Reggie, agrupados perto da cama como se fossem um grupo de peraltas escolares chamado ao gabinete do diretor. Inclusive Fitzzy, que acabava de voltar de Londres, estava ali.

George Haversham se burlou de James.

—Escolheu seu marido antes de você; um tipo que não havia tornado a ver desde antes que nascesse.

A expressão de James encheu de dor o coração de Reggie. Sabia que nada bom vinha de seu pai, e que tinha a intenção de machucar seu amigo. Antes da última noite, Reggie pensava que não tinha mais remédio que seguir a corrente, mas agora, vendo seu pai ferido gravemente, perguntava-se se havia alguma maneira de sair daquela confusão.

—Virão. —Reggie se surpreendeu dizendo isso em voz alta, de forma clara e contundente. Seu olhar se centrou em George, que ruborizou—. O vampiro se vingará pelo que aconteceu à tia de James.

Os olhos de George se abriram como laranjas. Seu olhar aterrorizado se cravou em Fitzzy.

—E, em nome de Deus, o que nos vai fazer? —perguntou.

—Os fará deuses — recordou Reggie—. Uma vez que tenhamos aos vampiros em cativeiro, podemos tirar seu sangue e nos converter nós mesmos em imortais. —Girou a cabeça para o homem da cama—. Não é certo, pai?

Um lampejo de surpresa apareceu nos olhos de William Dashbrooke, seguido de um sutil sorriso que esboçaram seus finos lábios. Parecia uma gorda lagartixa tomando sol sobre um travesseiro.

—Correto, filho. Correto.

Mentiroso. Nesse momento, toda amargura e impotência que Reginald tinha sentido por seu pai saiu à superfície e se condensou em um ódio profundo, que fez palpitar seu coração.

—E sobre as notícias que dizem que ela está morrendo? —perguntou Fitzy—. O sinto James, mas se sua tia morre, não há nada que possa evitar que Reign faça um açougue com todos nós; e vai para o caralho a idéia de nos converter em vampiros.

—Não morrerá — insistiu Reggie, e rogou a Deus que assim fosse, não só por seu próprio bem mas também por James e George, que pareciam não se dar conta que as dores de cabeça que sofriam e o sangue que perdiam pelo nariz eram sintomas de algo que lhes tiraria a vida em breve, a menos que se convertessem em imortais.

James dedicou um agradecido olhar, e Reggie sorriu. James podia ser um pouco mimado e auto-suficiente, mas sempre tinha sido bom com Reggie. Sempre esteve do seu lado, insistindo que era valioso, apesar de seu pai sempre insistir que era uma decepção.

Reginald não estava disposto a sacrificar-se para conseguir a aprovação de seu pai. Esta já não importava. Embora Olívia Gavin não soubesse, converteu-se em uma inspiração para ele. Tinha escolhido proteger ao homem que amava e não trai-lo.

Reggie tampouco ia trair seu amigo, e não importava que James o culpasse de estragar os planos.

—Devemos nos preparar — anunciou, ignorando os olhares que lhe dirigiram os outros, bem como suas expressões de curiosidade e indiscutível surpresa diante dessa sua nova faceta. Primeiro nos espiarão, procurando nossos pontos débeis. —Olhou pela janela onde o sol descia lentamente—. Começarão a fazê-lo esta noite, e nos atacam amanhã de noite.

—Como sabe? —foi Fitz quem perguntou, rompendo seu habitual silêncio.

Reggie o olhou.

—Porque a tia de James deve estar ainda mais preocupada. E porque atacam enquanto meu pai esteja ainda fraco.

Todos o olhavam, mas só havia um que preocupava Reggie. Voltou-se para William Dashbrooke, e percebeu o sutil olhar assustado de seu pai. Brincava com seu anel, o símbolo da ordem, que sempre tinha significado para ele muito mais que seu próprio filho.

Reggie esteve a ponto de rir, mas se conteve.

—Não se preocupe, pai. Eu cuidarei de você.

Quando Olívia despertou, pela segunda vez nesse dia, o sol já tinha se posto e as feridas de seu peito e ombro se converteram em hematomas verde-amarelados. Os pontos estavam ainda recentes e os músculos doloridos, mas não tanto para sentir dor. Sua extraordinária capacidade de cura, combinada com o sangue de Reign, quase a tinham curado completamente.

Não viu seu marido em lado nenhum. Escutou para ver se ouvia sua voz, e o ouviu no andar de baixo, falando com Watson e Clarke. Estavam-na esperando.

Deslizou-se fora da cama e chamou Janet. Apesar de rápida como era, havia coisas que uma mulher podia fazer ainda mais rápido com um

pouco de ajuda, tais como abotoar as costas do vestido, ou arrumar o cabelo.

A criada chegou em poucos minutos, trazendo consigo um monte de roupas.

—O senhor Gavin pensou que possivelmente deseje usar isto hoje, senhora. —Manteve uma expressão neutra apesar da surpresa que se refletia em seus olhos.

A roupa que Reign tinha sugerido era um par de calças largas de cor negra com uma camisa e umas fortes botas completando.

—Obrigado Janet. Também colocarei um meio espartilho. —Seus outros espartilhos eram muito compridos para levá-los com calças. Era estranho não sentir a ajustada pressão das varinhas contra suas costelas e abdômen. Por sorte, tinha dois, porque o outro, que utilizou ao enfrentar Dashbrooke, estava destroçado.

Quando esteve vestida, Olívia se sentou em frente ao espelho e deixou que Janet escovasse seu cabelo e o desenredasse. Logo, a jovem, trançou e enrolou a pesada cabeleira até que esta ficou bem presa no alto da cabeça de sua senhora.

Todo o processo demorou mais que a noite anterior sem a ajuda da criada, entretanto, Olívia se sentia melhor preparada essa noite, mais forte e mais cômoda. Possivelmente esse sentido de segurança viesse de seu interior, ou possivelmente se sentia assim porque, passasse o que passasse essa noite, sabia que Reign estaria a seu lado.

Vestida e preparada para a batalha, desceu para se reunir com seu marido e seus amigos no escritório de Reign. Levantaram a cabeça quando entrou: Watson com uma expressão de curiosidade, Clarke com uma nada dissimulada desconfiança, e Reign com tal satisfação ao vê-la que os joelhos de Olívia tremeram. Ele fez exatamente igual ao dia em que se conheceram, quando ela esqueceu suas maneiras, levou-o a sua casa e o meteu em sua cama. Não se arrependia de nada daquilo. De fato,

pensando-o bem, só se arrependia de ter fugido de seu lado.

Reign ficou em pé e se aproximou dela, olhando-a de cima abaixo.

—Watson me deu a localização de onde acreditam que James está prisioneiro. Vamos?

Assim tão fácil? Deus, era um homem incrível. Olhou Watson e Clarke.

—Só nós dois?

Clarke desviou a vista. Não gostava, e Olívia sabia perfeitamente por que. Sua lealdade para Reign era admirável, e ela merecia essa frieza. Isso não significava que estivesse disposta a agüentar isso muito tempo.

—Esta noite nos limitaremos a espiar — respondeu Reign enquanto se aproximava—. A menos que sejamos obrigados a atuar hoje, retornaremos amanhã ao anoitecer para resgatar James.

É obvio. Investigariam a casa em busca de guardas e pontos débeis, e depois dariam o passo. Tinha todo o sentido do mundo, mas a impulsiva natureza de Olívia, a parte dela que temia por James, corroía-a por dentro.

Apesar da confusão que sentia, assentiu concordando.

—Estou preparada.

Reign se dirigiu a seus homens.

—Já sabem o que fazer se cercarem a casa.

—Sim — respondeu Watson.

Clarke também concordou com a cabeça, olhando Olívia com frieza. Efetivamente, ela estava já a ponto de faltar-se.

—Bem. —Reign ofereceu a mão a sua esposa, embora seguia centrando a atenção nos outros dois—. Se não estivermos de volta na alvorada, enviem uma mensagem ao Cubo de Sangue e sigam para onde está Dashbrooke imediatamente.

Ambos os homens assentiram de novo e Reign saiu com Olívia do quarto.

—O que se supõe que devem fazer se atacarem esta casa? —ela

perguntou enquanto subiam a escada para o desvão. Melhor pensar nisso que no que aconteceria se não retornassem na alvorada.

—Queimá-la — respondeu Reign enquanto cruzavam a saída para o telhado—. De preferência com os atacantes dentro.

—OH! —Uma parte da Olívia estava horrorizada com a idéia, embora a outra parte sedenta de sangue estava de acordo com o plano. Com um pouco de sorte, não teriam que ir tão longe—. Crê que há muitas possibilidades de que isso aconteça?

—Não. O que eles querem é que nós vamos a seu esconderijo. Desse modo lhes será tudo mais fácil.

—E não estamos dando exatamente o que querem? —Não tinha medo. Com Reign a seu lado, não tinha medo de nada, possivelmente só de perdê-lo.

—Só se nos agarram — respondeu ele com um fugaz sorriso que se desenhava em seu rosto na escuridão, enquanto entravam na noite.

—Coisa que não farão. — devolveu o sorriso.

Era fácil compartilhar sua fanfarronice e tirar força dela.

Saltaram juntos do telhado, deixando que a noite lhes desse asas. A primeira vez que Olívia voou foi por acidente; ao tentar suicidar-se saltando da torre do relógio de Westminster, a que contém o Big Ben. Foi na mesma noite que matou a uma pessoa enquanto se alimentava. Elevou-se sem querer no céu noturno e vagou soluçando, sentindo que tinha perdido todas as possibilidades de pôr fim àquilo.

As coisas não tinham sido tão mal depois, embora tivesse se equivocado algumas vezes nos últimos anos. Olhou ao homem que tinha a seu lado. Reign não era um desses enganados.

Voaram fora de Edimburgo, rodearam a cidade, e deixaram para trás as luzes e os aromas urbanos até chegar a uma pequena área rural ao sudoeste do município de Haddington.

Ali no meio se erguia a casa, rodeada de árvores e outra vegetação,

plantados para conseguir intimidade bem como para decoração. Era uma pequena e modesta casa de campo, que em nada lembraria a guarida de um vilão.

—Vê algum guarda? —disse Reign ao aproximar-se.

—No caminho da entrada — respondeu ela ao ver uma sombra mover-se diante da casa—. E você?

—Acredito que a parte de trás está limpa. Devem estar patrulhando. —Procurou a mão dela, e quando Olívia a agarrou, guiou-a até o escuro jardim por trás da casa.

—Não cheiro nenhum cão — sussurrou Liv ao aterrissar sobre a cuidada grama. Estavam parcialmente escondidos atrás de uns arbustos, invisíveis para qualquer um que não fosse outro vampiro ou um gato.

—Dashbrooke não me parece o tipo de pessoa que tem animais de estimação—respondeu Reign, e seu olhar se centrou no guarda que estava rodeando a casa—. Já é bastante animal ele mesmo.

Uma vez que o sentinela passou, ambos atravessaram a grama até as escuras e negras sombras do lado da casa. Agacharam-se debaixo de uma janela, uma das poucas que saía luz.

—Olhe dentro — sussurrou Reign no ouvido, com um quente fôlego que a fez estremecer—. James está aí?

Devagar, Olívia se ergueu tanto quanto se atreveu a fazê-lo e olhou furtivamente pela janela. Havia três jovens tomando cerveja ao redor de uma mesa e comendo pão com queijo. Um dos meninos era George Haversham, que ria de algo que seus companheiros haviam dito.

E o que tinha feito o comentário gracioso era James.

—Sim, aí está — sussurrou, voltando a agachar e apoiando suas costas na suave pedra da parede exterior da casa, com uma mescla de alívio e confusão.

Por que está aí dentro, rindo com seus amigos, se é prisioneiro? — perguntou-se em voz alta. Procurou o brilhante olhar de Reign—. George

Haversham não está preso contra sua vontade, isso já sabemos. E se Haversham é um de seus captores, por que James está aí sentado rindo com ele? —repetiu.

Seu marido jogou uma olhada através da janela, e voltou a agachar-se. Sua expressão era de compreensão, não de pena.

—Porque não é um prisioneiro, Liv.

O que significava que James estava representando um papel em tudo aquilo. Que tinha colaborado com seu próprio seqüestro, preocupando-a e aterrando-a.

—Não — murmurou com surpreendente calma—. Isso não pode ser.

—Talvez o mantenham encerrado com um falso pretexto — aventurou Reign, embora ela se desse conta que não acreditava nessa possibilidade—. Não sabemos que mentiras terá contado Dashbrooke.

Sim, devia ser isso. James podia comportar-se como um tolo, mas nunca a trairia. Ou o faria? Possivelmente, se pensasse que a recompensa valia a pena. Se Dashbrooke, de alguma forma, tivesse jogado com sua mente.

Os dedos de Reign lhe rodearam o braço; o calor de seu contato a fez abandonar suas especulações e voltar para a realidade.

—Deixa as perguntas para depois, quando o tivermos salvo. Agora necessito que esteja limpa — pediu Reign.

—É obvio — assentiu ela.

Soltou seu braço, mas não sem antes lhe dar um rápido e forte beijo na boca.

—Essa é minha garota.

Antes que o guarda houvesse tornado a passar por esse ponto, encarapitaram-se de um salto no teto inclinado da casa. Um olhar por uma das janelas dos quartos confirmou que o desvão se utilizava como armazém, não como quarto. Seria fácil abrir o ferrolho de uma delas, ou simplesmente quebrar o vidro e deslizar dentro da casa.

—E por que não pelo porão? —sugeriu Olívia—. Não seria mais fácil?
—Poderiam entrar pela cozinha.

—Muitas possibilidades de encontrar com um criado — sussurrou Reign—. Ou com vários. Não quero machucar nenhum inocente.

Ela não tinha pensado nisso.

—Não sou uma grande estrategista, verdade?

—Fá-lo bastante bem — sorriu ele—. Ganhou de mim várias vezes.

—É que isso é muito fácil — sorriu Olívia.

Reign lançou um olhar que deixou claro que pagaria por essa afirmação de todas as maneiras sensuais que a ele ocorressem.

Disso tinha fugido trinta anos atrás. Se tivesse permitido explicar-se... mas Olívia se assustou tanto que fugiu, escapou da verdade. Tratou de ir-se para sempre.

Mas agora já não estava assustada.

Depois de inspecionar o terreno e jogar alguns olhares furtivos em outras janelas, fizeram uma boa idéia de como se aproximar da casa na noite seguinte, por onde entrar e a quantos guardas teriam que enfrentar.

Também viram Dashbrooke na cama; enfaixado e arroxado parecia desconjuntado. A Olívia causou prazer vê-lo dessa maneira, e saber que era a causa que se encontrasse em tal estado.

Antes de sair, espiou pela última vez James pela janela do andar inferior. Seguia ali com seus amigos, como se não acontecesse nada, fazendo o que faria um menino de sua idade.

Quando estava com ela, não parecia nunca tão feliz.

Olívia e Reign voaram de volta a Edimburgo e entraram na casa da mesma forma que se foram. Ao entrar no escritório, surpreenderam-se ao ver que Watson e Clarke tinham companhia.

Reggie Dashbrooke, o menino que não tinham visto em sua visita a Haddington, estava ali com aspecto cansado, com seu cabelo avermelhado despenteado e os olhos inchados de esgotamento. Levantou-se do sofá

quando entraram. Ao vê-lo, Olívia soltou um grunhido. Dirigiu-se para o menino, mas Reign a reteve com uma mão. Ela tentou escapar, mas não conseguiu.

Reggie a olhava sem medo, apesar que Olívia detectou um leve aroma de emoção que emanava de sua pele e notou que ao jovem acelerava o pulso, coisa que fez saírem suas presas e estar a ponto de liberar o demônio que levava dentro.

—Não me mate — pediu o menino brandamente, mas com firmeza—. Estou do seu lado.

—Por que demônios deveríamos acreditar? —perguntou Reign enquanto oferecia um copo de bourbon ao mais jovem dos Dashbrooke.

Reggie tomou um longo gole de licor. Até esse momento, tinha mantido a compostura, coisa que o fez ganhar o respeito de Reign. O menino sabia que não tinha amigos naquela casa, mas apesar disso, ali estava.

—Não tenho forma de demonstrá-lo, salvo pelo mero fato de estar aqui.

Reign tinha tido a precaução de deixar o máximo de espaço entre Reggie e sua mulher.

—Poderia ter sido enviado seu pai — soprou Olívia.

O jovem não tentou negar.

—Certo, mas não fui. De fato, acredito que me mataria se soubesse que vim.

Ao ouvir essas palavras, Reign franziu o cenho. Não parecia o típico exagero juvenil. De fato, Reginald Dashbrooke soava enormemente honesto.

—Por que está aqui, senhor Dashbrooke? —perguntou o vampiro, apoiando o quadril no canto da mesa.

—Um ataque de consciência? —Reggie riu amargamente entredentes—. Ou um momento de debilidade, como diria meu pai. Vim me oferecer como moeda de troca.

—Como moeda de troca? —Clarke franziu o cenho—. Quer se unir a nós como instrumento de negociação contra seu pai?

O jovem assentiu com a cabeça sem deixar de olhar Reign. Por algum motivo, tinha convertido ao vampiro em seu interlocutor. Como se pensasse que ele seria mais pormenorizado com sua oferta que, por outra parte, era tão absurda que Reign se teria posto a rir não fosse porque o pequeno bastardo o tinha comovido.

—Meu pai nunca me trocará pelo James. Dirá que sim, mas não o fará.

A resignação que havia em seu tom de voz fez Reign sentir uma amargura que depois de centenas de anos não deveria albergar ainda em seu interior.

—Tem uma opinião muito pobre de seu pai.

—Ele tem uma opinião muito pobre de mim — precisou Reggie encolhendo os ombros—. Mas isso não importa, meu pai porá na frente tudo que a ordem queira, e o fará acima de seu filho; de fato não custará nada fazê-lo. —Olhou a Olívia—. Não, como imagino que foi para você.

Olívia empalideceu ao ouvir essas palavras e Reign se incomodou ao ver que o menino era tão insensível. Ao menos, ela sabia que Dashbrooke não teria pressa para matar James, não enquanto este pudesse ser útil ainda.

—O que sabe da ordem, Reggie? —perguntou Reign, passando a chamá-lo pelo primeiro nome.

—A ordem da Palma de Prata. São como os Amigos dos Gloriosos Ocultos mas pior. Não só querem venerar aos vampiros; têm interesses, e vêem os vampiros como um meio de conseguir seus fins.

—Idiotas — se burlou Clarke—. Realmente acreditam que têm alguma

possibilidade com um vampiro tão velho como Reign?

O jovem o olhou um momento, parecia o mais velho dos dois, e logo voltou a centrar sua atenção em Reign.

—Ouvi meu pai falar com seus amigos sobre um tal Têmplo. Parece que a ordem o capturou.

Um calor gelado apareceu na boca do estômago de Reign e se expandiu por todo seu corpo. Têmplo prisioneiro? Isso era impossível. Têmplo era o melhor de todos, o mais rápido e forte, e sem dúvida o mais feroz. Como poderiam havê-lo capturado uns simples homens?

Reign não o concebia. Mas quando acabassem com tudo aquilo, investigaria e se asseguraria que seu velho amigo estava a salvo. Enquanto, teria que fazer caso do mesmo conselho que pouco antes ele mesmo tinha dado a Olívia, e centrar-se no que passava ali naquele momento.

—Se seu pai não estiver disposto a negociar, do que nos serve?

Reginald aceitou facilmente a mudança de tema.

—Porque os meninos quererão fazer a troca, e quando meu pai se negar, se darão conta do que ele planejou, e então possivelmente me perdoem por não haver seguido o plano.

Olívia se sentou a seu lado e tocou carinhosamente o ombro de forma maternal.

—O que planejou seu pai, Reggie?

—George, Fitz e James pensam que vocês os converterão em vampiros. Meu pai os convenceu que todos nos voltaremos imortais, mas o que realmente quer é fazê-los prisioneiros. A ordem lhes quer. Não sei por que, mas sei que meus amigos são dispensáveis para meu pai e, embora consigam converter-se em vampiros, lhes fará o mesmo que a vocês.

—Por que motivo crê que não merecemos o que a ordem tem pensado? —perguntou Reign—. O que te faz estar tão seguro que trair seu

pai é o correto?

Reggie não o olhava, estava olhando Olívia com seus adoráveis e grandes olhos azuis. E ela o olhava a sua vez com uma mescla de surpresa e aborrecimento.

—Sempre pensei que James era afortunado de tê-la, senhora Gavin. Ele pode ser um tolo algumas vezes, mas sempre foi bom comigo, e isso é por que você o educou. Seja ou não uma vampira, preferiria conseguir algum dia seu respeito antes que o de meu pai. —Voltou a olhar Reign—. O de ambos.

O vampiro sentia compaixão pelo menino. Ele sabia bem o que era desejar o respeito de um pai e não consegui-lo nunca.

Mas Reggie não estava atuando assim só por despeito. Reign estava convencido que o menino fazia o que realmente acreditava que era correto.

—Não quero que aconteça nada de mau a meus amigos —acrescentou—. Eles confiaram cegamente em meu pai, e em troca ele está pagando com traição.

Reign olhou a Olívia, que confirmou com o olhar que o menino a tinha convencido, e a tinha ganho, embora só um pouco. Pôde também perceber que ela pensava no que Dashbrooke teria prometido a seu sobrinho, que mentiras teria contado para ganhá-lo. Tinha que admitir, por estúpido que fosse o menino, teria que considerá-lo mais uma vítima que um inimigo.

—Que espera receber em troca de nos ajudar, Reggie? Seguro que seu pai nunca compreenderá sua traição. —Ou possivelmente sim. Deus sabia que Reign compreendia por que Olívia tinha tido a intenção de trai-lo.

—Não, não o fará — confirmou o menino—. Mas ao menos poderei viver sabendo que não pareço em nada com ele.

Parecia justo.

Reign esboçou um lúgubre sorriso.

—Então, Reggie, meu amigo, se considere nosso prisioneiro.

Capítulo 17

Enviaram a nota de «resgate» a William Dashbrooke e, tal como sugeriu Reggie, a mandaram também a George Haversham, para assim assegurarem-se que seus amigos estavam a par de tudo.

—Meu pai não o diria — explicou a Olívia e Reign—. E não quero que pensem que os abandonei, ou que caí nos enganos da ordem.

A Olívia pareceu muito triste o modo que o menino aceitava tão insignificante era para seu pai.

—Talvez esteja errado — sugeriu. Estavam sentados em frente a uma pequena mesa, na varanda, justo antes da alvorada—. Acaso não planejou te introduzir na ordem? —Ela já tinha visto o anel.

Reggie a olhou e piscou lentamente, como se incapaz de acreditar no que acabava de ouvir. Ela tampouco podia acreditar que acabava de tentar compreender Dashbrooke.

—Só se demonstro que mereço—respondeu—. Coisa que não tenho feito. E realmente acredita que me engano com um homem capaz de matar um sacerdote sem sentir nem um pinga de culpa?

—Sabe do padre? —Talvez Reggie não fosse tão inocente como ela pensava.

O menino desviou a vista.

—Ouvi quando um de seus amigos o informou disso. Meu pai encolheu os ombros e disse que, às vezes, a perda de vidas humanas é necessária para conseguir um bem maior.

—Que pérola, seu pai — interveio Reign. Os três estavam ali sentados, enquanto Watson e Clarke dormiam.

— Gostava de seu pai? —perguntou Reginald com um tímido sorriso.

Olívia olhou Reign. Sua única reação à pergunta foi uma leve tensão nos lábios. Ela estava desejosa de ouvir a resposta, possivelmente ainda mais que Reggie.

—Meu pai era um corno — respondeu Reign com tom enérgico e convincente—. A única coisa que fiz que quase o satisfez foi quando me converti em vampiro.

Reggie se incorporou, entusiasmado pela oportunidade que tinha de falar com alguém que o entendesse.

—O disse?

Reign encolheu os ombros, movimento que significou muito para Olívia. Depois de seiscentos anos, seu marido ainda se incomodava em falar de seu pai. Aquilo era dar muito poder a um homem morto.

—Acreditei que era o correto. Se não podia me respeitar, ao menos poderia me temer.

Não fosse porque Reggie estava ali, Olívia teria abraçado Reign. Seu pobre Reign.

—E chegou a fazê-lo? —As perguntas do menino não pretendiam ser cruéis, mas estavam guiadas por um sentimento de amargura que, obviamente, conseguiu conectá-lo com Reign.

—Não.

Os dois homens, um impossivelmente velho e outro excessivamente jovem, compartilharam um sorriso.

—Seu pai se parecia com o meu — remarcou Reggie, tomando um gole do chá que Olívia acabava de servir.

—Sim, têm muito em comum — confirmou Reign—. Pertenciam à mesma ordem. —Olhou o menino enquanto falava.

Olívia também fez o mesmo, analisando a reação de Reggie. Os azuis

olhos do jovem se abriram como pratos enquanto sua suave e infantil mandíbula se abria.

—Seu pai pertencia à ordem da Palma de Prata?

Reign assentiu com a cabeça, e seus lábios esboçaram um leve e sardônico sorriso.

—Irônico, não crê?

Reggie soltou uma risada de incredulidade. Não era absolutamente malicioso, e Olívia se encontrou sorrindo também.

—Sim, um pouco sim. Alguma vez quis entrar na ordem?

—Não — respondeu Reign, negando com a cabeça. Não tinha que acrescentar nada mais para que Olívia compreendesse que seu pai estava muito envergonhado dele para indicá-lo.

—Pois tem razão — disse Reggie—. Seu pai era um corno.

Os três compartilharam gargalhadas antes de voltar a falar com seriedade outra vez.

—É por isso que o querem? —perguntou o menino—. Por que seu pai era membro da ordem?

—Não acredito. —Reign pegou um copo de bourbon da mesinha que havia ao lado de sua cadeira e tomou um longo trago—. Seu interesse não se limita a minha pessoa, se o que disse de Têmples é certo.

Reggie o olhou com sagacidade.

—É amigo dele?

—Era. —ouviu-se o surdo som do copo já vazio quando Reign o deixou na mesa—. Agora é como se fosse de minha família.

—Se estiverem tão unidos, como não sabe o que aconteceu?

—Disse que somos como família, não que estamos unidos.

Os dois homens voltaram a compartilhar um sorriso e Olívia moveu a cabeça com fingido desgosto.

—Se continuarem muito mais tempo assim, vou sentir me marginalizada.

Reggie se ruborizou enquanto Reign a olhou divertida. Não importava que brincasse; nunca se tinha levado muito a sério em comparação com outros homens que Olívia conhecia. Supunha que seis séculos eram suficientes para que alguém se conhecesse bem.

Sorriu. «Te quero.» Formou as palavras em sua língua, mas não as disse, só o eco ressonou em sua cabeça. Não queria que o jovem Reggie as ouvisse.

A curiosidade fez piscar os cinzas olhos do Reign. Viu a mudança na expressão de sua esposa, mas felizmente não entendeu o que significava.

Reggie comprovou seu relógio.

—Está a ponto de amanhecer. Não deveriam ... não sei, se ocultar do dia?

Olívia pegou uma das bolachas do prato que havia na mesa. Reggie não as havia tocado, e seria um pecado que se estragassem.

—Estamos bem.

Não acrescentou que, enquanto a luz do sol não os tocasse diretamente, estavam a salvo. Reggie podia estar contra seu pai, mas isso não significava que lhe confiaria sua vida.

—Quer dormir? —perguntou Reign—. Posso te acompanhar a um dos quartos de hóspedes.

O jovem sacudiu a cabeça, e uma mecha de cabelo acobreado caiu sobre a pálida sobrancelha.

—Não, obrigado. Quero estar acordado quando meu pai enviar a resposta.

Olívia o entendeu e, ao que parece, Reign também, apesar de que não disse nada. Em troca animou Reginald a manter uma conversa, mantendo-o ocupado até que, uns minutos depois que Clarke se unisse a eles, ouviram bater na porta.

Por sorte, nem Reign nem Olívia teriam que enfrentar a luz do amanhecer para responder.

—É de Dashbrooke — informou Clarke que, ao voltar, estendeu a Reign o envelope. Ao fazê-lo se esqueceu de olhar Olívia, coisa que ela não levou em conta.

O pobre Reggie se ergueu muito rígido no extremo de sua cadeira.

—O que diz?

Reign rompeu o selo da carta, e tirou uma pequena nota que abriu e leu em voz alta.

—«Meu prezado senhor e senhora Gavin, vocês ganharam. Darei-lhes o que queiram se devolvem meu querido filho são e salvo. Tragam-me isso esta noite e lhes entregarei o senhor Burnley. Atentamente, William Dashbrooke.»

O ódio fez o rosto de Reggie ainda mais pálido, e suas bochechas se ruborizaram. Voltou-se para Olívia com uma tensa expressão, tentando ocultar a dor que sentia.

—É uma armadilha.

—Sei — assentiu ela, com o coração cheio de pena por ele.

—Porque me chamou «meu querido filho»?

Olívia rodeou a mesa e cobriu o punho firmemente fechado de Reggie com sua mão, dando-lhe uma carinhosa palmada.

—Porque há dito que entregaria James em troca. —Dashbrooke não era tão estúpido para soltar a única pessoa que garantia seguir com vida.

—O que vão fazer? —Pela primeira vez desde que se apresentou em sua casa, um medo real, uma angustiosa incerteza, apareceu em seu rosto. Isso ainda o fazia parecer mais jovem.

—Vamos dar a seu pai o que quer — disse Reign levantando-se.

—A mim?

—Não, homem, não seja tolo. —Sorriu—. A nós. Agora vá de uma vez para a cama. Precisa estar descansado esta noite. Clarke, acompanha Reggie acima por favor? Dê-lhe o quarto do final do corredor.

Olívia pôde notar o alívio que o menino sentia. O que teria pensado

que fariam? Comê-lo? Mesmo assim, era óbvio que Reign não ia se arriscar. Tinha-o posto o suficientemente longe deles, de forma que se quisesse atacá-los teriam tempo de reagir; e estariam o bastante perto para ouvi-lo se queria escapar.

Reggie desejou bom dia e seguiu Clarke. Olívia esperou que saísse antes de falar com Reign.

—Crê que é inteligente fazer o que Dashbrooke quer? —Não só pensava na segurança de James, mas também na de Reign e na sua própria.

Seu marido cruzou a sala em direção a ela, pegou-a pela mão e a atraiu para si passando um braço ao redor dos ombros.

— Fazer Dashbrooke acreditar que tem o controle é a melhor maneira que o bastardo saia de sua guarida.

—Não podemos permitir que faça mal a nenhum menino. —Olívia apoiou a cabeça nele, enquanto caminhavam para a porta.

O braço de Reign, forte e quente, estreitou-a um pouco mais.

—É melhor que se preocupe pelo que esses meninos farão ao Dashbrooke quando se inteirarem de que os ia trair. Ao jovem Haversham não vai gostar que lhe neguem a imortalidade.

—Não é sua imortalidade que me preocupa — disse ela enquanto subiam a escada—. É a tua. E a minha também.

Reign soltou uma leve gargalhada.

—Dashbrooke não é rival para mim, nem para ti tampouco. Não se preocupe.

Mas Olívia estava preocupada, e soube que Reign também estava ao ver como esticava os músculos da mandíbula. Duvidava dela?

—Confia em mim, verdade? —perguntou, parando no meio da escada e voltando-se para ele—. Não acredita que vou te trair?

—Não. Confio em ti — respondeu com um tenro sorriso—. Ainda não me deixou caído, não? Agora, vamos, precisa descansar.

Acabaram de subir a escada em silêncio. Depois de tudo que ela tinha feito, Reign ainda não acreditava que o tivesse deixado caído. Meu deus, o que teria que ter feito para decepcioná-lo? Fosse o que fosse, esperava não fazê-lo nunca.

E menos essa noite.

Muitas horas mais tarde, depois de uma larga sesta e do jantar, Olívia entrou no quarto de Reign, ou melhor dizendo no de ambos, para falar com seu marido sobre o assalto à casa de Dashbrooke, e encontrou o quarto completamente às escuras salvo por uma única vela que ardia na mesinha que havia ao lado da cama.

Reign estava curvado e nu na cama, com seu formoso corpo, de gloriosas sombras e luzes destampado.

—Está um pouco despido — brincou ela com a boca seca.

Ele se sentou de repente, com as pernas pendurando a um dos lados do leito. Continuando, levantou-se e se aproximou dela, absolutamente consciente de sua nudez, mas caminhando com as largas pernadas de um homem que sabe bem o que tem que fazer.

Quem era ela para opor-se?

—Temos tempo? Deveríamos sair logo, não?

—Nos arrumaremos — respondeu Reign atraindo-a a seus quentes braços. Com uma mão a segurava pelas costas enquanto com a outra deslocava a cabeça a um lado.

Olívia ouviu o que dizia sem palavras. Estavam a ponto de meter-se em uma situação muito perigosa e incontrollável. Essa noite, nada ficaria por dizer entre eles dois... no caso de não voltarem.

Reign beijou o pescoço, o quente oco da garganta onde pulsava

desesperadamente. Seus dentes roçaram a pele, provocando um calafrio. Olívia não ia pensar no que podia passar essa noite. Havia muitas coisas horrorosas — e muitas maravilhosas—, que poderiam acontecer, assim não valia a pena lhes dar voltas.

Não havia nada que pensar exceto no homem que estava com ela nesse instante.

Acariciou as suaves costas e os ombros de Reign, notando o contorno dos músculos do vampiro sob seus dedos. A única coisa que danificava essa perfeição era a cicatriz que tinha no ombro direito. Ela a tinha visto já na primeira noite que passaram juntos, uma marca em forma de cruz. Seguro que seu marido havia dito alguma tolice para contar como o tinha feito, mas agora ela sabia que aquilo devia ser mentira.

—Como fez isto?

Reign levantou a cabeça o suficiente para falar, seu fôlego parecia uma agradável brisa ao sussurrar contra sua garganta:

—Foram uns fanáticos que assim acreditavam poder me tirar o demônio de dentro.

—Sorte que não o conseguiram — murmurou Olívia quando suas presas a beliscaram, enchendo a de calor e amolecendo seus joelhos ao mesmo tempo.

Reign riu, atormentando-a ainda mais.

—É tão perfeita...!

Essas palavras a emocionaram e, por um instante, temeu tornar a chorar, mas então as presas atravessaram seu pescoço fazendo-a estremecer de prazer e Olívia se segurou em seus ombros como uma videira o faz em uma parede.

Reign bebeu um pouco, o suficiente para que cada parte do corpo de Liv vibrasse de um modo que até então ela não tinha descoberto. O bastante para fazer que se enjoasse de desejo e morresse de vontade de tocá-lo e saboreá-lo.

Quando fechou com a língua as pequenas feridas que tinha feito na pele e suas pernas recuperaram outra vez suficiente força, Olívia se ajoelhou no tapete, deslizando as mãos pelas costas do Reign até chegar a suas nádegas. Tinha o sexo de seu marido à altura do rosto, com o que abriu a boca e, com a língua, brincou com a sedosa ponta de sua ereção.

—Jesus! —As mãos dele cobriram sua cabeça, sem empurrá-la, mas segurando de tal forma que não podia mover-se. Em realidade, ela não tinha a mínima intenção de fazê-lo.

Lambeu-o, beijou-o, abriu os lábios e o introduziu na boca, saboreando sua pele salgada. Os dedos de Reign se esticaram, apertando ainda mais sua cabeça, enquanto ela o acariciava com a língua. As mãos de Olívia se apertaram nos quadris dele, enquanto excitava seu membro em toda sua longitude.

Os grunhidos e suspiros eram o único som no quarto e ela respondia aos mesmos de muitas maneiras. Estremeceu e desfrutou da sensação de poder ao saber que podia fazê-lo tremer dessa maneira. Seu coração palpitou de satisfação e agradeceu por ter conhecido Reign, e por ter o privilégio de amá-lo tanto.

O homem tinha as coxas tensas. Ela podia notar como tremia. Levantou os olhos para ele e viu seu olhar chapeado justo quando chegou ao orgasmo. Reign jogou a cabeça para trás e de sua garganta escapou um gemido. Olívia se segurou nele, e não quis soltá-lo até que o último espasmo desapareceu.

Quando finalmente o soltou, seu marido a levantou e a beijou, sem se preocupar com seu próprio sabor ainda nos lábios dela. Habilmente soltou as forquilhas do coque de Olívia, deixando cair o pesado cabelo sobre os ombros.

— Vira— disse.

Ela assim o fez, e Reign desabotoou o vestido. Em segundos, o tecido deslizou por seus braços. Liv se voltou para que ele pudesse tirar da

roupa enquanto ela afrouxava os ganchos do espartilho. Seu marido também a ajudou nessa tarefa, depois de assegurar-se de que o vestido descansava ao redor dos pés de Olívia. Reign lançou o espartilho através do quarto enquanto Liv tentava soltar-se da regata rasgando o delicado tecido em seu desespero por ficar nua diante ele.

No fim, ficou diante de Reign vestida só com meias e ligas. Ele a atraiu para si e ela ofegou quando seus corpos se encontraram. Rude mas ao mesmo tempo suave, duro mas flexível, era o mais delicioso que havia sentido.

—A primeira noite que te conheci, quis sentir sua pele junto à minha — sussurrou Reign no seu ouvido—. Estragou-me para qualquer outra mulher.

Sorridente, Olívia se roçou contra ele, desfrutando da aveludada textura do pêlo masculino sobre seu corpo.

—Melhor, porque lamentaria muito ter que matar a que se atrevesse a te tocar.

Ele riu. Ela estremeceu ao notar como seu quente fôlego acariciava o rosto e o pescoço. Fechou os olhos e suspirou quando os lábios do Reign seguiram o mesmo caminho.

Afundou os dedos no cabelo de sua esposa massageando o couro cabeludo e o pescoço com suaves e agradáveis movimentos. O oscilante calor que Olívia notava em seu interior se incrementava com cada carícia, com cada roce de seus lábios. Seu sexo estava quente e úmido, e morria de vontade de que Reign o enchesse.

—Desejo-te — sussurrou brandamente, esfregando a bochecha com sua têmpora—. Tanto...

Sua resposta foi levá-la para a cama e deitá-la nela. Ele se colocou em cima e apartou com doçura o cabelo do rosto enquanto a única luz do quarto a iluminava com uma luz dourada.

Reign sorriu meigamente.

—Obrigado.

Seus olhares se encontraram enquanto ela franzia levemente o cenho.

—Por quê?

A mão dele subiu pela meia feminina. Olívia se agitou ao notar essa carícia, e se moveu procurando sentir a palma de Reign. Queria que a tocasse, que a acariciasse. Com os lábios, o vampiro acariciou um dos mamilos, excitando-a imediatamente.

—Por voltar comigo, independente da razão que teve no começo.

—OH! —foi tudo o que pôde dizer, incapaz de falar enquanto ele seguia com a ponta da língua seu peito, fazendo que seu já ofegante corpo se estremecesse e o desejasse ainda mais.

—É um homem incrível — murmurou, enquanto a quente e úmida boca de Reign a seguia distraído—. Não te mereço.

—Não — se mostrou de acordo movendo a cabeça para o outro peito—. Merece coisa melhor.

Lágrimas ardentes escorregaram de seus olhos, riscando um úmido caminho que desaparecia entre seu cabelo. «Engana-se.» Mas não disse as palavras em voz alta, porque sabia que se o fazia não deixaria de soluçar, e não queria estragar o momento. Em lugar disso, arqueou-se contra a boca de Reign e se deixou levar completamente pelos sentimentos que a floravam.

Ele sabia que acabava de tocar um ponto emocional de Olívia. Seu silêncio falava por si só. Não tinha que ler sua mente para compreender que pensava que se enganava ao tê-la em tão alta consideração. Quando essa noite chegasse a seu fim e não tivessem nada mais que se preocupar pelo resto de suas vidas, Reign se esforçaria para que se visse tal como ele a via.

Olívia gemeu e arqueou de novo os quadris, quando os dedos de seu marido começaram a descer do estômago para o úmido vértice entre seus suaves cabelos. Suas coxas se separaram ansiosas por recebê-lo, sem

necessidade de nenhuma persuasão por sua parte, coisa que Reign sabia de sobra que não era necessário.

O corpo de Liv se agitou quando ele introduziu um dedo dentro de sua tensa umidade. Seu quente interior o segurou tão forte e com tanta delicadeza ao mesmo tempo, que seu pênis experimentou uma ereção completa imediatamente. Olívia cravou as unhas nos ombros e se agitou debaixo dele.

Deus, como gostava de notar aquele pequeno e duro mamilo na boca e sentir o calor que emanava da parte mais íntima do corpo dela entre seus dedos! Adorava o sabor de sua pele, os sons que fazia quando a mordiscava carinhosamente com os dentes.

Reign lambeu seu corpo até que os dedos de Olívia se enredaram em seu cabelo, dando inconscientes puxões. Não podia deixar de mover os quadris, e apertou o corpo contra a palma de sua mão justo quando introduziu dois dedos. Reign sabia o que Liv queria, embora ela não o dissesse.

Sua boca abandonou o peito e se deslizou por aquele forte e suave corpo. Beijou a delicada carne das costelas e enfiou a língua no seu umbigo. Reign apertou os lábios contra a doce curva do estômago, esfregando a pele com a mandíbula sem barbear. Olívia gemeu como resposta.

Prostrado entre suas pernas, apoiado em um cotovelo, seguiu acariciando-a e roçou com o nariz o úmido pêlo, aspirando profundamente a almiscarada essência de seu interior. Tremeram suas pernas, e isso conseguiu fazer Reign sorrir.

Ele nunca havia sentido algo assim com nenhuma outra mulher. Sua esposa era realmente sua meia laranja. Quando a conheceu pensava que era só uma obsessão, uma fascinação sensual. Bastaram dois dias para dar-se conta de que aquela maravilhosa moça foi feita para ele. Não deixaria nunca de adorá-la, nem de maravilhar-se com ela nem de estar

agradecido por tê-la. Reign não só a amava, mas também a necessitava. Os últimos trinta anos havia se sentido morto por dentro, e vários séculos antes também. Unicamente se sentia vivo de verdade quando estava com ela.

Passou os lábios pelo encaracolado pêlo, notando o úmido que estava. Tirou os dedos do interior do Liv, e os levou a boca para lambê-los. Sal, mel e um sabor muito especial acariciou sua língua.

—Quer que te beije aqui? —perguntou em voz baixa, levantando o olhar de seu provocador corpo para encontrar-se com os olhos entrecerrados dela.

—Sim!

Com um dedo, percorreu os lábios de seu sexo.

—Quer que te dê prazer com minha língua?

—Sim! —repetiu Olívia tremendo.

Um gemido saiu da garganta de Reign ao baixar a cabeça. Seus dedos apartaram a escorregadia carne para abrir caminho para sua língua. Queria ouvir seus gritos, queria que ela arqueasse o corpo contra sua boca quando chegasse ao orgasmo.

Voltou-a louca de prazer com a língua, lambendo e sorvendo, inclusive mordiscando delicadamente, concentrando-se em seus clitóris. Olívia tremia cada vez que as presas dele acariciavam seu sensível interior, capturando-o firmemente com os dedos e os quadris.

Quando alcançou ao clímax, enredou as mãos no cabelo do Reign e o atraiu para ela, para alagá-lo com seu sabor. Olívia gritou, seus gemidos eram uma sinfonia para os ouvidos dele, que a lambeu com ardor, embebedando-se de seu sabor. Quando a mulher relaxou, Reign saiu de entre suas pernas. Duro como uma rocha, seu pênis desejava acabar o que sua língua tinha começado.

Olívia se apoiou nos cotovelos para levantar-se, seus fortes rasgos se adoçaram sob a rosada cor de satisfação.

—Quero-te dentro de mim.

—Vira — disse ele em voz baixa.

Ela o fez sem duvidá-lo, apoiando-se no estômago e oferecendo à vista do Reign a linha da coluna e a curva de suas nádegas.

Seu marido separou um pouco mais os joelhos, abrindo as coxas e inclinando-a de tal forma que a postura deixava seu corpo aberto ao dele, e Reign guiou a ponta de seu membro para o interior daquela ansiosa e quente umidade, fechou os olhos e suspirou. Olívia fez o mesmo.

O ângulo em que estavam proporcionava que houvesse muita fricção entre seus corpos. As adoráveis e redondas nádegas dela absorviam cada arremesso de Reign. Notava as costas de Olívia quentes contra seu peito, enquanto os joelhos dele acariciavam as curvas dos seus. O sexo de Liv apertava estreitamente seu pênis, e os gemidos que não deixavam de sair de seus lábios acenderam a paixão que corria por suas veias.

Jogando a cabeça para trás, Olívia olhou Reign por cima do ombro, com tal expressão de satisfação que quase o levou ao orgasmo nesse mesmo instante. Não obstante apertou os dentes e a segurou pelos quadris. Com os dedos, afastou o úmido pêlo de sua entre perna para acariciar a sensível zona que uns momentos antes sua língua tinha saboreado. Moveu-se dentro dela sem piedade, dando um prazer inimaginável à mulher que tinha abaixo.

O ritmo do corpo de Reign se compassou ao de seus ativos dedos, empurrando cada vez que deslizava dentro de sua esposa. Olívia se aferrou a ele, levantou as nádegas contra sua pélvis ao mesmo tempo que pressionava para baixo, em busca da mão de seu marido.

—Ama-me? — perguntou ele, deixando quietos os dedos que tinha em seu interior, negando assim o que ela tanto desejava.

Notou como Olívia ficava tensa, sentiu o tremor de suas coxas ao tentar mover-se para os dedos dele. Estava a ponto de alcançar o clímax.

—Sim — resmungou, enquanto Reign voltava a empurrar com força,

afundando-se em seu interior. Então saiu dela quase por completo, torturando a ambos ao deixar só a ponta da glândula dentro dela—. Amo-te. Nunca deixei de te amar.

Uma satisfação muito maior que a sexual alagou Reign, enchendo-o de uma paz que nunca antes havia sentido.

Então Olívia voltou a apertar-se contra ele, tomando toda a longitude de seu membro em seu interior uma vez mais com um rápido movimento.

—E você me ama?

No mais profundo do corpo de sua esposa, unidos por esse amor que ambos se tinham, Reign perdeu definitivamente o controle. Moveu os dedos contra ela sem piedade enquanto arremetia com força com os quadris.

—Sim! —gemeu contra sua orelha enquanto os dedos da Olívia capturavam a mão que ele tinha entre suas pernas—. Liv. Minha preciosa Liv. Te amo.

Ela se deixou levar pelo prazer, e arrastou ambos para o orgasmo ao mesmo tempo.

Depois, ambos se deitaram juntos, suados e saciados entre os lençóis revoltos. Falaram de coisas insignificantes, contaram divertidas anedotas e riram juntos na escuridão.

Reign manteve Olívia apoiada contra seu peito, acariciando seu cabelo enquanto ela explicava um episódio de sua juventude no que ela, junto com duas amigas, ajudaram ao encarregado de um estábulo a capturar um leitão que escapou. Ele riu quando Liv contou como estava escorregadio o animal ao tentar agarrá-lo. Nesse momento, quando a diversão sossegou sua voz, e teve a sensação de que eram as duas únicas pessoas que no mundo, Reign soube sem dúvida nenhuma que havia um Deus, e que era bom.

Porque não cabia dúvida que tinha alcançado o céu.

Capítulo 18

—Que diabos é isto? —perguntou Olívia quando viu o que Reign lhe dava. Estavam em seu quarto, e ele a estava ajudando a vestir-se para o espetáculo daquela noite—. É de metal?

—Sim. —Segurando entre os dedos o que antes tinha sido um espartilho normal se aproximou dela—. Ponha isso

Não muito convencida, Olívia pegou o objeto. Reign tinha destroçado o único espartilho que sobrou, pois o outro se estragou na noite em que dispararam.

—Não parece muito cômodo.

—A merda a comodidade. —Assinalou a placa de metal que cobria o peito esquerdo e parte do esterno—. Onde é mais vulnerável?

—Em todas partes que você me tocar, carinho —disse ela, movendo as pestanas com exagero.

Reign sorriu, não muito, mas o suficiente para que relaxasse um pouco.

—Não diga tolices. Se alguém quer te matar, onde é mais vulnerável?

—No coração e na cabeça.

Ele assinalou o espartilho.

—Isto protegerá seu coração. Confio em que seja capaz de cuidar de sua cabeça.

A ela jamais teria ocorrido algo tão engenhoso.

—E que me diz de seu coração, está protegido?

—Se tivesse alma de poeta, diria que você e só você pode me destruir isso mas já sabe que não sei dizer coisas bonitas.

—Não sei — disse Olívia emocionada—. Agora o fez muito bem.

Reign se inclinou para frente e lhe deu um beijo na testa. Quando se

afastou, golpeou a parte esquerda do tórax.

—Eu tenho um igual.

E ela se perguntou por que se vestia assim se só iam ver Dashbrooke.

—Está preocupado? —Perguntou enquanto começava a vestir-se com a roupa que estava em cima da cama.

O ardente olhar de seu marido percorreu seu corpo nu com franca admiração.

—Não, mas tampouco sou estúpido.

Olívia não disse nada e começou a atar o espartilho, mas tremiam os dedos, e ele se deu conta.

—O pegaremos, Liv. —Ajudou-a—. E resgataremos James.

Não era em seu sobrinho que estava pensando.

—Por que me perdoou? —perguntou—. Sabe o que fiz e entretanto não está zangado.

Com as mãos em seus ombros, Reign deu a volta para ficar frente a frente. Estava sério, com os olhos transbordantes de ternura.

—Fiquei furioso porque decidiu ir sozinha. Zanguei-me muitíssimo por que não acreditou em mim e que não me contou a verdade, mas nunca duvidei que ia te perdoar. Fez exatamente o mesmo que teria feito eu.

—Mas você confiava em mim.

Ele riu, não com crueldade, mas com humor.

—Carinho, já te disse que desde o começo sabia que tramava algo. Estava convencido que, cedo ou tarde, ia me apunhalar pelas costas.

Como diabos devia sentir-se Olívia ao escutar isso?

—Mas deitou comigo — assinalou atônita.

—Me perdoe, foi você quem se deitou comigo — se defendeu.

—Você começou!

Reign voltou a rir, e então ela o golpeou justo na placa de metal. Doeu, maldita fosse.

Ele puxou sua esposa e a abraçou.

—Te amo, Liv. Sabia?

—Sim.

—Pensei que, se me traísse, seria meu castigo, mas acreditei que mudaria de opinião. —Soltou-a—. E o fez. Agora se vista e vamos dar uma surra no Dashbrooke.

Ela fez o que dizia, e a toda velocidade. Certas ocasiões, uma pessoa tem que deixar de questionar as coisas e agradecer pelo que tem. E aquela era uma delas. Olívia ia deixar de preocupar-se com ela e Reign e tratar de concentrar-se em algo muito mais grave: como arrancar James das garras de Dashbrooke.

Cinco minutos mais tarde, já vestida e calçada, correu para o andar inferior para reunir-se com seu marido e os outros. Tinham dado folga aos empregados e, além de um pequeno exército, não havia mais ninguém. Reign não queria que houvesse gente na casa, não desejava correr o risco se a ordem tratasse de atacá-los.

Olívia foi a última em entrar no escritório. Reign, Reggie e Watson foram mais que amáveis, mas como sempre, Clarke a olhou como se fosse uma víbora.

—Posso contar contigo? —perguntou ela, e ao ver que o homem a olhava atônito continuou—: Se esta noite necessito que me cubra as costas, posso contar contigo ou tenho que procurar amparo em outra parte?

Clarke olhou Reign antes de responder, um gesto que a pôs ainda mais furiosa.

—Pode contar comigo. Por esta noite.

—É tudo que necessito. —Olhou-o nos olhos e o desafiou com o olhar. Tinha direito a estar furioso com ela pelo que Olívia quase fez a Reign, mas se acreditava que a ia intimidar, era mais tolo do que pensava.

Reign a olhou com orgulho. A alguns homens incomodava que as

mulheres fossem atrevidas e valentes, mas parecia que seu marido não era um deles.

—Clarke e Watson seguirão a cavalo. Inspecionarão a zona enquanto nós distraímos Dashbrooke e seus capangas.

Olívia olhou Reginald Dashbrooke e sorriu.

—Espero que não tenha medo de altura, Reggie.

O jovem encolheu os ombros.

—Não sei. O mais alto que estive foi um terceiro andar na casa de minha avó, em Londres.

Reign lhe deu uma palmada no ombro.

—Então, possivelmente será melhor que feche os olhos, garoto.

Depois disso, não perderam mais tempo. Repassaram de novo os planos, e Clarke e Watson se foram, deixando-os sós para que acabassem os últimos preparativos. Os cinco tinham o mesmo objetivo: liberar James e capturar Dashbrooke.

E manter Reginald a salvo, é obvio. Olívia se negava a pensar que William Dashbrooke fosse capaz de machucar seu próprio filho, mas nem Reggie nem Reign tinham nenhuma dúvida.

O menino preferiu voar com Olívia e não com Reign. Não porque confiasse mais nela, mas sim porque sofria de uma enfermidade comum entre os jovens daquela época, que consistia em acreditar que se um homem abraçava a outro durante muito tempo, convertia-se em homossexual.

Reign piscou um olho.

—Não te culpo, Reggie. Eu também preferiria voar com ela. —E com um malicioso sorriso, acrescentou—: Mas atenção aonde põe as mãos. A queda seria muito alta.

O jovem não soube se o dizia a sério ou de brincadeira. Olívia pôs os olhos em branco.

—Me rodeie o pescoço com os braços, Reggie, e segura forte.

O menino obedeceu, e quando esteve preparado, ela o segurou pela cintura e saltou para o céu.

Voar com outra pessoa não era algo novo para Olívia, pois o tinha feito um monte de vezes com James. Mas o que era estranho era ter um desconhecido tão perto e compartilhar com ele algo tão íntimo. Por sorte, Reggie não tinha medo de altura. De fato, desfrutava tanto da paisagem que Olívia teve que afastar a cabeça um par de vezes para evitar se chocar.

Até chegaram a Haddington não pensou em como era importante essa noite. A vida de James, e possivelmente também a de Reggie, corriam perigo... podiam inclusive morrer se ela, se eles, não fossem cuidadosos.

Quando aterrissaram na frente da entrada da casa, Reign deu-se conta que estava assustada, porque lhe deu um beijo na testa e agarrou sua mão, que estava gelada, e a apertou com carinho.

—Tudo sairá bem, Liv. Prometo isso.

Reggie, que estava atrás deles, colocou inseguro uma mão no seu ombro.

—Meu pai é consciente que James é o único que impede que se lance na sua jugular. Não lhe fará mal se puder evitar.

Por estranho que pudesse parecer, as palavras do jovem a tranqüilizaram um pouco. Olívia sorriu para agradecer.

A porta se abriu e nela apareceu George Haversham. Logo que viu Reggie, seu rosto relaxou um pouco. Mas não disse nada, se limitou a afastar-se e deixá-los passar.

Seguiram Haversham até o vestíbulo. Enquanto o faziam, Reggie se colocou diante dos vampiros para dar a impressão que era seu prisioneiro, e também para protegê-los contra as armas que pudesse ter seu pai.

Era um menino muito valente.

Olívia escrutinou os arredores, em busca de algo ou alguém que

pudesse estar oculto, preparado para atacar. Não viu nada, não ouviu nada. Nem sequer cheirou nada, além dos meninos que estavam na casa. Qualquer outro som ou aroma empalidecia em comparação, e este se concentrava em um único quarto que havia no fundo da casa.

Girou a cabeça e procurou o olhar de seu marido. Sorriu, era o sorriso de um homem que não estava acostumado a perder, que tinha toda a intenção de sair vencedor daquela batalha. Em silêncio, disse que não tivesse medo, que eram eles que tinham o poder e não Dashbrooke. Olívia acreditou.

Haversham os acompanhou pelo corredor, que estava decorado com retratos e quadros de paisagens de distintos tamanhos. A parede necessitava pintura e as madeiras do chão estavam muito desgastadas. Era uma casinha muito pitoresca, embora precisasse de algumas reformas. Não tinha aspecto de guarida de vilãos.

—Reign, Olívia — os saudou William Dashbrooke ao entrar—. Obrigado por vir.

O muito bastardo estava sentado em um divã, como um marajá e, na opinião de Olívia, se via muito relaxado. Estava cercado por doze homens, todos musculosos e armados até os dentes, vestidos de negro e, ao que parecia, totalmente dispostos a proteger seu senhor.

—Vejo que trouxe meu filho. —Seu olhar se cravou em seu primogênito—. Não tem mau aspecto.

Reggie levantou o queixo, e Olívia se sentiu muito orgulhosa do moço.

—Não me machucaram, pai.

—Se tivessem um pinga de inteligência — se burlou o homem—, não teriam jogado a luva.

—Onde está James? —perguntou Olívia, furiosa pelo que estava vendo. Com sorte, Watson e Clarke estariam perto de chegar, e todos aqueles jovens poderiam sair dali.

—Estou aqui — respondeu uma voz familiar.

Ela fechou os olhos. Durante uns segundos, permitiu-se desfrutar do alívio de ouvir de novo a voz de seu sobrinho e de saber que estava a salvo.

James entrou no quarto e ela o observou caminhar. Havia outro menino com ele, devia ser Fitzhugh Blinchley. Ambos se colocaram junto a Haversham no outro extremo. Nenhum se aproximou de Reggie, provavelmente devido estar perto de Reign.

Seu marido permanecia estranhamente calado, mas não escapava nenhum detalhe, disso estava segura.

A Olívia não importava se era perigoso ou não, aproximou-se de James e o abraçou.

—Estou tão contente de te ver...!

Não devolveu o abraço, mas se limitou a ficar ali, inerte como uma porta de madeira.

—Por que não me trocou por ele como deveria fazer? —perguntou. Nem sequer a saudou nem disse que se alegrava por vê-la. Aquilo não estava bem, devia estar no mínimo um pouco assustado.

Olívia o afastou para poder olhá-lo nos olhos. Essa acusação teria surtido mais efeito se os enormes olhos pardos de seu sobrinho não estivessem tão cheios de petulância.

—Porque não podia entregar Reign sabendo o que iam fazer .

—E o que me diz de mim? —Tratou de escapar, mas ela não o soltou—. Não pensou no que podia acontecer a mim?

—É obvio que sim.

—Para você, ele significa muito mais que eu.

—Isso não é verdade, mas Reign é meu marido.

—E um vampiro. Enquanto eu sou só um humano — a atacou ele—. Só sou comida.

Olívia lhe deu uma bofetada, não muito forte, mas o suficiente para

deixar os dedos marcados.

—Não me faça ser má, James! Não sei como conseguiram te enredar nisto tudo, mas sei que não te seqüestraram à força. Esteve aqui, bebendo e jogando cartas com seus amigos enquanto eu estava doente de preocupação!

O menino teve a decência de fingir que estava arrependido, mas não o suficiente. E quando levantou a vista procurando a aprovação de Dashbrooke, Olívia soube a verdade.

—Sempre soube de tudo, não é? —De algum modo conseguiu manter a calma, embora por dentro notou que seu coração rompia, e teve vontade de gritar—. Sabia que Dashbrooke queria Reign e o porquê, mas não te importou o mínimo. Sabia que faria qualquer coisa para te salvar. Por quê? O que te prometeu?

—O que você não quer me dar — respondeu seu sobrinho, seu filho, com raiva—. Me prometeu a imortalidade. Disse-me que podia me converter no que você é.

O tom de sua voz disse mais que suas palavras. Que queria ser como ela, estar com ela para sempre fez que o coração de Olívia desse um tombo. Mas não foi suficiente.

—E como planejava fazer isso? Explicou-te como? Acreditava que Reign ou eu o faríamos assim, sem mais?

James parecia confuso, e voltou a olhar Dashbrooke, que já não sorria mas seguia tendo aquele brilho de satisfação em seu matreiro olhar.

—Não vou te converter em vampiro, James — disse Olívia em voz baixa e acalmada—. Não o entende? Esse homem nunca teve intenção de cumprir sua promessa, nem contigo nem com seus amigos. Só queria nos apanhar a mim e Reign.

—E consegui — declarou Dashbrooke triunfante.

Olívia se deu a volta bem a tempo de ver como um monte mais de homens entravam na sala, armados com pistolas e adagas. Por uma porta

lateral, chegou outro grupo; alguns levavam espadas, e dois carregavam algo que parecia uma rede, cujo tecido cintilava à luz dos abajures. Prata. Apostaria tudo que tinha que todas as espadas estavam banhadas nesse metal, e mesmo as balas.

Reign ficou tenso, todo seu corpo em alerta, mas seguiu sem fazer nada. Queria que os humanos atacassem primeiro.

Olívia olhou James e, durante um instante, sentiu-se abatida.

—Viu?

A rebeldia tingiu as bochechas do menino e fez brilhar seus olhos. Não ia aceitar sua parte da culpa naquela derrota. James seguia sem compreender o que acontecia.

—Nada disto teria acontecido se tivesse me convertido quando pedi! Supliquei!

Era raiva o que Olívia sentia em seu interior? Ou talvez lástima?

—E como o menino malcriado que é, não parou até sair com a tua. Bravo, James. Está claro que fiz um péssimo trabalho como mãe. —Então, e com uma estranha sensação de calma, Olívia ergueu os ombros, levou a mão à parte traseira das calças e desembainhou a pequena adaga que ali levava. Logo, girou a mão e a lançou no pé de um dos tipos que levavam a rede. Ouviu-se um grito, e o golpe seco da adaga ao cravar o dito pé no chão.

Um dos que estavam armados de espada correu para ela ao mesmo tempo que uma bala passava assobiando por cima de sua cabeça. Dashbrooke não deixava de gritar que não os matassem. Necessitava dos vampiros vivos.

Olívia esquivou a afiada folha e teve tempo de dar um murro na mandíbula de seu atacante, que caiu desabado. Dando-se de novo a volta, viu de relance James e os outros meninos, que corriam a esconder-se atrás do sofá. Perfeito, de momento estavam a salvo.

Logo voltou a dar a volta e saltou por cima de um homem com

intenções de apunhalar Reign pelas costas.

Reign se voltou para defender-se, mas só viu sua esposa deixando inconsciente um tipo com suas delicadas mãos.

—Bom golpe — sorriu—. Atrás de você.

Ela girou sobre seus calcanhares e foi desarmar um homem que levava uma espada mais que desagradável. Reign se moveu e, nesse momento, soou o disparo de uma pistola. A bala acertou na placa de metal por baixo da roupa. Doeu, e seguro que ficaria roxa, mas isso era muito melhor que receber um disparo no coração.

—Disse que não os matem! —gritou Dashbrooke por cima do estrondo.

Os capangas da ordem rodearam Reign e Olívia, que lutavam cotovelo com cotovelo. Ela tratava de não matar seus atacantes, mas seu marido não era tão cuidadoso. Só importava a sobrevivência, a dele, a da Olívia e a dos quatro gurus, que estavam mortos de medo.

Algo caiu do céu e aterrissou em cima da cabeça de Reign e de um ombro. Era uma rede feita de prata. Maldição. Afastou-a, mas não pôde evitar que o metal queimasse seu rosto e uma mão.

Agora sim estava furioso. Voltou-se e agarrou pelo pescoço o homem que tinha jogado a rede, rompendo-o. Lançou o corpo sem vida no chão sem sentir um pinga de remorso.

Preparou-se para o seguinte ataque e viu que Olívia estava cravando um assaltante na parede e atravessando seu ombro com uma adaga. Possivelmente não tivesse veia de assassina, mas era bastante sanguinária, e ele estava apaixonado por ela. Nada podia superar uma mulher disposta a lutar pela sobrevivência de seus seres queridos.

Ao começar a briga devia haver uma dúzia de homens mais ou menos, e talvez essa mesma quantidade formava o segundo grupo. Isso

significava que tinham doze oponentes cada um. Doze assassinos armados com prata... e acabavam de feri-lo no braço. E nas costas.

Eram dois, e tratavam de rodeá-lo e fazê-lo cair. Reign sorriu e se agachou quando o primeiro brandiu a espada, para reaparecer atrás dele, arrancar a arma das suas mãos e atravessá-lo com ela. Arrancou a espada de um puxão e se deu a volta para atravessar ao outro homem com o mesmo movimento.

Fazia muito que não participava de uma batalha, mas seguia tendo prática, e o inegável desejo de sobreviver e triunfar.

Quando terminaram, nenhum membro da ordem podia ficar em pé. A maioria só estava ferida, mas uns poucos tinham morrido.

Reign e Olívia também estavam feridos, embora não com gravidade, feito que surpreendeu ao vampiro, dada a quantidade de armas e oponentes que tinham que fazer frente.

—Está bem? —perguntou a Olívia, aproximando-se do centro da sala, onde ela estava. Sua esposa tinha os olhos como pratos, a boca entreaberta e olhava algo com fixidez.

Reign seguiu a direção de seu olhar.

«OH, Deus.»

Dashbrooke tinha um de seus sebosos braços ao redor do peito de James. Na outra mão segurava uma pistola.

Estava apontando à têtpora do moço.

Liv gritou. Apesar de tudo que James fez, ela seguia querendo-o como seu próprio filho. Estava muito zangada com ele, mas isso não significava que já não o quisesse.

—Muito melhor — se burlou Dashbrooke—. Sabia que recuperar o controle era só questão de tempo. Vocês, vampiros, talvez tenham mais força ou sejam mais velozes, mas não são muito preparados.

—Sim — reconheceu Reign—. Por exemplo, isso de manipular meninos para nos saírmos com a nossa, nunca nos teria ocorrido.

Dashbrooke olhou Olívia com descaramento.

—Mas sua esposa gosta de jovens, não é? Poderia dizer que tem especial debilidade por eles.

Reign só riu, ela em troca mostrou as presas àquele bastardo.

—Sinto muito, a insegurança não é um de meus defeitos.

Dashbrooke mudou de cara.

—Vocês dois vão fazer exatamente o que eu disser, ou este menino receberá um balaço na testa. Entendido?

—Se disser que sim, se calará de uma fodida vez?

—Entendido? —Apertou o canhão da pistola contra a cabeça de James com tanta força que o jovem gemeu de dor. Reign notou que sua esposa se assustava, inclusive pôde cheirar o medo que começava a correr por suas veias.

—Sim — gritou, odiando ter que fazê-lo.

Reign e Dashbrooke estavam tão concentrados um no outro que nenhum dos dois viu Reggie aproximando-se até que este esteve justo ao lado do vampiro.

Tinha uma bochecha manchada de sangue, e segurava uma pistola na mão. Estava apontando ao Dashbrooke.

— Solte, pai.

O homem olhou seu filho de soslaio.

—É igual sua mãe, Reginald, decepçiona-me.

O jovem nem se alterou.

—Você talvez, mas tenho que confessar que, neste instante, sinto-me muito orgulhoso de mim mesmo.

E Reign também.

—Assim que eu gosto, moço.

—Se já cansou de resolver os problemas de sua infância através de meu filho — o interrompeu Dashbrooke—, talvez possamos continuar negociando sobre se o senhor Burnley pode conservar ou não a totalidade

de seu cérebro. O que parece?

Reign voltou a centrar sua atenção naquele malvado, mas Reggie voltou a falar:

—Digo-o a sério, pai. Baixa a arma e solta James.

—Ou o que? —exigiu saber seu progenitor—. Ou me disparará?

O braço com que segurava a pistola nem sequer tremeu um pouco, e seu filho o olhou aos olhos.

—Sim.

Nesse instante, Dashbrooke perdeu o controle, e Reign foi consciente disso. O muito bastardo se deu conta que o tinham vencido, e que não tinha nenhuma possibilidade de sair dali com vida.

—Você o quer? —gritou Dashbrooke desesperado—. Então vêm por ele!

Tudo passou num instante. O homem empurrou James para frente e baixou a arma. Um disparo ressoou por toda a sala, o menino caiu de joelhos, Olívia gritou, e uma mancha vermelho carmim se estendeu pela camisa do jovem.

Reign se lançou para seu sobrinho justo quando se ouviu o disparo de outra pistola. Desta vez foi Dashbrooke que desabou, mas não havia sangue em sua camisa, mas sim saía a fervuras de sua cabeça. Reggie tinha mantido sua palavra.

De algum modo, Reign conseguiu pegar James antes que este golpeasse o chão. Olívia se ajoelhou ao seu lado, seguida por seus jovens amigos. Ao Reign eles não importavam, só importava Olívia, e sua esposa estava pálida e, apesar de cobrir os lábios com uma mão, não parava de chorar.

—Ficará bem, Liv — prometeu de novo, apesar de que sabia que era mentira. A julgar pela quantidade de sangue que saía da ferida, e do fato que já quase não podia nem respirar, James não ia ficar bem. O menino começou a cuspir sangue.

Começou a tremer, seu jovem corpo lutando para sobreviver enquanto Reign o segurava nos braços. Tinha os olhos muito parecidos com os da Olívia, redondos e desfocados, e procuravam um rosto conhecido. Finalmente, cravou o olhar no de sua tia.

—Sinto — sussurrou, engasgando-se com o sangue que brotava de seus lábios junto com as escassas palavras.

—Não — balbuciou Olívia—. Não tem que se desculpar.

Reign não estava de acordo com isso, mas aquele não era o momento de dizer. Se Liv queria perdoar seu sobrinho, era decisão dela.

Poderia perdoar Reign por não cumprir sua promessa de manter com vida o menino?

—Queria ser imortal — disse Reggie, ainda incapaz de assumir que tinha matado seu pai—. James o desejava muito mais que todos nós; queria viver eternamente.

Os meninos intercambiaram um olhar que fez Reign apertar ainda mais a mandíbula. E quando Olívia caiu para frente, abraçando o magro tórax de seu sobrinho entre soluços, soube o que tinha que fazer.

E tinha que fazê-lo já. O coração de James começava a ir muito devagar.

Levantou um dos braços do menino entre suas mãos e o levou aos lábios. Mordeu-o e bebeu sem perder nem um segundo, sem permitir desfrutá-lo sequer. Olívia viu como o jovem abria os olhos e, ao compreender o que seu marido estava fazendo, deixou de chorar.

—Não — sussurrou, mas não o dizia a sério, e ele sabia.

Reign agüentou o olhar durante uns segundos, e então soltou o pulso de James. Depois, levou seu braço à boca e se mordeu no mesmo lugar, empurrando a ferida nos lábios de James.

—Bebe.

Mãos débeis seguraram o braço, como se tivessem medo que na última hora se negasse o presente da vida. A boca do jovem se aferrou a

ele e sugou. Reign fez uma careta de dor, mas não se moveu. Não era comparável ao prazer que havia sentido quando transformou Olívia; de fato, sentia náuseas. Mas dessa vez não o estava fazendo por ele, mas sim por sua esposa.

Era um processo relativamente simples, era só terminar a troca de sangue. O que era difícil saber era se a essência vampírica ia se fixar ou não no corpo do novo indivíduo. Pelo que Reign sabia, quanto mais velho o vampiro mais probabilidades de êxito tinha a operação. Em sua juventude, ele tinha tratado de converter uns poucos e sempre tinha falhado. E até que não viu Temple fazê-lo, quando já levavam dois séculos de imortalidade, nem sequer soube que existia tal possibilidade.

Era muito provável que o corpo de James assumisse a transformação com êxito, mas o risco de morrer, ou algo muito pior, como por exemplo enlouquecer, seguia ali. Essa noite com Temple, séculos atrás, o próprio Reign tinha visto essa última possibilidade com seus próprios olhos.

Ao final, quando James tinha bebido mais sangue inclusive que o necessário, o vampiro afastou o braço. O menino tentou pegá-lo de novo, mas estava tão fraco como um bebê.

Olívia segurou a mão de seu marido e levou o pulso aos lábios para fechar a ferida e que não tivesse que fazê-lo ele. Foi um detalhe muito íntimo e carinhoso e ao Reign o comoveu.

Os três amigos de seu sobrinho, que não se afastaram deles nem um momento, olharam-no boquiabertos.

—James vai se converter em vampiro?

—Por agora, só podemos esperar — respondeu Reign apertando os lábios—. Vamos, o levemos para casa.

Watson e Clarke ficaram atrás para interrogar os membros da ordem que seguiam com vida. Fitzhugh Blinchley se ofereceu como voluntário para cavalgar até Edimburgo e pedir ajuda a alguns dos homens do Cubo de Sangue. Queimariam a casa antes do amanhecer, e deixariam que o

fogo se encarregasse dos mortos em seu interior.

Reggie e George Haversham montaram seus cavalos e foram se reunir com Olívia e Reign na sua casa na cidade. Os dois foram voando, com Reign levando James nos braços.

Se preocuparia com os meninos e as conseqüências da noite mais tarde. Naquele momento o mais importante era levar o sobrinho de Olívia para casa, e conseguir que ela deixasse de estar tão assustada.

Assim, durante o caminho de volta a Edimburgo, e enquanto o vento ardia nos olhos e secava os lábios, Reign fez algo que ameaçava converter-se num costume, apesar de que sabia que não ia servir de nada: rezou.

Capítulo 19

Olívia já não podia fazer mais nada por ele.

Duas noites depois dos horripilantes acontecimentos na casa de campo de Dashbrooke, estava sentada na habitação que tinham «alugado» no Cubo de Sangue, vendo Reign ensinar seu sobrinho a alimentar-se de humanos sem lhes fazer mal.

James escutava com atenção cada uma das palavras do vampiro, e o olhava como se fosse uma espécie de Deus, e não o mesmo homem ao que tanto odiava fazia apenas dois dias. E quando chegou o momento em que James teve que saciar sua fome, fez exatamente o que seu tio tinha ensinado, e só bebeu o necessário para alimentar-se sem fazer mal a sua vítima.

—Perfeito — disse Reign para lhe dar ânimo, quando o menino

afastou a cabeça do pescoço de uma mulher inconsciente—. O fez muito bem.

James lambeu os lábios e sorriu a seu mentor.

—Podemos retornar para casa voando?

Reign olhou Olívia, e pela expressão de seu marido, soube que ele sabia exatamente o que estava pensando.

—Podemos? —perguntou por sua vez Reign.

Olívia assentiu.

—Vão vocês. Eu pegarei a carruagem. —Tinha que fazer uma coisa, e precisava estar sozinha para fazê-la.

James sorriu durante um segundo e, antes que se desse conta, já tinha saído do quarto. Reign foi com mais calma, e beijou sua esposa antes de sair, embora seu sobrinho já estava chamando do andar inferior. James estava impaciente por provar suas asas, literalmente.

Ela também se foi, mas antes se assegurou que a mulher que estava deitada na cama estivesse em boas condições. Desceu a escada e saiu na rua, onde a aguardava a carruagem. Entrou e se sentou no fofo assento, e recordou o que sentiu durante aqueles horríveis momentos, enquanto olhava Reign entregar seu sangue a James, e também o quanto tinha passado mal durante os dois dias seguintes. Ao final, resultou que não tinha com o que preocupar-se.

James se tinha convertido em vampiro sem problemas, de fato, tinha sido tão fácil que quase dava medo.

Seu sobrinho estava encantado com seus novos poderes, e desfrutava com as mudanças que seu corpo experimentava. Era um vampiro recém-nascido, cego por tudo o que o mundo oferecia, e que não parava de contar histórias a seus amigos, que o escutavam fascinados.

Todos exceto Reggie, que parecia ter renegado a idéia da imortalidade, ao menos no momento. Este convenceu George Haversham a ir a Londres para que visse um médico por suas intensas dores de

cabeça. Olívia se emocionou ao ver aquele menino se preocupar tanto por seus amigos, mas se foi dali para não ter que escutar como James pedia a Reign que também convertesse Haversham. O menino não precisava passar a eternidade preso no corpo de um adolescente.

Quanto tempo duraria a seu sobrinho essa euforia? Ao fim de trinta anos, seria feliz ao ver que seguia tendo o corpo de um rapaz? O que aconteceria quando todo mundo o tratasse como um menino em vez de como um adulto? Poderia suportar a frustração? Viveria eternamente como um adolescente, sem aprender nunca a ser responsável por seus atos?

Se ficasse com Olívia e Reign, isso era exatamente o que aconteceria. E ela o permitiria. Conhecia-se o bastante bem para sabê-lo. Cuidá-lo-ia e o mimaria, e ele a deixaria fazê-lo. Mas não queria seguir cuidando-o. Queria que crescesse e aprendesse a seguir adiante por si mesmo. James tinha que afastar-se dela, tinha que ir a algum lugar onde sua tia não pudesse ir com facilidade para tirá-lo de qualquer apuro.

Fechou os olhos e recostou a cabeça no respaldo para tratar de relaxar. Quando a carruagem se deteve na frente da casa de Reign, desceu sabendo com total clareza o que tinha que fazer.

Agora só tinha que ser o suficientemente forte para levá-lo até o final.

Não perdeu nem um minuto mais se questionando. Os meninos e Reign já estavam no salão e, depois de saudá-los, comunicou-lhes sua decisão. Uma decisão que ela e seu marido tinham tomado no começo da noite.

—Reign e eu iremos embora amanhã de noite.

—Aonde vamos? —perguntou James, franzindo o cenho como um menino ao que acabam de dizer que não pode comer um caramelo.

Olívia respirou fundo, mas seu marido respondeu antes de que pudesse fazê-lo.

—Antes de retornar a Londres, Olívia e eu iremos ao norte durante

um tempo. Você vai para Nova Iorque.

Quatro bocas se desencaixaram de repente, e James ficou furioso.

—Não pode me abandonar agora que acaba de me transformar!

—Já tem o que queria — recordou sua tia em voz baixa—. Me alegre que esteja vivo, James, e quero que siga assim. Possivelmente a Palma de Prata esteja nos procurando, e o único modo que me ocorre de me assegurar de que está a salvo é te mandando a outro país.

—Estarei mais seguro contigo.

—Mas não pode estar conosco, carinho. —O sentimento de culpabilidade encheu o coração—. Tem que seguir adiante sozinho.

—Mas...

—Já está decidido — o interrompeu Reign, e sua profunda voz deixou claro que não havia nada que discutir—. Olívia já recebeu um disparo porque alguém te usou contra ela, e não permitirei que isso volte a acontecer.

James se ruborizou, e resultou evidente que não tinha nem idéia que tinham disparado na sua tia.

—Foi um dos homens de Dashbrooke — explicou ela—. Aconteceu um par de noites antes de que fôssemos te buscar. Não é seguro que estejamos juntos, James. Por favor, vá para a América. Assim saberei que está a salvo.

—Não. —Teimoso voltou a sacudir a cabeça—. Não quero ir.

—Já mandamos a notícia de sua morte aos periódicos. —Reign fixou o olhar no jovem vampiro—. Em Londres, todo mundo acredita que morreu. Não pode retornar.

Durante um segundo, Olívia acreditou que James ia chorar e se aproximou dele, mas o menino escapou de seu abraço. Estava furioso com ela. De fato, fazia muito tempo que estava, e Olívia nem sequer se deu conta.

—Você queria ser vampiro — recordou—. Agora é. Esta é a vida que

escolheu, James. Tudo o que fez te trouxe aqui, e agora tem que viver com as conseqüências.

—Eu só queria saber como era sua vida — respondeu ele compungido—. Só queria estar contigo, tia.

Olívia entendeu perfeitamente o que queria dizer, e seu coração se encheu de ternura até a borda.

—É meu menino — sussurrou—. Sempre será parte de minha vida.

George Haversham e Fitzhugh Blinchley se olharam incômodos.

—Podemos ir para casa? —perguntou Fitzhugh.

—Clarke tem um par de bilhetes para o trem que sai esta tarde para Londres — lhes explicou Reign—. Também há um para você, se quiser — acrescentou, dirigindo-se a Reggie.

Fitzhugh e George desviaram a vista e olharam os pés. Reggie negou com a cabeça e olhou James.

—Irei para Nova Iorque com James. Eu tampouco estarei a salvo se ficar aqui. Os amigos de meu pai me buscarão para me recrutar... ou para vingar sua morte.

Escutar isso conseguiu animar um pouco James, que deixou de estar triste.

—Obrigado, Reggie. —Olhou de novo sua tia. Endireitou-se e jogou os ombros para trás. O via tão maior que Olivia sentiu vontade de chorar—. Voltarei a te ver?

Colocou uma mão no seu braço.

—Dentro de um tempo, quando estivermos seguros que já não há perigo, Reign e eu iremos te visitar.

O menino apertou a mandíbula e assentiu. Tinha os olhos um pouco úmidos, mas conseguiu controlar as lágrimas. Olívia rezou para ser igual de forte, mas quando seu sobrinho se aproximou dela e a abraçou, uma lágrima escorregou pela bochecha.

—Sinto muito, tia Liv.

—Sei. —Maldição, já tremia sua voz.

—Te quero.

Já não pôde conter-se mais e começou a chorar como uma Madalena.

—E eu a ti.

Reign tendeu um lenço, que ela aceitou para secar os olhos e poder despedir-se como devia de James e dos outros moços. Depois disso, seu marido a rodeou pela cintura com um braço e a segurou com força a seu lado para ajudá-la a superar o mau momento de ver como o segundo homem mais importante de sua vida se afastava dela.

—Crê que estará bem?

Não era a primeira vez que Olívia fazia essa pergunta, mas era a primeira desde que James e seus amigos se foram. Já tinham passado quatro dias dos acontecimentos na casa do Dashbrooke, e Reign e Olívia saíram de Edimburgo para instalar-se em uma pequena casinha nas Highlands escocesas.

Ela acreditava que estavam escondendo-se, e em parte era verdade, mas Reign só queria estar a sós com sua mulher, sem que nenhuma intriga se interpusesse entre os dois.

Ele dizia que era sua tardia lua de mel. E, para deixar claro que era assim, reteve-a na cama tanto tempo como pôde. Ali era onde estavam nesse preciso momento, justo recém levantados. Fora de seu acolhedor refúgio, a noite se desdobrava, com sua brisa e aromas próprios da escuridão.

—Estará bem — assegurou ele com o mesmo tom de voz que utilizava sempre que queria tranqüilizá-la. De fato, Reign não tinha nem idéia do que aconteceria a James. Se conseguisse superar o fato de passar a eternidade sendo um menino, então sim, estaria bem. E se não o obtinha... As lembranças de Dreux suicidando-se vieram a sua mente—.

Estou convencido que estará bem — repetiu como uma oração... algo que agora fazia de forma habitual.

—Crê que me odeia? —O peito dele amorteceu a voz da Olívia, pois ela tinha a bochecha recostada ali, mas seu marido detectou a tristeza que havia em suas palavras.

—Liv, o menino quase faz que a matassem, e nos teria entregue ao Dashbrooke para conseguir o que queria. O bastardo tem sorte que você não o odeie.

Ela levantou a cabeça e o olhou, tinha o cabelo revoltado e caía pelos ombros de um modo tão sensual que os instintos mais básicos do Reign despertaram de repente.

—Se tanto o despreza, por que o transformou? Por que não o deixou morrer?

Nesse instante, teve vontade de sacudi-la. De verdade necessitava que respondesse a isso?

—Porque teria te feito muito mal vê-lo morrer, muito mais que te faz que agora seja um vampiro. —Se não se tratasse de James, Reign teria lembrado que desse modo nunca ninguém mais poderia utilizá-lo para lhe fazer mal, mas se viu incapaz de dizer isso.

Sorriu com doçura e o beijou.

—Obrigado.

Reign a rodeou com os braços e apertou seu corpo nu contra o seu.

—Agradeça de outro modo.

Rindo, Olívia tratou de afastar-se.

—Reggie cuidará dele, não?

Deus. Amava-a, mas estava farto de ouvir falar de James. Nas últimas duas semanas tinha escutado esse nome tantas vezes que poderia passar o resto de sua vida sem voltar a ouvi-lo.

—Sim. Deixa de preocupar-se. Tem que deixar que cresça, que se converta em um homem.

E justo então, para assegurar que não voltava ao tema, Reign a beijou. Percorreu sua boca com a língua e com as mãos fez o mesmo com seu corpo, em cada centímetro de sua suave pele.

Quando a deitou de costas e se colocou entre suas coxas, descobriu que ela já estava úmida e pronta para fazer amor. Olhou-a no rosto, deleitando-se naquele precioso rosto que tanto amava, e se sentiu tão afortunado de ter uma segunda oportunidade que não pôde expressá-lo com palavras.

—Obrigado — disse emocionado—, por me perdoar.

Deu-lhe um sedutor sorriso, e arqueou os quadris para que Reign pudesse deslizar-se em seu interior. O suspiro de prazer de Olívia se fundiu com o gemido dele.

—Sempre te perdoarei. Te amo.

Reign tinha um nó na garganta que o impedia de falar, assim nem sequer tentou. Inclinou a cabeça para a cálida e fragrante pele do pescoço de sua esposa e afundou ali as presas, fazendo que entrasse em seu corpo ao mesmo tempo que ele se movia no dela.

Olívia o mordeu no ombro, incrementando as sensações que já eram quase insuportáveis. Tudo era mais intenso, mais prazenteiro, mais perfeito. Reign manteve o ritmo tanto tempo como pôde, arqueando devagar os quadris em cima de sua esposa, estremecendo de prazer cada vez que sentia que as pernas dela o envolviam com ardor. Não serviria de nada que tratasse de prolongá-lo, não quando Olívia se aferrava a ele desse modo, movendo-se com desespero debaixo de seu corpo, e quando podia sentir que os lábios dela tremiam ao beber seu sangue.

Reign alcançou o orgasmo no mesmo instante que Liv, incapaz de seguir agüentando, e sem querer fazê-lo por mais tempo. Fechou os olhos e deixou que o prazer o dominasse e, durante uns instantes, esqueceu que no mundo havia gente malvada e que a ordem da Palma de Prata não havia dito sua última palavra.

Quando Reign e Olívia voltaram a Londres, tinham passado várias semanas desde que saíram dali pela primeira vez.

Dado que a Palma de Prata estava a par que Reign vivia em Belgrave Square, decidiram que ficariam ali só o tempo necessário para pôr seus assuntos em ordem e fazer as malas. Dali, iriam para Clovelly, à casa dela fazer o mesmo, e depois partiriam para a França. Reign confiava que, uma vez instalados, poderiam dedicar-se a investigar quais eram as intenções da ordem.

O vampiro estava em seu escritório, sentado atrás de sua mesa e repassando o correio enquanto Olívia estava no sofá, com uma caderneta na mão, tomando algumas notas, quando Clarke entrou.

—Tem visitas — informou. Seguiu mantendo distância de Olívia, mas agora ao menos a olhava. Reign o permitia porque estava convencido que ela terminaria por conquistá-lo.

—Quem é? —perguntou Reign. Olívia levantou a vista e franziu o cenho preocupada.

—Um velho amigo — respondeu alguém da porta.

Reign voltou a cabeça de repente. Reconheceria aquela voz em qualquer parte.

—Não posso acreditar. — Saiu detrás da mesa e cruzou a sala com grande rapidez para reunir-se com o homem de cabelo escuro que permanecia de pé na soleira—. Saint!

Seu velho amigo sorriu, mas havia algo em seu olhar que pôs Reign em alerta. Embora estava seguro que o que preocupava Saint não tinha, a princípio, nada a ver com ele.

—Os assassinatos — murmurou Reign. Em Edimburgo tinha estado tão preocupado com seus assuntos que esqueceu o que tinha acontecido em Londres. Tinha jogado uma olhada aos periódicos e o que leu o fez

sentir náuseas—. Tinha planejado ir ver Maddie esta noite. Como vai?

—Minha mãe está bem, obrigado. —Foi então que Reign se deu conta que junto ao Saint havia uma mulher.

—Ivy? —Era a filha de Madeline. Reign olhou Saint. O bastardo—. Diga-me que o que penso não é verdade.

Quando seu amigo desviou o olhar para a mulher, havia tanto amor em seus olhos que Reign inclusive sentiu vergonha.

—É.

—Felicidades. —Para falar a verdade, não lhe ocorreu outra coisa a dizer, mas de repente voltaram a funcionar seus neurônios—. Deixe-me apresentar minha esposa, Olívia.

Terminadas as apresentações, ambas as esposas fizeram o que fazem todas as mulheres quando conhecem outra em circunstâncias similares às suas: fizeram-se amigas. E Saint não perdeu nem um minuto e começou a contar a Reign e Olívia por que tinham ido visitá-los.

—Recebeu um pacote de Temple? —perguntou.

Reign sacudiu a cabeça.

—Não, mas ainda não abri toda a correspondência. —Passou uma mão pela mandíbula e se aproximou da pilha de correspondência que tinha em cima da mesa—. Sabe?, ouvi um rumor do mais estranho.

—Capturaram-no — confirmou Saint sem preâmbulos.

Olivia se segurou no braço de Reign e este levantou a vista para o teto.

—A ordem da Palma de Prata?

Saint arqueou uma de suas escuras sobrancelhas justo quando Reign inclinou de novo a cabeça.

—Deduzo que ouviu falar deles.

O outro contou por cima tudo o que tinha acontecido na Escócia, evitando claro que, a princípio, Olívia tinha intenção de entregá-lo à ordem.

—Também estão por trás dos assassinatos. —Saint afastou o cabelo do rosto e deixou descoberta uma cicatriz. Tinha um traçado similar às que Reign tinha no dorso da mão—. A mim também tentaram me capturar.

Reign tocou o rosto de seu amigo, justo onde a rede de prata o tinha queimado.

—Que diabos querem?

—Não sei, mas Temple quer que vamos a Itália. Procura uma caixa que é certo que te mandou.

Os outros três o seguiram até a mesa e ele revolveu entre os pacotes que ali havia. Passados uns segundos, encontrou uma caixa e rompeu a toda pressa o papel que a envolvia. Dentro havia um amuleto de prata e uma nota dizendo que se dirigisse a um endereço de Roma.

Saint assinalou o pendente.

—Pegue-o.

Reign duvidou uns instantes, mas fez o que seu amigo pedia.

—Não queima. —A surpresa se transformou em entendimento—. Foi feito com o Cálice do Sangue!

—A taça da que beberam os cinco? —perguntou Olívia.

—Por algum motivo, Temple o fundiu e decidi nos mandar as partes — explicou Saint—. Aposto o que queira que Bishop e Chapel receberam os mesmos pacotes.

Reign apertou a mandíbula com força e rodeou o amuleto com os dedos. Uma onda de energia sacudiu todo seu braço.

—Temple sabia que a ordem tramava algo.

—Ou talvez tudo seja uma armadilha — sugeriu Olívia, suspicaz como de costume.

Seu marido negou com a cabeça.

—Acredito que a ordem preferiria que o Cálice seguisse sendo uma só peça. Não, foi Temple.

—Então não fica mais remédio que fazer o que nos pede — disse sua esposa—. Temos que ir a Roma e salvá-lo.

Reign se voltou para ela. Acaso não estava cansada de ir pelo mundo salvando gente?

—É uma mulher incrível.

—Já sei — sorriu ela.

Saint e Ivy os olharam de um modo estranho, como se compreendessem perfeitamente o que acontecia com Reign quando Olívia estava perto.

—Nós tínhamos planejado partir amanhã de noite — explicou Saint.

Reign deixou de olhar sua esposa.

—Se não se importarem em esperar dois dias mais, poderíamos ir juntos. Tenho um navio inteiro reservado para que nos leve até Calais. Dali, poderíamos viajar em um trem privado até Veneza.

—Sempre cheio de grandes idéias —disse Saint com um sorriso.

Reign o devolveu, e a emoção começou a correr por suas veias. Ao que parecia, não tinham tido bastante aventura na Escócia. Iriam a Clovelly, fechariam a casa de Olívia e mandariam suas coisas para o apartamento de Paris. Quando tivessem derrotado à ordem, poderiam instalar-se ali durante algum tempo.

Saint e Ivy ficaram uma hora mais. Uma vez que resolveram os detalhes de como e onde iam se reunir dentro de dois dias, passaram o resto do tempo comentando suas experiências e conhecimentos sobre a Palma de Prata.

A ordem sabia muito sobre eles, e isso não pressagiava nada bom.

Depois que os outros dois vampiros se foram, Reign e Olívia ficaram sentados no sofá do escritório.

—Está segura que quer fazê-lo? —perguntou ele. Por muita vontade que tivesse de ajudar a Temple, ainda tinha mais a de fazer feliz sua esposa. Possivelmente viver outra aventura perigosa era exatamente o que

necessitava para deixar de preocupar-se com James.

—Eu... não é só que seja seu amigo, também quero fazê-lo por nós, e por James. Quero que esses malditos bastardos paguem pelo que nos fizeram.

—Minha sanguinária esposa — se burlou Reign, acariciando a bochecha com a mão—. Sabe o muito que te amo?

Os olhos cor uísque da Olívia brilharam pelas lágrimas que de repente se acumularam neles.

—Sim — respondeu com absoluta convicção—. Sei, e sonho com o dia em que consiga demonstrar o tão profundo é o amor que eu sinto por você.

—Já o consegui. —A noite em que preferiu arriscar sua própria vida antes de traí-lo.

Talvez Reign nem sempre tivesse tomado a decisão certa, mas todas tinham contribuído para que nesse momento estivesse onde estava... com a mulher que amava. E com esse pensamento em mente, pegou Olivia nos braços e a beijou, consciente que, independente do que pudesse acontecer no futuro, os dois estariam juntos por toda a eternidade.

* * *

Amar é meu destino

Tinha escutado a conversa.

Temple estava curvado na cama de armar, observando o descascado teto de sua cela, e não pôde evitar sorrir. Só uma coisa podia provocar esse fenômeno: o sangue de Vivian. Ainda podia sentir o batimento do coração da jovem deslizando por suas veias, enchendo-o com um poder e uma força que não sentia há muito tempo.

Parecia que por fim tinha alcançado seu destino.

Seus sentidos se afiaram. Temple já via, habitualmente, melhor que

um gato, mas nesse instante seus olhos eram até mais perceptivos. Sua pele sentia o roce de todas e cada uma das fibras que a cobriam. Podia saborear Vivian em seus lábios... e escutar sua voz em seus ouvidos. Eles não tinham levantado a voz, mas ele os tinha escutado com clareza. Estavam fora, e em circunstâncias normais Temple não teria ouvido nada, mas nessa noite podia escutar inclusive como o cascalho corria sob os pés de Vivian enquanto esta se separava de Villiers.

Vivian tratava Villiers como se fosse seu pai, mas quanto demoraria Villiers para decidir que já não queria seguir sendo o «papai» da moça? Quanto demoraria para tratar de deslizar-se entre as fortes coxas dela e reclamá-la como dele? E seguro que não o faria com nenhuma delicadeza.

Ela era sua inimiga. Não deveria importar o que Villiers fizesse com ela... nem tampouco deveria atormentar-se pensando se Vivian aceitaria tais cuidados. Não deveria desejá-la tanto. Deveria odiá-la.

Uma parte dele o fazia... uma parte minúscula. Não confiava em Vivian e odiava tudo o que a jovem representava, mas não podia tirar de cima a sensação que ela também estava sendo usada. Villiers não a teria cuidado tanto se não pudesse tirar proveito dela de algum modo.

Mas não deveria estar pensando nisso. Villiers tinha expresso sua intenção de usar Temple para apanhar aos outros: Chapel, Bishop, Saint e Reign. Seus amigos, seus irmãos, estavam em perigo por sua culpa. Quando fundiu o Cálice do Sangue e lhes enviou um medalhão a cada um deles junto com a petição que se dirigissem para a Itália, não tinha nem idéia que estava ajudando à ordem. Tinha dirigido seus amigos para uma armadilha mortal.

Era o momento de escapar. Não tinha tempo a perder. Sua única esperança era fugir dali, avisar aos outros que não fossem a sua vila e dirigi-los para outro lugar. Quando voltassem a reunir-se, decidiriam qual era o melhor modo de destruir a ordem. E de passagem, talvez poderiam averiguar o que pretendiam obter deles esses assassinos.

Sentou-se e puxou as cadeias que o prendiam. Estas se romperam como se fossem de linho, desabando com um golpe seco contra a parede. Deus, sentia-se invencível. Tratou de mover os dedos enquanto olhava ao seu redor em busca de uma via de fuga.

O muro era muito grosso para atravessar e, além disso, estava clandestinamente, assim descartou essa opção. Poderia tratar de romper os barrotes, mas destroçaria os pés; se sacudia a porta, toda a casa balançaria. Se queria escapar, tinha que ser algo rápido, que os surpreendesse. Tinha força e velocidade sobre-humanas, mas os homens acima sabiam, e estariam preparados para combatê-lo. Não sabia quantos havia, mas se Villiers era inteligente, e o parecia, seguro que seriam suficientes para derrotá-lo.

E também estava Vivian, que lideraria a luta.

Voltou a olhar para o teto e este rangeu sob os passos de alguém.

Essa seria sua porta de saída.

Ficou de cócoras sobre o colchão. Agachou a cabeça, dobrou os joelhos, balançou os pés, e então... tomou impulso.

A madeira se pulverizou ao se chocar contra seu corpo. Quando Temple rompeu o teto de sua cela e atravessou o chão da mansão, os ladrilhos saíram por todos os lados.

Como era de se esperar, o ruído foi ensurdecador. Estava sacudindo o pó quando escutou, uma vez que a porta se abria, os primeiros gritos de surpresa.

Temple não perdeu tempo em observar os destroços que tinha causado. Só pôde ver um enorme salão e três filas de grandes janelas. Correu para a mais próxima e saltou, fazendo que milhares de cristais saltassem como pequenas lágrimas geladas. Poderia ter ido para a porta, teria sido mais civilizado, mas a janela dava para a rua e isso facilitaria sua fuga. Além disso, gostava da idéia que Villiers tivesse que limpar tal desastre.

O ar da noite o envolveu em seu quente abraço, como uma mulher recém saída da banheira. O alívio fez que tremessem seus joelhos, o ar era limpo e acolhedor. Mil maravilhosos aromas alagaram seus sentidos; desfrutou da sensação da lua acariciando sua pele, queimando o mundo com suas labaredas prateadas.

Seu instinto o guiou para a parte traseira da mansão onde cresciam as flores e o aroma de erva era mais forte. Um jardim, que se assemelhava a um pequeno bosque, a rodeava. Ali seria difícil encontrá-lo, exceto se tivessem cães. Quando estivesse na segurança das árvores, poderia empreender vôo, mas antes tinha que se assegurar que seus perseguidores não disparariam.

Sentiu que o chão estremecia sob seus acelerados passos; o vento revolia seu cabelo e fazia que os olhos lacrimejassem. Mesmo assim, saltou por cima de uma sebe que chegava quase até a cintura. A liberdade estava muito perto, já quase podia saboreá-la.

Nesse momento uma faísca avermelhada captou sua atenção. Temple cravou os calcanhares no chão com um movimento tão brusco que quase o fez perder o equilíbrio.

Vivian estava de pé junto a uma fonte cujas esculturas representavam umas ninfas. Estava quase tão surpreendida quanto ele por vê-lo ali. Também estava assustada, mas isso não impediu que agarrasse a pistola que levava no quadril.

Por que não tinha utilizado a arma na cela?

Com um rápido movimento, Temple segurou as mãos da moça atrás de suas costas e a apertou contra seu próprio tórax. Sentiu os suaves peitos e os rápidos batimentos do coração de Vivian. Podia escutá-los inclusive dentro de sua cabeça.

Ela não se moveu. Não resistiu. Mesmo assim, Temple não se permitiu baixar a guarda.

—Se for me matar — sussurrou ela—, faz agora.

—Te matar? —repetiu ele como um tolo—. Atentaria contra a natureza se assassinasse uma criatura tão preciosa como você.

Vivian piscou confusa e entreabriu os lábios até que ele pôde ver uns pequenos e pontudos dentes brancos. Franziu o cenho como se não entendesse o que acabava de dizer. E tinha motivos para isso. Nem mesmo Temple sabia o que estava se passando.

—Não vou fazer te mal—disse. Mas acrescentou—: A não ser que me obrigue.

Ela manteve o cenho franzido enquanto desviava o olhar para os lábios de Temple e logo para seu pescoço. Depois se fixou na parte do tórax que estava descoberta entre os botões abertos da camisa. Acelerou seu coração e estremeceu entre os braços do vampiro.

Deus, Vivian cheirava tão bem, tão doce... morria de vontade de voltar a beijá-la. O aroma de sua pele e seu sangue recordava ao aroma que impregnava a casa de sua avó quando assava bolachas; o perfume das cálidas tardes de outono; os eflúvios do feno recém talhado. Ela despertava algo em seu interior, um instinto animal que o arrastava em busca de um lar e da felicidade que provocam as coisas mais simples.

Temple seria capaz de matar para consegui-lo, para obter a promessa de algo que jamais poderia ter.

Com ela ali, olhando-o com os olhos cheios de raios, com as bochechas rosadas, o pulso acelerado e sem ocultar que se sentia tão tentada quanto ele, Temple decidiu que o melhor seria beijá-la.

Fim

Kathryn Smith



Kathryn Smith é uma autora relativamente nova no mercado anglo-saxão -publicou sua primeira novela, *Elusive Passion*, em 2001- apesar disso tem uma extensa bibliografia (em que abrange o gênero histórico e, recentemente, o paranormal) e suas novelas ganharam alguns dos prêmios mais prestigiados do gênero (vários de seus heróis receberam o K.I.S.S.). Em 2007, graças ao Grupo Planeta, na mão de Essência e La Romântica Booket, poderemos

conhecer mais a fundo seu trabalho.

Começou a escrever virtualmente quando ainda era uma menina e após se dedicou de corpo e alma a inventar novas histórias. Descobriu as novelas românticas quando estudava jornalismo, e decidiu que queria chegar a escrever como Lisa Kleypas. Finalmente conseguiu que publicassem suas novelas românticas e após isto está entregue a sua profissão.

Resenha Bibliográfica

A Irmandade de Sangue

1. Be mine tonight - Minha para sempre
2. Night of the huntress - Amor imortal
3. Taken by the Night - Paixão eterna
- 3.5 Noite de Bodas
- 4. Let the Night Begin - Daqui à eternidade**
5. Night After Night - Te amar é meu destino

* * *

Título original: Let the night begin

© Kathryn Smith, 2008

Publicado de acordo com Avon, um selo do HarperCollins Publishers

© da tradução, Anna Turró, 2009

© Editorial Planeta, S. A., 2009

Avda. Diagonal, 662-664, 08034 Barcelona (Espanha)

Primeira edição: abril de 2009

ISBN: 978-84-08-08636-9

Fotocomposición: Víctor Igual, S. L.

Depósito legal: NA. 803-2009

Impressão e encadernação: RODESA (Rotativas da Estella, S. L.),
Villatuerta, Navarra

Impresso na Espanha - Printed in Spain

